GENERAL J. SANTOS CORREIA
Prof. do I. A. E. M.

NGIVA

Campanha do Sul de Angola em 1915
Seus antecedentes — Naulila

LISBOA — 1943

GENERAL J. SANTOS CORREIA
Prof. do I. A. E. M.

DEP. LEG.

16-5-54

NGIVA

Campanha do Sul de Angola em 1915
Seus antecedentes — Naulila

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA
R. 153887

LISBOA — 1943

Composto e impresso na «Gráfica Lisbonense», Rua da Rosa, 238—Lisboa

PREFÁCIO

Vários trabalhos têm sido publicados sôbre as operações no Sul de Angola em 1914-1915: livros, artigos em revistas e jornais, conferências, palestras.

Apesar disso, o estudo suficiente de alguns dos episódios das operações de 1914, como da fase mais interessante das operações de 1915 — a interrupção e o restabelecimento da linha de comunicações para a ocupação do Cuanhama — não está feito.

Procuramos com êste trabalho contribuir para que êsse estudo seja feito. Não temos a pretensão de o deixar feito; não só a não temos, como admitimos a possibilidade de se manifestarem critérios diferentes do nosso na apreciação dos factos ocorridos.

Passado mais de um quarto de século sôbre as operações de que nos ocupamos, duas questões se apresentam ao nosso espírito, como possivelmente ao de quem deparar com êste livro:

¿Será ainda oportuno falar nelas?

¿Haverá interêsse em fazê-lo?

Pensamos que nunca é demasiado tarde para se fazer a história de factos importantes; por vezes haverá mesmo conveniência em deixar que o tempo faça desaparecer certas impressões de ocasião, certas considerações de carácter pessoal, para que a livre apreciação dos factos possa ser feita. E, sob êste ponto de vista, o nosso trabalho não aparece tardiamente, mas a tempo de poder contribuir para que aquela apreciação possa um dia ser feita com base suficiente para um justo julgamento.

Pensamos também que tanto as operações de 1914 como

as de 1915 merecem ser convenientemente estudadas: as primeiras porque, tendo sido empreendidas contra fôrças europeias organizadas, fornecem úteis ensinamentos para a possibilidade de futuras operações em condições idênticas; as últimas porque, pelo valor das fôrças empenhadas e pelas condições em que decorreram, puseram em jôgo não só a vida de milhares de homens como o nosso dominio sôbre as vastas regiões do Sul de Angola, se não de tôda a Província.

ABREVIATURAS

G. C. — Govêrno-Central.
M. C. — Ministério das Colónias.
G. G. — Govêrno-Geral.
Q. G. — Quartel General.
Com. — Comandante.
Com. Exp. — Comandante da Expedição.
C. S. — Comando Superior das Fôrças em Operações.
C. E. M. — Chefe do Estado-Maior.
S. C. E. M. — Sub-Chefe do Estado-Maior.
D. E. — Director do Serviço de Etapas.
C. E. M. E. — Chefe do Estado-Maior do Serviço de Etapas.
D. T. — Director do Serviço de Transportes.
Dest. — Destacamento.
Dest. Cma — Destacamento do Cuanhama.
Dest. Cto — Destacamento do Cuamato.
Dest. Ev. — Destacamento do Evale.
Dest. Ng. — Destacamento de Ngiva.
C. I. A. — Companhia Indígena de Angola.
C. I. M. — Companhia Indígena de Moçambique.
B. I... — Batalhão do Regimento de Infantaria...
E. C... — Esquadrão do Regimento de Cavalaria...
E. D. — Esquadrão de Dragões.
B. A... — Bateria do Regimento de Artilharia...
2/III Met. — 2.ª Bateria do 3.º Grupo de Metralhadoras.
L. C. — Linha de Comunicações.
L. P. E. — Linha Principal de Etapas.
B. O. — Base de Operações.
Rel. A. R. — Relatório sôbre as operações no Sul de Angola em 1914, do ten.-cor. Alves Roçadas (1919).
Rel. P. E. — Campanha do Sul de Angola em 1915, relatório do general Pereira de Eça (1923).
Rel. P. E. (A.) — Idem, documentos anexos.

I PARTE

As operações no Sul de Angola em 1914

NAULILA

A primeira expedição — seus objectivos

A Grande Guerra pôs em causa não só os interêsses dos estados inicialmente empenhados na luta, mas ainda os de muitos outros.

O facto de sermos aliados da Inglaterra e de não termos declarado a neutralidade bastaria para colocar Portugal no número dêstes estados, se outras circunstâncias não contribuíssem para isso.

Pelo que respeita à África Ocidental, a vizinhança do Sudoeste-Africano alemão com a União Sul-Africana fazia prever que a luta se estenderia até ai; e, como esta colónia alemã confinava ao Norte com a nossa Provincia de Angola, impunha-se a necessidade de nos prevenirmos contra as possiveis repercussões da luta nos nossos territórios vizinhos da colónia alemã.

E uma questão surgiu naturalmente, mostrando o êrro cometido de não termos anteriormente efectivado o nosso dominio em todo o Sul da Provincia — foi a questão cuanhama.

A expedição de 1907, sob o comando do capitão do S. E. M. Alves Roçadas, procedera com feliz resultado à ocupação do ter-

---

BIBLIOGRAFIA:

Relatório sôbre as operações no Sul de Angola em 1914, do tenente-coronel do C. E. M., J. A. Alves Roçadas — 1919.

As Operações Militares no Sul de Angola em 1914-1915, do brigadeiro A. M. Freitas Soares — 1937.

Naulila, de Augusto Casimiro — 1922.

Batalhão de Marinha Expedicionário a Angola, do 1.º tenente Fernando de Oliveira Pinto — 1918.

A Hora da Justiça, de Alberto Margaride — 1934.

Investidas Alemãs ao Sul de Angola, de António Fernandes Varão — 1934.

ritório cuamato (1); a acção ousada e louvável do capitão do S. E. M. João de Almeida tornara efectivo o nosso domínio no Baixo Cubango. Restava, porém, a ocupação do território cuanhama, cujo povo persistia em não reconhecer a soberania de Portugal.

Resolveu o Govêrno-Central a organização de uma expedição a Angola, cujo comando confiou ao tenente-coronel Alves Roçadas, oficial experimentado em campanhas coloniais.

Constituída inicialmente por um batalhão do R. I. 14, uma bateria de montanha e um esquadrão do R. C. 9, foi a expedição reforçada, a pedido do seu comandante, com uma bateria de metralhadoras. No Sul de Angola seria ainda reforçada com algumas unidades ali existentes.

Eram objectivos da expedição:

— Fazer a ocupação do território cuanhama;

— Fazer respeitar os direitos de soberania de Portugal no caso da extensão da guerra ao continente africano.

Considerando que as unidades expedicionárias constituíriam o núcleo principal da coluna a organizar, estaria o efectivo desta em harmonia com a importância dos objectivos?

Apreciemos esta questão, abstraindo dos factos ulteriormente ocorridos e cingindo-nos ao que era lógico considerar em meado de Agôsto de 1914.

No seu *Relatório sôbre as Operações no Sul de Angola em*

(1) O projecto de operações para a campanha do Cuamato foi elaborado, por determinação do Governador-Geral Eduardo Costa, pelo comandante Roçadas, então governanor do Distrito de Huíla.

Submetido à apreciação do Govêrno-Central, a que presidia o ilustre estadista João Franco, foi aprovado sem restrição nos meios propostos.

O critério seguido pelo Govêrno-Central é digno de registo por estar dentro dos bons princípios, o que não acontece sempre.

Com efeito, nas condições referidas, o comandante da expedição:

— sabia com precisão o que ia fazer;

— tinha à sua disposição os meios que julgara necessários;

— podia usar de tôda a iniciativa, pois acumulava as funções de comando com as do govêrno;

— em consequência, era, com justiça, responsável pela boa marcha das operações.

1914 diz o Com. Exp. que, tendo sido vencido o Cuamato com 1.600 espingardas, o número de 2.000 que contava realizar com a expedição e elementos do Sul da Província, seria suficiente para bater o Cuanhama.

Assim seria em condições normais.

Atendendo, porém, à situação internacional e à circunstância de a terra cuanhama se estender para Sul, através da zona neutra, até às vizinhanças do Cuâmbi e Donga, na Damaralândia, era de boa prudência contar com as complicações que poderiam surgir e com a possibilidade de o Cuanhama receber auxílio estranho, o qual poderia consistir não só no reforço do seu armamento, como, o que seria muito para atender, na orientação do seu modo de combater.

As previsões estabelecidas eram excessivamente optimistas.

Para a realização do segundo objectivo considerava a Com. Exp. insuficiente o efectivo indicado e, por êsse motivo pedira, antes do embarque, o seu reforço com dois batalhões de infantaria, duas baterias de metralhadoras, duas baterias de artilharia e um esquadrão de cavalaria.

Era modesto o reforço pedido; está dentro do critério, tantas vezes seguido nas nossas campanhas coloniais, de se contar mais com o valor moral das tropas do que com o seu número e meios materiais.

O Com. Exp. encarava os dois objectivos como de realização sucessiva. Tanto o Com. Exp. como o G. C. deveriam ter encarado a possibilidade de as circunstâncias imporem a sua realização simultânea ou por ordem inversa da que servira de base aos projectos estabelecidos, e reconhecido, em conseqüência, que o efectivo da expedição não estava em harmonia com a situação em que ia encontrar-se.

Cometeu-se um êrro inicial cujas circunstâncias foram prejudiciais, como os factos mostrarão.

Desembarcaram as unidades em Mossâmedes nos primeiros dias de Outubro. O batalhão de infantaria, bateria de metralhadoras e bateria de artilharia seguiram para o planalto, utilizando o caminho de ferro e a via ordinária, onde concluíram a sua concentração em 22; o esquadrão de cavalaria seguiu pela via ordi-

nária e alcançou Lubango em 2 de Novembro, não ficando, porém, em condições de imediato emprêgo por carecer de completar o seu trem.

O incidente de Naulila

Em 19 de Outubro, isto é, poucos dias antes de concluída a concentração das primeiras unidades no planalto, ocorreu o incidente de Naulila em que foram mortos o administrador do distrito de Outjô (Dr. Shultz) e dois oficiais alemães.

Foi um incidente lamentável.

Apesar de não ter sido provocado pelas autoridades portuguesas, apesar de a organização da expedição não ter obedecido a qualquer propósito de hostilidade contra os alemães, o incidente de Naulila dedidiu da seqüência das operações. Êle criou uma situação que não permitia ao Com. Exp., atendendo aos meios de que dispunha, encarar a campanha contra o Cuanhama sem a perspectiva de um desastre.

Era, com efeito, de prever que os alemães, sabendo que éramos aliados da Inglaterra, que não tinhamos declarado a neutralidade, e que no continente se manifestava uma forte corrente de opinião preconizando a cooperação das nossas tropas com as inglesas na Europa, perante um relato naturalmente impreciso e apaixonado do incidente, vissem nêle um acto de hostilidade da nossa parte. E, como conseqüência, dado o seu modo de ser, era também de prever uma tentativa de represália, e que esta seria imediata e violenta.

Poderia ter sido procurada uma solução pacífica do incidente no campo da diplomacia: da nossa parte explicando como os factos tinham ocorrido; da parte dos alemães, reclamando contra o que consederariam um acto de hostilidade. Parece, porém, que de uma e outra parte nada se fez neste sentido. Como seqüência lógica das premissas que estabelecemos, somos levado a admitir que foi deixado que os acontecimentos seguissem o seu curso.

Dentro da situação assim criada, que fizemos nós e que fizeram os alemães?

O Govêrno-Central promoveu o imediato refôrço da expedição com o Batalhão de Marinha, que embarcou em 5 de Novembro.

Em 25 de Outubro (1), o Governador-Geral preguntou em telegrama ao Comandante da Expedição que reforços julgava necessários na previsão de uma invasão levada a efeito por fôrças alemãs da Damaralândia, a que êste respondeu indicando dois batalhões de infantaria, duas baterias de artilharia e um esquadrão de cavalaria, reportando-se, assim, ao pedido feito em Lisboa, antes do embarque. Daí resultou a organização de um novo refôrço, constituído com os elementos indicados, o qual embarcou em 3 e 11 de Dezembro.

Por sua vez, o Com. Exp. tomou medidas para se opor a tentativas de incursão por parte dos alemães, dirigindo especialmente a sua atenção para Cunene, assunto de que adiante tratamos.

Foram imediatamente postas de sobreaviso, como estava necessàriamente indicado, as guarnições dos nossos postos vizinhos da Damaralândia? Não consta do relatório do tenente-coronel Roçadas.

Que fizeram os alemães? Os factos respondem por êles.

Doze dias depois do incidente de Naulila, isto é, em 31 de Outubro, assaltaram e massacraram a guarnição do Cuangar (com o seu comandante tenente Durão, capitão-mór do Baixo-Cubango), que encontraram desprevenida, confiante nas boas relações que mantinha com os seus vizinhos.

Ao massacre do Cuangar seguiu-se o dos outros postos a jusante — Bunga, Sâmbio, Dirico e Mucusso — que, como o primeiro, estavam desprevenidos.

E, entretanto, preparavam a incursão que deu origm ao combate de Naulila.

Conseqüências do incidente de Naulila

O incidente de Naulila veio surpreender o Com. Exp. nos seus trabalhos de preparação para a ocupação do Cuanhama.

Ao mesmo tempo que se efectuava a concentração das uni-

(1) No seu relatório, o Com. Exp. indica a data de 25 de Novembro. Mas a redacção da sua resposta — «Em 25 de Novembro, isto é, seis dias

dades expedicionárias no planalto, procedia-se ao completamento da mobilização das unidades europeias e indígenas do distrito.

Trabalhava-se também activamente na organização da extensa linha de etapas, que da estação de Vila Arriaga (estação término) se estendia até ao forte do Cuamato, que seria a testa de etapas.

Do Forte do Cuamato partiria a coluna sôbre Ngiva, embala do soba do Cuanhama.

Esperava o Com. Exp. ter no fim de Dezembro na testa de etapas os abastecimentos necessários.

«Todo um mecanismo a funcionar com o método e serenidade que dá uma idéia de antemão fixada, e que se realiza sem tergiversações. Mas êste mecanismo sofre bruscamente um choque violento, que lhe desloca peças e o imobiliza. Tal foi o efeito do incidente de Naulila». — Assim traduz o Com. Exp., no seu relatório, pag. 143, o efeito do incidente de Naulila.

A importância do incidente não estava pròpriamente no facto em si, pois nos não causou prejuízos imediatos, mas nas suas prováveis conseqüências. E os factos, que hão de traduzir essas conseqüências, são da natureza dos que a nossa situação em face dos alemães indicava que fôssem previstos. Houve um apêgo excessivo à idéia preconcebida da realização sucessiva dos dois objectivos.

O incidente de Naulila, diz o Com. Exp., colocou-o em face de três soluções:

— prosseguir no plano para a ocupação do Cuanhama;
— limitar a defesa ao planalto;
— ir ao encontro do adversário.

A primeira solução foi judiciosamente posta de parte, porque facultaria aos alemães oportunidade para caírem sôbre as comunicações da coluna enquanto esta estivesse empenhada com os cuanhamas, o que levaria a um desastre certo.

A segunda foi também judiciosamente afastada porque, tra-

---

depois do incidente entre o alferes Sereno e o administrador de Outjô...»—, a data do embarque das tropas e a concordância entre a composição e o efectivo destas e o reforço pedido levam-nos a crer ter havido lapso e esr 25 de Outubro a data a que quere referir-se.

duzindo timidez da nossa parte e abandonando aos alemães o Sul da Província, seria prejudicial aos interêsses nacionais, tanto sob o ponto de vista moral e político como material.

Restava a terceira solução, a que foi seguida, e a que com pouca propriedade se chama «ir ao encontro do adversário» porque nem isso está de acôrdo com a seqüência dos acontecimentos, nem estava indicado que a expedição fôsse além de se prevenir contra uma provável acção agressiva da sua parte.

Com a situação criada pelo incidente de Naulila surgiam várias questões, umas novas, outras revestidas de novos aspectos: o novo adversário, as linhas prováveis de invasão, etc.

O novo adversário — O desconhecimento do valor do adversário ou a apreciação por defeito dêsse valor constitui um êrro que se paga sempre caro. Antes de se empenhar numa luta, embora não provocada, com as tropas alemãs da Damaralândia, impunha-se ao Comando da Expedição o estudo do valor dessas tropas em função das condições em que se encontravam, bem como dos objectivos que poderiam ter em vista. Foi êsse estudo feito pelo Comando da Expedição; mas, porque os factos nos mostram que ou êle foi feito de maneira insuficiente ou não foram observados os ensinamentos que dêle deveriam ter sido tirados, nos permitimos expor estas considerações. Elas interessam, aliás, não só às operações realizadas em 1914, como à preparação das previstas para 1915.

Dentro do que era lícito supor então, duas circunstâncias se impunham à consideração do Comando da Expedição:

— a vizinhança da Damaralândia com a União Sul-Africana constituía para os alemães uma ameaça grave, o que os obrigaria a dirigir para êsse lado o melhor da sua atenção;

— as tropas alemãs tinham necessidade, para alcançarem o Sul de Angola, de atravessar extensas regiões inóspitas, o que exigiria, para o deslocamento dum núcleo importante de tropas, o emprêgo de meios de reabastecimento importantes e de demorada realização.

No seu relatório, o Com. Exp. atribui ao total das tropas da Damaralândia o valor de 16.000 homens, admitindo o recurso à população europeia mobilizável. Parte da infantaria era mon-

tada, o que lhe aumentava a mobilidade, circustância muito para atender.

Dadas as condições referidas, que parte dessas tropas conviria aos alemães lançar contra Angola? Decerto um efectivo limitado, pois aquêle total não seria demasiado para se oporem às tropas da U. S.-A.

O Com. Exp. poderia ter pensado que os alemães, mercê do serviço de informações que tinham no planalto e das detalhadas informações prestadas pelos jornais de Lisboa, conheciam o efectivo das nossas fôrças e não distinariam à invasão mais do que as tropas necessárias para conseguirem o seu objectivo.

Esta, como outras indicações, seria, porém, precária; esta questão ficaria necessàriamente muito imprecisa.

Com a questão do efectivo das tropas alemãs prendia-se uma outra, a dos seus objectivos, estas duas questões sendo interdependentes.

A entrada dos alemães na Província poderia resultar:

— de um propósito de desforra contra o suposto agravo recebido:

— do propósito de se apoderarem de qualquer região com valor militar ou económico;

— da necessidade de o fazerem por serem a isso compelidos pelas tropas da União Sul-Africana.

A primeira hipótese era a mais provável; e, dado o modo de ser dos alemães, a sua realização deveria ser imediata. O Com. Exp. teria de fazer-lhe face com os elementos já à sua disposição.

A segunda hipótese era também possível, mas de realização mais demorada, por exigir meios mais importantes. O Com. Exp. não dispunha de meios necessários para se lhe opor.

A terceira hipótese ficava função da seqüência da luta prevista entre as tropas da U. S.-A. e as da Damaralândia.

Resta-nos encarar uma outra questão — a do valor do adversário sob o ponto de vista da qualidade, a única que facultava elementos seguros de apreciação.

O exército alemão era então considerado, se não como o melhor, pelo menos como um dos melhor preparados para a

guerra; a sua doutrina era francamente ofensiva; os seus quadros eram educados num espirito de larga iniciativa.

A campanha teria, pois, que ser conduzida tendo em atenção que o adversário era mestre na arte da guerra.

As nossas tropas não eram, em valor moral, inferiores às alemãs; cabia ao Com. Exp. conduzi-las segundo os bons principios, empregá-las segundo os processos em uso.

Linhas prováveis de penetração — No caso de os alemães empreenderem a invasão da Província, as linhas de penetração que se apresentavam como prováveis, eram:

a) — para alcançarem o planalto de Benguela:
— o curso do Cubango (A);
— o curso do Cunene (B).

b) — para alcançarem o planalto da Huila:
— o curso do Caculovar (C);
— a linha dos vaus (Calueque e outros) — Pocolo — Chibia (D).

A linha A, embora tivesse a sua origem mais perto das testas das linhas férreas alemãs do que as restantes, obrigaria a um percurso extenso e exposto, e não parecia, por isso, aconselhável.

A linha B apresentava-se mais vantajosa do que a anterior por permitir um trajecto mais curto; resultaria, porém, muito exposta se não fôsse conjugada com a linha C, com a qual coincidia na origem (região do Humbe), pois não era de prever que o invasor atravessasse o território cuanhama.

A linha C apresentava-se como a mais indicada, por ser a que em melhores condições conduzia ao planalto da Huila.

A linha D, por onde os alemães freqüentemente faziam a ligação entre o planalto e a Damaralândia, parecia também indicada.

A linha C cobria, a Oeste, a linha B; as linhas C e D permitiam uma recíproca cooperação.

Qual dos dois objectivos — planalto de Benguela e planalto da Huila — se apresentava como mais vantajoso para os alemães? Pensamos que, no caso de operações importantes, o de Benguela; porém, a conquista dêste deveria seguir ou, pelo menos, ser empreendida simultâneamente com a conquista do da Huila.

Isto obrigaria, porém, os alemães a distraírem para êste lado fôrças muito importantes e a manterem um desenvolvido serviço de reabastecimentos, o que a sua situação em face da U. S.-A. não aconselhava.

O planalto da Huíla também lhes ofereceria grandes vantagens; as regiões da Huíla e de Mossâmedes vinham, desde há anos, sendo objecto da atenção dos alemães, que nelas desenvolviam grande actividade.

Era lógico supor, em conseqüência, que, no caso de tentarem a invasão da Província, o seu primeiro objectivo seria o planalto da Huíla.

Nesse caso, as linhas de penetração mais prováveis seriam as do Caculovar e do Pocolo, considerada a primeira como a mais importante. E a linha do Cunene? Como a hipótese da marcha sôbre o planalto de Benguela não devia ser, por completo, arredada, nas medidas a tomar para a defesa da linha do Caculovar atender-se-ia à cobertura dessa linha.

Em quanto à linha do Cubango, embora não fôsse considerada como linha provável de penetração, atendendo a que a região do Baixo-Cubango correspondia à menor distância entre as testas das linhas férreas da Damaralândia e a nossa fronteira, e a que os alemães tinham efectivado a ocupação até à margem direita do rio, impunha-se que fôsse convenientemente vigiada.

Mobilização das unidades coloniais. Serviço de etapas

Desde 20 de Agôsto dedicou-se o Comando da Expedição aos trabalhos por esta exigidos, tanto no que respeitava às medidas a tomar no Continente, como no que dependia do Govêrno de Angola. A êste foi solicitada, além de outras providências, a mobilização das unidades com sede no distrito da Huíla e a criação de depósitos de víveres ao longo da futura linha de etapas.

Com a expedição seguiram 1.200 T. de carga, compreendendo víveres, munições e material diverso, destinada às fôrças que entrariam em operações.

Logo que a expedição desembarcou em Mossâmedes foi organizado o serviço de etapas.

Antes da sua partida de Lisboa, era intenção do Com. Exp.

efectuar a ocupação do Cuanhama logo que a expedição chegasse ao planalto (1); antecipava-se assim à época das chuvas, imprópria para operações. O atraso em que encontrou a mobilização das unidades e a constituïção dos depósitos de víveres levou-o, porém, a adiar a campanha para Dezembro (2), data em que esperava ter no Forte do Cuamato os aprovisionamentos necessários à marcha sôbre Ngiva.

Fôra feito em Lisboa o cálculo da quantidade dos aprovisionamentos necessários às operações; não se contara, porém, com a deficiência de recursos do Sul da Província em meios de transporte; daí as conseqüências referidas.

O serviço de transportes tinha então como base a utilização do caminho de ferro de Mossâmedes e dos carros boeres; aquêle tinha um rendimento muito reduzido (foram necessárias sete semanas para o transporte até Vila Arriaga das 1.200 T. que acompanhavam a expedição); êstes, por motivos diversos, escasseavam no Sul da Província.

Dois ensinamentos nos oferecem os factos referidos:

1.º — É um êrro grave enviar tropas para as colónias sem estar cuidadosamente assegurada a satisfação de tôdas as suas necessidades, consideradas estas em tôda a sua extensão.

Cometeu-se essa falta em Setembro; voltou a cometer-se alguns meses depois, com mais graves conseqüências.

2.º — Foi um êrro não ter sido confiado ao tenente-coronel Roçadas, com o comando da expedição, o govêrno dos distritos de Mossâmedes e Huíla ou, pelo menos, o da Huíla. Foi isto reconhecido em breve, pois em 18 de Outubro o Com. Exp. assumia o govêrno da Huíla.

Em campanhas coloniais é indispensável a centralização, na mesma autoridade, das funções de comando e govêrno; só assim quem comanda goza da liberdade de acção necessária e tem possibilidade de utilizar os diversos recursos conforme as exigências das operações.

Evitou-se êste facto em 1915 quando da nomeação do gene-

(1) *Rel. A. R.*, pag. 92.
(2) *Idem*, pag. 142.

ral Pereira de Eça; a êsse facto se deve, em parte, o sucesso obtido.

Marcha para o Cunene

Como vimos, o incidente de Naulila levou o Com. Exp. a adiar as operações contra o Cuanhama e a tomar disposições para se opor a uma provável invasão por fôrças alemãs.

Terá êste último propósito sido formado logo que houve conhecimento do incidente, o que deve ter-se realizado por comunicação telefónica, imediata, do Humbe?

No seu relatório, pag. 144, diz o Com. Exp.: «As secções das linhas de etapas suspenderam os seus preparativos, sobretudo a secção da Cahama para o Sul». Êste facto não está de acôrdo com o propósito de imediata marcha para o Sul, pois o Cunene era a linha defensiva natural, e o Humbe, ponto de convergência das linhas do Caculovar e Cunene, a testa de etapas naturalmente indicada.

Deve ter havido um período de espectativa, o que, aliás, pode também ter resultado do facto de as unidades expedicionárias não terem ainda completado a sua concentração no planalto.

Ter-se-á depois firmado o propósito de marchar para o Sul, intensificando-se os trabalhos de mobilização das unidades do distrito, e organizando-se, como recurso imposto pela situação deficiente da linha de etapas, comboios de carros boeres para seguirem as tropas, transportando víveres e material de guerra.

Em 31 de Outubro foi organizado um destacamento, cujo comando foi confiado ao major Alberto Salgado, com. do B. I. 14, o qual foi mandado marchar para o Humbe ou Forte Roçadas. Era constituído pelo B. I. 14 (menos a 10.ª comp.), 2.ª B. Met. 1, Bat. Erhardt e 1.º E. D.

A 10.ª comp. do B. I. 14 e a Bat. de Montanha não faziam parte do destacamento por vários motivos, entre os quais é indicada a dificuldade de reabastecimentos.

Ulteriormente, foi determinado:

— a ocupação de Ediva — Otchinjau pela 11.ª comp. do B. I. 14;

— o deslocamento da 1.ª Comp. Europeia para o Pocolo;

— o deslocamento, para o Sul, da 10.ª comp. do B. I. 14 e da Bateria de Montanha; esta destacaria uma divisão para o Pocolo, ficando, assim, fraccionada sem motivo que o justificasse;

— a organização de um destacamento destinado ao Cubango, com base na 15.ª C. I. A., do comando do capitão Veloso de Castro, o qual, em virtude dos acontecimentos do Baixo-Cubango, seria mandado ficar em Cassinga, cobrindo aí o planalto de Benguela;

— ao E. C. 9, em 20 de Novembro, a marcha para o Sul, pelo Caculovar, determinação que, em 24, seria substituida pela de marchar pelo Cunene.

A organização do Destacamento do major Salgado obedecia naturalmente ao propósito de, com êle e com as 15.ª e 16.ª C. I. M., que o tinham precedido na marcha para o Sul, ser constituido o núcleo de fôrças a opor no Cunene aos alemães, no caso de penetrarem em território português.

Porque não foram mandados encorporar neste destacamento o E. C. 9 e as unidades destinadas ao Pocolo e Otchinjau? Porque o Com. Exp. previu a possibilidade de os alemães penetrarem pelo Cunene ou pela linha do Pocolo.

Seria de admitir que os alemães passassem o Cunene e se internassem no planalto deixando atrás de si fôrças importantes? Pensamos que não. Mas, caso afirmativo, estariam aquêles pequenos núcleos de fôrças em condições de resistirem a um ataque? Pensamos também que não.

Foi um êrro essa dispersão inicial de fôrças, e assim o reconheceu depois o Com. Exp., mas tarde demais.

O Destacamento do major Salgado iniciou a marcha em 1 de Novembro e, passando o Cunene, alcançou o Forte Roçadas em 17.

O C. E. M. da expedição, capitão do S. E. M. Maia Magalhães, encarregado de proceder a alguns reconhecimentos, seguiu para o Sul com o destacamento; o Com. Roçadas, com o S. C. E. M., tenente do S. E. M. Ernesto Machado, seguiu, alguns dias depois, também para o Sul.

Nas instruções dadas para a marcha do Destacamento do major Salgado era fixado como local de destino o Humbe ou o

Forte Roçadas (1), o que quere dizer que em 31 de Outubro o Com. Exp. não tinha ainda tomado uma resolução definitiva a êsse respeito. Porquê a alternativa? Procuremos as suas causas prováveis.

Não sendo provável que os alemães se aventurassem através do território cuanhama, a invasão realizar-se-ia pela região que lhe fica a Oeste; o Cunene constituïria, assim, a linha defensiva natural para o destacamento.

Uma informação, embora vaga, recebida em 28 de Outubro, atribuía aos alemães o propósito de marcharem sôbre o Cuamato.

Dando o Humbe como destino ao destacamento, o Com. Roçadas colocava-o a coberto do Cunene, isto é, em condições militares favoráveis.

Se se tivesse que atender exclusivamente a razões de carácter militar, diríamos que era essa a solução que estava indicada, considerando apenas, como estamos fazendo, a marcha do destacamento para o Sul.

Havia, porém, que atender a outras circunstâncias. Limitar a acção do destacamento a impedir aos alemães a passagem do Cunene, equivaleria a abandonar-lhes a região ao Sul do rio, deixando as guarnições dos postos aí existentes expostas a serem atacadas, a não ser que se promovesse a sua evacuação. Nenhuma destas soluções era, porém, de adoptar: a primeira, por insensata; a segunda, porque, no que respeitava aos postos do Cuamato (Forte Roçadas e Forte do Cuamato), quebraria o nosso prestígio perante os indígenas, o que nos criaria graves dificuldades.

Estava, por isso, indicado que, desde que a situação o permitisse, fôsse o Forte Roçadas (testa de ponte sôbre o Cunene) o destino do destacamento. E, assim, se explica a alternativa dada ao destacamento, o que, aliás, o Comando da Expedição deveria ter reservado para si, indicando o Humbe como destino e fazendo-o ou não passar o rio conforme ulteriormente o entendesse conveniente.

(1) *Rel. A. R.*, pag. 321.

No Cunene

Em 5 de Novembro chegou ao Com. Exp., no Lubango, a informação, vinda do soba do Cuanhama, de que havia fôrças alemãs no Cuâmbi; em 11, estando aquêle ainda no Lubango, a de que no Cuâmbi estavam 300 alemães, armados e acompanhados de carros, e de que havia mais carros em Onolongo; durante a sua marcha para o Sul, na Chibia, foi informado do massacre do Cuangar.

Em 18, dia imediato ao da chegada do destacamento ao Forte Roçadas, o Com. Exp., ainda em marcha, informou-se, pelo telefone, da situação do destacamento e aconselhou ao major Salgado a marcha para o Forte do Cuamato, ao que êste observou que isso não era possível por não haver ali água e ser necessário ir buscá-la ao Cunene (1). A marcha do destacamento para o Forte do Cuamato não estava, com efeito, indicada, pois ficaria com as comunicações expostas a serem cortadas e deixaria a descoberto o Humbe.

Na noite de 19, o capitão-mór do Cuamato, cap. A. F. Varão, tendo recebido a informação de que fôrças alemãs tinham entrado em território português e supondo que se dirigiam sôbre Naulila, transmitiu essa informação ao major Salgado e pediu-lhe que fôsse reforçado o pôsto de Naulila, onde já se encontrava a 16.ª C. I. M. O major Salgado, concordando, fêz seguir para ali dois pelotões do B. I. 14, uma divisão da Bateria Erhardt e alguns dragões; o Com. Exp., informado pelo telefone. corcordou.

Em 21, porque outras informações confirmavam a anterior, o Com. Exp. mandou seguir a fôrça disponível do Esq. de Dragões para Naulila.

Manifestava-se, assim, a atracção de Naulila.

Em 26 de Novembro, estando já o Comando da Expedição no Cuamato, por intermédio do valioso auxiliar José Guerreiro, e em 28 e 29, por intermédio de emissários do soba do Cuâmbi, amigo dos portugueses, recebeu o Com. Exp. a informação de que tropas alemãs estacionavam na região Ganguela — Cuâmbi; eram constituïdas por europeus e indígenas, todos montados;

(1) *Naulila*, por Augusto Casimiro, pag. 101

tinham metralhadoras; eram comandados pelo major Franck; tinham carros puxados a bois, etc.

Êste conjunto de informações levava a considerar como certa e próxima a entrada dos alemães em território português.

Que teriam os alemães em vista?

Conhecido já o massacre do Cuangar, um ataque às tropas portuguesas com o único objectivo duma desforra do incidente de Naulila não se apresentava como justificativo bastante para a luta que iam empreender.

A sua situação política em relação à U. S.-A. não indicava, já o dissemos, como provável uma penetração profunda em território português, pois isso os obrigaria a distrair fôrças importantes, e durante muito tempo, do teatro principal; a sua infantaria, embora fôsse montada, estava dependente dos comboios de reabastecimento, e êstes, puxados a bois, não permitiam deslocamentos rápidos.

Estas duas hipóteses apresentavam-se, porém, simultâneamente ao Comando, e de modo a não poder fixar-se sôbre qualquer delas; impunha-se uma solução que permitisse fazer face a uma e outra.

A localização das fôrças inimigas indicava que, como era de prever, a invasão seria efectuada através da região a Oeste do território cuanhama; no caso de pretenderem alcançar o planalto da Huíla, tentariam, pois, fazê-lo pelo Humbe ou pelo Pocolo.

O rio Cunene, linha defensiva natural, embora não constituísse na estiagem um obstáculo de valor, obrigava à utilização dos vaus ou ao emprêgo de meios especiais para a sua passagem.

A atracção de Naulila

Em 4 de Dezembro foram organizados dois destacamentos: Naulila e Dongoena — Calueque.

O primeiro, sob o comando do cap. Mendes dos Reis, era constituído pela 9.ª comp. do B. I. 14, 2.ª B. Met. 1, Bateria Erhardt, 16.ª C. I. M. e 1.º E. D.; o segundo, sob o comando do major Alberto Salgado, era constituído pelas 10.ª e 12.ª comp. do B. I. 14, Bateria de Montanha (1.ª divisão) e E. C. 9, êste em

marcha então para o Quipungo, para descer o Cunene, circunstância a que não foi prestada a devida atenção.

Em 7, estavam concentrados os destacamentos: o do cap. Mendes dos Reis, no pôsto de Naulila; o do major Salgado (sem o E. C. 9) próximo do cruzamento do caminho Naulila-Dongoena com o rio.

«Os dois destacamentos tinham como missão especial vigiar os terrenos na frente e nas duas margens do rio, colher informações que das bandas da Oncuâncua e do Calueque fornecesse o gentio e a cavalaria e ainda oporem-se à acção das fôrças inimigas que tentassem seguir directamente contra Naulila ou pela margem direita do Cunene sôbre a Ediva ou sôbre o Humbe. Ainda, no caso de ataque isolado a um dos destacamentos, o outro cooperaria com aquêle» (1).

Assim, Naulila continuava a exercer o seu poder de atracção. As missões dadas aos destacamentos levam a admitir uma situação de espectativa, que é lógica; a determinação para a sua mútua cooperação é feliz.

A situação dos dois destacamentos relativamente a víveres era precária, e só uns 14 dias depois estaria normalizada; a organização do serviço de saúde era deficiente.

Em 9, foi instalado em Naulila o Comando da Expedição (2); no dia imediato, o Com. Exp. e o C. E. M. procederam ao reconhecimento «para a escolha da posição a guarnecer em volta de Naulila, no caso de ataque» (3).

A atracção de Naulila tornava-se, pois, decisiva. Porquê? Porque em Naulila se dera o incidente de 19 de Outubro, e era aí, pensavam, sentiam, que os alemães iriam tentar a desforra. Tanto o Com. Exp. como o seu C. E. M. (4), reconheciam que Naulila não tinha condições militares e, contudo, era aí que entendiam dever aceitar-se o ataque dos alemães. Estranha concepção da arte da guerra!

Se não houvesse que atender a considerações de política

(1) *Rel. A. R.*, pag 161 e 162.

(2) O S. C. E. M., que acompanhara o Com. Exp. na sua marcha para o Sul, foi mandado ficar no Humbe — Cuamato a fim de regular o deslocamento de algumas tropas; reüniu ao E. G., em Naulila, na véspera do combate.

(3) *Rel. A. R.*, pag. 175.

(4) *Idem*, pag. 176.

indígena, isto é, se o povo cuamato pudesse ser considerado como nosso aliado fiel e dedicado na campanha contra os alemães, estaria indicada a evacuação dos postos a Sul do Cunene, com excepção do F. Roçadas, testa de ponte sôbre o rio, o que daria a necessária liberdade de acção às nossas tropas. Impondo-se, porém, a necessidade de não dar ao povo cuamato impressão de fraqueza ou receio da nossa parte em relação aos alemães, a adopção *imediata* dessa solução não estava aconselhada.

Estava indicado, a nosso ver:

— prevenir a hipótese da evacuação dos postos a Sul do Cunene, com excepção do F. Roçadas;

— promover a imediata evacuação dos postos de Naulila, Nalueque e Otoquero, reforçando com as respectivas guarnições as do F. Cuamato, Damequero e F. Roçadas;

— escolher uma posição oferecendo boas condições para a defesa, sem prejuizo da solução de ir ao encontro dos alemães desde que entrassem em território português e as informações obtidas sôbre o valor das suas fôrças o aconselhassem.

Reconhecido que a ocupação de Naulila era um êrro sob o ponto de vista militar, impunha-se compensar a falta de condições naturais com uma desenvolvida organização defensiva, uma boa disposição das tropas, a observância dos princípios e processos então seguidos na guerra. Veremos, porém, que ao êrro havido na escolha da posição, outros infelizmente se seguiram.

Vedetas de auxiliares cuamatos foram colocadas junto ao vau do Calueque. Para aí foi também mandado um pelotão do 1.º E. D.

Na tarde de 12, o pelotão de Dragões informou que uma patrulha vira cavaleiros alemães na margem esquerda do Cunene, que sôbre ela fizeram fogo.

Foi dada ordem ao 1.º E. D. para marchar para o vau, a qual foi prontamente cumprida apesar das condições desfavoráveis em que se encontrava o esquadrão.

Ainda na tarde de 12, o comandante do esquadrão, tenente F. Aragão, informou haver alemães acampados na margem esquerda do rio e que os auxiliares cuamatos tinham fugido.

Esta informação levou o Com. Exp. a determinar:

— o reforço do Dest. de Naulila com uma comp. do B. I. 14 (a 12.ª);

— o deslocamento do Dest. do major Salgado para o vau do Calueque;

— a marcha da 15.ª C. I. M., que estava no F. Roçadas, para o pôsto de Otoquero. Seguiu, dias depois, com dois pelotões, tendo o outro sido atribuído ao Dest. do Calueque;

— a marcha do 2.º E. D., da Chibia para o Sul.

Em 13, o 1.º E. D. sustentou várias escaramuças com os alemães e fez um prisioneiro; êste informou que a fôrça chegada na véspera era apenas a guarda avançada (cap. Water), que o major Franck com 600 ou 700 h. estava em marcha, e que pretendiam vingar a morte do Dr. Schultz e seus companheiros. O prisioneiro e a respectiva comunicação foram enviados para o Q. G., em Naulila.

Consta do livro *Naulila*, de Augusto Casimiro, que o Com. Exp. recomendara ao comandante do 1.º E. D. que poupasse a sua unidade para a manter em condições de poder ser empregada mais tarde, e que conservasse os cavalos e arreios apreendidos, pois não se sabia se as circunstâncias levariam ou não a restituí-los.

A conduta do 1.º E. D. vinha sendo louvável, revelando iniciativa e espírito combativo, apesar das deficiências com que lutava (víveres e outras).

A recomendação de prudência pode encontrar explicação no propósito de o reservar para a acção decisiva; não se compreende, porém, a relativa aos cavalos e arreios, pois, estando os alemães em pé de guerra em território português, era dever imperioso fazer-lhes a guerra.

Êste facto, à primeira vista simples, tem grande importância pela atitude que revela da parte do Com. Exp.; êle não contribuïria para exaltar o moral das tropas, para estimular iniciativas, como se impunha.

A que atribuí-lo, sabendo-se que o Com. Exp. era corajoso no combate?

Em 25 de Novembro recebera o Com. Exp. o seguinte telegrama do M. C.: «É necessário todos, oficiais e praças, saibam não estamos em guerra com Alemanha e tomar medidas nossas patrulhas não entrem sequer zona neutra. Facto V. Ex.ª estar exercendo funções governativas deve levá-lo pôr-se em contacto

autoridades administrativas território vizinho a fim conhecer sua atitude e fazer-lhes conhecer nossa.»

Êste telegrama era, evidentemente, desastrado. Êle não impedia, porém, o Com. Exp. de tentar repelir os alemães para além da fronteira, se êles entrassem armados em território português, como lhe cumpria. Assim pensava o C. E. M.

Um dos objectivos da expedição consistia em fazer respeitar os direitos da soberania de Portugal.

Em 14 de Dezembro, o Com. Exp., reconhecendo serem poucas as fôrças de que dispunha em Naulila, determinou a marcha para o Sul da 11.ª comp. do B. I. 14 (Otchinjau — Ediva) e do Bat. Marinha (Lubango) (1).

Tardiamente reconhecia o Com. Exp. a excessiva dispersão dada às suas fôrças. Estando a guarda avançada dos alemães a menos de uma etapa de Naulila, não era de prever que estas unidades pudessem alcançar Naulila antes do ataque.

Neste dia, o Dest. do major Salgado alcançou o vau de Calueque.

O 1.º E. D., no vau de Nangula, fica reduzido a dois pelotões; dos dois restantes, um está com o Dest. de Calueque, outro, constituído com os cavalos mais fatigados e com os feridos, marcha para Naulila.

No dia 15, o C. E. M. procedeu ao reconhecimento de Calueque e, verificando a existência de um acampamento de tropas alemãs a uns 4 qm. a jusante (SO. de Calueque), sugeriu ao Com. Dest. Calueque a conveniência de, com o 1.º E. D., as atacar imediatamente; o Com. Dest. não concordou.

De regresso a Naulila, o C. E. M. expôs o facto ao Com. Exp. insistindo por que fôsse mandada ordem para o ataque; êste disse entender que a ordem não era necessária; o ataque não foi executado.

Devia sê-lo? Pensamos que sim.

Êste facto mostra-nos que o Com. Exp. e o seu C. E. M. não pensavam do mesmo modo em relação ao procedimento a adoptar com os alemães. É lamentável que assim fôsse; o bom cri-

(1) O Bat. Marinha chegou a Mossâmedes no dia 23 de Novembro e ao Lubango em 13 de Dezembro.

tério estava com o C. E. M. Se tivesse sido seguido o seu modo de ver, o decurso das operações teria sido bem diferente do que foi.

Na tarde dêste dia (15), o Com. Dest. Calueque recebeu as instruções (expedidas de manhã) que definiam a sua missão: «Defender os vaus de Calueque e Nangula e opor-se ao avanço do inimigo pela margem direita do Cunene, nas direcções de Naulila e Dongoena».

Na manhã de 16, o Com. Dest. Calueque comunicou que tinham sido avistadas numerosas fôrças marchando em direcção ao Calueque, com artilharia.

O 1.º E. D. continuou em Nangula, mantendo um serviço de patrulhas até uns 5 qm.

Na tarde de 17, o Com. Dest. Calueque informou o Comando da Expedição: primeiro, de que pelas 13 h. parte das fôrças alemãs se tinham deslocado para Leste, através do mato; depois, de que pelas 17 h. outras fôrças tinham seguido o movimento das anteriores, ficando no estacionamento alguns homens, dos quais tinham sido contados 75.

O Dest. Calueque continuou mantendo a sua atitude de espectativa.

O 1.º E. D. deslocou-se para o vau de Naôlo, na margem esquerda do rio.

Os reconhecimentos efectuados pelo 1.º E. D. e pelo pelotão de Dragões do Dest. Naulila não colheram informações sôbre as fôrças alemãs.

Ainda na tarde dêste dia (17), em conseqüência das informações do Dest. Calueque, foram expedidas pelo Comando da Expedição as seguintes ordens:

—Ás 20 h., ao Com. Dest. Calueque: «Confirmando-se a informacão, dada por V. Ex.ª, de que o grosso do inimigo marcha na direcção de Leste, S. Ex.ª o Com. determina que V. Ex.ª ataque o antigo acampamento inimigo para aniquilar os 75 cavaleiros que lá ficaram. Êsse ataque deverá ser feito com a artilharia, infantaria e o pelotão de cavalaria que V. Ex.ª tem à sua disposição.

Os outros dois pelotões de cavalaria do tenente Aragão deverão ir estabelecer o contacto com o grosso do inimigo, para participar a êste Comando a direcção da marcha. Neste serviço serão empregados também os europeus montados. Obtido o resultado sôbre o acampamento inimigo, ou se êste tiver sido

abandonado, deverá V. Ex.ª estas preparado para à primeira voz marchar na direcção que fôr indicada. O ataque deverá ser feito o mais cêdo possivel, devendo, porém, precaver-se contra o retôrno do grosso».

—Às 21 h. 15, ao 1.º E. D.: «Tendo o Snr. Major Salgado informado que marchou na direcção de Leste o grosso das fôrças inimigas, Sua Ex.ª o Comandante das fôrças determina que V. Ex.ª, com os dois pelotões do seu esquadrão, procure estabelecer contacto com o referido grosso, informando com a possivel brevidade êste Comando qual a situação do inimigo em determinada hora e qual a direcção da marcha.

O major Salgado recebeu ordem para atacar de manhã (em 18) o antigo acampamento inimigo, onde parece que ainda ficaram algumas tropas. Se V. Ex.ª vir que o grosso retrocede em face dêsse ataque, deve prevenir imediatamente o major Salgado e cooperar com êle.

No estabelecimento do contacto com o grosso inimigo não deve V. Ex.ª empenhar em combate o seu esquadrão, procurando sòmente reconhecer as fôrças, direcção da marcha e informar. Será auxiliado pelos auxiliares a cavalo».

A primeira destas ordens só chegou ao seu destino às 7. h. 45 de 18; a segunda não chegou ao seu destino.

A ordem dada ao Dest. Calueque para o ataque é lógica, como o é a prudência aconselhada. Não acontece o mesmo com a ordem dada ao 1.º E. D., pois, desde que havia informação de que o grosso das fôrças inimigas se tinha deslocado para Leste, isto é, em direcção que deveria ser a de Naulila, estava indicado que o Com. Exp. chamasse a si esta unidade e a fizesse trabalhar em proveito imediato do Dest. Naulila.

Situação das fôrças em 17 de Dezembro

A situação das fôrças no dia 17, véspera do ataque, era a seguinte:

a) — Fôrças instaladas:

Naulila — Comando da Exp., 9.ª e 12.ª Comp. do B. I. 14, 2.ª B. Met. 1, 16.ª C. I. M., Bateria Erhardt (3 peças) e 1 pelotão (reduzido) do 1.º E. D.

Vau Naôlo — 1.º E. D. (2 pelotões).

Calueque — Comando do B. I. 14, 10.ª Comp. do B. I. 14, 1 pelotão da 15.ª C. I. M., 1 divisão da Bateria de Montanha e um pelotão do 1.º E. D.

Schwart boy drift — Auxiliares boeres.

Pocolo — 1.ª Comp. Inf. Europeia e 1 pelotão da 16.ª C. I. A., sob o comando do cap. Rogério Afonso (1).

Cassinga — Dest. Cassinga, sob o comando do cap. Veloso de Castro.

b) — Fôrças com ordem para marcharem para o Sul:

Em marcha, desde 16, do F. Roçadas para Otoquero — 15.ª C. I. M. (2 pelotões).

Ediva — Otchinjau — Otchitoto — 11.ª Comp. do B. I. 14, com ordem para marchar para Naulila.

Ediva — 1 divisão da Bateria de Montanha e 1 pelotão da 2.ª Comp. Inf. Europeia, em marcha do Pocolo para Naulila (2).

Chibia — 2.º E. D. (incompleto), com ordem para marchar para o Sul.

Lubango — Batalhão de Marinha, com ordem para marchar para o Sul, pelo Pocolo.

Descende o Cunene, a uma etapa de Mulondo — E. C. 9.

c) — Guarnições:

F. Roçadas — 1 pel. da 14.ª C. I. A., sob o comando do alferes José Luís de Abreu.

Pôsto de Damequero — 1 of., 4 p. europeias e 7 p. indígenas.

Pôsto de Nalueque — 1 2.º sargento, 2 p. europeias e 14 praças indígenas.

Pôsto de Otoquero — 1 2.º sargento, 10 p. europeias e 11 p. indígenas.

F. Cuamato, sede da Capitania — Mor do Cuamato — Tinha como guarnição a 17.ª C. I. A., comandada pelo tenente Joaquim Magro. Encontravam-se aí, além do capitão-mór, cap.

(1) Infomação prestada pelo nosso camarada, major Rogério Augusto Afonso.

(2) Idem, pelo nosso camarada, major M. C. Caiola Bastos.

António Fernandes Varão: 7 of., 6 sargentos, 7 p. europeias e 104 p. indígenas.

Conforme os elementos que nos foi possível obter, era esta a situação das fôrças à disposição do Com. Exp., e que podem interessar às operações em estudo.

Deduz-se fàcilmente da situação das unidades constantes de b) que, se um melhor critério tivesse presidido à acção do comando, poderiam ter sido concentradas em Naulila, em tempo oportuno, algumas dessas fôrças.

Todo o B. I. 14, tôda a Bateria de Montanha, o E. C. 9 poderiam estar no Cunene. E o Batalhão de Marinha? Desembarcado em 24 de Novembro em Mossâmedes, gastou diversos dias em trabalhos de adaptação à organização exigida pelas operações em que ia tomar parte, trabalhos que deviam ter sido previstos e prèviamente realizados, como a construção de cavalariças, ensino de gado, etc.; chegado em 13 de Dezembro ao Lubambo, foi mandado para barracões que a falta de higiene tornava inabitáveis, vendo-se obrigado a bivacar; depois, viu-se absorvido pelos trabalhos de aquisição de meios de transporte. E, assim, se perderam muitos dias, inconveniente que uma acção previdente teria evitado. Esta unidade poderia, em 17 de Dezembro, estar, se não no Cunene, pelo menos, muito perto dêste rio.

A maneira como vinha sendo empregado o E. D. é justificativa de reparo. Reduzido a dois pelotões, uns 50 cavalos, com a iniciativa refreada, vivia entregue aos próprios meios, obrigado a preocupar-se constantemente com a sua segurança. Porque não conservou o Com. Exp. esta unidade na sua mão, fazendo-a durante a noite estacionar a coberto das outras tropas e lançando-a desde o romper do dia nas direcções que entedesse mais convenientes? Não o sabemos; parece-nos que isso estava indicado.

Posição de Naulila. Sua organização e ocupação

O terreno de Naulila é sensivelmente plano, sem comandamento; nota-se, apenas, uma descida suave do pôsto até ao rio, e, a uns 2.000 metros a Sul do pôsto, uma ligeira colina em

arco, tendo êste como centro, que se estende do vau Calundo até ao caminho para Oncuâncua; a Leste do pôsto, a partir de uns 500 m., o terreno sobe muito ligeiramente.

O interior da posição era descoberto; o exterior, a partir de uns 200 metros da sua orla, era coberto de mato, entremeado, a Sul, com mutiáti e árvores de pequeno porte, e, a Leste, com espinheiros e imbondeiros.

O pôsto de Naulila não tinha valor militar numa luta contra fôrças europeias; consistia num muro de adôbe, tendo à volta uma fiada de arame farpado; um pouco adiante das faces Sul e Leste tinha ultimamente sido construída uma trincheira para atiradores de joelhos. Dentro do pôsto havia algumas casas rudimentares (paredes de pau a pique e barro, tetos de capim); serviam de secretaria, arrecadações, caserna, cavalariça, etc.

Do pôsto irradiavam caminhos para a Dongoena (vaus de Chiquenda e Cangondo), Calueque, Oncuâncua e Otoquero.

Como se depreende do que fica exposto, a posição de Naulila não só não oferecia os requisitos necessários a uma posição defensiva como favorecia o ataque, permitindo a aproximação a coberto e dando ao inimigo, de Leste para Oeste, comandamento sôbre o terreno ocupado pela defesa.

Porque foi então escolhida? Não encontramos outra explicação que não seja a que consta do relatório do C. E. M.: «Fôsse, porém, como fôsse, bom ou mau, nós tinhamos de o aproveitar conforme êle era, se bem que reconhecêssemos as péssimas condições que êle nos oferecia, pois que não podíamos deixar de ali fazer face aos alemães que viessem para nos atacar».

O êrro cometido na escolha da posição poderia encontrar uma atenuante na compensação da falta de condições naturais com uma desenvolvida organização defensiva.

Assim não aconteceu, porém.

As unidades dispunham apenas da ferramenta individual, imprópria para o desbravamento do mato, onde havia árvores, como o mutiáti, de madeira muito resistente; a grandê extensão da frente, e, em conseqüência, os grandes intervalos entre os atiradores não permitiam a construção de trincheiras com o desenvolvimento conveniente; finalmente, o regime de serviço

estabelecido, em virtude do qual as unidades apenas se encontravam nas posições desde o escurecer até às 10 h., para tomarem as refeições junto do pôsto, onde eram confeccionadas, reduziu consideravelmente o tempo dedicado aos trabalhos, quási limitado ao que ia das 7 às 10 h.

Dêste conjunto de circunstâncias resultou terem apenas sido construídos abrigos para atirador de joelhos ou deitado. A 12.ª companhia, tendo chegado na tarde de 13 à posição e ocupado o sector na manhã de 14, encontrou-se, sob êste ponto de vista, em piores condições do que as outras unidades, já desde alguns dias na posição.

Ao êrro havido na escolha da posição, ao inconveniente de uma organização defensiva insuficiente, veio juntar-se outro êrro — o do critério a que obedeceu a ocupação da posição.

O facto de os alemães terem o seu estacionamento a SO. de Calueque, próximo do rio, levou o Com. Exp. a pensar que o ataque seria lançado sôbre a sua direita. Em conformidade com a ideia preconcebida foi efectuada a ocupação da posição.

Como mostra o esbôço n.º 2, a 12.ª companhia guarnecia a direita da posição; na esquerda da companhia, a 1.ª secção do 1.º pelotão (alferes Vale de Andrade) tinha a missão de cobrir a artilharia; a 2.ª secção fazia a ligação entre a anterior e o 3.º pelotão, havendo entre as duas secções o intervalo de uns 200 m.

À esquerda da 12.ª companhia, estendiam-se dois pelotões da 16.ª C. I. M., aos quais se seguiam as duas secções da Bateria de Metralhadoras, uma de cada lado do caminho para Oncuâncua, cobertos na esquerda pelo 3.º pelotão da 16.ª.

A 9.ª companhia, tendo o 1.º pelotão (alferes A. G. Figueiredo) recebido a missão de defender os vaus Cabelo e Catangombe, dispunha apenas dos 2.º e 3.º pelotões; constituia uma reserva junto do pôsto, onde tinham sido coustruidos abrigos.

Estas três companhias, cujo efectivo seria o correspondente a sete pelotões, pelas quebras já sofridas, e as duas secções de metralhadoras ocupavam uma frente de uns 3.500 m., o que obrigava a deixar grandes intervalos entre as unidades.

A Bateria Erhardt tinha as suas posições em face à direcção prevista para o ataque, muito perto da infantaria, a uns 150 m. à retaguarda da secção de apoio.

O Comando da Expedição encontrava-se atrás da artilharia.

O flanco esquerdo ficava desguarnecido. Êle poderia ter sido, em parte, ocupado com os elementos da 15.ª C. I. M., mandada em 12 marchar para o pôsto de Otoquero.

O serviço de vigilância estava confiado, segundo o relatório do ten.-cor. Roçadas, desde o dia 14:

— entre a fronteira alemã e a linha Calueque — Oncuâncua, a auxiliares cuamatos (serviço móvel);

— entre Calueque e Oncuâncua, a postos fixos de cuamatos;

— na frente da posição, a postos à cossaca fornecidos pelas unidades;

— de noite, a uns 1.500 m. à frente dos postos à cossaca, a a postos de cuamatos.

O serviço pedido aos cuamatos não devia merecer confiança, pois em 12 os encarregados da vigilância no Calueque haviam desertado.

A maneira como foi ocupada a posição constituiu um êrro grave.

Sendo os alemães mestres na arte da guerra, era lógico pensar que êles não iriam atacar a posição sem prèviamente a reconhecerem. Como êsse reconhecimento lhes mostraria que as organizações e a ocupação se encontravam na parte Sul da posição, e como o terreno de Leste para Oeste dava comandamento sôbre ela, deveria ter sido prevista a possibilidade de o ataque principal ser lançado sôbre a esquerda da posição, embora conjugado com outro sôbre a direita para fixação das fôrças que a guarneciam. O deslocamento do grosso das fôrças alemãs para Leste, na tarde de 17, deveria ter levado também a essa suposição.

Combate de Naulila

O comando do Dest. de Naulila estava confiado ao cap. Mendes dos Reis; no decurso do combate passou para o Com. Exp., reassumindo aquêle oficial o comando da Bateria de Metralhadoras.

Pouco depois do inicio do combate, o C. E. M. afastou-se do

Com. Exp.; assim se conservou até ao fim do combate; depois da retirada, tendo passado o Cunene a montante do vau Chiquenda, voltou a encontrar-se com o Com. Exp. na Dongoena.

Não encontrámos, na nossa investigação (1), explicação para êste facto; êle prejudicou, como não podia deixar de ser, a acção de coordenação que ao comando competia.

Vejamos ràpidamente como decorreu o combate.

À aproximação dos alemães, os auxiliares cuamatos fugiram, perdendo-se, assim, êste elemento de informação (2 e 3).

Pelas 5 h., viva fuzilaria incidiu sôbre a esquerda da posi-

(1) O relatório oficial, insuficientemente documentado, não faculta ao investigador os necessários elementos de estudo e apreciação como seriam, entre outros, os relatórios do C. E. M. e Com. Dest. Calueque, documentos que não conseguimos consultar.

(2) Porque fugiram os cuamatos? Pensamos que por dois motivos:

1.º — Em 1907, na ocasião da campanha do Cuamato, o soba do Cuamato Pequeno era Tchietaquela.

Deposto pelo cap. Alves Roçadas, refugiou-se na Damaralândia.

Reapareceu em 1914 auxiliando o major Franck; deve, em grande parte, ter contribuído para a deserção dos auxiliares cuamatos.

Depois de Naulila, reassumirá as funções de soba do Cuamato, e, nessa qualidade, voltará a manifestar-se em 1915 durante a reocupação.

2.º — O facto de não termos atacado os alemães desde que êles entraram na *nossa terra* deve ter impressionado o espírito do cuamato, dando-lhe a impressão de que os alemães eram os mais fortes e a êles caberia a vitória.

Em 17 de Dezembro, fôra enviada pelo Comando da Expedição uma nota ao Capitão-mór do Cuamato informando-o da presença dos alemães a SO. de Calueque, prevenindo-o contra a possibilidade de um golpe de mão, e indicando-lhe o emprêgo dos guerreiros cuamatos na sua defesa. O Capitão-mór mandou *bater cilia* (reünir gente de guerra), mas nenhum indígena respondeu à sua chamada.

A explicação deve estar nos dois factos que citamos.

Instigado por Tchietaquela e prevendo a nossa derrota, o gentio cuamato aguardava a oportunidade para nos atacar.

(3) E o pelotão do 1.º E. D.? Do relatório oficial nada consta sôbre a sua acção no dia 18, antes, durante ou depois do combate. A nossa investigação nada encontrou digno de registo. O Com. Exp. diz no seu relatório que contara reforçar a esquerda da posição com os dragões apeados dêsse pelotão.

ção, a que, pouco depois, se seguiu intenso fogo de metralhadoras e artilharia.

O 3.º pelotão da 9.ª companhia, aos primeiros tiros, avançou na direcção do ataque e desenvolveu, em terreno sem trincheiras, à esquerda e recuado em relação ao 3.º pelotão da 16.ª C. I. M. Foi alvejado por fogo intenso de espingardas, metralhadoras e artilharia.

Tiros de artilharia batiam as posições da 16.ª C. I. M. e da Bateria de Metralhadoras, inutilizando uma metralhadora; outros caiam na retaguarda da secção de apoio da artilharia e da 12.ª companhia; pouco depois, outros, granadas incendiárias, lançavam fogo à casa do pôsto, provocando um grande e desmoralizador incêndio, que devorava víveres, bagágens, etc.

Perante a violência do ataque, o 3.º pelotão da 9.ª companhia retirou desorganizado em direcção ao pôsto; o capitão Homem Ribeiro, que tentou deter o recuo, caiu morto pelo fogo inimigo.

Entretanto, nas trincheiras junto ao pôsto, o ten. A. R. Marques desenvolvia o 2.º pelotão, e, logo que o pelotão em retirada lhe deixou livre o campo de tiro, dirigiu o seu fogo contra os alemães, que, aproveitando aquela retirada, avançavam em direcção ao pôsto; deteve o seu avanço.

Os landins (16.ª C. I. M.), alvejados nas suas trincheiras pela artilharia e metralhadoras alemãs, desmoralizados, faziam um fogo sem precisão; acabaram por abandonar as trincheiras, retirando na direcção do rio, para o que contribuiu, talvez, a retirada do 3.º pelotão da 9.ª companhia.

Verificando que o ataque vinha da sua esquerda, o Com. Exp. deu ordem para o deslocamento de 12.ª companhia, metralhadoras e artilharia nessa direcção.

A artilharia, em virtude da acção do inimigo, desloca-se e faz fogo com dificuldade; as metralhoras encravam-se com freqüência, inutilizando-se outra definitivamente.

Depois de dois lanços, a 12.ª companhia e a bateria de metralhadoras, apesar de bem comandadas, foram detidas pelo fogo intenso do inimigo e obrigadas a recuar; a artilharia retirou também para outra posição.

A secção de apoio da artilharia (alf. Vale de Andrade), verificada a direcção do ataque, avançou, por iniciativa do seu coman-

dante, em atiradores, na direcção de NO., cobrindo momentâneamente, na direita, a divisão de artilharia do ten. Lobo (1 peça). Empenhada com o fogo inimigo, a secção continuou a avançar, por lanços, ultrapassando as trincheiras abandonadas pelos 1.º e 2.º pelotões de landins. Chegou, então, junto dela o C. E. M., que lhe recomendou atenção ao flanco direito, motivo por que deslocou uma esquadra nessa direcção.

Continuando a progredir, a secção chegou até próximo do caminho para Oncuâncua, onde foi detida pelo fogo da artilharia e metralhadoras alemãs, e aí se manteve até receber ordem do Com. Exp., depois repetida pelo S. C. E. M., para retirar.

Na esquerda da posição, o tenente Marques resistiu corajosamente ao ataque, detendo temporàriamente o seu avanço. Não recebendo reforços, acabou por ser subjugado; ferido, foi feito prisioneiro; a seu lado caiu morto o alferes do 1.º E. D., J. M. Alves, que, apesar de gravemente doente, tomara uma espingarda e se juntara ao ten. Marques.

Enquanto a defesa se desenvolvia assim, em acções desligadas, nas quais se manifestavam a iniciativa e valor de muitos oficiais e a tradicional coragem dos nossos soldados, as fôrças do cap. Water, vencida a resistência oferecida pelo 1.º E. D., facto a que a seguir nos referimos, aproximavam-se do flanco direito da posição, então desguarnecido.

O Com. Exp. ordenou então a retirada na direcção do vau Chiquenda, que um reconhecimento efectuado pelo S. C. E. M. mostrara estar livre. Eram aproximadamente 8 h. 45. (1)

---

(1) As tropas portuguesas que tomaram parte nas acções de Naulila e do E. D., compreendiam aproximadamente 400 h. de inf., 60 h. do 1.º E. D. e 180 de inf. indígena, com 3 peças Erhardt e 4 metralhadoras.

As nossas perdas foram:

Mortos — 3 of., 54 praças europeias e 12 indígenas.
Feridos — 5 » , 61 » » » 10 »
Prisioneiros — 3 of. e 34 praças europeias.

Êstes números foram colhidos no relatório oficial; Augusto Casimiro, no seu livro *Naulila*, supõe que o número de praças mortas é exagerado, estando nêle talvez incluídas praças desaparecidas, visto em Naulila terem depois sido encontrados apenas 20 cadáveres de portugueses.

Às 5 h. 20 de 18, recebeu o Com. Dest. Calueque do alf. J. G. Losa, comandante do pelotão de landins no vau de Nangula, a informação de que «às 5 h. rebentou o fogo na esquerda suspeitando seja em Naulila ou no vau onde se encontra a cavalaria. 10 minutos depois fomos atacados por fogo vivo ficando-nos um soldado ferido. Uma secção fez-lhe fogo retirando o inimigo para montante».

Esta informação, embora nada diga sôbre o efectivo provável das fôrças atacantes, contém indicações de grande interêsse: tiroteio para os lados de Naulila, deslocamento de fôrças nessa direcção.

Uma forte patrulha de Dragões foi mandada em reconhecimento à margem esquerda do rio, a qual regressou com a informação de que, ao aproximar-se da orla do mato, esta fôra ocupada por uns 30 atiradores inimigos.

Às 7 h. 45, chegou ao destacamento a ordem, expedida às 20 h. de 17, para o ataque ao acampamento alemão. Para seu cumprimento, um pelotão da 10.ª comp. e o pelotão de Dragões passaram à margem esquerda do rio, apoiados pela divisão de artilharia para êsse fim instalada na margem direita. Aos primeiros tiros de artilharia os alemães retiraram.

Tratava-se, provàlvelmente, de alguns cavaleiros deixados em observação do Dest. Calueque.

Antes do regresso do pelotão da 10.ª comp. com a informação de ninguém ter encontrado, chegou ao Com. Dest. a da retirada do Dest. Naulila. E, às 11 h. 45, por intermédio de uma ordenança de Dragões, a ordem verbal para retirar sôbre Dongoena.

O 1.º pelotão da 9.ª comp. do B. I. 14, alf. A. de Figueiredo, que recebera a missão de defender os vaus de Cabelo e Catangombe, foi instalado na margem esquerda do rio.

As fôrças alemãs (cap. Walter), a que se referira o alf. Losa na sua informação, prosseguindo sôbre Naulila, depararam com êsse pelotão e com êle se empenharam em combate, pelas 7 h 40, forçando-o a deslocar a defesa dos vaus para a margem direita do rio (1).

(1) Mantendo-se dentro da missão recebida, que bem cumpriu, o alferes Figueiredo instalou o seu pelotão em condições de continuar a defender os dois vaus.

A coluna de Water continuou a marcha sôbre Naulila.

O 1.º E. D. deslocou o seu estacionamento durante a noite 17/18, do vau de Nangula para o de Naôlo, a montante, deixando fogueiras acessas no bivaque de Nangula.

Na manhã de 18, pelas 5 h. 30, o seu comandante, ouvindo tiroteio do lado de Naulila, resolveu marchar nessa direcção.

Pelas 6 horas, quando já se encontrava em marcha sôbre Naulila, veio ao seu encontro uma ordenança a cavalo, provavelmente a portadora da ordem das 20 h. de 17 para o Dest. Calueque, a qual verbalmente lhe transmitiu uma ordem, que dizia ser do Comandante, para ir atacar o acampamento alemão. Porque ouvia troar o canhão em Naulila, porque pensava que no antigo acampamento alemão poucas fôrças haveria e lhe não parecia coerente, combatendo-se em Naulila, actuar na direcção oposta, na justa intuïção de que a presença da sua unidade junto do Comando lhe poderia ser de utilidade, resolveu prosseguir na direcção de Naulila.

Ao chegar às proximidades da posição, verificando que o seu flanco direito não estava ocupado, resolveu marchar sôbre o flanco esquerdo das fôrças que estavam atacando Naulila.

Uma patrulha foi mandada ao Comando para estabelecer ligação; um dos homens conseguiu encontrar o C. E. M.; êste, porém, mandou-a para o Com. Exp., não chegando a saber o que ela ia transmitir. Não chegou ao seu destino.

Entretanto, o Com. do E. D. era informado de que uma coluna inimiga, na sua retaguarda, marchava sôbre Naulila. Prontamente se empenhou contra ela.

Ora carregando, ora combatendo a pé, com habilidade e ardor combativo, lutou enquanto lhe foi possível. Dos seus oficiais, o alferes Sereno caíu ferido ou morto; o alferes R. J. Andrade, agregado ao esquadrão, teve a montada morta; o comandante do esquadrão caíu ferido.

Os dois últimos oficiais ficaram prisioneiros.

O 1.º E. D. cumpriu o seu dever; retardando a coluna de Water, impediu a sua intervenção no combate de Naulila, evitando um mal maior.

A acção de Naulila foi-nos desfavorável. Porquê? Abstraindo do facto de o Com. Exp. não ter tido à sua disposição os meios de que poderia ter disposto, e considerando apenas as condições em que se realizou a acção, pensamos que, além da manifesta superioridade dos alemães em artilharia, contribuiram para isso:

— o facto de a posição, pelas suas condições naturais, ser favorável ao ataque;

— a insuficiência da organização defensiva;

— o errado critério seguido na ocupação da posição em conseqüência de o Com. Exp. se ter agarrado a uma idéia preconcebida sôbre a direcção provável do ataque;

— o errado critério a que obedeceu o emprêgo do 1.º E. D,;

— finalmente, a insuficiência da acção do Comando na conduta da defesa.

Quando uma operação é bem sucedida, são muitos os que pretendem ter contribuído para a vitória; no caso contrário, raras vezes aparece quem chame a si as responsabilidades do desastre.

No relatório oficial atribui-se a um conjunto de circunstâncias impessoais a causa do insucesso; nós atribuimo-la à maneira como as operações foram conduzidas; não faltou, porém, quem a atribuisse à passividade do Dest. Calueque por não ter marchado sôbre Naulila quando soube que aí se combatia.

Deveria tê-lo feito?

Na luta não intervêm apenas factores materiais; há que atender aos factores psicológicos; nela intervêm também os imprevistos, os caprichos do acaso, uns e outros, umas vezes favoráveis, outras contrários.

É no campo dos segundos que deve ser feito o estudo da conduta do Dest. Calueque.

Notemos em primeiro lugar que a atitude adoptada, em relação aos alemães, depois da sua entrada em território português, gerara um ambiente de indecisão, de retraimento de iniciativas, um campo favorável à multiplicação de factores negativos de tôda a ordem.

O Com. Dest. Calueque recebera a missão de «defender os vaus de Calueque e Nangula e opor-se ao avanço do inimigo pela *margem direita* do Cunene nas direcções de Naulila e Dongoena».

Depreende-se da maneira como está expressa a missão e atendendo à atenção que ao Com. Exp. merecia a linha Otchinjau — Pocolo, que ao destacamento era determinado que impedisse que os alemães, através dêsses vaus, se dirigissem quer sôbre Otchinjau, quer sôbre Dongoena ou Naulila. A missão prendia o destacamento aos vaus de Calueque e Nangula; a defesa dos outros vaus estava confiada a outros elementos, como indicámos. Devemos acrescentar que esta missão fôra dada ao destacamento quando o Comando sabia da existência de fôrças alemãs a SO. do vau de Calueque, isto é, quando era de admitir a sua marcha em qualquer daquelas direcções.

O deslocamento para Leste, na tarde de 17, do grosso das fôrças alemãs modificara, porém, aquela situação.

A informação do alf. Losa impunha a imediata actuação do Dest. Calueque. Esta limitou-se a mandar uma patrulha à margem esquerda do rio e só voltou a manifestar-se quando, às 7 h. 45, recebeu a ordem, expedida na véspera, para o ataque ao acampamento alemão.

A conduta do Dest. Calueque foi de uma injustificada falta de iniciativa.

Que deveria ter feito? Pensamos que estava naturalmente indicado:

— informar imediatamente o Dest. Naulila da marcha de novas fôrças na sua direcção, informando-se ao mesmo tempo do que aí se passava e provocando novas ordens;

— pôr-se imediatamente em ligação com o 1.º E. D.;

— lançar imediatamente um reconhecimento em fôrça sôbre o acampamento alemão;

— tomar disposições para atacar na sua frente ou para marchar sôbre Naulila.

Que teria resultado da adopção destas medidas? Naturalmente, a marcha do Dest. Calueque sôbre Naulila.

E da sua marcha sôbre Naulila? O que ficou referido àcêrca da situação das fôrças do cap. Water e do 1.º E. D., relacionado com o factor tempo, leva-nos a supor que dessa marcha teria resultado uma mudança na situação, com probabilidades favoráveis para nós.

A demora havida na transmissão das ordens dadas em 17 para o ataque ao acampamento alemão foi uma circunstância

que cabe ao numero dos imprevistos, a que nos referimos. Se estas ordens tivessem chegado, em tempo oportuno, ao seu destino, o encontro entre o 1.º Esq. Dragões e as fôrças do cap. Water ter-se-ia dado próximo do vau de Nangula, o que teria provocado a intervenção do Dest. Calueque.

Quais teriam sido as conseqüências dessa acção não o podemos calcular; mas é de supor, senão que o cap. Water fôsse vencido, pelo menos que tivesse sido impedida a sua marcha sôbre Naulila nas condições em que se realizou.

No campo dos caprichos do acaso está a comunicação verbal feita ao Com. 1.º E. D., na manhã de 18 pela ordenança portadora da ordem para o Dest. Naulila. Sem essa comunicação, o 1.º E. D. teria marchado ràpidamente sôbre Naulila e teria chegado aí a tempo de intervir na luta.

Quais teriam sido as conseqüências? Não o sabemos; mas é lícito admitir que as fôrças do major Franck teriam sido vencidas antes da chegada do cap. Water. E depois? Não o sabemos.

A retirada

Consta do relatório do Com. Exp.: «Desde que tinhamos de abandonar a linha Naulila — Calueque, ficavam abertos os caminhos para o sector do Caculovar pela Dongoena à Cahama, e pela Dongoena e Ediva a Otchinjau.

Nestas condições convinha cobrir o mais rápido possivel o acesso ao planalto, guarnecendo quanto antes o ponto estratégico da Cahama.

Isto explica a rapidez das marchas até ao Humbe e do Humbe até o Tchipelongo e Chicusse»...

Depreende-se do que fica transcrito, como da seqüência dos factos, que o Com. Exp. se propôs, desde o inicio da retirada, alcançar imediatamente o planalto, em obediência a considerações de carácter estratégico, mas com abstracção da atitude imediata do inimigo e sem atenção às conveniências da politica indígena que tinham determinado o deslocamento das fôrças para o Sul do Cunene.

Foi uma concepção infeliz sob todos os pontos de vista, e que foi causa de graves inconvenientes, pois dela, e não da acção do inimigo, resultou a revolta do Cuamato, Humbe e outros povos, com as suas dolorosas conseqüências.

Aceita-se, como medida preventiva, a evacução imediata dos postos do F. Cuamato, Otoquero e outros mais expostos; a do F. Roçadas e Humbe, sem que o inimigo a isso obrigasse, fica, porém, justificativa de amarga apreciação.

No planalto existiam fôrças suficientes para a sua defesa, como mostram as indicações constantes de pag. 31.

A hipótese da retirada devia ter sido prevista e maduramente reflectida, não só no seu objectivo como na sua execução, colocando-se os postos em condições de poderem ràpidamente ser evacuadas as suas guarnições, e acautelando-se os interêsses da Fazenda Nacional com a preventiva evacuação para o Humbe, ou para mais longe, do material de guerra, géneros de permuta, etc., que, em quantidade, exitiam nalguns postos, como no F. Roçadas, F. Cuamato e pôsto Damequero.

Veremos que, se a concepção foi infeliz, não o foi menos a execução.

Às 9 h. 30, o Dest. Naulila iniciou a passagem do Cunene no vau Chiquenda, em boa ordem.

A 2.ª secção do 1.º pelotão (1.º sargento Silva) da 12.ª comp., instalada na margem esquerda do rio, cobriu a passagem das fôrças. A 1.ª secção (alf. Vale de Andrade) na sua retirada, alcançou aquela, reconstituindo-se o 1.º pelotão; êste constituiu a guarda da retaguarda do destacamento na sua marcha em retirada sôbre o Humbe.

Os alemães nada fizeram para impedir ou dificultar a retirada.

A retirada foi feita sôbre o pôsto da Dongoena, a 24 qm. de Naulila, aonde a testa da coluna chegou às 15 h.

Do vau Chiquenda foi enviada ordem verbal ao Dest. Calueque para retirar sôbre a Dongoena; desta localidade foi expedida ordem escrita confirmando a anterior.

Na Dongoena, o Com. Exp. recebeu do tenente Marques que, ferido, ficara prisioneiro, um bocado de papel levado por um dos nossos soldados, também prisioneiro, com a comunicação de «que Sua Ex.ª o comandante dos alemães queria saber se nós queríamos tratar da paz e que, se quisessemos, nos apresentás-

semos até à tarde, como o mesmo Ex.mo Snr. estava esperando; que o sinal era a bandeira branca».

Esta comunicação não foi, e justamente, tomada em consideração pelo Com. Exp.

Às 18 h., isto é, três horas depois de a testa da coluna ter alcançado a Dongoena, e após uma distribuïção apenas de bolacha e vinho, o Com. Exp. determinou o prosseguimento da retirada sôbre o Humbe.

O estado de fadiga dos homens, principalmente dos apeados, ao iniciarem esta nova marcha para o percurso dos 45 qm. que os separavam do Humbe, devia ser grande: ao esfôrço da luta sucedera-se imediatamente o percurso de 24 qm. em 5 h. 30; a refeição tinha sido insuficiente; o tempo de repouso inferior a 3 horas.

A precipitação assim posta na retirada, exigindo-se às tropas um esfôrço superior ao que era legítimo pedir-se-lhes, havia de necessàriamente repercutir-se no seu moral, levando-as a crer na iminência de um grave perigo.

Porque procedeu assim o Com. Exp.? Porque os alemães perseguiam as suas tropas? Não; porque receava que êles se lhe antecipassem na chegada ao Humbe.

Tentou o Com. Exp. saber qual era a atitude dos alemães? Não; porque, se o tivesse feito, teria reconhecido que não havia motivo para a sua precipitação.

Nas condições referidas, prosseguiu a marcha até à meia-noite, interrompendo-se então até à madrugada de 19, para descanso das tropas.

Às 11 h. 45 recebeu o Com. Dest. Calueque, por intermédio de uma ordenança do Esq. Dragões, a ordem verbal para a retirada. Foi esta iniciada às 12 h. 15 e executada em boa ordem.

Às 2 h. 30 de 19 chegou o Dest. do major Salgado junto do estacionamento das tropas de Naulila, tendo assim efectuado uma boa marcha.

Ficou desde então encarregado de cobrir a retirada destas tropas.

Na madrugada de 19, as tropas de Naulila prosseguiram a marcha, e, depois de um grande alto junto a umas cacimbas,

começaram pelas 13 h. a chegar ao Humbe, exaustas, famintas e sequiosas. Ocorreram alguns actos lamentáveis por parte das praças para obterem víveres.

Desde que o Dest. do major Salgado tinha chegado ao contacto com as tropas de Naulila, a situação destas sob o ponto de vista da sua segurança tinha melhorado; além disso, o Com. Exp. poderia fazer reünir a 15.ª C. I. M. (2 pelotões).

A situação permitia ao Com. Exp. reconsiderar sôbre o propósito de prosseguimento da retirada e conseqüente abandono dos postos a Sul do Cunene, pelo menos até haver informações sôbre a atitude do inimigo, tanto mais que êste não tinha procurado impedir a retirada, nem ulteriormente se tinha manifestado qualquer tentativa de perseguição. Assim não aconteceu, porém; ao Com. Exp. faltou a serenidade necessária para actuar como a situação aconselhava.

No Humbe foi pôsto em execução o propósito de evacuação dos postos a Sul do Cunene.

Havendo guarnições no F. Cuamato, F. Roçadas, etc., estava naturalmente indicado regular a sua evacuação de modo que o F. Roçadas cobrisse a retirada dos postos da linha do Cuamato; às tropas à disposição imediata do Comando — tropas de Naulila e do Calueque, estas intactas — caberia recolher tôdas as guarnições ao Sul do rio, antes do abandono do Humbe.

Não foi a evacuação assim orientada.

Às 6 h. de 19, o capitão Albano de Melo, adjunto do Q. G., transmitiu pelo telefone, em nome do Com. Exp., a ordem de evacuação ao pôsto do Damequero e F. Cuamato; idêntica ordem foi às 13 h. transmitida pelo mesmo oficial ao F. Roçadas.

Conforme a ordem transmtida, deveria ser evacuado o que fôsse possível, inutilizando-se o restante.

Transportando mais para diante a resumida descrição da maneira como foi efectuada a evacuação dos diferentes postos, exporemos o que respeita ao F. Roçadas pela sua influência sôbre a seqüência dos acontecimentos.

Recebida a ordem de evacuação, zelosamente tratou o alf. Abreu de fazer seguir para o Humbe tudo o que lhe foi possível. E, como no forte havia munições de infantaria e artilharia,

e dinamite, que não tinha meios para transportar, preparou a sua destruïção.

Às 15 h., retirou o alf. Abreu com a guarnição, deixando no Forte dois 2.os sargentos com ordem para comunicarem fogo ao paiol logo que alcançasse o Cunene (1).

Às 15 h. 30, cumpriram os sargentos a ordem recebida; daí resultaram fortes explosões, cujo ruido foi ouvido a grande distância, e foi causa dos factos lamentáveis a que adiante nos referimos.

Do Humbe foram expedidas ordens, em 19:

— à 11.ª comp. do B. I. 14, que estava procedendo à reünião dos seus pelotões, e à 2.ª divisão de Montanha, para o seu deslocamento para a Cahama;

— ao Esq. Cav. 9, para o seu retrocesso sôbre Capelongo, determinação depois seguida de outra fazendo-o marchar sôbre os Gambos.

Referimos o estado em que se encontravam as tropas de Naulila ao alcançarem o Humbe. Compreender-se-á, por isso, o pânico que delas se apoderou quando, pelas 15 h. 30, foram ouvidas as explosões do F. Roçadas. Largaram para Bela-Bela em marcha desordenada, originando uma situação delicada que só terminou, em 24, na Cahama.

O Dest. do major Salgado continuou até Bela-Bela com a missão de cobrir a retirada, que cumpriu de maneira inteiramente satisfatória.

Com o destacamento marchou, desde o Humbe, o S. C. E. M., tenente Ernesto Machado.

Desde a retirada de Naulila até à Cahama, a alimentação dos homens foi feita de maneira irregular e deficiente, apesar do desembaraço e louvável dedicação do tenente do S. Ad. M., Manuel Brazão, que tinha êsse serviço a seu cargo.

Em 21 foi ordenado o deslocamento do Bat. de Marinha para a Chibia e, ulteriormente, para os Gambos.

(1) Conforme consta dos relatórios enviados ao Capitão-mór do Cuamato e informação prestada pelo nosso camarada, capitão José Luiz de Abreu.

Efectuou-se na região dos Gambos a concentração das tropas em retirada, a qual ficou coberta na Cahama pelo 2.º E. D., e no Pocolo pela 1.ª Comp. Europeia.

Acompanhando de perto a retirada, o gentio foi revoltando-se, saqueando, assassinando.

A Cahama ficou constituíndo o nosso pôsto mais avançado. Um pelotão do 2.º Esq. Dragões, mandado em 30 ao Humbe, foi obrigado a retirar, tendo perdido o seu comandante (1.º sargento António Rodrigues) e 14 praças.

A retirada prematura do F. Roçadas e do Humbe criou uma situação difícil às guarnições dos postos mais afastados.

Passamos ràpidamente em revista o que aconteceu, servindo-nos de notas colhidas no interessante trabalho «Investidas alemãs ao Sul de Angola», do Capitão-mór do Cuamato, cap. António Fernandes Varão.

15.ª C. I. M. — Tendo iniciado em 16 a marcha para Otoquero, encontrava-se na madrugada de 19 a uns 10 qm. dêste pôsto quando o seu comandante soube do ocorrido em Naulila.

Retrocedeu em direcção ao Humbe, perseguida pelo gentio que lhe causou algumas baixas. Perdeu um carro de bagagens e um carro de munições.

Pôsto de Nalueque — Foi assaltado e incendiado pelo gentio na tarde de 18. A guarnição refugiou-se no mato.

Pôsto de Otoquero — Recolheu alguns soldados do 1.º E. D. Foi atacado pelo gentio. Retirou sôbre o pôsto de Damequero. Uma parte dos homens passou o Cunene em direcção ao Humbe; outra, em virtude das explosões no F. Roçadas, passou o rio no Cáfu.

Pôsto do Damequero — Como dissemos, recebeu às 6 h. a ordem de evacuação. A guarnição retirou em direcção ao Humbe. Ultrapassado o Aucongo, deu-se a explosão no F. Roçadas; desde essa ocasião foi perseguida pelo gentio, que se apoderou do que transportava e matou algumas praças.

F. Cuamato — Foi esta guarnição a que lutou com maiores dificuldades, em conseqüência da retirada prematura das guarnições do Damequero e F. Roçadas.

Era capitão-mór do Cuamato o capitão António Fernandes Varão, oficial inteligente, culto e desembaraçado.

À maneira como conduziu a retirada e à valiosa cooperação do tenente Joaquim Magro, comandante da 17.ª C. I. A., e de alguns graduados e praças se deve não ter sido trucidada a guarnição.

Durante a tarde de 18, chegaram ao F. Cuamato as primeiras informações àcêrca do desastre. Pelas 21 h. chegaram ali 2 sargentos e 19 praças de Dragões que tinham sido perseguidas pelos alemães até uns 6 qm. de Otoquero; descansaram no Forte; pelas 4 h. de 19 seguiram para o Damequero por não haver água suficiente para os cavalos.

O conhecimento do desastre de Naulila e da retirada do respectivo destacamento mostraram ao capitão-mór a necessidade de evacuar o Forte. Criteriosamente foi orientada essa operação, evitando destruïções e outros actos que animassem a revolta do gentio.

À 1 h. de 19, reüniram os oficiais em conselho e, ponderadas as condições em que se encontravam, resolveram retirar em direcção ao Humbe, com o fim de se reünirem às fôrças do Dest. Naulila.

Recebida às 6 h. a ordem para a evacução, foi esta iniciada às 7 h. 30.

Efectuada através de regiões cujo gentio estava revoltado, com as praças indígenas desmoralizadas, foi a retirada executada em condições de grande dificuldade.

Pouco depois da partida, começaram as fôrças a ser alvejadas com tiros partindo do mato.

Percorridos 25 qm., alcançaram o Damequero, cujo pôsto tinha já sido abandonado pela sua guarnição e assaltado pelo gentio.

Após uma hora de descanso, prosseguiram na marcha e, percorridos 10 qm., chegaram a Aucongo; ouviram aí as detonações do F. Roçadas e viram o Forte em chamas.

Persuadido, por informações de indígenas, de que os alemães tinham tomado o Forte, o capitão-mór mandou explorar a

jusante e montante do Forte. Informado de que o vau do Pembe estava livre, orientou nessa direcção a marcha, iniciando a passagem do Cunene às 20 horas.

Foram as suas fôrças, durante a passagem, fortemente atacadas pelo gentio, tendo perdido um têrço das praças indígenas.

Chegaram ao Humbe às 23 h. 30. Encontraram aí apenas 3 auxiliares a cavalo, os quaís lhes disseram que deviam continuar a retirada, pois se esperava a chegada dos alemães.

Prosseguiram na retirada em direcção a Bela-Bela.

Do Cuamato, a revolta do gentio propagou-se ràpidamente, atingindo os territórios do Cafima, Evale e Cáfu.

Pôsto de Cafima — A sua guarnição, constituída por um tenente, um 2.º sargento, 5 praças europeias e 21 indígenas, foi cercada pelo gentio pouco depois de abandonar o pôsto. Foram massacrados o oficial, 4 praças europeias e 18 indígenas.

Pôsto do Evale — A sua guarnição foi atacada pelo gentio logo que abandonou o pôsto, perdendo 8 praças indígenas.

A intervenção enérgica do padre francês da missão, que entre o gentio gozava de grande prestígio, evitou maior desastre.

Pôsto do Cáfu — Favorecida pelo facto de a retirada ter sido efectuada antes de o gentio conhecer com exactidão o que se tinha passado, a sua guarnição conseguiu alcançar Capelongo.

Dos alemães

Segundo as transcrições de documentos de origem alemã feitas por Augusto Casimiro no seu interessante trabalho *Naulila*, e o relatório do reconhecimento a Naulila, efectuado em Julho de 1915, pelo alf. de cav. Sarmento Pimentel, podemos admitir que a conduta dos alemães, em seguida ao incidente de Naulila, teria sido a que a seguir indicamos.

No dia 21 de Outubro, tôda a colónia alemã da Damaralândia soube do incidente de Naulila.

A maneira naturalmente apaixonada como o incidente foi apresentado, as notícias publicadas por parte da imprensa portuguesa relativas aos nossos propósitos de intervenção na guerra europeia e o facto de sermos aliados da Inglaterra levaram aquela colónia e o seu govêrno a verem no incidente uma quebra de neutralidade.

Em 25 de Outubro, foi ordenada uma expedição a Naulila, cujos preparativos foram imediatamente iniciados.

Ao capitão Lehmann, comandante-militar de Grootfontein, foi ordenado o ataque aos nossos postos do Baixo-Cubango, daí resultando o massacre do Cuangar e postos a jusante.

O comando da expedição a Naulila foi confiado ao major Franck, oficial que gozava de grande prestígio, adquirido na luta contra os herreros.

A expedição foi constituída pelos seguintes elementos:

— 2.ª comp. de infantaria, com 2/3 do efectivo normal, comandada pelo cap. Water;

— 6.ª comp. de infantaria, comandada pelo cap. Weiss;

— 2 metralhadoras;

— 1 bateria de montanha (4 p.) e 1/2 bateria m/96 (2 p.), comandadas pelo cap. Trainer;

— 1 pôsto de T. S. F.

Tôda a infantaria era montada.

A expedição compreendia, no total: 38 oficiais combatentes, 2 médicos, 3 auxiliares (1), 450 praças europeias e 150 indígenas (impedidos, condutores, etc.), todos armados.

Nos primeiros dias de Novembro, a expedição alcançou a região de Ombika, a Sul de Okankuejo. Faltava-lhe percorrer 300 qm. através de uma região arenosa, com poucos recursos em água e habitada por povos cuja hostilidade poderia manifestar-se.

Foi determinada a organização do serviço de etapas. A 2.ª comp., cap. Water, foi mandada seguir à frente, com muita antecedência sôbre o grosso das fôrças, com o encargo especial de preparar o abastecimento de água, de que se desempenhou

(1) Um era o Dr. Vageler que fizera parte da missão luso-alemã em estudos no Sul de Angola, a que a guerra pôs termo; outro era o boer Duplessis, que residira na Humpata e fôra agente secreto dos alemaes, atraiçoando Portugal.

aprofundando as cacimbas existentes e abrindo outras, obtido, por meio de presentes, o consentimento do chefe ovampo.

Em carros puxados a bois foi transportado o indispensável (víveres, forragens e munições), empregando-se nesse serviço uns 2000 bois, algumas centenas dos quais morreram na marcha até ao Cunene.

O cap. Water alcançou o Cunene na tarde de 12 de Dezembro, tendo seguido o seguinte itinerário: Okahakana — Onoolongo — Tamauzo — Rehobath — rio Cunene (SO. de Calueque).

O grosso das fôrças prosseguiu em 3 de Novembro a marcha para o Norte, pelo itinerário seguido pelo cap. Water, e alcançou o Cunene no dia 16.

Na manhã de 17, o major Franck mandou proceder ao reconhecimento de Naulila.

Para o ataque a Naulila, as fôrças foram distribuídas por duas colunas:

— Coluna de Water: 2.ª comp. de inf. e a 1/2 bat. de artilharia.

— Coluna de Franck: as restantes fôrças.

O plano para o ataque parece ter sido o seguinte:

— a coluna de Water, guiada pelo boer Duplessis, deslocando-se ao longo do rio, iniciaria, às 4 h. 30, o ataque ao flanco direito da posição;

— a coluna de Franck, guiada pelo alferes Vahle, que efectuara o reconhecimento, atacaria em seguida, a Leste do caminho Oncâncua — Naulila, o flanco esquerdo da posição, isto é, o que estava fracamente guarnecido.

Water iniciou o deslocamento à meia noite, mas interrompeu-o diante das fogueiras deixadas pelo 1.º E. D. Referimos já o que depois ocorreu.

O major Franck deslocou-se durante a tarde de 17 para Leste, a coberto do mato, e estacionou a Oeste de Oncuâncua. Na manhã de 18, deslocou-se para Leste, e, deixando à sua esquerda o caminho Oncuâncua — Naulila, aproximou-se do flanco esquerdo da posição. Esperou até às 5 h. que o cap. Water atacasse; como êste o não fizesse, resolveu atacar.

Como decorreu o ataque, já foi referido.

O major Franck foi ferido e substituído pelo cap. Trainer, que conduziu o ataque até ao fim e determinou em 19, às 19 h.,

a retirada para o Sul, na previsão de um retôrno ofensivo das nossas fôrças.

As perdas dos alemães, foram, pelo menos, as seguintes:
Mortos — 12 europeus, incluindo dois oficiais, pelo menos;
Feridos — 10 oficiais e 20 praças europeias.

Malfadadas foram as operações realizadas, em 1914, no Sul da Angola. Apesar disso, constituem um interessante motivo de estudo pelos ensinamentos que nos oferecem em vista de futuras operações coloniais contra fôrças organizadas, tanto no que respeita pròpriamente às operações como no que particularmente se refere ao ambiente (politica indígena) do seu desenvolvimento.

II PARTE

As operações no Sul de Angola em 1915

NGIVA

II PARTE

As operações no Sul de Angola em 1915

NOTA

ADVERTÊNCIA

Observando o propósito de sinceridade que pusemos neste trabalho, entendemos ser nosso dever advertir o leitor de que tomámos parte nas operações cujo estudo vamos fazer (1). Alguns dos factos que à vista do leitor vamos projectar são, em parte e por fôrça das funções que exercemos e das atribuïções que nos foram conferidas, resultado da nossa acção. Quizeram as circunstâncias que assim fôsse, e, o que particularmente a caracteriza, que no período culminante das operações ela se

---

(1) A emoção que em todo o País causou o desastre de Naulila e o conhecimento de que a Expedição a Angola ia ser reforçada com novas unidades foram a determinante do nosso oferecimento para servirmos nessa expedição, bem como do de outros camaradas, entre os quais citamos o tenente de infantaria com o C. E. M., José Joaquim Ramos.

Interrompendo o tirocínio que estávamos fazendo no R. C. 4, como complemento do curso do estado-maior, que concluíramos em 1913, embarcámos, em 20 de Janeiro de 1915, com o refôrço da expedição, e desembarcámos em Mossâmedes no dia 9 de Fevereiro.

O desagradável ambiente que encontrámos nesta cidade, levou-nos a apressar, quanto nos foi possível, a partida para o planalto.

Fizemos a nossa apresentação no Q. G. da Expedição, do comando do ten. cor. Alves Roçadas, nos Gambos, em 24 de Fevereiro. No dia imediato, fomos nomeado chefe da 2.ª Rep. do Q. G.

Em 14 de Abril, sete dias depois da chegada a Mossâmedes do general Pereira d'Eça, Comandante Superior das Fôrças em Operações, fizemos a nossa apresentação na Direcção de Etapas, com sede naquela cidade, para exercermos as funções de seu C. E. M., serviço para que fomos nomeado por motivo de antiguïdade.

Em 15 de Junho, por determinação do general Pereira d'Eça, deslocámo-nos para o planalto, onde nos conservámos até ao fim da campanha.

desenvolvesse *em obediência às intenções do Comando Superior e não à letra das suas determinações,* dentro daquele amor das responsabilidades que os mestres nos aconselham.

Sem pretensões egocentristas, mas, ao mesmo tempo e propositadamente, pondo de parte simulada modéstia, confessamos a convicção que temos de ter contribuído para o sucesso obtido.

Somos, assim, parte no processo de que vamos tratar, e que o leitor, lealmente advertido, julgará.

Considerações gerais

Nas operações de 1915 notam-se dois períodos distintos: o primeiro compreende as operações e trabalhos efectuados na previsão de novas acções com os alemães, o qual se estende até à rendição dêstes ao general Botha, em 12 de Julho; o segundo compreende as operações realizadas tendo em vista a submissão dos povos sublevados e a ocupação do território cuanhama.

Poderíamos considerar no primeiro período duas etapas distintas, a primeira correspondendo ao comando do ten.-cor. Alves Roçadas e a segunda ao do general Pereira d'Eça. Porque os projectos elaborados durante a primeira destas etapas não tiveram realização e foram de limitado valor os trabalhos de preparação das operações, não seguiremos essa orientação; ocupar-nos-emos dos trabalhos realizados sob a acção do general Pereira d'Eça, fazendo aos anteriores as referências que resultarem oportunas.

Como veremos, as operações de 1915, desde a chegada a Mossâmedes do general Pereira d'Eça, foram caracterizadas por um intenso dinamismo, que primeiramente incidiu na complexa e emperrada máquina dos Serviços, e depois se transportou às unidades das diversas Armas, pondo-as em movimento e levando-as à finalidade própria — o combate.

Sentia-se, através de tudo, uma orientação definida, uma vontade que vencia tôdas as dificuldades; sentia-se a existência de um Chefe.

Nas operações de 1915 foram, mercê da acção do ilustre general, postas em evidência algumas das melhores qualidades da raça portuguesa: o amor da aventura, a coragem, o espírito de sacrifício.

Preparação das Operações

Refôrço da Expedição

A primeira expedição, que largou de Lisboa em 11 de Setembro de 1914, compreendia: 1 B. I., 1 Bat. de Met., 1 Bat. de Art. e 1 E. Cav.

Em seguida ao incidente de Naulila foram mandados para Angola:

em 5 de Novembro, o Bat. de Marinha;

em 3 e 11 de Dezembro, satisfazendo requisições feitas pelo ten.-cor. Alves Roçadas: 2 B. I., 2 Bat. de Met., 2 Bat. Art. e 1 E. de Cav.

Depois do combate de Naulila, em virtude de requisição anteriormente feita pelo Governador-Geral, por cuja satisfação insistiu em telegrama de 20 de Dezembro, embarcaram, a partir de 20 de Janeiro de 1915: 2 B. I. e 2 Comp. de Inf., 5 Bat. de Met., 5 Bat. de Art. e 1 E. de Cav.

Em 20 de Março de 1915, encontravam-se no Sul de Angola:

a) — Unidades expedicionárias do Confinente, além dos elementos destinados aos Q. G., ao enquadramento de unidades e aos Serviços:

Infantaria — B. I. 14, 16, 17, 18 e 19; 2 comp. do R. I. 20; 8 Bat. Met.

Artilharia — 1.ª, 2.ª e 3.ª Bat. Montanha; B. A. 1, 2, 3, 7 e 8.

Cavalaria — E. C. 4, 9 e 11.

b) — Unidades expedicionárias de Moçambique — 15.ª e 16.ª C. I. M.

c) — Unidades da Província, além de vários oficiais e praças aí em serviço:

Infantaria — 1.ª e 2.ª Companhias Europeias; 14.ª, 15.ª, 16.ª e 17.ª C. I. A.

Artilharia — 1 Divisão Erhardt.

Cavalaria — 1.º e 2.º E. Dragões.

Algumas unidades partiram do Continente levando incompletas as dotações de material (1), sendo, por isso, forçadas a aguardarem em Angola a chegada do que lhes faltava.

Constitui isto um inconveniente grave, mormente quando o local do destino é desprovido de recursos, como era o Sul da Angola.

As unidades expedicionárias devem ser embarcadas em condições de, imediatamente ao desembarque, terem à sua disposição tôda a dotação regulamentar.

Quem relacionar a data de partida dos reforços com a sucessão dos acontecimentos no Sul de Angola, reconhecerá fàcilmente que êstes comandaram a acção do Govêrno-Central. Êste não prestou à situação criada pela Grande-Guerra para a Província de Angola a atenção que lhe era devida, pois, se o tivesse feito, outra teria sido a marcha dos acontecimentos; actuou forçado pelos acontecimentos; as suas medidas resultaram sempre tardias

Substituïção do comando

Em 23 e 24 de Dezembro de 1914, o ten.-cor. Roçadas fez, em telegramas ao G. G., um relato sucinto dos factos ocorridos; terminou o primeiro dos telegramas apresentando a resignação do comando que lhe fôra confiado.

(1) Repetiu-se êste facto em 1916 com a organização da Expedição a Moçambique, cujo comando foi confiado ao coronel do C. E. M. Garcia Rosado.

Tivemos, com os capitães Chaves e Castilho Nobre, a honra de ser convidado para exercer as funções de adjunto do seu E. M.

Instruído com o que tínhamos observado no Sul de Angola, lembrámos ao coronel Garcia Rosado a conveniência de ser verificado o estado em que se encontravam as unidades expedicionárias, que nas Escolas Práticas aguardavam o embarque.

Foi aprovada a sugestão. Confirmou-se o que receávamos: algumas unidades iam partir em condições tais que, após o desembarque, nem sequer poderiam praticar uma instrução eficiente.

Não sabemos as condições em que, de facto, embarcaram, porque, tendo o coronel Garcia Rosado sido dispensado do comando da expedição, os adjuntos do seu E. M. declinaram o convite que o seu substituto lhes fez para o acompanharem.

Em 27 do mesmo mês, respondeu o G. G. transmintindo um telegrama do M. C. assegurando a confiança do G. C. no ten.-cor. A. Roçadas e afirmando o propósito de enviar tudo o que fôsse necessário para repelir o inimigo e manter a integridade do território nacional.

Em 25 de Janeiro de 1915, o ten.-con. A. Roçadas enviou ao M. C. um relatório-projecto sôbre a futura acção das fôrças concentradas no planalto, o qual concluiu dizendo: (1) «Fica assim exposto nêste relatório, que desejava tivesse sido mais curto, o que penso a respeito das operações a realizar no Sul da Angola, e como os efectivos totais se elevarão acima de uns 10.000 a 12.000 homens, entrando as guarnições do distrito, julgo do meu dever dizer que a tal efectivo e composição corresponde uma graduação superior à minha, e por isso não deve V. Ex.ª pôr a menor dúvida, em face dos regulamentos e mesmo de vantagens para o serviço, em nomear para o meu lugar chefe, idóneo pela sua patente, para o exercicio do alto cargo de comandante dessas fôrças».

Em 5 de Fevereiro, o ten.-cor. A. Roçadas recebeu do M. C. a comunicação de que (2) o «Govêrno, tendo no devido aprêço as nossas qualidades militares e serviços, concordava na necessidade de que a patente do comandante correspondesse ao efectivo destas e resolvera nomear para comandante das tropas em operações o general Pereira d'Eça»...

Num dos primeiros dias dêste mês, o general Pereira d'Eça fôra, com efeito, convidado para assumir o comando das fôrças e o govêrno da Provincia.

Em 9 do mesmo mês, o ten.-cor. Alves Roçadas, acusando a recepção daquela comunicação, solicitou autorização para, logo que entregasse o comando, retirar para Lisboa com os oficiais do seu Q. G. que desejassem acompanhá-lo.

Poucos dias depois da chegada a Mossâmedes (7 de Abril) do general Pereira d'Eça, foi a esta cidade o ten.-cor. A. Roçadas. Pediu-lhe o novo comandante que continuasse a comandar as tropas já estacionadas no planalto até ao início das operações,

---

(1) *Rel. A. R.*, pag. 222 e 223.
(2) *Rel. A. R.*, pag. 233 e 234.

«momento em que lhe daria a missão que as circunstâncias aconselhassem, e em harmonia com a sua categoria» (1).

Reservou o ten.-cor. Roçadas a sua resposta para quando o general Pereira d'Eça fôsse, como tencionava, aos Gambos.

Em fins de Abril, o general Pereira d'Eça visitou a região dos Gambos.

Em 27 dêste mês, o ten.-cor. A. Roçadas fêz publicar a dissolução da coluna sob o seu comando e a sua despedida das fôrças expedicionárias e coloniais. Embarcou em Mossâmedes em 9 de Maio, com alguns oficiais do seu primitivo Q. G. (2). O seu primeiro C. E. M., capitão Maia Magalhães, regressara anteriormente à Metrópole e fôra substituído pelo capitão do S. E. M. Conceição Mascarenhas.

Depois da saída do ten.-cor. A. Roçadas, foi nomeado comandante militar dos Gambos o coronel de infantaria Veríssimo de Sousa, tendo como C. E. M. o capitão Conceição Mascarenhas.

Os factos referidos decorreram dentro do que era razoável: —o primeiro comandante, terminado o acto de que fôra protagonista, deixava o novo comandante liberto de preocupações de carácter pessoal para poder exercer livremente a sua acção.

O general Pereira d'Eça embarcou em Lisboa, com o seu Q. G., em 5 de Março; chegou a Luanda em 21, donde partiu em 3 de Abril; em 7 dêste mês desembarcou em Mossâmedes.

O general Pereira d'Eça

O general António Júlio da Costa Pereira d'Eça tinha quási 63 anos quando foi nomeado comandante das fôrcas em operações no Sul de Angola. Não gozava de saúde que permitisse, sem risco, expor-se a fadigas intensas e a privações; a aceitação do comando foi, por isso, um acto de sacrifício, o cumprimento do seu dever de soldado.

Quando tenente e capitão, prestara, por várias vezes, ser-

(1) *Rel. P. E.*, pag. 16.

(2) Entre esles, o S. C. E. M., ten. Ernesto Machado, oficial que entre os scus camaradas expedicionários gozava do melhor conceito.

viço nas províncias de Moçambique e Cabo-Verde, tendo naquela tomado parte, em 1897, na campanha de Gaza.

O general Pereira d'Eça era considerado no meio militar como um oficial inteligente, bom conhecedor da sua arma de origem (artilharia), enérgico, demasiado livre na maneira como publicamente apreciava as faltas dos subordinados. A sua presença era agradável aos que cumpriam, mas inquietante para os indolentes ou menos competentes.

Pela sua austeridade e isenção, pelo fervor patriótico que punha nos seus actos, pela elevada noção que tinha do cumprimento do dever, pelo espírito de sacrifício de que a sua conduta era exemplo, impunha-se à consideração de todos os seus subordinados e *também daqueles de quem recebia ordens.*

O seu modo de ser, enérgico, dinâmico, e, ao mesmo tempo, uma possível abstracção das realidades materiais levavam-no a pôr, por vezes, precipitação na execução, com prejuízo do melhor rendimento.

O Pêra d'Aço lhe chamavam em Angola os soldados, aludindo à môsca que usava, e simbolizando a têmpera de aço da sua vontade.

A noção que tinha do cumprimento do dever levava-o a não ser pródigo em recompensas.

Os que tiveram a honra de ser escolhidos para seus imediatos colaboradores conheceram ainda outras qualidades — a estima que por êles tinha, a afabilidade com que os tratava, a contrastarem com a sua aparente rispidez.

A uma outra qualidade devemos especial referência — ao seu amor das responsabilidades, à confiança que depositava nos seus colaboradores escolhidos deixando-lhes o campo livre à iniciativa.

O seguinte episódio mostra o que dizemos.

Em fins de Junho, isto é, poucos dias depois de trabalhar-mos sob as suas ordens imediatas, ao terminarmos uma exposição sôbre a marcha dos serviços, o que com freqüência fazíamos, o general Pereira d'Eça disse-nos:

— Eu sei que o snr. encontra resistências, e eu preciso saber onde elas estão para as fazer desaparecer.

Respondemos:

— Não, meu general, eu não encontro outras dificuldades que não sejam as inerentes ao serviço. Como V. Ex.ª compre-

ende, estou há pouco tempo nestes trabalhos e preciso andar com prudência não vá acontecer...

Completando o nosso pensamento, o general Pereira d'Eça atalhou:

— Que saia asneira? Pois bem, eu aprovo as suas asneiras.

Um chefe que assim procede, ao mesmo tempo que estimula a iniciativa dos seus subordinados, impõe-se à sua admiração, à sua consideração; mais, conquista a sua dedicação, faz nascer o desejo ardente de bem servir.

Comando e govêrno

Sempre que se realizem operações importantes em regiões afastadas do Continente, há tôda a conveniência em que as funções de comando e de govêrno sejam concentradas na mesma pessoa.

São, assim, postos á disposição do comando todos os recursos da região e a autoridade necessária à execução, sem atritos ou dificuldades burocráticas, das medidas inerentes ao estado de guerra e exigidas pelas operações.

A função de comando deve ser considerada como a essencial; a de govêrno como acessória e dependente da primeira em quanto à sua duração.

Importa êste critério a existência de uma outra entidade com o encargo do exercício efectivo das funções governativas dentro da direcção superior do governador (e comandante), a fim de que êste possa dedicar o melhor da sua atenção à marcha das operações.

Acumulou o general Pereira d'Eça as funções do comando com as do govêrno da Província de Angola. Procedeu acertadamente o Govêrno Central (1).

---

(1) Em Março de 1916, com o convite para o comando da expedição a Moçambique, foi oferecido ao coronel Garcia Rosado o govêrno da Província.

Aceitando o comando da expedição em cumprimento do seu dever de militar, declinou o coronel Garcia Rosado o encargo de governar a Província.

Respeitando, como nos cumpre, as razões que terão levado o ilustre

Desta medida resultaram grandes vantagens para a marcha das operações.

Podemos dizer que as faculdades próprias do general Pereira d'Eça e o uso que fez das atribuïções governativas foram o principal factor do sucesso das operações.

Poderíamos citar muitos factos em confirmação da conveniência da doutrina que defendemos. Limitar-nos-emos a referir um episódio, simples mas expressivo.

No decurso dos trabalhos de preparação das operações, surgiu a necessidade imperiosa de aumentar o número de carregadores indígenas que executavam o transporte entre a estação-término do caminho de ferro e o pôsto da Quilemba. Depois de termos colhido as necessárias informações, propusemos que fôssem pedidos os carregadores a determinada circunscrição. Aprovada a proposta, foi feito telegràficamente o pedido.

Passados alguns dias, enquanto trabalhávamos com o S. C. E. M. e outros oficiais, estando presente o general Pereira d'Eça, foi recebida comunicação telegráfica do chefe da circunscrição informando que não tinha homens disponíveis.

O general Pereira d'Eça olhou para nós, como a preguntar:

— Que lhe parece?

Adivinhando a intenção, dissemos:

— As nossas informações dizem que devè ter.

O general Pereira d'Eça, com energia:

— Escreva: «Não lhe preguntei se tinha; mande».

O novo telegrama foi expedido; os carregadores foram mandados prontamente.

---

militar a proceder assim, devemos deixar expressa a nossa opinião de que o G. C. procedeu dentro dos bons princípios.

Porque é esta, talvez, a última referência que nêste trabalho, por associação de idéias, fazemos a Garcia Rosado, permita-nos o leitor uma pequena divagação.

Servimos durante algum tempo sob as ordens do coronel Garcia Rosado no E. M. E.; depois da sua promoção a general, voltámos a trabalhar sob a sua direcção no C. E. P. em 1918/1919, e, ulteriormente, no E. M. E.

O general T. A. Garcia Rosado foi o mais completo dos chefes militares sob cujas ordens servimos. Impos-se à nossa consideração pelo seu saber e competência profissional, pelo seu carácter, pela distinção do seu trato.

Que teria acontecido se o Comandante das Fôrças não fôsse também o Governador Geral? Numerosa correspondência, considerável perda de tempo com o correspondente atrazo para as operações, pelo menos...

E como êste muitos outros factos, uns de maior, outros de menor importância.

Quere isto dizer que as autoridades civis não sejam dedicadas? De modo nenhum; quere simplesmente dizer que elas não sentem, como quem tem as responsabilidades do comando, que as necessidades imperiosas da guerra devem preferir a tôdas as outras.

O projecto de Operações do general Pereira d'Eça

O estudo da documentação existente no M. C., feito com a colaboração do seu C. E. M., major do C. E. M. João Ortigão Peres (1), serviu de base ao general Pereira d'Eça para a elaboração do seguinte projecto de operações, (2) que, em Lisboa, submeteu à aprovação do Ministro das Colónias.

PROJECTO DE OPERAÇÕES

SITUAÇÃO

«Alemães. — Vencedores no combate de Naulila, mas tendo sofrido baixas importantes, não efectuaram a perseguição das nossas fôrças, e, tendo permanecido durante algum tempo no nosso território, terminaram por evacuá-lo, mantendo postos de observação na fronteira.

Indígenas. — Os do extremo sul de Angola, tendo assistido ao

---

(1) *Rel. P. E.*, pag. 4.

O major João Ortigão Peres era um oficial muito inteligente, com muita iniciativa e desembaraço, mais propenso à acção do que a trabalhos de preparação.

Servira nas Províncias de Cabo-Verde e Angola, tendo tomado parte na campanha do Bailundo (1902), onde alcançara a Tôrre e Espada.

(2) *Rel. P. E.*, pag. 83 a 86.

insucesso das nossas operações, estão, quási na totalidade, em rebelião declarada; os das outras regiões, como natural reflexo da situação do extremo sul, encontram-se manifestamente dispostos a, na primeira oportunidade, dar largas ao seu latente espírito de revolta.

Nossas fôrças. — As do Sul de Angola, tendo retirado em boa ordem de Naulila para o Humbe, continuaram depois em completa desordem a retirada do Humbe para os Gambos, como conseqüência do pânico originado pela destruïção do forte Roçadas, ficando abandonado todo o território para além dos Gambos; as das outras regiões são manifestamente insuficientes para sufocarem ràpidamente qualquer revolta local.

OBJECTIVOS

Como conseqüência desta situação, os objectivos que eu devo ter em vista são:

1.º — Reocupação de todo o território abandonado e conseqüentemente a reconquista directa do nosso prestígio sôbre o gentio do extremo sul de Angola e indirecta sôbre o gentio de tôda a Província;

2.º — Fornecer aos governadores elementos para sufocarem prontamente qualquer rebelião que, apesar dessa reconquista, se manifeste nos seus distritos;

3.º — Colocar o grosso das fôrças do meu comando em condições de:

a) — Fazer face a qualquer nova investida dos alemães, ou mesmo penetrar no seu território, vingando o insucesso de Naulila, se a situação permitir adoptar, sem perigo, uma atitude ofensiva;

b) — Simultâneamente, preparar a ocupação do território cuanhama;

c) — Cooperar com os nossos aliados da Africa do Sul, se êles forçarem os alemães a dirigir-se para a nossa fronteira.

OPERAÇÕES

Para alcançar os 1.º e 3.º objectivos montarei convenientemente a linha de comunicações entre Mossâmedes e os Gambos,

e, oportunamente, entre os Gambos e o Humbe; depois estabelecer-me-ei no Humbe com o grosso das fôrças do meu comando.

O Humbe é um centro de comunicações donde posso cobrir o planalto de Mossâmedes e cair sôbre os cuanhamas ou sôbre os alemães que tentem nova incursão, ou ainda basear as operações que tendam à invasão do território alemão.

Tudo leva a crer que a simples presença de um efectivo numeroso no Humbe tenha como conseqüência imediata o poder-se proceder sem resistência à ocupação do território cuanhama e ao restabelecimento dos postos abandonados; mas, se assim não suceder, obteremos êsse desideratum pela fôrça.

Não julgo verosímil que os alemães procurem a linha do Cubango para se internarem no nosso território, pois, se assim procedessem, deixando no seu flanco esquerdo as fôrças do meu comando, caminhariam para um completo aniqüilamento.

Os alemães, segundo as melhores opiniões, poderão dispor de um total de 4.000 homens de tropas regulares e 3.000 reservistas, mas, tendo de dividir as suas atenções por portugueses e ingleses, não é provável que se tornem a dirigir para a nossa fronteira com efectivos muito superiores aos que apresentaram no ataque a Naulila, e, sendo assim, cometeriam um êrro crasso em se internarem em território português, deixando as fôrças do meu comando na sua retaguarda, fôrças cujo efectivo de combate deverá orçar por uns 5.000 a 6.000 homens, na pior hipótese.

A entrada pelo Cubango só se deve esperar se os alemães vierem completamente acossados pelos ingleses e pretenderem encontrar no território português um refúgio, mas então a sua situação será de molde a serem fàcilmente desarmados.

Satisfeitas tôdas as minhas requisições, as fôrças do meu comando hão de dispor da maleabilidade precisa para fazer face a essa situação ou a qualquer outra que possa surgir nas proximidades da fronteira ou em qualquer ponto do território da província de Angola.

Para alcançar o 2.º objectivo, tratarei, logo que chegue a Angola, de dar aos governadores de distrito os recursos que julgar suficientes para sufocarem prontamente qualquer revolta local.

É meu propósito fugir o mais possível ao emprêgo de muitas colunas, pois a dispersão de fôrças é inconveniente e acarreta grandes embaraços em abastecimentos e transportes.

Uma coluna forte operando no Sul de Angola fará vantajosamente face a todos os incidentes que aí se derem e levantará o nosso prestígio em tôda a província, colocando-a numa situação que lhe permita esperar confiadamente o termo da guerra europeia.

Questões importantes a considerar para o bom êxito das operações são também a da vigilância da costa de Angola e a dos transportes marítimos entre Luanda, Lobito e Mossâmedes, questões estas para que o governador geral tem chamado a atenção do Govêrno e que eu, ao chegar a Luanda, certamente terei também de abordar, em harmonia com a situação que lá encontrar».

Em 2 de Março, isto é, três dias antes do embarque do general Pereira d'Eça, comunicou o M. C. que o «plano sôbre as operações militares a empreender no Sul de Angola» tinha sido aprovado, mas com as seguintes alterações no que respeitava ao 3.º dos objectivos indicados:

— que a redacção da alínea a) fôsse substituída pela seguinte: «Fazer face a qualquer incursão no território da Província e defender a sua integridade e a honra da Nação»;

— que sôbre o assunto da alínea c) «só possa haver qualquer procedimento de conformidade com as ordens ou instruções que pelo govêrno oportunamente forem dadas».

Depreende-se desta comunicação que o general Pereira d'Eça não recebeu, com o encargo do comando, a indicação precisa da missão que lhe era confiada, aliás não iria elaborar um projecto de operações que, em parte, não estava de acôrdo com as intenções do G. C.

Cabia ao Govêrno a orientação política da guerra: era, porém, seu dever informar o comandante das fôrças àcêrca da orientação a seguir relativamente aos alemães, pois isso era essencial para a preparação das operações.

Antes de embarcar, tentou ainda o general Pereira d'Eça obter esclarecimentos sôbre a nossa situação internacional no

Ministério dos Negócios Estrangeiros; embora recebido com a atenção que lhe era devida, nada conseguiu saber.

A atitude do Govêrno continuava a ser de neutralidade condicional, isto é, indefinida.

Transcrevemos do relatório oficial o seguinte período, no qual transparece um amargo e justo comentário:

«Seja-me permitido registar que a diplomacia portuguesa, sendo, por vezes, de uma indiscrição surpreendente, é, noutras ocasiões, de uma reserva tão impenetrável que torna a sua acção inútil para quem nela precise orientar a sua conduta».

O general Pereira d'Eça partiu, pois, com uma missão que consistia essencialmente no seguinte:

a) Submeter os povos sublevados;
b) Ocupar o território cuanhama;
c) Opor-se a qualquer nova incursão dos alemães, mantendo-se em atitude de espectativa em relação à possibilidade de operações ofensivas ulteriores.

Reorganização dos Serviços

A organização e instalação dos serviços deve preceder a execução das operações. O facto de assim se não ter feito em 1914 muito contribuiu para o insucesso das respectivas operações.

A nova fase das operações exigia uma remodelação completa dos serviços existentes, tanto na sua organização como no seu funcionamento; assim o entendeu e realizou o general Pereira d'Eça.

Trataremos os vários aspectos desta importante questão segundo a sua importância ou a ordem por que se apresentaram à resolução do Comando.

A acção do general Pereira d'Eça começou em Lisboa, desde a sua nomeação, onde, como durante a sua permanência em Luanda, se manifestou por importantes e úteis medidas.

Foi, porém, desde a sua chegada a Mossâmedes, isto é, desde que se encontrou em contacto com as realidades, que essa

acção se revestiu de maior interêsse. Vamos, por isso, acompanhá-la, reservando para a sua acção anterior as referências que resultarem oportunas.

O Q. G. do Comando Superior das Fôrças em Operações (1) foi instalado inicialmente em Mossâmedes.

Organização das linhas de comunicações

Várias modalidades foram adoptadas na organização das linhas de comunicações.

Quando, em 24 de Fevereiro, nos apresentámos no Q. G., nos Gambos, o território ao longo do qual aquelas linhas se estendiam, compreendia:

— a zona do interior, desde Mossâmedes até à Chibia, sob a autoridade do director dos serviços da zona do interior, ten.-cor. Castro Nazaré, como delegado do Governador Geral (2);

— a zona da retaguarda, estendendo-se daquela localidade para o Sul, sob a autoridade do director de etapas, subordinado ao Com. Exp.

Em 10 de Março, obtida autorização do Governador Geral, o ten.-cor. A. Roçadas modificou aquela divisão territorial. Assim, a O. S. n.º 40 da 2.ª Repartição do Q. G. determinava que a zona do interior passasse a compreender apenas o território de Mossâmedes à Quilemba, onde começava a zona da retaguarda. Além disso, os serviços da direcção de etapas passaram a ter delegados seus em Mossâmedes e Vila Arriaga (zona do interior).

Esta organização dos serviços adaptava-se à divisão administrativa da Província: a zona do interior correspondia ao distrito de Mossâmedes, a zona da retaguarda ao da Huila, de que era governador o ten.-cor. A. Roçadas. Era, sem dúvida, muito mais vantajosa do que a anterior, mas continuava a ser a causa de grandes inconvenientes pela dificuldade de coordenar a

(1) Do Q. G. fazia parte, como S. C. E. M., o capitão do C. E. M. António M. de Freitas Soares, oficial que gozava de muito bom conceito no meio militar.

(2) Esta organização da L. C. datava de meado de Janeiro; inicialmente, a zona do interior terminava em Vila Arriaga.

acção dos dois organismos, dependentes de autoridades diferentes.

Assim o reconheceu o general Pereira d'Eça, extinguindo a zona do interior.

A direcção de etapas, com sede em Mossâmedes, passou a exercer a sua acção desde esta cidade até à zona das operações (hoje chamada zona da frente).

O major de inf. A. E. Romeiras de Macedo foi nomeado director do serviço de etapas.

Criado o lugar de C. E. M. E., fomos nomeado para o exercer.

Caminho de ferro de Mossâmedes

Entre os vários meios de transporte que serviam as Fôrças em Operações, cabia o primeiro lugar ao caminho de ferro de Mossâmedes, pois êle constituia o único canal de reabastecimento entre o pôrto e o planalto; esta via férrea era a única linha de comunicação existente e possível através do extenso deserto que separa o litoral do planalto.

Na I P. dêste livro fazemos referência ao pequeno rendimento dêste caminho de ferro. Resultava isso da insuficiente capacidade de tracção das velhas e cansadas locomotivas ao serviço, facto que os recursos locais não permitiam remediar.

O deslocamento para o planalto de algumas das unidades dos sucessivos reforços da expedição contribuira para que se criasse uma situação difícil.

A situação que se apresentou ao general Pereira d'Eça é fácil de enunciar: estacionava em Mossâmedes uma dúzia de unidades que era necessário deslocar para o planalto; o caminho de ferro tinha, porém, um rendimento insuficiente, periodos havendo em que, como verificámos, êsse rendimento era inferior ao consumo das unidades já estacionadas no planalto, as quais, durante êles, viviam à custa dos depósitos.

Vários alvitres tinham surgido para resolver esta questão.

Norton de Matos, governador geral da Província até pricipio de Fevereiro, que tinha com grande interêsse acompanhado a marcha das operações e a ulterior evolução dos serviços de

transporte e reabastecimento, motivo que o levara em fins de Fevereiro a visitar o Norte do planalto de Huíla, dedicara a sua acção enérgica e inteligente a esta questão.

Efectuara várias diligências para a aquisição de locomotivas em Londres e no Congo Belga. Como não tivesse conseguido uma solução satisfatória, propusera ao G. C. a construção de um desvio partindo de Pedra Grande, pelo Chacuto, para o planalto. O G. C. não aprovara a proposta e determinara o prolongamento da via existente até ao qm. 185, determinação a que Norton de Matos dera imediato cumprimento e completara com a louvável iniciativa de mandar proceder ao estudo e construção de uma estrada ligando o término da linha férrea com o alto da Chela (Quilemba).

Fôra também sugerida a utilização do caminho de ferro de Benguela até ao Huambo (Nova Lisboa), prolongada daí a linha de comunicações, por estrada, para o Sul.

Tinha esta solução alguns defensores, e fôra preconizada por Norton de Matos na previsão de operações ao longo do Cunene e Cubango, caso em que, evidentemente, era aconselhável.

Desde, porém, que o general Pereira d'Eça entendia não dever preocupar-se com a região do Cubango, orientação que estava de acôrdo com o que dissemos na I P. dêste livro sôbre as linhas prováveis de penetração, e atribuia importância secundária às operações ao longo do Cunene, o que também está de acôrdo com o que dissemos, não estava de modo nenhum indicado criar uma nova linha de comunicações. Isso teria sido causa de uma grande perturbação para os serviços, a aumentar às dificuldades que já havia, e adiante referiremos.

Na guerra deve procurar-se para os serviços uma organização tão simples quanto possível; as eventualidades da luta e as condições inerentes aos homens se encarregam de a tornar complexa, como adiante também mostraremos.

Estudada a questão nos seus vários aspectos, pensou, e muito bem, o general Pereira d'Eça que a melhor solução estaria na aquisição de locomotivas com maior poder de tracção.

Obtida a necessária autorização do M. C., foram adquiridas três locomotivas na Cidade do Cabo. Tomadas prontas medi-

das para a sua adaptação à linha e para o seu transporte, chegaram as locomotivas a Mossâmedes em 12 de Junho. Àquelas medidas outras se seguiram para a sua rápida montagem, beneficiação do material circulante, reforço do pessoal das oficinas, etc.

Desde que as novas locomotivas entraram ao serviço, a situação modificou-se; em meado de Julho o rendimento do caminho de ferro excedia as necessidades das operações; em Agôsto era determinada a redução dos transportes militares pelo caminho de ferro.

Comissão de linha. — Em 28 de Abril foi constituída uma comissão de linha com o director de etapas, director do caminho de ferro e chefe do estado maior de etapas.

Estudou esta comissão detalhadamente a questão do caminho de ferro nos seus vários aspectos, e, por um maior esfôrço pedido ao pessoal, pela regulação dos transportes destinados ao comércio e outras medidas, conseguiu aumentar, um pouco, o rendimento dos transportes militares.

Um recurso infeliz. — Durante o período da crise do caminho de ferro, em Abril, deu-se um acidente que impediu o movimento de comboios durante um dia.

Deu isso motivo a uma proposta da direcção dos serviços de transporte para a ida de carros boeres (1) a Mossâmedes, a fim de aí receberem carga e a transportarem para o planalto, a qual foi aprovada pelo Comando Superior.

O que conhecia da vida do carro boer e das condições em que seria feito o trajecto entre Mossâmenes e o planalto, onde a água e o capim são muito raros, levou o C. E. M. E. a prever

(1) O carro boer é uma viatura volumosa e maciça, uma espécie de casa ambulante, puxada por uma espana ou sejam 8 a 10 juntas de bois. É montada sôbre fortes barrotes, assentando em dois robustos eixos, nos quais giram grandes e pesadas rodas.

Desloca-se através da simples picada ou através do mato, com a velocidade de uns 15 qm. por dia; transporta 2.500 quilos.

O grande número de bois que a puxam, condiciona o seu emprêgo, pois exige, em quantidade, capim e água.

um desastre. Como lhe cumpria, expos ao D. E. os inconvenientes que adviriam da execução da proposta, em vista das operações projectadas (1).

Apesar disso, porque a proposta fôra superiormente aprovada e porque o D. T. — um oficial justamente bem conceituado, como o era também o D. E. — instava pela sua execução, foi esta autorizada, sem que prèviamente fôssem verificadas as suas condições de exeqüibilidade.

Daí resultou a ida a Mossâmedes, entre 11 de Maio e 8 de Junho, de 85 carros boeres, mais não tendo ido porque os proprietários, conhecedores das dificuldades do trajecto e prevendo a perda dos carros, conseguiram evitá-lo.

Quais foram as conseqüências? No regresso ao planalto, a maior parte do gado morreu de fome ou de sêde, ficando grande número de carros, com a sua carga, abandonado ao longo do trajecto, onde ainda se encontravam alguns em fins de Setembro, apesar dos esforços feitos para os levar até ao planalto. E, em conseqüência disto, grande prejuizo: para o serviço de transportes no planalto, o que se reflectiu na preparação das operações; para a Fazenda Nacional, pela perda de carga e pelas indemnizações que teve de pagar.

Foram estas conseqüências que o C. E. M. E. pretendera evitar.

Mossâmedes

A cidade de Mossâmedes coube, durante tôda a campanha, um papel de grande importância.

Serviu simultâneamente de pôrto de desembarque (e embarque) e de estação de depósito.

Mossâmedes, pôrto de desembarque — O serviço das fôrças expedicionárias, inicialmente a cargo de particulares, estava, à data da chegada do general Pereira d'Eça, confiado à Capitania do Pôrto, a qual lutava com grandes dificuldades por falta de meios.

(1) *Rel P. E.* (A), pag. 186.

Dotada, depois, com um escaler a vapor, dois batelões de ferro de 55 T., duas lanchas de madeira de 15 T., duas pontes flutuantes e outro material (1), viu melhoradas as suas condições materiais e conseguiu reduzir consideràvelmente o tempo necessário à descarga dos vapores.

Mossâmedes, estação de depósito — Coube a Mossâmedes a importante função de receber os reabastecimentos de tôda a espécie e de os expedir pelo caminho de ferro.

Enorme foi o movimento que daí resultou, enorme também o trabalho despendido. Infelizmente, porém, por deficiências alheias e próprias, não se tirou dêsse trabalho o melhor rendimento.

Colocando em primeiro lugar as dificiências alheias, queremos referir-nos ao êrro de se ter pedido aos serviços de Mossâmedes, durante os primeiros meses, um esfôrço e função superiores ao que permitiam os seus recursos em pessoal e meios materiais.

Os desembarques de pessoal no pôrto deveriam ter sido precedidos da preparação de quartéis onde as tropas pudessem aguardar o seu embarque no caminho de ferro para o planalto, e das necessárias medidas nos serviços de saúde e higiene. Não se procedeu assim, e daí resultaram, talvez, perdas de vidas que poderiam ter sido evitadas.

As grandes remessas de material expedido do Continente deveriam ter sido precedidas da montagem dos serviços de recepção, guarda, conservação e expedição. Não se procedeu assim, e daí resultaram grandes prejuizos para a Fazenda Nacional e, também, grandes perturbações para os serviços.

Conservamos ainda no nosso espírito, e já lá vão 27 anos, a dolorosa impressão que nos causou o que vimos na praia de Mossâmedes, onde, a êsmo, se amontoavam e sucediam os víveres, as munições, as viaturas e material de tôda a espécie.

Que triste demonstração de desorganização oferecia a praia!

Felizmente, como diz o D. E. no seu relatório, não chovia em Mossâmedes e não havia aí a salalé; mas a acção destruïdora do sol e do cacimbo, exercendo-se livremente, e as natu-

(1) *Rel. P. E.*, pag. 117.

rais conseqüências de um serviço de guarda insuficiente, em quantidade e qualidade, eram causa de grandes prejuizos.

Com a instalação da D. E. em Mossâmedes, e mercê de outras medidas determinadas e autorizadas pelo general Pereira d'Eça, como construção de hangares, barracões e paiois, compra de encerados, etc., êste estado de coisas modificou-se.

Quando em 14 de Abril voltámos a Mossâmedes, a cidade já não parecia a mesma de dois meses antes: havia higiene, o estado sanitário melhorara; na praia procedia-se a um trabalho louvável de ordenação.

Nunca foi possível guardar os víveres e material como seria conveniente; mas foi dada ordem às coisas: foram, até onde o permitiam os recursos realizáveis, acautelados os interesses da Fazenda Nacional.

As expedições do Continente — Fêz o general Pereira d'Eça em Lisboa as requisições de víveres e material que julgou necessárias em vista das operações projectadas, e instou pela satisfação da requisição de 80 camiões e 150 carros alentejanos anteriormente feita pelo governador Norton de Matos, exigindo (1) que metade dêstes meios de transporte estivesse em Mossâmedes em 1 de Abril e os restantes em 1 de Maio.

Infelizmente, as promessas da sua satisfação não foram cumpridas com o rigôr e pontualidade requeridas (2); daí resultaram dificuldades que se fizeram sentir em todo o decurso das operações.

Propos o general Pereira d'Eça a criação de uma comissão, junto do M. C., constituída por três oficiais (S. E. M., Art.ª e S. Ad. M.), a qual teria a seu cargo a expedição dos artigos de tôda a natureza (3). Apesar das suas diligências, não foi a proposta aprovada.

A existência, em Lisboa, dessa comissão teria sido de grande vantagem não só para as operações como para os inte-

(1) *Rel. P. E.*, pag. 8.

(2) *Rel. P. E.*, pag. 9

(3) Ofício do general Pereira d'Eça, de 11 de Abril, para o M. C. — *Rel. P. E.* (A), pag. 138.

rêsses da Fazenda Nacional. A comissão entender-se-ia com as entidades oficiais, evitando ou reduzindo as complicações burocráticas entre os Ministérios das Colónias e da Guerra; acompanharia, com interêsse, junto dos estabelecimentos fornecedores, a satisfação das diversas requisições; finalmente, dirigiria, sob a sua responsabilidade, as remessas de tôda a espécie, conforme as conveniências directas das operações.

O M. C. não o entendeu conveniente; cabe-lhe, por isso, a responsabilidade dos grandes prejuízos que do seu modo de ver resultaram para a Fazenda Nacional, bem como dos graves riscos que as operações, por vezes, correram.

As expedições eram feitas de maneira desordenada; o material era embarcado com a simples designação de «Reforço Expedicionário»; os conhecimentos de carga chegavam às vezes um mês e mais depois do material desembarcado (1).

Não sendo possível conferir a carga dos numerosos e volumosos caixotes, é fácil supor os prejuízos que daí poderiam resultar para a Fazenda Nacional; não havendo indicações do que êles continham, é também fácil supor os inconvenientes que daí resultavam para os serviços.

Ao B. I. 19 só em 6 de Abril foi possível distribuir o armamento; em 11 do mesmo mês, as Bat. de Artilharia 3, 7 e 8 ainda não tinham peças nem arreios (2).

Como se isto não bastasse, outras circunstâncias agravavam ainda o mal, como a remessa de víveres não aconselhados para a região onde seriam consumidos, a remessa de artigos fabricados com matéria-prima de inferior qualidade, e outras que nos abstemos de mencionar.

E' indispensável, como já dissemos, não só que as unidades expedicionárias embarquem com as suas dotações regulamentares completas, mas ainda que fique assegurado, de maneira inteiramente segura e regular, o serviço dos reabastecimentos de tôda a espécie; de contrário, surgirão para os comandos dificul-

(1) Ofício do general Pereira d'Eça, de 11 de Abril, para o M. C. — *Rel. P. E.* (A), pag. 138.

(2) Idem.

dades que não poderão vencer, e para as tropas privações que à autoridade que as faz embarcar cabe o imperioso dever de evitar.

Reconhecimento do planalto

Ao mesmo tempo qne orientava os serviços instalados em Mossâmedes e levava as unidades aí estacionadas a uma instrução intensa, procurou o general Pereira d'Eça conhecer as condições em que no planalto se encontravam as unidades e os serviços.

Para êste fim, determinou que uma missão de cinco oficiais (S. E. M., Inf., Art., Eng. e S. Ad. M.) procedesse ao reconhecimento da região compreendida no triângulo Lubango-Gambos-Cassinga, a qual partiu de Mossâmedes em 17 de Abril.

Entretanto, em fins do mesmo mês, partia o general Pereira d'Eça, com o seu C. E. M., em visita à região Lubango-Gambos.

Esta viagem, feita de automóvel, mostrou-lhe a possibilidade do emprêgo de meios de transporte autos, o que muito o satisfez, pois tinha ouvido algumas opiniões contrárias a essa possibilidade.

A missão enviada ao planalto, tendo percorrido quási tôda a região em camião *Fiat,* colheu, entre outras, as seguintes informações (1):

— as carreiras dos carros boeres podiam com facilidade ser adaptadas ao trânsito automóvel;

— o planalto poderia apenas fornecer carne, água de cacimbas (pouco abundante) e do Cunene, e lenha;

— padarias particulares e das guarnições forneciam pão às unidades, com farinha dos depósitos de etapas;

— as dotações dos depósitos de etapas, com excepção dos de Lubango e Chibia, eram insuficientes; muitos géneros estavam deteriorados;

— nenhuma das unidades dispunha de reserva de fardamento; nalgumas faltavam artigos da dotação individual;

— o B. I. 14 e as 15.ª e 16.ª C. I. M. não tinham T. R.;

(1) *As Operações no Sul de Angola em 1914-1925,* do brig. Freitas Soares, pag. 97.

— as unidades do distrito estavam em quási completa desorganização.

As informações fornecidas pela missão e o que pessoalmente observou, serviram ao general Pereira d'Eça para orientar a sua acção relativamente aos serviços.

A situação em fins de Maio

Em Luanda, numa conferência com o cônsul inglês, a pedido dêste, soube o general Pereira d'Eça que o general Botha tinha iniciado já as operações contra os alemães da Dâmara.

Em 23 de Março, comunicava ao M. C.: «Cônsul inglês recebeu do seu Govêrno instruções para servir intermediário entre União Sul-Africana e êste Govêrno relativamente a operações de guerra. Govêrno Inglês mantem-se estranho a estas informações sendo seu delegado aqui via comunicações ùnicamente. Cônsul inglês pediu informações sôbre efectivos e situação fôrças no Sul de Angola e sôbre projecto operações a fim de informar União Sul-Africana.

Informei fôrças que disponho, local onde tenciono concentrá-las e quanto a operações contra alemães dependente da atitude dêstes e forma como decorrerem operações realizadas por ingleses e instruções que receber de V. Ex.ª.

Informei mais só depois 15 de Maio poderei começar operações se fôrem satisfeitas tôdas minhas requisições prazos que deixei aí indicados.»

Em 30, ainda de Luanda, em ofício ao M. C., diz ter aceitado o comando por terem sido aprovadas as suas propostas, refere as deficiências com que embarcaram as unidades, expõe a situação militar e termina instando pela satisfação urgente das suas requisições.

Em 29, o M. C. comunicava em telegrama, recebido em Luanda depois de expedido o ofício de 30: «Queira V. Ex.ª até que receba instruções formais relativas propósito Govêrno guardar suas relações políticas cônsul inglês amigáveis reservas respeito qualquer acção militar defesa nossos privativos interêsses. Próxima mala esclareço situação...»

Com efeito, em ofício de 30, o M. C. diz: ...«Não careço de recomendar a V. Ex.ª a presteza na acção eliminadora das rebel-

dias, que a Nação encara com vivissima ansiedade, tantos e tão avultados são os prejuizos de vária ordem que a oprimem... Duas hipóteses podem ser previstas, e a respeito delas vou indicar a V. Ex.ª quais são as resoluções do Govêrno, antepondo ao meu dizer, sôbre essas hipóteses, a seguinte inequívoca declaração: Portugal não é neste momento beligerante, tendo por inimigo a Alemanha; mas se hostes armadas sob a bandeira desta nação vierem invadir qualquer parte do território português, ficam desde logo rôtas *in loco* tôdas as boas relações de vizinhança, e se não se renderem incondicionalmente os indivíduos que formam essas hostes, devérão ser rechaçados para além da fronteira pelas nossas fôrças militares e tratados como inimigos sujeitos ás leis da guerra...»

Em 5 de Maio, o general Pereira d'Eça, em resposta ao ofício anterior, diz:... «Nas instruções a que me estou referindo, digna-se V. Ex.ª chamar a minha atenção para a questão indigena e para o caso de uma invasão das tropas do SO. alemão, frisando principalmente a questão indigena, por ser esta a que mais apaixona a opinião pública, ou antes, como V. Ex.ª se digna dizer, «que a Nação encara com vivissima ansiedade...»

Quanto á atitude dos indigenas, as informações que tenho dão-me o seguinte: o Humbe, logo que vir começar o avanço das tropas para o seu território, submete-se, e, submetido ou batido, há de ser devidamente castigado; o Cuamato está nas mesmas circunstâncias; o Cuanhama é que há de apresentar resistência, principalmente na povoação em que está a mãe do soba...

Eu peço a V. Ex.ª que me não suponha animado de pruridos de militarismo; o que eu entendo, e por o julgar patriótico, é que devo estar preparado para, no caso de pretenderem as fôrças alemãs invadir, com as armas na mão, o nosso território, levantar o prestigio e a dignidade nacional; isto primeiramente; depois a questão indigena...»

Deduz-se do final do telegrama de 23 de Março que o general Pereira d'Eça tinha, nessa data, a intenção de iniciar as operações em fins de Maio, o que a situação dos serviços lhe não permitiu fazer.

Deduz-se também dos oficios trocados entre o M. C. e o general Pereira d'Eça que aquele considerava a questão indigena independente da questão alemã, enquanto o general Pereira

d'Eça entendia não dever empreender a reocupação dos territórios sublevados ou a ocupação do Cuanhama sem simultâneamente estar preparado para a eventualidade de nova incursão alemã.

O G. C. via mal a questão; com o general Pereira d'Eça estava o bom critério.

Em 24 de Maio, informações recebidas no C. S. levavam a admitir a possibilidade de nova incursão alemã quer na direcção do Humbe, quer pelo Cubango.

Daí resultou a criação, em 27, do comando militar da região de Cassinga (Destacamento de Cassinga), ao qual foram atribuídas algumas das unidades estacionadas no planalto da Huila; as restantes foram destinadas a fazer face a qualquer tentativa na direcção dêste planalto.

Esta solução é lógica; é a que a situação permitia.

Destacamento de Cassinga

Transcrevemos do relatório do general Pereira d'Eça:

«É criado desde já o Comando Militar da Região de Cassinga, cuja acção político-militar se exercerá sôbre tôda a região do distrito da Huila, desde Capelongo até ao vale do Cubango. A sede do Comando será inicialmente em Capelongo.

1.º — A missão do Comando Militar de Cassinga consistirá:

a) — A observar quaisquer movimentos de fôrças alemãs ou indígenas que tentem avançar pelo vale do Cubango ou do Cuïto com o fim de penetrar no nosso território ou procurar recursos existentes no mesmo;

b) — A opor-se a êsses movimentos não se empenhando a fundo a não ser que circunstâncias favoráveis permitam uma acção enérgica e de resultados garantidos;

c) — Caso as circunstâncias não permitam uma acção enérgica e de resultados garantidos, demorar o avanço das fôrças inimigas até ser convenientemente reforçado ou apoiado;

d) — Caso as fôrças alemãs entrem no nosso território na qualidade de emigradas, desarmar os indivíduos que compõem as referidas fôrças, apreendendo-lhes todo o armamento e material considerado de guerra;

e) — Comunicar ao Comando Superior todos os movi-

mentos relativos ao inimigo e às próprias fôrças, de modo a ter o referido Comando sempre ao corrente da situação.

2.º — Para o desempenho da sua missão, o Comando Militar de Cassinga dispõe:

a) — De um comando;

b) — De um batalhão de infantaria, uma bateria de metralhadoras, um esquadrão de dragões e uma bateria de artilharia montada (1), e dos serviços auxiliares correspondentes que lhe forem atribuídos;

c) — De tôdas as guarnições e postos militares existentes na região de Cassinga.

3.º — A composição do comando será a seguinte;

a) — Comandante, major João Júlio dos Reis e Silva;

b) — Adjunto do S. E. M., exercendo as funções de C. E. M., capitão João Carlos Pires Ferreira Chaves;

c) — Delegado do chefe do S. V., tenente João Jorge Lobato Guerra;

d) — Delegado do chefe dos S. Adm., tenente Edgar Cardoso;

e) — Do restante pessoal necessário à acção do Comando, escolhido nas mencionadas unidades.

4.º — As tropas que constituem a guarnição do Comando Militar de Cassinga serão abastecidas pela linha Lubango ou Chibia — Quipungo — Capelongo, devendo as requisições para abastecimentos ser directamente feitas pelo Comando do Destacamento ao Director de Etapas ou a um seu delegado que expressamente seja nomeado para êsse efeito.»

À disposição do Comando de Cassinga foram postos, além dos elementos indicados, 500 auxiliares bailundos, inicialmente destinados a trabalhos de viação e fortificação, os quais foram depois empregados como auxiliares de guerra.

Acção de Tchipelongo

A atitude do gentio do Humbe continuava a ser-nos hostil. Desde 7 de Maio guarnecia o pôsto avançado de Cahama

(1) Não chegou a receber a bateria de artilharia.

um destacamento (1) sob o comando do 1.º tenente Afonso Júlio de Cerqueira, constituído pela 1.ª Companhia de Marinha (destacada do Batalhão, em Forno da Cal) e 15.ª C. I. M., esta comandada pelo tenente Humberto de Ataíde.

Em 25 do mesmo mês, o destacamento deslocou-se para Tchicusse, que ficou sendo o pôsto mais avançado.

No dia 28, apresentou-se em Tchicusse o superior da missão de Tchipelongo, padre Bellet, pedindo auxílio para poder retirar a missão, pois o gentio a tinha cercado e ameaçava atacá-la, o que, segundo lhe constava, faria no dia imediato; o gentio revoltado tinha já atacado os chilongos (habitações) próximos da missão, habitados por indígenas que se conservavam fiéis.

Por Cahama, mandou o 1.º tenente Cerqueira um telegrama ao Q. G. pedindo autorização para prestar o auxílo requerido, e informando que o prestaria se até às 17 h. não recebesse resposta, em virtude da urgência com que era necessário actuar.

Não tendo esta sido recebida, às 17 h. 45 partiu de Tchicusse um pequeno destacamento, constituído por um pelotão de Marinha, comandado pelo 2.º tenente Botelheiro, e por um pelotão de Landins, comandado pelo alferes Losa. Comandava o destacamento o 1.º tenente Cerqueira; acompanhava voluntàriamente o destacamento o tenente Humberto de Ataíde.

Na madrugada de 29, chegou o destacamento à missão. Ao estabelecer-se entre esta e as libatas (grupos de habitações indígenas), foi violentamente atacado pelo gentio. Reagiu enérgica e hàbilmente o destacamento, continuando, porém, o tiroteio, com intervalos, até às 13 horas.

Às 15 horas, o destacamento retirou protegendo os missionários, pessoal e haveres da missão.

Durante a acção foram feridos o 1.º tenente Cerqueira, o tenente Ataíde, duas praças de marinha e quatro landins.

O gentio sofreu muitas baixas entre feridos e mortos, contando-se, entre êstes, três parentes do soba do Humbe.

Foi êste o primeiro contacto entre as tropas sob o comando do general Pereira d'Eça e o gentio revoltado.

Nesta primeira acção revelaram-se as qualidades combati-

(1) Batalhão de Marinha Expedicionário a Angola, do 1.º tenente Fernando de Oliveira Pinto.

vas dos dois distintos oficiais, Cerqueira e Ataide, bem como dos oficiais e praças sob o seu comando.

Os serviços no planalto

Deslocamento do C. S. para o planalto

A chegada a Mossâmedes, em 12 de Junho, das locomotivas adquiridas na Cidade do Cabo assegurava a solução satisfatória, dentro de curto prazo, da delicada questão do caminho de ferro.

Dos almejados 80 camiões, tinham chegado 10 a Mossâmedes em principios de Junho, dos quais 9 estavam no Lubango em 15 do mesmo mês; os restantes 70 eram esperados dentro de poucos dias.

Êstes dois factos e o desejo de apressar e intensificar a preparação das operações levaram o general Pereira d'Eça a dirigir a sua atenção para o planalto. Para aí partiu em 15 de Junho, acompanhado do S. C. E. M. e do Chefe dos Serviços Administrativos do C. S., major Francisco Segurado Acheman. O C. E. M. ficou em Mossâmedes com a incumbência de ultimar a mobilização das unidades aí estacionadas, activar a montagem e entrada ao serviço das locomotivas, promover o transporte dos automóveis para o planalto, etc.

Por determinação do general Pereira d'Eça partiu também na mesma ocasião para o planalto o C. E. M. E., com a seguinte missão, que lhe foi dada pelo D. E.:

«Visitar as linhas de etapas e regular o seu fnncionamento, tendo em vista:

a) — Harmonizar as dotações dos depósitos de géneros, ordenando a transferência, duns para outros depósitos, dos géneros precisos para que ficassem, quanto possível, completas as rações normais, de reserva, etc.;

b) — Dar ao Lubango a acção reguladora dos abastecimentos das duas linhas (Gambos e Cassinga) em face dos efectivos então existentes;

c) — Tratar do abastecimento de água na linha principal de etapas;

d) — Regularizar o serviço de transportes segundo as bases pelo C. E. M. E. apresentadas.»

No qm. 183, término do caminho de ferro, ao apear-se da carruagem, o general Pereira d'Eça chamou o C. E. M. E. e disse-lhe: «Mande víveres e munições; é o que preciso.»

Imediatamente à sua chegada ao Lubango, o general Pereira d'Eça informou o C. E. M. E. do que tencionava fazer sob o ponto de vista das operações, deu-lhe instruções gerais sôbre a orientação dos serviços, disse-lhe que era seu propósito acompanhar de perto a marcha dos respectivos trabalhos, e autorizou-o a tomar as medidas urgentes que as conveniências do serviço exigissem. O seu interêsse pelos serviços levou-o até ao ponto de, com o S. C. E. M., visitar os postos de etapas, visitas em que o C. E. M. E. o acompanhou.

Linhas de etapas

Foram montadas no planalto as seguintes linhas de etapas (esbôço n.º 1):

a) — Linha principal de etapas.

Até à marcha para o Humbe, esta linha, partindo do qm. 183 (c. f.), passava por Quilemba, Lubango, Chibia, Gambos e terminava em Cahama.

Depois da reocupação do Humbe, foi prolongada por Tchicusse até Humbe-Chímbua, e Humbe-F. Roçadas.

b) — Linha secundária de etapas.

Esta linha, partindo do Lubango, seguia por Quipungo e Capelongo até Cassinga.

Era especialmente destinada ao reabastecimento das fôrças do Comando Militar da Região de Cassinga.

c) — Linha eventual (linha do Chacuto).

Pode assim considerar-se a que, partindo do pôsto de Munhino (est. do c. f., qm. 118), seguia por Capangombe até Chibia, com a extensão de 130 qm.

Em 16 e 17 de Junho realizaram-se conferências no Lubango, a que assistiram o S. C. E. M., o Chefe dos S. Adm. do C. S., o Com. e o C. E. M. da Região de Cassinga, e o C. E. M. E.

Mostrou o Com. de Cassinga a necessidade de ficar assegurada a sua liberdade de acção, o que estava dentro do bom critério, dadas as condições em que poderia vir a actuar.

Definida já a constituïção do respectivo destacamento, restava pôr à disposição daquele comando os meios necessários no que respeitava aos serviços.

Foi esta questão estudada nos seus vários aspectos.

A conveniência da subordinação directa da linha secundária de etapas ao Comando de Cassinga foi logo reconhecida.

Encarada a questão dos reabastecimentos, o Lubango apresentou-se naturalmente como a fonte dos reabastecimenos de tôda a espécie.

Sob o ponto de vista de transportes, a questão apresentou-se mais complexa. Era evidente a vantagem de ao Comando de Cassinga serem atribuídos alguns camiões. Mas tudo fazia prever que as operações mais importantes viriam a desenvolver-se no Baixo Cunene; além disso, as impressões colhidas pelo C. E. M. E. na sua visita às oficinas de camiões do Lubango, assunto a que adiante é feita referência, levaram-no a pensar que o emprêgo dêste meio de transporte estaria sujeito a muitas contingências. Parecia, por isso, de boa prudência não dispersar os camiões; assim, a solução adoptada foi a de atribuir ao Comando de Cassinga os carros boeres julgados necessários, solução que o decurso das operações veio mostrar ter sido a mais conveniente.

Foi resolvido:

— que a linha secundária de etapas, a cargo do cap. Carlos Cabral, como delegado da D. E., ficasse directamente subordinada ao Comando Militar de Cassinga;

— que as requisições de subsistências e material de tôda a espécie fôssem feitas pelo delegado de etapas ao Comando de Etapas do Lubango, o qual os poria nesta localidade à sua disposição;

— que à disposição do Comando de Cassinga fôssem postos 100 carros boeres, dos quais 77 o foram desde logo, ficando a entrega dos 23 restantes dependente da satisfaçãao de requisição feita ao govêrno do distrito de Benguela;

— que a linha secundária ficasse, para efeitos de contabilidade e fiscalização, dependente da D. E.

A cargo do Comando de Cassinga ficava o aproveitamento dos recursos do distrito de Benguela, pela linha Huambo-Cassinga.

Os depósitos do Lubango constituiam, senão a principal, pelo menos a mais segura fonte dos reabastecimentos do Destacamento de Cassinga; o concurso do distrito de Benguela ficou aquém do que fôra previsto (1) e foi obtido com dificuldade, como se deduz do seguinte telegrama, documento de muito interêsse sob vários pontos de vista:

«Gambos — 2. 7.º 1915 — Maior etapes, Lubango — General manda comunicar telegrama recebido hoje Capelongo comandante Destacamento Cassinga: «Envio cópia telegrama chegado hoje encarregado govêrno Benguela: referência seu 22 informo Vexa nenhuns carros contratados tenente Sárrea visto não ter sido aprovado tal contrato por ser prazo longo assim ficou sem efeito tenente Sárrea seguiu Mossâmedes. Do Huambo seguiram já em 24 corrente seis carros para Cassinga restantes requisitados seguirão brevemente. Tenho envidado todos esforços execução imediata ordens mas dificuldades várias ocasionam demora. Encarregado Govêrno». «Pôsto há géneros para trinta dias e forragens para 5 dias. Faltando o fornecimento Benguela esta coluna sem os carros nem géneros prometidos tem sotrer demora para procurar administrar-se independentemente se Vexa não determinar outra coisa». Sóbre êste assunto General mandou seguinte telegrama Encarregado Govêrno Benguela: «Indispensável e urgente abastecimento víveres forragens Destacamento Cassinga ser feito por Benguela. Autorizo entender-se com comandante Destacamento e satisfazer tudo que pedir; *empregue todos os meios mesmo violentos obter carros, víveres e forragens; autorizo tôdas despesas sejam o que forem; o que quero é que se façam custe o que custar*». General determina que sem prejuizo abastecimento diário tropas actualmente Sul linha Gambos Pocolo inclusivé Vexa proceda modo remediar faltas a que se refere telegrama Militar Cassinga. Para êsse efeito Vexa poderá adiar para 30 corrente constituïção definitiva depósito Gambos para efectivo que sabe. Vexa pôr-se-á comunicação Militar Cassinga comunicando-lhe providências que tomar e informará Comando Superior medidas tomadas. Sub-Chefe.»

(1) *Rel. P. E.* (A)., pag. 531.

O Destacamento de Cassinga não chegou a dispor da totalidade dos carros boeres que lhe tinham sido atribuidos por não terem sido obtidos todos os requisitados ao distrito de Benguela.

Foram com freqüência empregados camiões entre Lubango e Capelongo.

O Destacamento de Cassinga dispos de 27 camelos, que foram de reconhecida utilidade, especialmente quando teve que percorrer regiões onde a água faltava.

O comando e as unidades dispuseram de carros alentejanos.

Organização da L. P. E.

Depois de remodelada segundo as indicações recebidas do general Pereira d'Eça, relativas tanto às operações como aos deslocamentos preparatórios das unidades, a organização da L. P. E., no último período das operações, era o seguinte:

Vila Arriaga — qm. 183	E. T. E.
Lubango — Quilemba	B. E. E.
Chibia	P. P. E.
Quihita	P. E.
Gambos	P. P. E.
Binguiro	P. E.
Cavaláua	P. E.
Cahama	P. E.
Ediva	P. E.
Tchicusse	P. E.
Humbe — Chimbua	T. E. E.

Vila Arriaga — qm. 183 constituía o término da linha férrea.

Lubango — Quilemba (B. E. E.).

A vila de Lubango, sede do distrito, era a povoação mais progressiva do planalto; gozava de boas condições climatéricas; dispunha de bastantes recursos.

A circunstância de ser a povoação mais próxima do c. f. e o ponto de irradiação das duas linhas de etapas, principal e secundária, levou a atribuir-lhe a importante função de recepção

de todos os reabastecimentos vindos de Mossâmedes, e de reguladora dos reabastecimentos para a frente.

Foram instalados no Lubango os principais orgãos (direcção e execução) dos serviços no planalto; o serviço de saúde encontrou aí favoráveis condições para a sua instalação, tanto sob o ponto de vista de recursos como de clima.

O pôsto da Quilemba, no alto da serra, sendo apenas destinado a receber os artigos transportados pelos carregadores indigenas desde o qm. 183, e a guardá-los até ao seu transporte para o Lubango, passou a ser considerado como um anexo da B. E. E.

Foram instalados no Lubango:

S. Eng. — Parque e oficinas de reparação
» Art. — » » » » »
» Adm. — Depósito central de subsistências e fardamento, parque de reses e padaria.
Desde Julho: Rep. S. Subs. — Fard. e Rep. S. Cont. — Fisc.
» Saúde — Hospital fixo e dep. central de medicamentos e material sanitário.
» Vet. — Enfermaria e dep. de material.
» Teleg. — Estação e dep. de material.
» Postal — »
» Transportes — Direcção; oficinas de reparação de camiões e carros alentejanos e boeres.

Chibia (P. P. E.).

Esta povoação, situada na confluência da linha do Chacuto com a L. P. E., oferecia alguns recursos.

Como o caminho pelo Chacuto se encontrava em más condições e era de prever (como aconteceu) que as unidades estacionadas em Mossâmedes sofreriam importantes avarias nas suas viaturas quando se deslocassem para o planalto, deu o C. E. M. E. o possível desenvolvimento ao serviço de reparação de viaturas.

Foram instalados na Chibia:

Dep. de material de engenharia.
» central de munições.
» de subsistências e padaria.
Pôsto de socorros veterinário.

Desp. de material telegráfico.
Delegação do S. T.; oficinas de reparação de carros alentejanos e boeres.
Dispunha de estação telegráfica e postal.

Quihita (P. E.) — Dep. de subsistências.

Gambos (P. P. E.).

Nesta localidade esteve instalado o Q. G. do ten.-cor. A. Roçadas; depois da sua partida, foi sede do respectivo Comando Militar.

Era o ponto de ligação com o pôsto do Pocolo.

Era o término da primeira etapa dos camiões partindo do Lubango.

Dispunha de algumas instalações, embora rudimentares.

Enquanto houve possibilidade de operações contra os alemães, foi considerado como o local onde conviria fazer a principal concentração de víveres (60 dias de víveres e forragens) para o reabastecimento das fôrças; depois da rendição dos alemães, esta função passou para o Humbe; o pôsto dos Gambos continuou, porém, a desempenhar um papel muito importante tanto sob o ponto de vista de reabastecimento de víveres como de transportes.

Foram instalados no pôsto dos Gambos:

Dep. de material de engenharia e oficina de reparação.
Dep. de munições e oficina de reparações de material de guerra.
Dep. de subsistências e padaria.
Hospital temporário e dep. de medicamentos e material sanitário.
Pôsto de socorros veterinário e dep. de material.
Delegação do S. T. e oficinas de reparação de camiões e carros.
Dispunha de estação telegráfica e postal.

Teve, temporàriamente, como anexo, um dep. de subsistências em Forno da Cal.

Binguiro (P. E.) — Dep. de subsistências.
Cavaláua (» ») — » » »
Cahama (» ») — » » »

Ediva (P. E.) — Oficina de reparação de camiões.
Tchicusse (» ») — Dep. de subsistências e estação telegráfica.

Humbe (T. E. E. e B. O.).

Pela sua situação, coube ao Humbe uma função importante durante as operações para a reocupação do Cuamato e ocupação do Cuanhama.

Foram instalados na B. O.:

Com. M.ar da B. O.
Sede do C. E. M. E., até 29 de Agôsto.
Dep. de material de engenharia.
» » subsistências, padaria, parque de reses e rebanho de reabastecimento.
Hospital temporário.
Enfermaria veterinária.
Oficina de reparação de camiões.
» » » » carros.

A B. O. estava ligada pelo telégrafo (telefone) com os principais postos de etapas.

Em 26 de Agôsto, foi criado um depósito de subsistências na testa de ponte da Chimbua; para aí deslocou em 29 do mesmo mês o C. E. M. E. a sua tenda de campanha.

Extensão da L. P. E. (1).

Qm. 183 — Quilemba	8 qm.
Quilemba — Lubango	19 »
Lubango — Gambos	130 »
Gambos — Humbe	165 »
Humbe — Chimbua	20 »
Vila Arriaga (est.) — Lubango, para carros boeres	70 »

(1) Indicações complementares, carta de 1934:

Distâncias		Altitudes	
Humbe — F. Roçadas	10 qm.	Vila Arriaga (est.)	918 m.
F. Roçadas — F. Cuamato	48 »	Quilemba	1.908 »
F. Cuamato — Ngiva	65 »	Lubango	1.540 »
Chimbua — Môngua	40 »	Gambos	1.360 »
Môngua — Ngiva	60 »	Ngiva	1.150 »

Tropas de etapas

O grande desenvolvimento que foi necessário dar aos serviços de reabastecimento e transporte, bem como a polícia e segurança das extensas linhas de etapas exigiram um pessoal numeroso, excedendo muito o que fôra previsto.

A impossibilidade, durante um certo tempo, de destinar às operações tôdas as unidades desembarcadas, em conseqüência da deficiência dos transportes de reabastecimento, e, depois, a mudança na situação ocasionada pela rendição dos alemães facultaram ao C. S. a possibilidade de recorrer a algumas das unidades expedicionárias, utilizando o respectivo pessoal no serviço das etapas.

Foram, assim, dissolvidas 3 bat. art. camp., 2 bat. art. montanha, 1 bat. met., as 9.ª e 10.ª comp. do B. I. 19. No mesmo serviço foram utilizadas as praças do B. I. 14.

As serviço de polícia e segurança das L. C. foram destinadas: 11.ª e 12.ª comp. do B. I. 19, 11.ª e 12.ª comp. do B. I. 20, 1.ª e 2.ª comp. de Infantaria Europeia; 14.ª, 15.ª, 16.ª e 17.ª C. I. A. e 2.º E. D.

O serviço de reabastecimento de víveres

Ao serviço de reabastecimento de víveres cabia nas campanhas coloniais um volume que excedia o de todos os outros serviços. A sua montagem constituia, por isso, a questão essencial na preparação das operações. Ligada com ela estava a do serviço de transportes, estas duas questões sendo interdependentes sob o ponto de vista considerado.

Foi profunda e de complexa execução a remodelação que no funcionamento, mais do que na organização, dêstes dois importantes serviços houve que ser feita.

A extinção, criteriosamente feita, da zona do interior e a atribuïção dos seus serviços à direcção dos serviços de etapas, o serviço importante de recepção e expedição que cabia a Mossâmedes, e ainda o facto de a questão dos reabastecimentos ter estado, até meado de Junho, dependente da não menos importante do caminho de ferro, tinham levado o C. S. a instalar a Direcção de Etapas em Mossâmedes.

Situado a 183 qm. da origem da linha de etapas, que se prolongava então até Tchicusse, numa extensão de 250 qm. (a partir do término do caminho de ferro), não tinha aquele organismo possibilidade de dirigir, de maneira conveniente, o serviço a seu cargo.

As distâncias que separavam os postos, as grandes dificuldades com que lutava o serviço de transportes, com base no carro boer, que consideràvelmente agravavam o inconveniente da sua morosidade, a irregularidade na existência dos depósitos, agravada com o facto de haver grandes quantidades de géneros impróprios para o consumo, as necessidades imediatas do abastecimento das unidades e elementos já estacionados no planalto, que perfaziam o efectivo aproximado de 5.400 oficiais e praças europeias, 2.500 praças e carregadores indigenas e 1.000 solipedes, etc., tornavam esta questão muito complexa. E a sua complexidade aumentava com o grau de urgência requerido pelas operações para a sua solução (1).

Das missões confiadas ao C. E. M. E., a relativa à harmonização das dotações dos depósitos, àparte algumas medidas de carácter imediato, exigia, para a sua execução criteriosa, a prévia visita aos diferentes postos, para o conhecimento directo e exacto da situação em que se encontravam, e orientação do seu serviço ulterior, bem como a obtenção de elementos a colher nos diversos ramos do serviço de transportes.

Foi, por isso, encarada, em primeiro lugar, a questão do D. C. S. F., do Lubango.

Função do D. C. S. F. (Lubango)

A situação do Lubango em relação ao caminho de ferro e às duas linhas de etapas, principal e secundária, justificava a

(1) Antes de expormos a orientação dada pelo C. E. M. E. às várias questões que se apresentaram ao seu estudo e resolução, é nosso dever referir que, desde o início dos seus trabalhos no planalto, o acompanhou, como seu adjunto, o ten. do S. Adm. M.ar, M. A. Olival Júnior, oficial muito inteligente, trabalhador e competente, de quem recebeu uma valiosa cooperação. E ninguém mais, nem mesmo um amanuense, teve permanentemente sob as suas ordens nos 107 dias que durou o seu serviço, durante o qual o expediente em notas e telegramas absorveu 18 livros M. II.

função de regulador dos reabastecimentos que o C. E. M. E. recebera o encargo de dar ao respectivo depósito de subsistências.

Ouvido o seu director, cap. Eduardo Hipólito de Campos, oficial inteligente e trabalhador, estabeleceu o C. E. M. E. as seguintes bases para solução desta questão:

— considerar o depósito da Quilemba como anexo do D. C. S. F.;

— conferir a êste depósito as seguintes atribuïções gerais:

— satisfazer as requisições do delegado da linha secundária e dos diversos postos da L. P. E.;

— dirigir à D. E. (S. Subs.) as requisições necessárias à satisfação das necessidades dos órgãos referidos;

— requisitar à D. T. os meios de transporte necessários.

Ao C. E. M. E. ficava o encargo de estabelecer inicialmente as relações entre o D. C. S. F. e a D. E., em harmonia com a orientação indicada.

Remessas de Mossâmedes

A repartição dos S. Ad. de Etapas vinha exercendo a sua acção sôbre os vários postos das linhas de etapas. Não se encontrava, porém, em condições de produzir um trabalho útil. Vivendo num ambiente muito diferente, por muito afastado, daquêle onde se desenvolviam os serviços, e não tendo apreendido de maneira suficiente a sua função, a sua acção vinha gerando uma verdadeira desorientação no serviço dos postos, como os factos adiante referidos mostrarão.

Dada ao D. C. S. F. a função de regulador dos reabastecimentos, estudou o C. E. M. E. a maneira de tornar efectiva essa função. Em conseqüência dêsse estudo, dirigiu ao D. E., em 19 de Junho, um desenvolvido telegrama solicitando que, desde essa data, a remessa de víveres passasse a ser feita por séries, para o depósito do Lubango, cada série compreendendo 42.000 R. N., 5.000 R. R., 20.000 rações para indígenas e 14.000 rações de forragens, cabendo a êste depósito a satisfação de tôdas as requisições dos outros postos.

Êste seria o regime normal das remessas; requisições extraordinárias seriam oportunamente feitas para harmonizar as existências nos diferentes postos.

Considerando a satisfação da sua requisição como a base

indispensável à disciplina do reabastecimento de víveres, que procurava alcançar, o C. E. M. E. cercou a sua execução dos necessários cuidados: a Mossâmedes deu indicações para a distinção das séries, e ao comando da estação de Vila Arriaga — qm. 183 e depósito de Quilemba para a sua recepção e expedição.

E, porque o comando da estação estava confiado ao capitão de inf. F. Pedro Curado, oficial cuja competência era garantia da boa execução de todos os serviços que se lhe confiavam, e o depósito de Quilemba ao cap. de inf. Pedro J. Chalupa, que com zêlo e dedicação desempenhava o serviço a seu cargo, ficou o C. E. M. E. confiado em que a execução da sua requisição decorreria sem dificuldades.

Visitadas as dependências dos diversos serviços no Lubango e tomadas as medidas urgentes que a sua situação requeria, dirigiu o C. E. M. E. a sua atenção para os outros postos, que visitou, de 21 a 23, na mesma ocasião em que o general Pereira d'Eça e o seu S. C. E. M. percorriam o planalto.

Em 25, no Lubango, recebeu o C. E. M. E. uma comunicação telegráfica do D. E., da qual, entre várias indicações, constava a de que a sua requisição estava em vía de execução. Apesar disso, ainda não tinham chegado à est. de Vila Arriaga quaisquer volumes com as indicações referidas.

Êste facto e o propósito de pôr o D. E. a par da marcha dos seus trabalhos no planalto levaram o C. E. M. E. a ir a Mossâmedes (1), onde conferenciou com aquela entidade e com o

(1) Esta viagem facultou ao C. E. M. E. oportunidade para intervir noutros serviços.

Embarcou na estação de Vila Arriaga na tarde de 29, aproveitando o retôrno de um combóio de mercadorias. No qm. 54 viu a viagem interrompida por estar a linha impedida.

Como esta circunstância se mantivesse ao romper da manhã de 30, inquiriu do motivo e soube que no qm. 48 estava um combóio parado.

Dirigiu-se para lá; encontrou três combóios:

— o da frente, tirado por uma das máquinas novas (n.º 30), tinha ali chegado às 14 h. de 29; uma avaria na máquina não o deixava prosseguir.

— o do meio e o da retaguarda, tirados por máquinas antigas, tinham chegado respectivamente às 22 h. 30 de 29 e 1 h. 35 de 30.

Em satisfação do pedido de socorros feito para Mossâmedes quando se deu a avaria, tinha sido mandado o maquinista B. Moreira, que, tendo chegado às 23 horas, trabalhara até às 8, mas não conseguira reparar a avaria.

Interrogando os maquinistas, soube o C. E. M. E. que a avaria con-

chefe da repartição dos S. Ad. de Etapas, regressando no dia 1 de Julho ao Lubango.

Nesta última conferência vereficou que uma ordem dada, em 24, ao depósito de Mossâmedes não só não correspondia ao pedido no seu telegrama como contrariava a orientação no mesmo definida.

Na incompreensão da sua função, a repartição persistia na sua acção, que decerto julgava útil, mas que resultava nociva.

Assim o fez ver o C. M. M. E. ao chefe do referido serviço, mas não conseguiu convencê-lo.

Adiante voltaremos a esta questão.

Situação dos depósitos

A harmonização da existência dos depósitos e a constituïção das suas dotações eram questões complexas por dependerem de muitos factores, uns no campo do serviço de subsistências, outros no de transportes.

A visita feita aos postos, as impressões trocadas com os delegados do serviço de transportes e chefes dos depósitos, e o que tivera ocasião de observar enquanto fizera serviço no Q. G. dos Gambos, facultaram ao C. E. M. E. os elementos necessários para estudar esta questão e orientar a sua solução.

---

sistia na incapacidade da máquina 30 para vencer a rampa, mas que ela podia recuar. Esta última informação sugeriu ao C. E. M. E. a solução natural, o que ao pessoal dos combóios pareceu estranho não lhe ter ocorrido: recuar os três combóios até à estação mais próxima, meter o primeiro combóio no desvio, deixar seguir os outros.

Citamos êste episódio para mostrarmos a deficiência do pessoal técnico com que lutava o serviço do caminho de ferro.

No seu regresso ao Lubango, na manhã de 2, ao passar no pôsto da Quilemba, foi chamada a atenção do C. E. M. E. para um enorme monte de sacos, que aguardava transporte para o Lubango; os sacos continham encomendas postais.

O comércio, em vista das restrições postas ao despacho para transporte pelo caminho de ferro, recorrera ao expediente das encomendas postais, em grande quantidade, o qual lhe permitia não só utilizar o caminho de ferro sem restrições, mas receber a mercadoria no Lubango, ao passo que, de outro modo, a recebia em Vila Arriaga.

O assunto foi solucionado procurando-se harmonizar as necessidades do comércio com as das operações.

A situação do serviço de subsistências era má; procuramos indicá-la ràpidamente nas considerações que seguem.

A) Víveres dos depósitos

a) Quantidades de víveres em depósito (existências)

Poucos depósitos podiam indicar as quantidades dos víveres existentes; vejamos o que respeita aos mais importantes:

— D. C. S. F. (Lubango)

Encontrava-se em via de reorganização; o seu director, cap. H. de Campos, tinha asumido, havia pouco dias, as suas funções; não lhe tendo sido feita uma entrega de modo regular, não podia indicar as existências.

— Depósito da Chibia

O serviço, a cargo do ten. Manuel Mendes, oficial competente e dedicado, decorria bem.

— Depósito dos Gambos

Neste depósito o serviço decorria mal, apesar da dedicação dos dois oficiais (alferes) que o tinham a seu cargo.

Contribuiam para isso: a maneira irregular como o depósito era reabastecido; o serviço intenso que lhe era exigido, pois tinha a seu cargo o abastecimento das unidades estacionadas nos Gambos, Forno da Cal, Tchiepepe, Cahama, Tchicusse, Pocolo e Otchinjau; a falta de uma criteriosa orientação superior que auxiliasse a forçada inexperiência daquêles oficiais.

Sucediam-se, com freqüência, as situações difíceis.

Não lhe era possível indicar as existências.

b) Víveres impróprios

Era grande a quantidade de géneros impróprios para consumo que pejava os depósitos, dificultando o serviço.

Causas? Muitas: deficiência de fabrico, deficiência de instalação agravada com a acção intensa do clima, falta de bom critério na sua conservação e renovação, etc.

c) Desproporção nos géneros

As indicações que seguem, dispensam comentários.

Depósito da Quilemba — Êste depósito acusava em 16 de Junho: 50 T. de vinho, 85 T. de forragens e 50 T. de géneros diversos.

Êstes números traduzem, na sua simplicidade, a falta de critério que presidia às remessas de Mossâmedes, e permitem avaliar as dificuldades com que lutava o D. C. S. F. para satisfazer as requisições da frente.

D. C. S. F. (Lubango) — Não tinha conservas de peixe ou rancho confeccionado, mas tinha 7 T. de chouriço e igual quantidade de bacalhau.

Dep. da Chibia — Não tinha açúcar; tinha 7 T. de café.

Dep. dos Gambos — Tinha apenas 1.220 quilos de forragens, mas tinha 7 T. de marmelada e geleia, e 16 T. de sabão; tinha apenas 142 quilos de café, mas tinha 5 T. de açúcar.

B) Víveres em trânsito

Consideramos víveres em trânsito os transportados em carro boer, em vista do tempo necessário à sua passagem de um depósito para outro; os transportados em camiões não são considerados nestas condições.

Exceptuando o que dizia respeito aos poucos carros saídos da Chibia, não foi possível ao C. E. M. E. conhecer, na ocasião mesmo de maneira aproximada, a quantidade e qualidade dos géneros em trânsito.

Embora não estivesse sendo pôsto neste serviço o necessário cuidado, a causa essencial do facto referido residia na errada orientação seguida na escrituração correspondente a êstes transportes. Ao carregar um carro, o gerente do depósito entregava o original da guia da carga ao carreiro e guardava o duplicado, nada mais fazendo; daí resultava que nem o remetente sabia se a carga chegava ao seu destino, nem o destinatário, antes do carro chegar, o que lhe era remetido.

Como resumidamente ficou exposto, a situação do serviço de subsistências era má, e não era possível dar-lhe pronto remédio. Foram, por isso, adoptadas algumas disposições, procurando-se uma melhoria progressiva:

— Imediata e completa separação dos géneros impróprios para consumo, e determinação exacta da quantidade dos restantes.

Os primeiros foram inutilizados.

— Foram dadas indicações práticas para a renovação dos géneros, evitando-se, o que nalguns casos acontecia, que os

géneros primeiramente entrados em armazém aí ficassem indefinidamente.

Foram também promovidas determinações do C. S. sôbre o consumo das unidades, de modo a fazê-lo incidir sôbre todos os géneros.

— Foi determinada a imediata transferência de alguns géneros de uns para outros depósitos, e foram dadas indicações para o seu prosseguimento.

— Foi determinada, relativamente ao carregamento em carros boeres, a remessa de um triplicado da guia de carga, pelo correio, ao depósito destinatário.

— Foi determinada a elaboração e remessa, periódica e freqüente, de mapas das existências.

O serviço de transportes

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Durante todo o período das operações, o serviço de transportes teve como base a utilização de carregadores, carros boeres e camiões; a utilização de carros alentejanos e camelos no serviço de etapas foi acidental.

O caminho de ferro era prolongado:

— desde o qm. 183 ao pôsto da Quilemba, por carregadores;

— desde a estação de Vila Arriaga até ao D. C. S. F. (Lubango) por carros boeres (1).

Êste regime de transportes obrigava à transformação, em Mossâmedes, da maior parte da carga, ali recebida, em volumes de 30 a 35 quilos, para serem transportados pelos carregadores; os volumes mais pesados e que não podiam ser fraccionados, eram destinados aos carros boeres.

Entre o pôsto da Quilemba e o Lubango eram empregados normalmente camiões; recorria-se, por vezes, ao emprêgo de carregadores e carros boeres; algumas vezes foram empregados carros alentejanos e camelos.

Do Lubango para o Sul eram utilizados camiões e carros

(1) O comando da est. de Vila Arriaga dispunha de 6 cavalos de raça Cabo-Verde para transporte de algum pessoal.

boeres; algumas vezes, como recurso de ocasião, foram utilizados carros alentejanos.

Carros alentejanos

Em princípio de Março, foi criada em Mossâmedes uma secção de carros alentejanos, cuja organização e comando foram confiados ao ten. cav. A. A. Correia Matias.

A organização da secção foi iniciada com 52 carros recolhidos na praia; ulteriormente, foram recebidos do Continente mais 142.

Muitas foram as dificuldades que o referido oficial teve que vencer para o desempenho do encargo recebido, de maneira satisfatória.

A maior parte dos carros foi distribuída pelas unidades; com alguns dos outros foram organizadas as formações que acompanharam os destacamentos.

Como medida de recurso, foram organizados no serviço de etapas alguns combóios com êstes carros:

— quatro do Lubango para o Humbe;

— dois do Lubango para os Gambos, para o transporte de gasolina; seguiram depois para o Humbe transportando víveres;

— um do Lubango para Capelongo.

Durante o estacionamento das unidades no Lubango, por proposta do C. E. M. E., foram alguns dos seus carros utilizados no ransportte de géneros entre a Quilemba e o Lubango.

A sua pequena capacidade de transporte e a dificuldade da marcha através de regiões arenosas limitaram o rendimento dos carros alentejanos.

Carros boeres

Nas operações de 1915 coube ainda uma função importante ao carro boer.

Foi o principal meio de transporte utilizado até meado de 1915; desta data até ao fim das operações, a tonelagem por êles transportada não deve ter sido inferior à transportada em camiões.

Faremos rápida referência aos principais aspectos desta interessante questão.

As grandes dificuldades com que êste serviço lutava, e a necessidade imperiosa de lhe pedir um grande volume de transportes levaram o C. E. M. E. a prestar a esta questão uma cuidadosa atenção.

A direcção do serviço de transportes, criada em princípio de Março, tinha, em meado de Junho, a sua sede em Mossâmedes e vários delegados no planalto. Porque a sua localização lhe não permitia um trabalho útil, foi, por proposta do C. E. M. E., transferida, em 7 de Julho, para o Lubango, onde se conservou até à sua extinção, em 31 de Outubro.

Desde 2 de Junho, exerceu as funções de director do serviço de transportes o cap. do S. Ad. Militar, José Marques. Oficial inteligente, muito trabalhador e muito zeloso pelos interêsses da Fazenda, desenvolveu uma acção da maior utilidade.

As principais causas das dificuldades com que êste serviço lutava eram, entre outras, as seguintes:

— o desastre de Naulila, que ocasionara a perda de muitos carros;

— a ida dos carros a Mossâmedes, já referida;

— o serviço intenso pedido a êste meio de transporte desde as operações de 1914;

— a escassez do capim e água, em conseqüência da prolongada estiagem dêsse ano;

— a utilização da linha do Chacuto, que obrigavaa o emprêgo, dispensável, de alguns carros;

— a conduta censurável de alguns proprietários de carros.

Dentre as muitas medidas adoptadas para aumentar o rendimento dêste indispensável meio de transporte, citaremos aquelas que nos parecem de maior interêsse.

Linha do Chacuto — Em 8 de Maio, por proposta do D. T., fôra instalada uma delegação dêste serviço na estação de Munhino (qm. 118), e determinado que os volumes pesados, transportados até ai pelo caminho de ferro, seguissem depois, em carros boeres, para a Chibia, pela linha do Chacuto.

Na ocasião em que o C. E. M. E. se deslocou para o planalto (15 de Junho), havia na D. E. a persuasão de que assim acontecia.

Pouco depois da sua chegada ao planalto, verificou o C. E.

M. E. que aquela linha não estava sendo seguida pelos carros, e que êstes faziam o trajecto até ao planalto por Vila Arriaga; apesar de êste trajecto ser difícil, os carreiros consideravam-no melhor do que o do Chacuto.

Do que estava sucedendo resultava considerável prejuízo para a Fazenda e para o serviço, pois se obrigavam os carros ao percurso desnecessário da distância entre as estações de Munhino (qm. 118) e Vila Arriaga (qm. 176).

Expos o C. E. M. E. o facto à D. E., mostrando a conveniência de a carga pesada ser transportada pelo caminho de ferro até Vila Arriaga; mas, só depois de porfiadas diligências, conseguiu, em fins de Junho, que assim se fizesse.

Aquisição dos carros — Os carros necessários ao serviço eram obtidos por meio de contratos, recorrendo-se a um arrematante, o qual percebia 4 0/0 da importância dos fretes.

Não tardou o C. E. M. E. em reconhecer não só a inutilidade dêste intermediário como o prejuízo que para a Fazenda resultava da redacção de alguns contratos

O estudo desta questão, feito com a valiosa cooperação do D. T., cap. José Marques, levou à rescisão dos contratos.

Pena foi que, desde o inicio das operações, se não tivesse recorrido aos processos regulamentares, pois daí teriam resultado economia para a Fazenda e vantagens para o serviço.

Situação e distribuïção dos carros — A situação dos carros, em meado de Junho, era a seguinte:

Carros em trânsito	236
» » consêrto	40
» » situações diversas, licença, etc.	76
	352

O seu emprêgo obedecia mais a necessidades de ocasião do que a um plano estabelecido.

Tornou-se, por isso, necessário estudar a sua melhor distribuïção.

Como o carro boer constituía então o principal meio de transporte, e assim continuaria ainda por algum tempo, foi essa distribuïção feita tendo em vista: em primeiro lugar, as exigências do consumo; em segundo lugar, as dotações atribuídas aos depósitos.

Gratificações aos carreiros — Poucos eram os carreiros que percorriam os trajectos dentro dos prazos que lhes eram atribuídos. Resultava isto, umas vezes, das dificuldades que encontravam no percurso de alguns trajectos, outras vezes, dos muitos expedientes de que se serviam para iludir os contratos, como o de abandonarem temporàriamente os carros para empregarem as espanas noutros serviços.

Com o fim de atenuar êste inconveniente, propos o C. E. M. E., e foi aprovada, a concessão de uma gratificação aos carreiros que efectuassem os trajectos dentro dos prazos estabelecidos.

Para êste fim foi feita uma cuidadosa revisão dos itinerários.

Auxílio aos proprietários dos carros — As maiores dificuldades com que êste serviço lutava, eram independentes da vontade dos carreiros; por êsse motivo, limitado foi o resultado obtido com a medida anterior; houve necessidade de estudar e pôr em execução outras de maior alcance.

A questão era complexa porque, a par das dificuldades reais, havia as que resultavam da astúcia de alguns proprietários de carros.

Entre as dificuldades reais, citaremos as seguintes:

— o atrazo no pagamento dos serviços prestados, em resultado da localização em Mossâmedes da Rep. do S. Ad. de Etapas;

— a falta de recursos de alguns proprietários para procederem ao consêrto dos seus carros ou reconstituírem as espanas;

— as conseqüências de um serviço intenso e da prolongada estiagem.

Como indicámos, em meado de Junho havia em trânsito 236 carros, a que correspondiam 4720 bois. Era, por isso, grande o consumo de capim. Em virtude do prolongado serviço pedido e da estiagem, os carreiros eram obrigados, para encontrarem pastos, a afastarem-se dos caminhos, o que aumentava os percursos.

Alguns trajectos, como os de Vila Arriaga — Lubango e Quihita — Gambos, eram particularmente difíceis; os carreiros eram, por vezes, forçados a recorrerem aos processos mais violentos e cruéis para forçarem o gado ao trabalho.

A fome e a sêde enfraqueciam o gado e causavam a sua morte em elevado número.

A par destas dificuldades, surgiam outras, contra as quais era necessário defender os interêsses da Fazenda, como a alegação de perdas de gado em número superior ao verdadeiro, a substituïção de bois bons por outros fracos, etc.

Ponderadas estas e outras circunstâncias, e reconhecida a imperiosa necessidade de aumentar o número de carros ao serviço, foram adoptadas, entre outras, as seguintes medidas:

— fornecimento de bois, no Lubango e Gambos, pelos gerentes dos depósitos de subsistências, como indemnização pelos mortos em serviço;

— fornecimento de capim, como adiantamento, nos postos da Quihita e Gambos;

— consêrto dos carros nas oficinas do serviço de transportes, como adiantamento;

— concessão de abonos até um têrço das importâncias a receber;

— concessão de licenças depois dos trajectos mais difíceis, para descanso do gado.

Serviço de fiscalização — A par das facilidades concedidas foram tomadas as medidas necessárias à defesa dos interêsses da Fazenda e das operações.

A partir de Julho, foi montado o serviço de fiscalização, executado por patrulhas de cavalaria, comandadas inicialmente por cabos e depois por oficiais.

Tendo-se reconhecido que êste processo resultava insuficiente em conseqüência de os carreiros, com freqüência, se internarem no mato, onde não era fácil descobrí-los, recorreu-se à organização de combóios de oito carros, em média.

Esta última medida contribuiu muito para beneficiar o serviço, conjugada, é claro, com os auxílios referidos.

Oficinas de reparação de carros — Em meado de Junho, havia no Lubango 80 carros (dos quais 40 contratados) e na Chibia 20 que não prestavam serviço por carecerem de consêrto e os seus proprietários alegarem falta de recursos por motivo de atrazo no pagamento de serviços já prestados.

Como era de grande conveniência pôr êstes carros ao ser-

viço, propos o C. E. M. E., e foi aprovado, que se procedesse à sua reparação nas oficinas do serviço de etapas.

Foi êste encargo confiado, no Lubango, ao tenente J. Maria Anselmo, e, na Chibia, ao cap. Isidoro Francisco, que dêle se desempenharam com a maior solicitude.

Particular cuidado mereceram ao C. E. M. E. as oficinas da Chibia.

Como as unidades montadas, estacionadas em Mossâmedes, deviam efectuar o seu deslocamento para o planalto pelo caminho do Chacuto, era de prever que durante o trajecto fôsse grande o número de viaturas avariadas. Assim aconteceu, de facto.

Nessa previsão, promoveu o C. E. M. E. que às oficinas da Chibia fôsse dado o devido desenvolvimento, tendo o cap. Isidoro Francisco sido encarregado de elaborar um projecto de utilização das oficinas locais, o qual foi aprovado e pôsto em execução.

Importante foi o trabalho executado tanto na Chibia como no Lubango; de Junho a Setembro foram reparados:

nas oficinas do Lubango — 144 c. alentejanos e 190 c. boeres.
» » da Chibia — 132 » » » 84 » »

Camiões

Ao camião coube uma função importante na campanha de 1915, tanto no período da preparação como durante a execução das operações.

Os destacamentos, cujo reabastecimento teve como base o emprêgo do camião, viram por um lado consideràvelmente aumentada a sua liberdade de acção, mas ficaram por outro sujeitos ás contingências resultantes da fragilidade dêste novo meio de transporte.

O camião, abstraindo do interêsse que desperta a novidade, impos-se pela sua real utilidade; era, porém, um instrumento ainda na sua infância, de mecanismo delicado e rodado frágil, e cujas características não eram suficientemente conhecidas.

Pediu-se-lhe um esfôrço muito superior ao que era razoável. A maneira como se realizou o seu emprêgo, com inobservância das condições que êle reclamava, deu origem a situações muito difíceis.

Mas libertou as tropas da sujeição ao moroso carro boer; mostrou sôbre êle uma vantagem que, no campo restrito da capacidade de transporte, pode traduzir-se na equivalência de um camião a cinco carros boeres.

Pode, com segurança, dizer-se que, dada a situação criada em meado de 1915, sem o camião não teria sido possível realizar nesse ano a ocupação do Cuanhama.

Estradas para camiões — Em Dezembro de 1914, devido à iniciativa do cap. de art. Alfredo A. de Barros Júnior, então director de etapas, foi improvizada uma estrada para camiões entre Quilemba e Lubango, cujos trabalhos foram depois continuados pela Comissão de Estradas do distrito de Lugango, por determinação do G.-G. Norton de Matos.

Na ocasião da chegada a Mossâmedes do general Pereira d'Eça, a vila de Lubango encontrava-se ligada com a Quilemba e a Chibia por estradas em condições satisfatórias; a estrada da Chibia aos Gambos tinha sido beneficiada e permitia o trânsito de camiões sem grande dificuldade. Desde então, êste serviço passou a ser dirigido pelo com. de engenharia, cap. Rui Ribeiro, prosseguindo os trabalhos com grande actividade, tanto para o Sul como na direcção de Cassinga.

Além da comissão referida, participaram nestes trabalhos diversas entidades, como os comandantes de postos militares e de etapas, missão da Quihita, Companhia de Mossâmedes, etc. Uma referência é ainda devida ao ten. de inf. F. Pinto de Albuquerque (Stockler), que, desde o comando do ten.-cor. A. Roçadas, desenvolveu grande actividade nestes trabalhos.

Fizemos já referência à iniciativa do anterior G.-G. Norton de Matos para a ligação do qm. 183 com a Quilemba por uma estrada para automóveis. Concordando com essa orientação, o general Pereira d'Eça encarregou o ilustre engenheiro J. Fernandes Tôrres de prosseguir os respectivos trabalhos. Mas, porque se não previa que a estrada estivesse concluida a tempo de poder ser utilizada para as operações, foram limitados os meios deixados à sua disposição. Apesar disso, continuou o engenheiro Tôrres os trabalhos com notável dedicação.

Em 1 de Agôsto, o C. E. M. E., informado do progresso dos trabalhos, expos ao general Pereira d'Eça a conveniência de

serem activados de modo a procurar-se que a estrada pudesse ser utilizada para a evacuação, o que obteve a sua aprovação.

Mercê mais da sua dedicação do que dos recursos de que dispos, pôde o eng. Tôrres informar, em 29 de Agôsto, o C. E. M. E. de que a estrada poderia ser utilizada a partir de 4 de Setembro. Foi, com efeito, utilizada durante a evacuação.

Convém deixar referido que a estrada Lubango-Humbe, sujeita a um movimento intenso durante as operações, apresentava alguns troços difíceis entre a Quihita e a Ediva, que muito prejudicavam o serviço, principalmente na ocasião das chuvas, e eram causa de avarias, para os camiões. Era isso uma conseqüência forçada do seu caracter de improvização, da sua grande extensão e da escassez de recursos de que se dispunha para a sua beneficiação e conservação.

O serviço dos camiões — O elevado efectivo previsto para as operações levara o anterior G.-G. Norton de Matos a reconhecer que os habituais meios de transporte (carros boeres) não seriam suficientes. Daí resultou a aquisição de alguns camiões Fiat, a requisição de outros de diversas marcas, existentes na Província, e o pedido ao G.-C. de 80 camiões Fiat, marca que estava provando bem e assim continuou.

Desde a sua nomeação, o general Pereira d'Eça perfilhara aquêle pedido, e pela sua satisfação insistiu desde a sua chegada ao Sul de Angola.

Em princípio de Junho chegaram 10 camiões a Mossâmedes; os restantes 70 em 19 do mesmo mês.

Em 16 de Junho, depois da chegada dos primeiros 10 camiões, existiam no Lubango:

Fiat	8	prontos	e	9	em reparação
Unic.	1	pronto	»	2	» »
Napier	1	»	»	5	» »
Will's	1	»	»	2	» »
Diversos . . . -				21	» »

Dêstes camiões, apenas os Fiat faziam serviço do Lubango para o Sul; os restantes eram empregados nos transportes entre a Quilemba e o Lubango.

Sob a designação «diversos» estão compreendidas várias marcas inadaptáveis às condições em que poderiam ser empregadas.

Em quanto aos restantes camiões, vê-se que, dentre 29, apenas 11 estavam em condições de serviço.

É fácil de calcular a impressão que o C. E. M. E. colheu na visita feita nesse dia às oficinas. Não foi animadora, mas serviu-lhe de prudente aviso para o futuro.

A chegada dos camiões ao planalto não facultou ao serviço dos transportes todo o auxílio com que se contava. Contribuíram para isso:

a) As condições em que era feita a sua expedição — Contra tudo o que é lógico admitir, foram embarcados os 80 camiões em Lisboa, para o Sul de Angola, região desprovida de recursos, sem os fazer acompanhar dos sobresselentes necessários. O resultado é fácil de supor: necessidade de imobilizar alguns para manter os restantes em serviço.

b) As condições do seu transporte para o planalto — A delicada situação do serviço de reabastecimento de víveres no planalto e o precário rendimento do caminho de ferro levaram a procurar maneira de deslocar os camiões para o planalto utilizando os meios próprios.

Tôdas as tentativas feitas nesse sentido tendo resultado inúteis, houve que recorrer-se ao caminho de ferro para o seu transporte até Vila Arriaga, seguindo daí até ao Lubango pelo caminho dos carros. E, como o estado dêste caminho era mau, muitos camiões, ao alcançarem de qualquer modo o Lubango, recolhiam às oficinas...

Oficinas de reparação de camiões — A parte técnica do serviço de camiões foi inicialmente confiada ao cap. de art. Roque S. Varejão, que instalou uma oficina no Lubango.

Por proposta do C. E. M. E. prestaram depois serviço na secção de camiões o ten. eng. F. Pinto Teixeira e o alf. inf. Olímpio Ferreira Chaves.

No decurso das operações, foram criadas oficinas nos Gambos, Humbe e Ediva, utilizando aqui dependências da Companhia de Mossâmedes.

Com a requisição de camiões ao M. C., foi feita a de 6 carros-oficinas. Foi apenas enviado um, insuficientemente apetrechado.

Enormes foram as dificuldades com que os oficiais referidos

lutaram. Às suas faculdades de improvização, competência e extraordinária dedicação se deve, em grande parte, o rendimento que foi possível tirar dêste meio de transporte.

Como compensação do trabalho violento a que eram sujeitos os mecânicos nas oficicinas, foram concedidas algumas gratificações.

Emprêgo dos camiões — Desde a sua chegada ao planalto, os camiões eram absorvidos pelo serviço. Em parte devido à falta de pessoal, e em parte também à precipitação que, por vezes, foi posta no serviço, não se lhes deu desde logo uma organização conveniente. Só no fim das operações, o C. E. M. E. conseguiu que fôsse criada a Companhia de Camiões, cujo comando foi confiado ao cap. de inf. Carlos R. Borges, que o exerceu com manifesta competência.

Os camiões foram geralmente empregados no transporte de víveres; durante algum tempo, coïncidiu com êste o transporte de medicamentos e material sanitário ligeiro; excepcionalmente, foram utilizados para o transporte de munições. Terminadas as operações, foram empregados muitos camiões na evacuação do pessoal, assunto a que adiante voltaremos a referir-nos.

Reocupação do Humbe e Dongoena

— Ansiava o general Pereira d'Eça por que a situação dos serviços lhe permitisse iniciar as operações, levando as suas fôrças mais avançadas até ao Humbe (Cunene), como base para as operações pròpriamente ditas.

A entrada da questão do caminho de ferro numa fase que prometia solução satisfatória, a chegada dos camiões a Mossâmedes e a modificação da situação dos serviços no planalto facultaram ao general Pereira d'Eça a possibilidade de o fazer.

A questão essencial a encarar nestas primeiras operações não era a resistência dos muhumbes, que se previa fraca, mas a da manutenção ulterior das tropas.

Contando com a possibilidade de o fazer, o general Pereira d'Eça resolveu efectuar simultâneamente a ocupação do Humbe e da Dongoena.

Entretanto, o B. I. 17 era deslocado da Chibia para os Gambos.

Preparação das operações

Constituïção dos destacamentos — Aos destacamentos foi dada a seguinte constituïção:

a) — Destacamento do Humbe

Q. G.:

comando:

Com . . . . . — Cor. inf., A. Veríssimo de Sousa
Ajudante. . . . . — Alf. mil. cav.ª, F. Almeida Pinheiro
C. E. M. . . . . — Cap. S. E. M., J. E. Conceição Mascarenhas
S. C. E. M . . . . . — Ten. inf./C. E. M., José Joaquim Ramos (1)
Com. da Art. . . . . — Cap. art., Alfredo A. Barros Júnior
Chefe do S. Saúde . . . — 1.º ten.-médico, A. R. Saavedra
» » » Adm. . . . . — Ten., Manuel da Costa Dias

Armas:

Batalhão de Marinha . . — Com., cap.-ten. A. Júlio de Cerqueira
15.ª C. I. M.. . . . . — » , ten. Humberto de Ataíde
16.ª C. I. M.. . . . . — » , cap. J. Sepúlveda Rodrigues
2/III Met. . . . . — » , » A. T. de Azevedo
2.ª Bateria de Montanha. — » , » A. J. Travassos Valdez
E. Cav.ª 11, menos 1 pel.º — » , » A. P. Cunha e Costa
Secção de engenharia
Auxiliares — 16 brancos e 180 indígenas.

Serviços:

Ambulância
Secção de água

Efectivo do dest.º — 1.306 h., 536 solípedes e 30 camelos.

b) — Destacamento da Dongoena

Com. . . . . — Major cav.ª, E. M. Vieira da Rocha
Ajudante . . . . . — Cap. » , F. Correia Tôrres
E. Cav. 9 . . . . . — Ten. » , F. Pessoa de Amorim
4.º pelotão do E. Cav. 11 — Alf. » , Zarco da Câmara
Auxiliares boeres (36 h. montados) . . . . . — com., alf. cav. 9, I. M. F. Sarmento Pimentel

Efectivo do destº — 136 h. e 142 solípedes.

Ordem para a reocupação do Humbe (2)

---

(1) Neste destacamento, como nos do Cuamato e Ngiva, acompanhou a cavalaria durante as marchas.

(2) *Rel. P. E.* pág. 467.

I — SITUAÇÃO

O gentio do Humbe e da Dongoena continua insubmisso.

Fôrças para a reocupação do vale do Cubango estão concentrando-se em Cassinga, estando o pôsto A (Caiundo) e o Mulondo em nosso poder.

As unidades estacionadas em Mossâmedes estão em marcha para o planalto.

II — FIM

a) — Destacamento do Humbe — Reocupar o Humbe batendo o gentio revoltado na zona de marcha;

b) — Destacamento da Dongoena — Cair sôbre a Dongoena, raziando a região entre o forte da Dongoena e o Humbe, reünindo-se em seguida ao destacamento do Humbe, no qual ficará encorporado.

III — DISPOSIÇÕES

a) — Itinerários:

Destacamento do Humbe:

Primeiro dia — Tchipelongo
Segundo » — Bela-Bela
Terceiro » — Humbe

Destacamento da Dongoena — As etapas serão estabelecidas de forma a atingir o forte da Dongoena na madrugada do terceiro dia de marcha do destacamento do Humbe, seguindo no mesmo dia para o Humbe.

b) — Alimentação — Para reabastecimento das tropas durante os dias de marcha até à sua reünião no Humbe estão estabelecidos depósitos no Tchicusse e em Otchinjau.

As unidades e formações do destacamento do Humbe transportam três dias de víveres e três dias de grão; as unidades do destacamento da Dongoena transportam três dias e meio de víveres e três dias e meio de grão.

IV — LOCAL DO COMANDO

Marcho com o destacamento do Humbe.

Pereira d'Eça
General

Esta ordem de operações foi acompanhada de instruções aos comandantes do Dest. Dongoena e dos auxiliares boeres.

As primeiras continham detalhes sôbre as operações e determinavam a ocupação do vau de Calueque pelos auxiliares boeres; as segundas incumbiam ao comandante dêstes o reconhecimento de Naulila e a obtenção de informações sôbre a atitude e armamento dos gentios cuamato, cuanhama e outros, bem como sôbre a situação das fôrças alemãs.

Serviços — Pelo S. C. E. M. do C. S. foi o C. E. M. E. informado das operações projectadas e das dotações atribuídas aos postos de Binguiro, Tchicusse e Otchinjau, que ficaram completas nos prazos fixados.

O depósito de Tchicusse recebeu 10 dias de víveres e forragens, com o fim de abastecer os T. R. do Dest. do Humbe e ficar em condições de garantir o seu ulterior reabastecimento no caso de êste não poder ser feito pelos Gambos.

O depósito de Tchicusse estava confiado ao ten. A. A. da Costa Alves, oficial inteligente e desembaraçado, que dêste e outros serviços que lhe foram pedidos, se desempenhou com muita competência.

Marcha dos destacamentos

Destacamento do Humbe — Partiu de Tchicusse, onde efectuou a sua concentração, às 13 h. de 4 de Julho. Estacionou nesse dia em Mabera, no dia 5 em Tchipelongo e em 6 na Bela-Bela. Alcançou o Humbe no dia 7 às 14 horas.

Não encontrou resistência. Os homens válidos, na sua maior parte, tinham retirado para o Cuanhama; os restantes, os velhos e as mulheres fizeram a sua apresentação.

A população indígena, em conseqüência da fome causada pela estiagem, apresentava um aspecto de extrema miséria.

Destacamento da Dongoena — Partiu dos Gambos no dia 1; alcançou Otchinjau na manhã do dia 3, onde se lhe juntou o pelotão do E. Cav. 11, ali destacado; Ongono pelas 23 h. do mesmo dia, onde se lhe reüniram os auxiliares boeres. Em 5/6 bivacou próximo da Dongoena; na manhã de 6 assaltou o forte da Dongoena, castigando o gentio. Prosseguindo a marcha em

7, entrou no Humbe ao som da marcha de guerra, pelas 15 h. 30, isto é, 1 h. 30 depois do Dest. do Humbe.

O alf. Sarmento Pimental seguiu para o vau de Calueque, com os auxiliares boeres, em cumprimento da missão recebida.

No mesmo dia (7) em que os dois destacamentos chegaram ao Humbe, o general Pereira d'Eça, que, acompanhado do C. E. M. e S. C. E. M., marchara com o Dest. do Humbe, manifestou em ordem a sua satisfação pela maneira como tinham decorrido estas primeiras operações, dissolveu os destamentos e criou o Comando Militar do Humbe, que confiou ao coronel Veríssimo de Sousa, tendo como C. E. M. o cap. Conceição Mascarenhas.

Ficou, assim, alcançado de novo o rio Cunene, depois de decorridos mais de seis meses sôbre o seu abandono em conseqüência do desastre de Naulila.

O Humbe iria servir de base para as operações pròpriamente ditas.

Estas primeiras operações traduzem uma concepção feliz e uma justa apreciação da situação do gentio.

Na marcha do Dest. do Humbe não se atendeu de maneira suficiente à natureza do terreno, resultando daí a necessidade de aumentar o número de etapas previsto.

Foi também excessiva a exigência feita ao Dest. da Dongoena para, no mesmo dia em que alcançasse esta região, marchar para o Humbe, o que só pôde fazer no dia imediato.

E, assim, tendo as circunstâncias rectificado as determinações iniciais, os dois destacamentos alcançaram o Humbe no mesmo dia, como o C. S. pretendia.

A marcha do Dest. da Dongoena foi muito satisfatória, pois, apesar de ser seguido por 4 carros alentejanos, conseguiu fazer etapas sucessivas de uns 40 qm.

Ligação Gambos-Mulondo

Reconheceu o general Pereira d'Eça haver conveniência no estabelecimento de um itinerário entre os Gambos e o Mulondo, em face das operações previstas. O capitão de inf. Sebastião

Roby, oficial às ordens, foi encarregado de efectuar o respectivo reconhecimento. Acompanhado por uma pequena escolta, partiu dos Gambos em 3 de Julho.

O Mulondo constituía então o ponto mais avançado da ocupação ao longo do Cunene, pois o Quiteve e o Cáfu tinham sido abandonados.

Era evidente a vantagem do referido reconhecimento, para ligação com as fôrças que viessem a operar ao longo do Cunene; conviria, porém, ou aguardar a reocupação do Quiteve ou protegê-lo com uma forte escolta.

O cap. Roby foi vítima da traição do gentio do Quiteve, apesar da dedicação de uma parte da escolta. Onze dias depois da sua partida, em 14, chegou ao Lubango a notícia da morte do ilustre oficial, o que muito penalizou os seus camaradas e, especialmente, o general Pereira d'Eça.

Deslocamento para o planalto das unidades estacionadas em Mossâmedes

Como complemento da resolução para a reocupação do Humbe, resolveu o general Pereira d'Eça apressar o deslocamento para o planalto das unidades que ainda se encontravam em Mossâmedes.

Em 27 de Junho estudaram o S. C. E. M. e C. E. M. E. esta questão a fim de serem hormonizadas as conveniências de ordem táctica com as possibilidades dos serviços.

Entre as primeiras estava a urgente constituïção, nos Gambos, de um agrupamento de tôdas as armas, juntando-se ao B. I. 17 uma bateria de metralhadoras e uma bateria de artilharia, disposição feliz que a mudança na situação, a que adiante nos referimos, tornou dispensável.

A situação do serviço de reabastecimento de víveres impunha a necessidade de se proceder cautelosamente, pois, embora fôsse de prever uma breve melhoria no serviço de transportes (c. f. e camiões), os depósitos no planalto não estavam suficientemente abastecidos.

Feito o estudo desta questão sob os seus vários aspectos,

foi estabelecida a seguinte orientação a observar no deslocamento das unidades:

— pedir ao c. f. apenas os transportes indispensáveis, como o do B. I. 18:

— fazer deslocar as unidades montadas pelo caminho do Chacuto, utilizando uma linha de etapas para êsse fim estabelecida pelo tenente de inf. Azevedo Franco, adjunto da D. E.;

— escalonar os deslocamentos e fazer estacionar, no planalto, as unidades o mais perto possível do Lubango, para facilitar o seu reabastecimento.

Dentro desta orientação foi, com efeito, efectuado o deslocamento.

De grande utilidade foram, para as unidades que se deslocaram pelo Chacuto, as oficinas montadas na Chibia, pois foi grande o número de viaturas que sofreram avarias em consequência do mau estado dos caminhos.

Os serviços de subsistências e transportes no princípio de Julho

Em principio de Julho a questão do caminho de ferro podia considerar-se satisfatòriamente resolvida; os 70 camiões, últimamente chegados a Mossâmedes, estavam em via de deslocamento para o planalto.

Apesar disso, a situação do serviço de reabastecimento de víveres era delicada. Contribuíam para isso:

— a necessidade de satisfazer as requisições do Dest. de Cassinga, por se não terem verificado as previsões feitas àcêrca do distrito de Benguela:

— o próximo deslocamento, para o planalto, das unidades estacionadas em Mossâmedes;

— o facto de a direcção do serviço de transportes se encontrar em Mossâmedes, não havendo no planalto quem pudesse resolver as questões que surgiam;

— a persistência na irregularidade das remessas de Mossâmedes;

— o desacôrdo que, por vezes, se manifestava entre as determinações emanadas da D. E., em Mossâmedes, e a orientação

dada aos serviços pelo C. E. M. E., que no planalto se encontrava em face das dificuldades.

Êste conjunto de circunstâncias levou o C. E. M. E. a ir conferenciar com o general Pereira d'Eça. Partindo do Lubango no dia 3, alcançou, na noite de 4 (1), o Dest. do Humbe no seu estacionamento em Mabera.

Dessa conferência resultaram, entre outras, as seguintes medidas:

— imediata transferência da direcção do serviço de transportes para o Lubango;

— ordem a Mossâmedes para a satisfação das requisições do C. E. M. E.;

— determinação ao comandante de etapas do Lubango para o integral cumprimento das ordens do general dadas por intermédio do C. E. M. E.

Àcêrca desta última determinação, devemos dizer que ela tinha apenas em vista evitar que a orientação que o C. E. M. E. estava dando aos serviços fôsse prejudicada por determinações emanadas de Mossâmedes quando em desacôrdo com aquela (2).

---

(1) Tendo chegado ao Tchicusse ao escurecer e sabendo aí que o general Pereira d'Eça seguira com o destacamento para o Humbe, pediu ao chefe do pôsto quatro guerreiros do auxiliar Orlog para lhe servirem de guia e escolta, e marchou ao seu encontro. Logo que a noite caíu, estes guerreiros, talvez com receio do gentio, fugiram. A dedicação e habilidade do *chauffeur*, guiando o carro pelo trilho deixado pelas viaturas do destacamento, conseguiram levá-lo até ao bivaque.

Orlog era um preto de origem zulo, refuglado ora no distrito da Huíla ora na Dâmara, que dedicadamente nos serviu sempre, apesar da ingratidão com que foi tratado. Foi um valioso auxiliar do cap. Alves Roçadas na campanha do Cuamato; esteve ao serviço do general Pereira d'Eça.

(2) É oportuno referir que o C. E. M. E. não contribuíu directa ou indirectamente para a sua ida ao planalto. Não conhecia até então o general Pereira d'Eça a não ser através da reputação de que gozava, e de cumprimentos oficiais.

Também não contribuíu para ficar no planalto; continuou aí até ao fim das operações porque o general Pereira d'Eça assim o quiz.

Integrado na missão recebida, de dirigir em nome do general Pereira d'Eça os serviços no planalto, sentiu e partilhou do fervor patriótico que êste punha na sua acção; reconheceu que êle tinha direito a uma cooperação dedicada; pôs tôdas as suas faculdades nessa cooperação; procurou acertar e corresponder à confiança com que era honrado. Trabalhou sem propósito especulativo; mas entendeu que não devia deixar que a sua acção,

Exercia as funções de comandante de etapas o cap. de inf. João Henrique de Melo, oficial criterioso e dedicado, com larga fôlha de serviços distintos nas colónias. Foi muito valiosa a sua cooperação.

Novo aspecto da situação — Nova missão

Durante a sua permanência no Humbe, procedeu o general Pereira d'Eça ao reconhecimento do Cunene junto ao F. Roçadas e deu as instruções necessárias para os reconhecimentos e trabalhos a efectuar tendo em vista a passagem do rio no F. Ro-

---

que via ser útil, fôsse prejudicada por outras que o não conseguiam ser.

Colocado na situação delicada de ser ao mesmo tempo delegado do D. E. e do general Pereira d'Eça, encontrava, por vezes, dificuldades nas suas relações oficiais com o primeiro, dificuldades que considerou inerentes à natureza do serviço. Os momentâneos aborrecimentos que daí lhe vieram foram depressa abafados pelo trabalho que o absorvia, pelo interêsse que punha nesse trabalho, pelo prazer enorme que nêle encontrava.

Se alguma vez o C. E. M. E. se serviu da confiança com que era honrado, fê-lo sempre em benefício de camaradas, nunca em seu prejuízo.

Como é próprio da natureza humana, condição a que também não podia fugir, encontrou modos de ser muito diversos nas suas relações com os muitos oficiais com quem tratou. Respeitou o seu modo de ser, como condição para obter o melhor rendimento, e disso tirou bom resultado.

Situações interessantes surgiram por vezes; o seguinte episódio corresponde a uma delas.

No decurso da preparação surgiu a necessidade de pedir ao oficial X, pela função que exercia, um conjunto de trabalhos, de carácter urgente e de muito interêsse para a vida material das unidades.

Era X um oficial com larga permanência nas colónias, inteligente e trabalhador.

O C. E. M. E., depois de estudar a questão, procurou X e expos-lhe detalhadamente a séric de trabalhos que lhe pedia. Ao mesmo tempo que fazia a sua exposição, procurava o C. E. M. E., discretamente, descobrir no jôgo fisionómico do seu camarada a manifestação das suas impressões. E, assim, viu, a princípio, um evidente interêsse; depois, uma ironia progressiva, franca, desconcertante.

Terminada a exposição, X diz-lhe:

— Deixa-me fazer-lhe uma pregunta? — Faça favor.

— É a primeira vez que vem às colónias? — É.

— Vê-se logo. Olhe... e seguiu-se a exposição de uma série de dificuldades.

Depois de o ouvir atentamente, o C. E. M. E. voltou a dizer:

çadas e no vau da Chimbua, e as ligações do Humbe com êstes dois pontos e com o pôsto de Tchicusse.

As informações obtidas no Humbe indicavam:

— em quanto aos alemães, que a sua presença próximo da fronteira só se assinalava para os lados do Cuangar;

— em quanto aos indígenas, que se mantinham no propósito de se oporem à marcha das fôrças para além do rio.

No dia 11, partiu o general Pereira d'Eça para os Gambos, acompanhado do S. C. E. M.; o C. E. M. ficava no Humbe com a missão de organizar a base de operações e tomar as disposições necessárias para prevenir a possibilidade de qualquer acção contra as fôrças ali estacionadas.

Em 12, nos Gambos, recebeu o general a informação telegráfica de que os alemães da Dâmara se tinham rendido ao general Botha.

Êste facto modificou fundamentalmente a situação. Constituíu, devemos dizê-lo, uma decepção para o general Pereira d'Eça, que esperava, num encontro com os alemães, tirar a desforra do desastre de Naulila.

Transcrevemos do seu relatório:

«Mas, como o homem põe e Deus dispõe, necessário era adaptar-me à nova situação, encará-la tal como os factos a apresentavam e tomar imediatamente as medidas correlativas.

— Tudo foi estudado com atenção. De tôdas essas dificuldades só uma V. Ex.ª, apesar da sua reconhecida competência, não pode resolver—a financeira. Será prontamente pôsto à sua disposição o dinheiro necessário. V. Ex.ª iniciará já os trabalhos; o Snr. General virá vê-los dentro de uns 15 dias.

— Crê que será pôsto, com a urgência que diz, o dinheiro à minha disposição? — preguntou X, céptico.

— Tenho a certeza disso, respondeu-lhe o C. E. M. E.

E o dinheiro foi pedido logo para Mossâmedes, por ordem do general.

Passaram-se dias, o dinheiro não chegava, e o C. E. M. E. reconhecia razão ao cepticismo do seu camarada.

Voltou ao general e expos-lhe o facto; passadas poucas horas, recebia o dinheiro, que no dia imediato ia pessoalmente levar ao seu camarada. Convenceu-se êste, afinal.

Os trabalhos já tinham começado; a sua acção inteligente e dedicada muito contribuíu para que a ulterior concentração das unidades não fôsse retardada.

Êste facto traduz uma facêta interessante do serviço nas colónias; por isso o referimos.

Ficava só em campo o gentio, tinha-se portanto simplificado consideravelmente a minha tarefa, mas nem por isso ela tinha ficado, como à primeira vista poderá parecer, uma tarefa fácil.

O gentio revoltado era aguerrido e muito numeroso (Cuanhama, Cuamato, Evale, alguns cuambis e foragidos do Humbe e Dongoena). Segundo dados colhidos em autoridades como Eduardo Costa e João de Almeida, e as informações por mim obtidas, o seu efectivo total deveria orçar por uns oitenta a cem mil combatentes, e era necessário ter em conta que tinham o moral muito levantado pela retirada das nossas fôrças após os acontecimentos de Naulila, estando em grande parte instruídos e armados..., dando-se ainda a circunstância de à frente da coligação se encontrarem os cuanhamas, que nunca tinham sofrido o nosso domínio e cujo estado de civilização já era, segundo tôdas as fontes de informação, muito apreciável.

A missão que tinha neste momento a efectuar era portanto a ocupação do Cuanhama e a reocupação de todo o outro território de além-Cunene, que tinha sido abandonado, o que representava uma área enorme a submeter simultânea e ràpidamente, por isso que havia necessidade de ter as operações terminadas no início das chuvas (fins de Setembro) a fim de se não correr o risco de ficar com as estradas intransitáveis, e havia igualmente necessidade de encurtar o mais possível a permanência além-Cunene de grandes efectivos que a importância da coligação gentílica e a necessidade de simultaneidade de acção exigia, porque a deficiência dos meios rápidos de transporte não permitia alimentar êsses efectivos a tão grande distância do litoral (600 qm.) senão o tempo indispensável para quebrar a resistência do adversário, ficando depois nas regiões batidas só as tropas indispensáveis para a sua ocupação».

Em harmonia com a nova situação, resolveu o general Pereira d'Eça proceder, com a maior brevidade, à ocupação do Cuanhama e reocupação dos territórios sublevados.

E, para êsse efeito, determinou:

= a organização dos seguintes destacamentos:

— Dest. do Cuanhama, o mais forte, com a missão, reputada a mais importante e difícil, de submeter o povo cuanhama;

— Dest. do Cuamato, com a missão de reocupar o respectivo território, com a fôrça suficiente para poder vencer uma possível resistência;

— Dest. de Naulila, montado, destinado a reocupar o território da Dongoena (já submetido) e de Naulila;

= a atribuïção ao Dest. de Cassinga da missão de reocupar o Evale; passou a designar-se Dest. do Evale.

A transcrição feita traduz a maneira como o general Pereira d'Eça encarou a nova situação, a nova modalidade da sua missão.

É evidente que, desaparecida a possibilidade de um encontro com os alemães, a tarefa da submissão do Cuanhama resultava mais fácil e ficava dentro das possibilidades que lhe davam os meios de que dispunha. Mas essa relativa facilidade não queria dizer que a missão se tivesse tornado fácil em face do valor da resistência a vencer ou da importância de que o facto se revestia sob o ponto de vista internacional.

De modo nenhum; a apreciação traduzida na transcrição feita relativamente ao inimigo não era exagerada; a importância da acção sob o ponto de vista internacional deduz-se fàcilmente da seguinte pregunta: em que condições se apresentaria Portugal, terminada a guerra e posta a questão colonial, se não se tivesse mostrado capaz de assegurar o domínio de territórios que lhe pertenciam?

Tanto sob o ponto de vista militar como político, a questão cuanhama carecia de ser encarada com tôda a atenção, sem precipitação, atribuindo-se-lhe o valor que se deduz da transcrição feita, evitando-se a apreciação por defeito da capacidade combativa e propósito de resistência do povo cuanhama.

Novas disposições no serviço de etapas

Apesar das diligências efectuadas, a repartição dos serviços administrativos de etapas persistia na errada orientação posta na remessa de víveres para o planalto.

Em 8 de Julho, o Chefe do D. C. S. F. (Lubango) comunicava ao C. E. M. E. que ainda não tinha recebido quaisquer dos

géneros correspondentes à requisição com o seu acôrdo feita a Mossâmedes, e que desta cidade eram expedidos géneros de que não havia falta, enquanto insuficientes quantidades eram expedidas de outros (café, açúcar, farinha, etc.) de que havia grande necessidade.

Expos o C. E. M. E. ao general Pereira d'Eça que a repartição dos serviços administrativos se manifestava incapaz de corresponder à sua função. Foi, em conseqüência, resolvido o seu desdobramento; o serviço de subsistências e fardamento foi confiado ao cap. F. Filipe de Sousa; a repartição continuou tendo a seu cargo o serviço de contabilidade e fiscalização. Os dois orgãos passaram a ter a sua sede no Lubango.

Em meado de Julho, o cap. Filipe de Sousa partiu para Mossâmedes com o encargo de regular a remessa de víveres para o planalto, dentro da orientação estabelecida pelo C. E M. E., o que em parte conseguiu.

O depósito da base marítima estava então confiado ao tenente do S. Ad. Militar, F. Moreira de Almeida, oficial de conhecida competência. A intervenção, junto dêste oficial, do tenente Olival, adjunto do C. E. M. E., conseguiu, depois, que a questão das remessas de víveres para o planalto ficasse finalmente resolvida.

Em 16 de Julho foram publicadas as «Instruções para o serviço de abastecimentos durante as operações», de que transcrevemos as seguintes disposições:

1.º — Por conseqüência dos serviços que afectam um carácter especial nas operações militares coloniais, e muito especialmente nas presentes circunstâncias, a Direcção do Serviço de Etapas fica à retaguarda, na base marítima, Mossâmedes.

2.º — A Direcção do Serviço de Etapas receberá e armazenará todos os fornecimentos que vierem de qualquer pôrto nacional ou estrangeiro e bem assim aqueles que julgar necessário fazer na localidade.

§ único. O Director do Servico de Etapas fica autorizado a requisitar tudo quanto seja necessário para os serviços invocando o meu nome e assinando qualquer telegrama que tenha de ser feito para o Ministério, para qualquer govêrno da Província ou ainda directamente para qualquer fornecedor com a

palavra «Governador», de que eu assumo tôda e qualquer responsabilidade.

4.º — A Direcção do Serviço de Etapas terá como seu representante no Lubango o seu chefe do estado maior, que dirigirá no planalto o serviço de abastecimento das fôrças em operações.

5.º — Junto do chefe do estado maior da Direcção do Serviço de Etapas estará um oficial da administração militar, que é o delegado do chefe dos serviços administrativos da primeira linha, competindo-lhe, portanto, a execução do que fôr determinado em meu nome pelo referido chefe do estado maior.

De 6 de Julho aos primeiros dias de Agôsto, o serviço de reabastecimento de víveres do Dest. do Humbe e do abastecimento dos postos ao Sul dos Gambos foi dirigido pelo tenente de inf./C. E. M., Cardoso Machado, como adjunto do chefe da repartição dos serviços administrativos do C. S.

Marchas de concentração

O general Pereira d'Eça fixou o dia 10 de Agôsto para a concentração, no Humbe, das unidades destinadas às operações ao Sul do Cunene.

Do quadro de marcha organizado pelo E. M. do C. S. constavam os seguintes deslocamentos:

— desde o Lubango: B. I. 18 e 19., B. A. 8, E. C. 4 e ambulância de combate n.º 2;

— desde a Chibia: Q. G. do C. S., 1/I Met., 1/II Met., 3/II Met., 2/VI Met., B. A. 7, secção de munições e amb. de combate n.º 1;

— desde os Gambos: B. I. 17.

As unidades receberam inicialmente dois dias de V. N. e um dia de V. R.; os postos receberam as dotações necessárias ao reabastecimento das unidades durante as marchas.

Os serviços na véspera das operações

Serviço de subsistências

No dia 5 de Agôsto, período das marchas de concentração,

um incêndio no depósito de Tchicusse, provocado por imprevidência de um *chauffeur*, ocasionou a perda de dois camiões e afectou o depósito de subsistências. As prontas providências tomadas pelo gerente, ten. Costa Alves, limitaram os prejuízos.

Neste mesmo dia, o C. E. M. E. informou o general Pereira d'Eça de que os víveres existentes em Vila Arriaga, Quilemba e Lubango, e em trânsito, eram em quantidade suficiente para se considerar assegurado o abastecimento das fôrças durante o período previsto para as operações, e propos que as remessas diárias de Mossâmedes fôssem reduzidas a 25 T., o que foi aprovado.

Esta redução no transporte de víveres pelo caminho de ferro permitiu o deslocamento de algumas centenas de carregadores para os transportes entre Quilemba e Lubango, e o aumento dos transportes destinados ao comércio.

Previsões no campo das operações e seu reflexo no serviço de subsistências

Fixado o dia 12 de Agôsto para início das operações, as previsões a seguir indicadas, do Comando Superior, serviram de base para o serviço de reabastecimento de víveres.

Destacamento do Cuanhama — Previa-se que alcançasse Ngiva em 20; descansaria em 21; a evacuação seria iniciada em 22.

Efectivo — 2.620 h. e 1.260 solip.

Seria reabastecido pelo Humbe, em V. N. e forragens, nos dias 12 e 13; transportaria 8 dias de V. R. e forragens.

À sua disposição seriam postos 24 camiões, para os seus reabastecimentos em víveres e água.

Destacamento do Cuamato — Previa-se que alcançasse o F. Cuamato em 16; iniciaria a evacuação logo que o Dest. Cma conquistasse Ngiva.

Efectivo — 1.300 h. e 460 solip.

Seria reabastecido pelo Humbe, em V. N. e forragens, no dia 12; transportaria 3 dias de V. R., 2 dias de V. N. e 5 dias de forragens, para os dias 13 a 17.

À sua disposição seriam postos 8 camiões para o reabastecimento de água; a partir do dia 17, o destacamento utilizá-los-ia para o reabastecimento de víveres pelo F. Roçadas.

Ao serem iniciadas as operações, a situação era a seguinte:

— os destacamentos tinham as dotações previstas;

— o depósito do Humbe tinha aproximadamente a dotação fixada (15 dias); o de Tchicusse tinha aproximadamente a dotação anteriormente fixada; o dos Gambos estava bem abastecido, assim como o D. C. S. F.

Serviço de artilharia

O comandante da artilharia de etapas, cap. Carminé Nobre, teve a sua sede em Mossâmedes até 15 de Julho, data em que, por proposta do C. E. M. E., se deslocou para o planalto, onde se conservou até ao fim das operações.

Além dos depósitos e oficinas já indicados, foram organizadas no serviço de etapas duas secções de munições destinadas ao destacamento que deveria operar ao Sul do Cunene e ao de Cassinga. Em conseqüência da mudança havida na situação, foram reünidas as duas secções numa única, que foi atribuída ao Dest. Cma.

Tinha inicialmente sido prevista a criação de um depósito de munições no Humbe. A mudança na situação levou o C. S. a considerá-lo dispensável, reputando suficientes as munições transportadas nos T. C. das unidades e na secção de munições do Dest. Cma, critério que traduz o seu optimismo sôbre o decurso previsto para as operações.

Em 11 de Agôsto, recebeu o general Pereira d'Eça um telegrama do G. C. «pedindo o embarque urgente do material de artilharia (peças, carros de munições, etc.) que entrava na constituïção dos destacamentos e que o mesmo govêrno entendia não ser já preciso, depois da rendição dos alemães». (1)

No dia imediato, determinou o general Pereira d'Eça ao cap. Carminé Nobre, então no Humbe, a sua ida para a retaguarda a fim de tratar da evacuação rápida para a Metrópole de todo o material de artilharia desnecessário às operações.

A determinação do G. C traduz, pelo menos, o desconheci-

(1) *As Operações Militares no Sul de Angola em 1914-1915*, do brig. Freitas Soares, pag. 137.

mento da situação no Sul de Angola; a do general Pereira d'Eça o optimismo já referido, que os factos se encarregarão de mostrar que era injustificado.

Serviço de transportes automóveis

No princípio de Julho, foi nomeado delegado do serviço de transportes nos Gambos o cap. de inf. F. Marcelino Afonso, oficial muito criterioso e dedicado ao serviço.

Em 19 do mesmo mês, foram publicadas «Instruções para o serviço de camiões», em virtude das quais êste serviço era dirigido, nos Gambos, pelo ten. de inf./C. E. M., Cardoso Machado, e, no Lubango, pelo C. E. M. E. O ten. Cardoso Machado vinha, desde alguns dias, exercendo essa função e assim continuou até à constituïção do Dest. Cma, de cujo E. M. fez parte.

Em 12 de Julho, estando ainda os últimos 70 camiões chegados a Mossêmedes em via de transporte para o Lubango, havia no planalto 44 camiões *Fiat* ao serviço, dos quais 23 foram postos à disposição do ten. Cardoso Machado, e 21 à disposição do C. E. M. E., aquêles para os transportes dos Gambos ao Humbe, êstes para os transportes até aos Gambos.

Esperava-se então que, terminado o deslocamento dos camiões para o Lubango, cada um dêstes números pudesse ser elevado a 40, o que, infelizmente, não passou de aspiração. O maior número de camiões que se conseguiu pôr ao serviço, foi o seguinte, obtido em 16 de Julho: 78 *Fiat*, 1 *Unic*, 1 *Denis*, 1 *Albion* e 1 *Will's*. Em 22 do mesmo mês, estavam já inactivos nos Gambos, por falta de câmaras de ar, 20 camiões.

Durante todo o período da preparação das operações foi pedido, tanto ao pessoal como ao material, um esfôrço excessivo. Foi grande o número de camiões avariados no trajecto Gambos-Humbe, os quais foram deixados aos lados da estrada, depois de lhes tirarem as rodas. Aí se conservaram até ao fim das operações, quando foi possível tratar da sua remoção.

Pode ao serviço de transportes automóveis pedir-se um serviço intenso e rápido para acudir a situações difíceis; êsse serviço deve, porém, ser de curta duração, sob pena de ruína do material.

Na ocasião em que os destacamentos do Cuanhama e Cuamato iniciaram a marcha em direcção aos seus objectivos, 12 de Agôsto, ficaram à disposição do C. E. M. E. apenas *12 camiões,* dos quais 8 eram absorvidos pelo transporte de gasolina.

Nesta delicada situação de transportes automóveis, base dos transportes de reabastecimento imediato das tropas, foram iniciadas as operações. Veremos adiante como ela influiu na seqüência das operações.

Execução das Operações

Constituïção dos destacamentos

A conveniência de as operações estarem concluidas antes da época das chuvas levou o general Pereira d'Eça a apressar a sua preparação e a promover a ocupação simultânea dos diversos territórios. Tinha essa simultaneidade também em vista levar o inimigo a dividir as suas fôrças.

Foi, por isso, resolvida a criação de quatro destacamentos — Cuanhama, Cuamato, Evale e Naulila — cuja constituïção se tornou definitiva pela O. S. n.º 1, de 10 de Agôsto.

Pôs, assim, o general Pereira d'Eça de parte o propósito inicial de não dispersar as suas fôrças. A mudança havida na situação e o propósito de terminar ràpidamente as operações explicam a mudança de orientação. A constituïção dos destacamentos do Cuanhama, Cuamato e Evale resulta justificada; em quanto à do Dest. de Naulila não acontece o mesmo. Não havia razões de política internacional ou indígena que então a indicassem; teria sido mais conveniente reforçar com êsses elementos o Dest. Cto, que ficou demasiadamente fraco em cavalaria.

Aos destacamentos foi dada a constituïção a seguir indicada.

Comando Superior

Comandante.	— General A. J. C. Pereira d'Eça
Ajudante	— Cap. de art., H. J. Carvalho Dias
»	— Alf. de cav., J. F. Ramalho Ortigão
C. E. M.	— Major do S. E. M., J. Ortigão Peres
S. C. E. M.	— Cap. do S. E. M., A. M. Freitas Soares
Oficial às ordens . .	— » de art., A. J. Couceiro de Albuquerque

Destacamento do Cuanhama

Q. G.:

Comando e E. M.:

Comandante. . . — Ten. cor. de art., M. Pereira Caldas
Ajudante . . . . — Cap. de art., A. Faria Leal
C. E. M. . . . . — » do S. E. M., H. Pires Monteiro
S. C. E. M. . . . — Ten. de inf./C. E. M., A. Cardoso Machado
Adjunto do E. M. — » » » » » », J. Dias da Costa
Com. da Artilharia. . — Major de art., J. Afonso Pala
» » Eng. (1). . . — Cap. de eng., Rui Ribeiro
Chefe dos S. Adm. . — » do S. Ad. M., A. Vieira de Castro
» do S. Saúde (1). — » de fragata, A. B. Vasconcelos e Sá
» » S. Vet. (1) . — » do S. V., A. A. Chaves de Lemos
Com. do Q. G. . . . — Ten. do Q. A. A., Vítor Coelho
Provisor. . . . . — Alf. do S. Ad. M., Josino da Costa

Armas:

Bat. de Marinha. . . — Com., cap.-ten. A. Júlio de Cerqueira
B. I. 17 . . . . . — » , major J. Pires Viegas
15.ª C. I. M. . . . . — » , ten. Humberto de Ataíde
1/II Met. . . . . — » , cap. J. Martins Cameira
2/III » . . . . . — » , » . A. Teles de Azevedo
2/IV » . . . . . — » , » . F. José Teixeira
B. A. 7. . . . . — » , » . J. F. Silva Alegria
B. A. 8. . . . . — » , » . J. C. Pereira Lourenço
Gr. de Esquadrões. . — » , maj. E. M. Vieira da Rocha
E. C. 4 (152 cav.). . . — » , cap. C. L. Godinho
E. C. 11 (114 cav.) . . — » , » . A. P. Cunha e Costa
Secção de projectores
Auxiliares . . . . . — Com., cap. de inf., J. M. Ferreira do Amaral

Serviços:

T. C. . . . . — Com., cap. de art., A. C. Cortês
Coluna de munições . — » , ten. » » , Walter Lima
Ambulância . . . . . — » , ten.-med., J. Sena Cabral
Brig. de trabalhadores — » , cap. ref., J. I. Palermo de Oliveira
Comboio. . . . . — » , cap. de art., H. F. Costa Pinto
Sec. Auto de Reab. . — » , alf. de inf., Miguel Ponces
S. de água (auto e hipo) — » , ten. de inf., Bento Roma
Reserva de víveres

Efectivo — 103 of., 2.420 p., 98 aux. brancos, 127 aux. indígenas, 445 solíp. de sela, 856 solíp. de tiro, 18 camelos, 24 camiões e 185 viaturas hipos, das quais 2/3 eram carros alentejanos, puxados a uma parelha.

---

(1) E do Comando Superior.

Munições:

Baterias de art.	368	tiros	por peça
Col. de munições (art.)	137	»	» »
Bat. de marinha	240	»	» espingarda
B. I. 17.	270	»	» »
15.ª C. I. M.	240	»	» »
Metralhadoras do Ex.	16.500	»	» met.
» da Mar.	14.820	»	» »
Esquadrões	130	»	» carabina

Destacamento do Cuamato

Q. G.:

Comando e E. M.:

Comandante. . . — Cor. de inf., A. Veríssimo de Sousa
Ajudante . . . . — Alf. mil. de cav., F. Almeida Pinheiro
C. E. M. . . . . — Cap. do S. E. M., J. Conceição Mascarenhas
S. C. E. M. . . . — Ten. de cav./C. E. M., J. Abreu Campos
Adjunto do E. M. — Ten. de inf./ C. E. M., J. J. Ramos
Oficial às ordens — Alf. de art., Raúl Ferrão
Com. da artilharia . . — Cap. de art., A. J. Travassos Valdés
Chefe do S. de Saúde — Cap.-médico, Alberto de Mendonça.
» dos S. Adm. . — Ten. do S. Ad. M., M. Costa Dias
» » » Vet. . . — » » » Vet., J. P. Carmo
Provisor. . . . . — Alf. do S. Ad. M., A. L. C. Rodrigues

Armas:

B. I. 18 . . . . . — Com., major Alberto Salgado
16.ª C. I. M. . . . . — » , cap. J. R. Sepúlveda Rodrigues
1/I Met. . . . . — » , » M. J. Crespo Júnior
3/II » . . . . . — » , » A. J. Teixeira
2.ª Bat. de Montanha. — » , » A. J. Travassos Valdés
E. C. (4.os pel. dos E. C. 4 e 11 — 70 cav.). — » , ten. F. Correia Tôrres
Secção de projectores
Auxiliares

Serviços:

Coluna de munições. — Com., alf. Q. A. A., J. Carvalho Cebola
Ambulância. . . . . — » , ten. médico, Armando de Macedo
Brig. de trabalhadores
Comboio . . . . . — » , alf. Q. A. A., J. Carvalho Cebola
Secção auto de reab.
» de água

Efectivo — 56 of., 1.346 p., 24 aux. brancos, 31 aux. indígenas, 156 solíp. de sela, 320 solíp. de tiro, 8 camelos, 7 camiões e 60 viaturas hipos.

Munições:

Baterias de art.	200	tiros	por peça
B. I. 18.	270	»	» espingarda
16.ª C. I. M.	270	»	» »
Metralhadoras	16.500	»	» met.
Esquadrão	130	»	» carabina

Destacamento do Evale

Q. G.:

Comando e E. M.:
Comandante. . . — Maj. de inf., J. J. Reis e Silva
Ajudante . . . . — Ten. » » , J. S. S. Machado
C. E. M. . . . . — Cap. » » /C. E. M., J. C. P. Ferreira Chaves
Chefe do S. Saúde. . — Ten.-médico, F. Cortês Pinto
» dos S. Adm. . — » do S. Ad. M., Edgar A. Cardoso
» do S. Vet. . . — » vet., J. J. Lobato Guerra

Armas:

2 comp. do B. I. 16. . — Com., cap. C. F. Brou (10.ª) e J. F. Pires do Carmo (11.ª)
2/II Met. . . . . — Com., cap. António Moreira
1.º E. D. (110 cav.) . : — » , » A. R. A. Piçarra
Aux. bailundos (marcha para a Môngua). — » , ten. de inf., A. Adriano Pires

Serviços:

Trem de combate
» regimental
Comboio e rebanho

Efectivo — Na marcha do Cáfu para o Evale: 30 of., 540 p., 3 aux. brancos, 23 aux. indígenas, 220 solip., 23 camelos, 19 c. alentejanos e 18 c. boeres; na marcha do Evale para a Môngua: 28 of., 477 p., 3 aux. brancos, 510 aux. indígenas, 179 solip., 23 camelos e 17 c. boeres.

Destacamento de Naulila

Comandante. . . — Ten. cav., F. Pessoa de Amorim
Médico . . . . . — Ten.-médico, A. M. de Vasconcelos
Veterinário . . . — Ten.-vet., J. Cândido Coelho
Provisor. . . . . — Ten. do S. Ad. M., J. R. Cruz
E. C. 9 (43 cav.) . . . — Com., ten. cav., Luís de Camões
Aux. boeres. . . . . — » , alf. cav. 9., J. F. Sarmento Pimentel

Efectivo: 7 of., 53 p., 30 aux. brancos, 81 solip. de sela, 16 solip. de tiro e 5 carros alentejanos.

Base de operações

Da O. S. que fixava a constituïção dos destamentos, constavam também a organização e o funcionamento do B. O., cujas disposições principais transcrevemos, por serem de interêsse para o estudo da seqüência das operações. (1)

Organização da B. O.

1.º — Comando:
Comandante. . — Cap. de inf., J. F. Velez Caroço
2º — Tropas de segurança:
11.ª Comp. do
B. I. 19 . . . — Com., cap. A. J. Fontoura
12.ª Comp. do
B. I. 19 . . . — Com., cap. A. R. Cunha Azevedo
Efectivo aprox. — 300 h.
3.º — Serviços:
Eng. e art. . . . . — Com., cap. de art., Carminé Nobre
Saúde. . . . . — Chefe, ten.-médico, Manuel Pinto
Vet. . . . . — » , alf.-vet., A. Messias Abade
Subsist. . . . . — » , ten. do S. Ad. M., J. R. Costa Júnior
Postal. . . . . — » , cap. do inf., C. Ribeiro Borges
4.º — Estabelecimentos militares:
Dep. reünido de material de eng. e art. — Chefe, alf. de art., J. Pina Cabral
Hospital — Chefe, ten.-médico, Manuel Pinto
Enf. vet. — Chefe, alf.-vet., A. Messias Abade
Dep. de subsist. e fard. — Chefe, ten. do S. Ad. M., C. M. de Freitas
adjunto, ten. do S. Ad. M., J. G. S. Mesquita
Adstritos: parque de reses n.º 1, secção de padaria n.º 1 e rebanho de reabastecimento
Oficina de reparação de camiões e dep. de gasolina — Chefe, alf. de inf., O. Ferreira Chaves
Oficina de viaturas hipo — Chefe, alf. de art., J. Pina Cabral
Estação postal
» telegráfica (e telefónica)

Funcionamento da B. O.

«1 — Serviço de étapes

Que o funcionamento dos diversos órgãos da linha de comunicações desde a base marítima de Mossâmedes continua a

(1). *Rel. P. E.* (A), pags. 502 a 505.

ser dirigido, sob a autoridade de Sua Ex.ª o General e nos termos das instruções emanadas do mesmo Ex.mo Snr., pelo director do serviço de étapes e pelo chefe do estado maior do mesmo serviço, que estenderá a sua acção até às fôrças em operações.

O serviço de étapes deverá:

1.º — Dirigir sôbre a base de operações do Humbe os abastecimentos necessários à alimentação diária de 2.000 h. e 800 solipedes;

2.º — Prover às necessidades dos diversos postos da linha de comunicações...

3.º — Criar, até ao dia 31 de Agôsto, depósitos de viveres de trânsito para o período das marchas de regresso:

a) — Humbe — 4.700 rações para homens e 3.000 rações para solípedes;

b) — Chicusse.....

2 — Comandante militar

Além das atribuïções e deveres dos regulamentos em vigor, compete ao comandante militar:

a) — Pôr à disposição do chefe do estado maior do serviço de etapes todos os recursos que pelo mesmo lhe forem requisitados:

b) — Tomar as medidas necessárias à segurança, disciplina e higiene da base de operações, reprimindo os crimes e delitos cometidos pelo pessoal sob as suas ordens e pelos europeus ou indígenas;

c) — Conservar-se em constante ligação com as testas de ponte que forem criadas ou com quaisquer postos que forem destacados, adoptando as medidas necessárias para a conservação e protecção das vias de comunicação de tôda a espécie;

d) — Conservar e procurar restabelecer as comunicações com as fôrças em operações;

e) — Receber a apresentação de indígenas, interrogando-os, de modo a averiguar o seu grau de culpabilidade no ataque às nossas tropas, à propriedade do Estado e dos particulares, dando-lhes o destino que superiormente fôr determinado;

f) — O comandante militar da base de operações tem, relativamente a todo o pessoal sob as suas ordens, competência disciplinar de comandante de regimento.

3 — Aos chefes de serviço, directores de estabelecimentos militares, oficinas e formações compete:

a) — Receber do chefe do estado maior da direcção de étapes as ordens relativas aos pedidos de abastecimento, substituïção e evacuação emanadas do comando superior ou dos comandantes de destacamento, promovendo a sua imediata execução;

.....

f) — Ter sempre em dia os mapas da existência e movimento de abastecimento e evacuação, de modo a estar permanentemente habilitado a informar o chefe de estado maior da direcção de étapes;

g) — Solicitar do mesmo chefe, como delegado directo do comando superior, tôdas as medidas convenientes ao bom funcionamento do serviço, comunicando-lhe ràpidamente tôdas as irregularidades que encontrar».

No dia 13, o comandante militar da B. O. fez instalar um pelotão do B. I. 19 em cada uma das testas de ponte, do F. Roçadas e Chimbua.

Directiva para a ocupação do Baixo-Cunene (1)

As operações foram orientadas conforme a seguinte directiva, de 21 de Julho:

«I — Não há mais notícias sôbre a situação dos povos indígenas das bacias do Cunene e do Cubango.

II — É minha intenção fazer a ocupação do Baixo-Cunene pela acção simultânea de quatro destacamentos. Os três primeiros concentrar-se-ão no Humbe, e o quarto no Mulondo, em dias oportunamente fixados, tendo, respectivamente, como objectivos:

Destacamento de Naulila — Descer a margem direita do Cunene, atravessar o rio no vau Calueque, operar em Naulila, dirigindo-se depois sôbre o forte do Cuamato, onde se encorporará no Destacamento do Cuamato.

Destacamento do Cuamato — Atravessar o Cunene junto ao

(1) *Rel. P. E.* (A), pag. 505.

Forte Roçadas, dirigindo-se sôbre o forte do Cuamato com o fim de reocupar o Cuamato.

Destacamento do Cuanhama — Atravessar o Cunene no vau Mucopa (Chimbua) dirigindo-se sôbre a embala Ngiva, com o fim de fazer a conquista e a ocupação do Cuanhama.

Destacamento do Evale — Dirigir-se sôbre o Quiteve, bater os povos entre Mulondo e Cáfu, e, atravessando o Cunene, dirigir-se sôbre a embala do Evale a fim de fazer a reocupação dêste território.

III — Os destacamentos iniciarão a marcha, a partir dos locais de concentração, nos dias que oportunamente forem indicados.

IV — Os destacamentos enviarão sempre as suas comunicações sôbre o Humbe, e, sem prejuízo destas comunicações, procurarão ligar-se transversalmente durante a marcha ou pelo menos logo que atinjam os seus objectivos especiais.

Instruções aos destacamentos

A directiva transcrita foi acompanhada de instruções aos destacamentos do Cuanhama, Cuamato e Naulila, de que transcrevemos o que nos parece de maior interêsse.

«1.º Terreno — O terreno onde vai operar apresenta-se sob a forma de uma vasta planície de mato (em geral mutiati, mupapa e espinheiro), mais ou menos espesso, abrindo-se de onde em onde clareiras ou chanas de maior ou menor extensão .....

2.º Inimigo — Não há informações sôbre o número certo de combatentes que os cuanhamas e cuamatos podem apresentar em campo.

Devemos, porém, contar que o número de armas finas e munições tenha aumentado relativamente à época da retirada das nossas tropas.

Consta haver divergências políticas nos dois sobados.

A táctica empregada, quer pelos cuanhamas, quer pelos cuamatos, visa o envolvimento, senão absoluto, pelo menos por três faces, estendendo-se em uma longa linha de atiradores em fórma de meia lua. Os restantes combatentes, os que não dispõem de armas de fogo, aguardam em formações concentradas o momento do assalto.

Os lengas, chefes de guerra, dirigem as suas cuas no combate. Andam, geralmente, a cavalo; trajam à europeia, fato de cáqui.

O soba não costuma apresentar-se à frente dos seus guerreiros. É, provável, porém, que o Mandume, soba do Cuanhama, quebre a tradição, e venha jogar o destino do seu sobado.

Devemos, pois, contar com a maior resistência.

3.º Marchas — A formação de marcha empregada será a que mais fàcilmente permita a passagem rápida à formação de combate. Empregar-se-á, pois, sempre que o terreno o permita, a formação em coluna tripla. ..... No fim de cada étape, sempre que seja possivel, os destacamentos procurarão estabelecer as ligações transversais por meio de indígenas disfarçados. As comunicações serão escritas, empregando-se a cifra do comando.

4.º Estacionamentos — Deve haver o maior cuidado na passagem das formações de marcha ao dispositivo de estacionamento. Esta passagem representa o momento crítico quando não seja feita na mais absoluta ordem .... Em regra não se fará uso da fortificação, a não ser no caso de estacionamento prolongado, ou de destacamentos de pequeno efectivo que se não possam proteger com postos à cossaca..... Às cinco horas tôdas as tropas estão em armas até ao nascer do dia.

5.º — Combate .....»

Início das operações

No dia 11 de Agôsto, os três destacamentos, definitivamente constituídos, e instruídos com a directiva e instruções referidas, estacionavam na região do Humbe, com os bivaques orientados segundo as respectivas direcções de marcha.

Na manhã de 12, iniciaram a marcha sôbre os seus objectivos.

O Destacamento do Evale partiu, em 11, do Mulondo para o Sul.

O Comando Superior acompanhou o Dest. Cma.

Acompanharemos os vários destacamentos na sua marcha

pela ordem que nos parece a mais conveniente para melhor traduzirmos a situação em que decorreram os acontecimentos mais importantes.

Destacamento de Naulila

Tendo partido do Humbe na manhã de 12, alcançou na tarde do dia imediato o vau de Calueque, onde se lhe reüniram os auxiliares boeres.

Em 15, para bater a Hinga, conforme a missão recebida, deslocou-se até à Dongoena, e passou aí o rio. Procurou, assim, evitar que o respectivo gentio se refugiasse no Cuamato, interpretação feliz da ordem recebida, que o mandava operar em Naulila de Oeste para Leste.

Bateu a Hinga em 16, no que foi auxiliado por indígenas dos dois lengas da Dongoena.

De regresso a Calueque, passou a dirigir a sua acção para os lados de Ruacaná.

Em 21, a pedido do Comando do Dest. do Cuamato, foi-lhe pelo C. E. M. E. transmitida ordem para ir reforçar a guarnição do F. Cuamato, para onde partiu.

Em 27, por determinação do general Pereira d'Eça, o alferes Sarmento, com os auxiliares boeres, seguiu para a Môngua, onde se encorporou no Destacamento da Ngiva; o Dest. de Naulila foi novamente encarregado da ocupação das regiões Naulila — Ruacaná, para onde partiu em 5 de Setembro.

Em fins dêste mês, seguiu o destacamento pela margem direita do Cunene até Ruacaná, onde se conservou durante dois dias, regressando a Naulila pela margem esquerda.

Nesta região se conservou o destacamento até 3 de Outubro, data em que partiu para o Humbe, donde depois seguiu para o Lubango, sendo aí dissolvido.

— Em 1 de Outubro, o Esq. Cav. 9 (1) prestou homenagem

(1) O Esq. Cav. 9 foi inicialmente comandado pelo capitão Alberto Margaride. Pelo regresso dêste oficial à Metrópole por motivo de doença, passou o seu comando para o tenente Pessoa de Amorim. Desde 18 de Setembro, tendo êste oficial baixado ao hospital do Humbe, exerceu o seu comando o tenente Luís de Camões.

aos camaradas mortos em Naulila, trasladando os seus corpos para uma sepultura para êsse fim aberta, à cabeceira da qual colocou uma grande cruz com o seguinte letreiro:

«O esquadrão de Cavalaria 9 presta assim homenagem aos seus camaradas mortos no cumprimento do dever, em 18 de Dezembro de 1914».

Destacamento do Cuamato

Iniciada a marcha na manhã do dia 12., o Dest. Cto passou o Cunene e bivacou próximo e além do F. Roçadas.

Não foi hostilizado pelo inimigo.

A passagem do Cunene foi feita com alguma dificuldade, tendo sido necessário recorrer à brigada de trabalhadores.

Em 13, às 7 h., prosseguiu o Dest. Cto a marcha, atravessou a chana de Mufilo (1) e alcançou, sem ser hostilizado, Aucongo, onde estacionou.

(2) «Pelos prisioneiros feitos soube-se que o gentio, que se encontrava na região, fugia na nossa frente, e que já tinha avisado o Tchietaquela (soba), (3) conservando-se alguns espiões nas proximidades.

Procedeu-se a todos os serviços de estacionamento sem novidade, até que pelas 18 horas e trinta minutos, quando já o crepúsculo estava bem acentuado, foi repentinamente a face da frente atacada por atiradores ocultos na orla do bosque que envolvia a chana onde estacionávamos, começando as balas a cair dentro do quadrado, junto do local do estacionamento do trem regimental. Os postos à cossaca dessa face retiraram vagarosamente, e, após serem recolhidos, foi ordenado à divisão de artilharia, que estacionava no flanco direito dessa face, para abrir o fogo sôbre a orla, e ao mesmo tempo à cavalaria para aparelhar.

Feitos alguns tiros, o ataque definiu-se mais para o flanco

(1) Em 27 de Agôsto de 1907 travou-se nesta clareira o primeiro dos violentos combates em que as tropas do cap. Alves Roçadas se empenharam durante a ocupação do território cuamato.

(2) Colocamos entre aspas o que transcrevemos do relatório oficial.

(3) Soba do Cuamato Pequeno em 1907; já lhe fizemos referência na IP. dêste livro, pág. 36.

esquerdo da mesma face, procurando envolver parte da face esquerda do quadrado, para onde se deslocou o tiro. Dentro de pouco tempo o fogo do inimigo cessou, ordenando-se então à cavalaria e aos auxiliares que saíssem do quadrado e fôssem bater o mato junto à orla, não se internando muito em vista do adeantamento da hora.

As poucas munições com que iam dotadas as peças da única bateria de que dispúnhamos levaram-nos a ser parcimoniosos e a não fazer a perseguição pelo fogo, única que neste momento se impunha.

A cavalaria, por seu lado, dispunha igualmente de um pequeno efectivo para que dela pudéssemos fazer o emprêgo que a situação aconselhava.

Estas faltas fizeram-se sentir sempre durante as missões que o destacamento teve de desempenhar.

Depois da cavalaria ter recolhido sem haver encontrado alguém, foi, como medida de precaução, aumentado o número de sentinelas, carregadas as peças e mandado funcionar o projector, e aqui devo desde já acentuar que êste nos foi de um valioso auxílio durante tôdas as operações.

Igualmente foram dadas tôdas as ordens na hipótese de um ataque ao alvorecer — o que tudo fazia prever — ataque que se se não realizou».

Às 7 h. de 14, prosseguiu o destacamento a marcha, alcançando o Damequero, onde estacionou.

«Após a chegada ao estacionamento começaram-se a ouvir uns tiros ao longe, pelo que a cavalaria e os auxiliares foram percorrer o terreno na direcção assinalada e, depois de tiroteio de parte a parte, foram feitos alguns prisioneiros, entre êles o sobeta do Damequero (fidalga Camuvari) e três dos seus lengas que mais destroços haviam feito nos postos do Cuamato e que erem fiéis súbditos do Tchietaquela. Por êles soubemos que os tiros de artilharia da vèspera tinham causado algumas baixas ao inimigo e que êste era constituído por gente do soba que procurava demorar o avanço das nossas fôrças».

Na manhã de 15, continuou o destacamento a marcha em direcção à Inhoca, onde tencionava estacionar.

«... por alturas da célebre cacimba da Inhoca, que se encontrava sêca, foram as patrulhas de cavalaria atacadas, pelo que a artilharia avançou a fazer alguns tiros para os chilongos donde o ataque partia, e a seguir foi a cavalaria lançada nessa direcção, nada encontrando digno de registo. A coluna continuou por isso a marcha até que, no mato rasteiro que precede a entrada na chana da Inhoca, foi de novo a cavalaria atacada, mas então por um forte nucleo inimigo, que depois se soube ser capitaneado pelo próprio Tchietaquela e seus lengas, que dispunham de montadas.

A cavalaria apeou e sustentou fogo até à chegada da coluna, que tomou ràpidamente o dispositivo de combate, avançando um pouco além da posição primitivamente ocupada pela cavalaria. A face da frente e parte da esquerda foram logo visadas pelo fogo de atiradores inimigos deitados e cobertos pelas árvores de grande porte de que o terreno aqui estava cheio, mudando o aspecto, fogo ao qual respondeu a secção de metralhadoras da face da frente e as fôrças de infantaria 18 visadas. Por seu turno uma divisão de artilharia entrou em posição no flanco esquerdo da face da frente, e bateu com o seu fogo o local donde o fogo do inimigo era mais intenso.

Como êstes abrandassem e se percebesse que o inimigo começava retirando, a artilharia alongou o tiro, batendo o terreno em profundidade, de forma a executar a perseguição, até que aquêle se calou por completo. Era aqui a ocasião de lançar sôbre o inimigo a cavalaria, não lhe dando mais repouso, mas afora o efectivo necessário para patrulhas, esta dispunha apenas de um efectivo pouco superior a trinta cavalos, insignificante para uma acção tão enérgica e isolada da coluna como era necessário.

O destacamento continuou a marcha, entrando em breve na chana da Inhoca, e como as tropas estivessem relativamente frescas, a hora não fôsse adiantada, houvesse necessidade de enviar outro comboio de carros alentejanos para reabastecer no Forte Roçadas, e ainda para evitar que o inimigo destruísse o Forte do Cuamato, que informações davam como intacto até então, mostrando-se-lhe ao mesmo tempo que os seus ataques não nos detinham, resolvemos continuar a marcha e ir estacionar naquêle Forte.

À excepção de três casos de insolação, devido ao excesso de calor que fazia, e apesar da sêde que as tropas sofriam, dada a fraca ração de água que diàriamente se lhes podia distribuir, o destacamento marchou nessa pesada formação de combate, em quadrado, sem descanso, durante trinta quilómetros, dando entrada no Forte às 15 horas, sem mais termos sido incomodados pelo inimigo».

O Forte estava bem conservado, mas saqueado; do comando, com excepção da cavalariça, todos os edifícios estavam destruídos; o mesmo acontecia com os do comércio.

Após a entrada no Forte, apresentaram-se alguns indígenas, aos quais o Comando do Destacamento fez saber as condições em que seriam aceites as apresentações, mandando-os divulgá-las entre o gentio.

Estava assim, cumprida a missão do Dest. Cto, um dia antes do previsto. Sem sofrer perdas, acabava de efectuar, em quatro dias, a reocupação do Cuamato, cuja conquista levara, em 1907, mais de um mês, e custara a vida de 5 oficiais, 53 praças brancas e 8 indígenas.

Os guerreiros cuamatos tinham-se reünido ao povo cuanhama, como o haviam já feito os muhumbes. Tornava-se evidente que o Dest. Cma teria que suportar o maior esfôrço da campanha.

O Comando do Dest. Cto manteve o C. S. e o C. E. M. E. a par da marcha das operações.

Reabastecimento de víveres. — Numa conferência realizada no Humbe entre o C. E. M. do Dest. Cto e o C. E. M. E. ficou estabelecida a maneira de efectuar êste serviço, o qual decorreu de maneira regular. Pelo destacamento foram organizados alguns comboios de carros alentejanos, que se reabasteceram de víveres no F. Roçadas.

Lutou o destacamento com dificuldades no abastecimento de água, vendo-se forçado a utilizar para êsse fim os camiões à sua disposição, que a iam buscar ao Cunene.

Ordem para a retirada do Dest. Cto

Conforme a ordem recebida, o Dest. Cto continuou no F. Cuamato, aguardando a chegada do Dest. Cma a Ngiva.

Às 17 horas do dia 18, uma nota do C. S., expedida da Môngua às 7 horas do mesmo dia (duas horas antes do primeiro ataque do cuanhama) determinava ao comandante do Dest. Cto:
— que, deixando no F. Cuamato uma guarnição constituída por uma companhia do B. I. 18 e um pelotão de cavalaria, sob o comando do major Alberto Salgado, retirasse com as restantes fôrças para o Humbe;
— que, do Humbe, fizesse marchar estas fôrças, o mais ràpidamente possível, para o Lubango, pela via ordinária e utilizando os camiões de retôrno disponíveis;
— que o major Salgado mandasse proceder ao reconhecimento do caminho F. Cuamato — Ngiva, empregando para êsse fim o pelotão de cavalaria.

Estas determinações tinham em vista facilitar o serviço dos reabastecimentos na frente e a constituïção dos depósitos para a ocupação, e, ainda, a ligação com Ngiva através do território cuanhama. Teriam sido úteis se não fôssem prematuras, se não traduzissem um demasiado optimismo do C. S. sôbre a seqüência das operações contra o Cuanhama.

Algumas horas depois de expedida a nota, a situação estaria completamente mudada; o Dest. Cto, em vez de regressar ao Lubango, seria chamado a desempenhar uma nova e delicada missão. Esta é, porém, o reflexo da situação no Cuanhama, e, por isso, a trataremos quando nos ocuparmos do respectivo destacamento.

Destacamento do Evale

Para cumprimento da missão recebida, o comandante da Região Militar de Cassinga organizou três colunas:

a) — Coluna do Evale (Dest. Evale, base do movimento)
Tinha a constituïção já indicada.
Missão — Partindo do Mulondo e marchando ao longo do Cunene, raziar o Quiteve e o Cáfu; atravessando nesta região o rio, marchar sôbre o Evale e efectuar a sua reocupação.

b) — Coluna do Colui.
Era constituída pelos auxiliares brancos e bailundos.

Missão — Partindo de Cassinga, seguir ao longo do rio Colui até ao Quiteve; atravessar aí o rio Cunene e seguir até ao Cáfu; bater os rebeldes que encontrasse; raziar de novo o Quiteve e o Cáfu.

c) — Coluna do Covelai.

Era constituída por uma companhia do B. I. 16.

Missão — Partindo de Cassinga, seguir ao longo do rio Colui até Mupope; passar daí à Handa e seguir ao longo do rio Covelai até à missão de Mupa; bater os rebeldes que encontrasse.

A coluna do Colui cumpriu sem dificuldade a sua missão. Encontrou, a partir do dia 20, grupos de indígenas armados. Apreendeu armas de fogo e gentilicas. Alcançou o Cáfu em 26, às 21 horas.

A coluna do Covelai encontrou muitos grupos de rebeldes armados, que atacou, apreendendo muitas armas e mais de 300 cabeças de gado. Alcançou a Mupa em 24.

A Coluna do Evale efectuou a sua concentração no Mulondo, em 9.

Partindo desta localidade em 11, alcançou o Cáfu em 16, não tendo encontrado resistência.

Em 17, raziou com a cavalaria a margem direita do Cunene junto ao Cáfu, e efectuou um reconhecimento até 10 qm. na direcção do Cuanhama, prendendo alguns espiões dêste povo, que vigiavam o movimento da coluna.

Guarnecido o pôsto do Cáfu e aligeirada a coluna em vista da dificuldade prevista no abastecimento de água, prosseguiu em 18 a marcha sôbre o Evale, que alcançou em 21.

Nos dias 18 a 21, foi a seguinte a extensão das etapas; 18 — 7 qm., 19 — 27 qm., 20 — 22 qm., 21 — 19 qm.

Ao atingir a Camba e o Cáfu, o comando do destacamento enviou as respectivas comunicações à B. O.

A partir do dia 20, a acção dêste destacamento passou a estar ligada com a do Cuanhama, motivo por que adiante voltaremos a fazer-lhe referência.

Destacamento do Cuanhama

Capacidade de resistência do Cuanhama

Que valor atribuiu o C. S. à resistência do Cuanhama? Do que ficou transcrito a págs. 121 deduz-se que contava com uma forte resistência. Outros factos levam, porém, a supor o contrário, como a não constituïção do depósito de munições no Humbe, a ordem ao comandante da artilharia de etapas para o seu deslocamento para o Lubango, a evacuação do material de guerra, etc.

Sabemos que as opiniões divergiam: uns pensavam que os cuanhamas, reconhecendo a superioridade das nossas fôrças, fraca resistência ofereceriam; outros, baseando-se nas razões alegadas na transcrição referida, esperavam uma forte resistência. O C. E. M. E. era da opinião dos últimos.

No decurso das operações, o C. S. parece ter visto na falta de resistência do Cuamato uma indicação optimista, como se deduz da ordem para a retirada do Dest. Cto; o C. E. M. E. deduziu daí que todo o pêso da resistência cairia sôbre o Dest. Cma. E assim aconteceu. Levados pela própria intuïção ou sugestão alheia, todos os povos revoltados se reüniram em volta do mais forte.

A capacidade de resistência do cuanhama foi apreciada por defeito pelo C. S.

O cuanhama é inteligente e mais civilizado do que os povos vizinhos. É alto, forte, trabalhador; é guerreiro, salteador, levando as suas incursões até muito longe.

Cioso da sua independência, iludira tôdas as tentativas por nós feitas para pacíficamente o levarmos a reconhecer o dominio português.

Conduzido pelo soba Mandume, chefe autoritário e brutal, era de esperar que o povo cuanhama opusesse tenaz resistência à ocupação do seu território.

Marcha para o Cuanhama

Convenientemente articulado (1), o Dest. Cma iniciou a

(1) Consistindo a táctica do gentio em procurar o envolvimento das fôrças inimigas, as colunas de marcha eram articuladas de modo a permitirem a rápida passagem ao quadrado, formação de combate.

marcha às 6 h.30 (dia 12) e alcançou a margem direita do Cunene, junto ao vau da Chímbua, onde bivacou.

Percorreu 20 qm.

A marcha fez-se em boas condições; o Cunene facultou água em abundância.

Na manhã do dia 13, o destacamento passou o Cunene e, tendo percorrido apenas 8 qm., estacionou na chana das Palmeiras.

A passagem do rio foi uma operação morosa e fatigante, que absorveu aproximadamente quatro horas e meia.

Em 11 de Julho, no Humbe, o general Pereira d'Eça dera ordem para que se efectuasse o reconhecimento do Cunene junto aos vaus do Forte Roçadas e da Chímbua. Já referimos as dificuldades encontradas pelo Dest. Cto na passagem do rio; as que o Dest. Cma teve que vencer foram bem maiores.

Consta-nos ter sido efectuado o reconhecimento ordenado; mas, ou porque êle foi feito de maneira insuficiente, ou porque não foram aproveitados os elementos colhidos, o certo é que houve grande dificuldade na passagem, obrigando-se as unidades a deslocamentos inúteis na procura de pontos de passagem, e afectando-se a coesão da coluna.

O gentio cuanhama não hostilizou o destacamento.

No dia 14, a marcha foi feita com grande dificuldade em conseqüência de as viaturas se enterrarem na areia sôlta. Tendo percorrido apenas uns 4 qm., o Dest. Cma estacionou na chana da Garrafa.

Não foi hostilizado pelo gentio.

No dia 15, a marcha continuou a ser feita com dificuldade. Tendo percorrido uns 15 qm., o Dest. Cma estacionou na Chana da Cachaqueira.

Ultrapassando a borda da terra, o Dest. Cma encontrou-se, desde a tarde, em terra pròpriamente cuanhama.

No dia 16, foi continuada e orientada a marcha em direcção às cacimbas da Môngua, a qual foi feita com grande dificuldade. Tendo percorrido apenas 5 qm., o destacamento alcançou a chana da Cuancula, onde estacionou.

No fim da marcha, a cavalaria e os auxiliares assinalaram a presença do gentio na direcção das cacimbas. E, porque os guias indicaram que estas ficavam a uns 2 qm., no que se enganavam, o general Pereira d'Eça ordenou que nessa direcção se fizessem tiros de artilharia, de 15 em 15 minutos, com o fim de evitar que o gentio envenenasse ou exgotasse a água.

No dia 17, prosseguiu o destacamento a marcha em direcção às cacimbas da Môngua. Durante esta, como os condenados, protegidos por auxiliares, tentassem profundar um grupo de cacimbas quási sêcas, foram atacados por gentio do lenga Calola, um dos mais dedicados servidores do Mandume, e também um dos mais acirrados inimigos do nosso domínio. O destacamento, fazendo alto, formou quadrado. Recolhidos os elementos de exploração, a artilharia da face da frente fez fogo, calando-se o inimigo. Saíu então do quadrado o grupo de esquadrões, que, pouco depois, regressou sem ter encontrado o inimigo.

As primeiras balas cuanhamas tinham sibilado sôbre o Dest. Cma, mas sem causarem dano.

Tendo-se deslocado, em seguida, até ao referido grupo de cacimbas, aí estacionou o Dest. Cma.

Tinha percorrido durante o dia uns 6.550 metros; ficava ainda a uns 1.500 metros das verdadeiras cacimbas da Môngua.

Para junto destas cacimbas foi mandado um pelotão do B. I. 17, comandado pelo alferes Lemos, que aí se conservou até à noite, recolhendo então por ordem do comando.

Um pelotão do E. C. 4 e muitos soldados chegaram a ir até às cacimbas.

No dia 18, em conseqüência da acção do inimigo, começou para o Dest. Cma uma situação difícil, a qual se prolongou até ao dia 24. Para melhor compreensão dos factos ocorridos, vejamos como vinha sendo exercido o comando, e qual era, na tarde do dia 17, a situação do destacamento no que respeita a víveres e munições.

Exercício do comando — O general Pereira d'Eça exerceu, desde o início das operações, uma acção contínua e imediata na conduta do Dest. Cma; desde o encontro com o gentio, exerceu, de facto, o comando directo das fôrças.

Abastecimento de água—Ao Sul do Cunene, como nas regiões onde a água é rara, o abastecimento de água influi na conduta das operações, constituíndo preocupação constante dos comandos.

Nas operações realizadas em 1915, em conseqüência da prolongada estiagem, esta questão apresentou-se com carácter particularmente delicado, levando a atribuir aos destacamentos meios de transporte especialmente destinados a êsse serviço.

No Dest. Cma o abastecimento era feito por meio de camiões, os quais iam buscar a água ao Cunene. É, por isso, fácil de compreender que as dificuldades foram aumentando com a distância ao rio, fazendo-se sentir nos últimos dias. É também fácil de compreender a importância que tinha para o destacamento a conquista das cacimbas da Môngua, onde a água era abundante.

Víveres e forragens — Nos dias 12 e 13, o reabastecimento foi feito no Humbe; nos dias seguintes, por acôrdo entre o comando do destacamento e o C. E. M. E., foram os víveres e forragens postos à disposição do destacamento na testa de ponte da Chímbua, onde a sua secção de reabastecimento os ia receber.

A dotação com que o destacamento iniciou a marcha foi muito prejudicada com o abandono forçado de muitos carros alentejanos, a partir do dia 14. O excesso de carga dos carros (1), a natureza arenosa do terreno e a falta de água faziam com que as muares cedessem ao cansaço e à sêde, caindo para não voltarem a levantar-se.

Munições — O destacamento contava, como foi exposto, apenas com as munições que transportava. Uma salva de artilharia executada à entrada na terra cuanhama e os tiros feitos na noite de 16 ocasionaram um consumo de munições que só encontra explicação no optimismo com que o C. S. encarava as operações, e que o decurso destas mostrará ter sido imprudente.

Combate de 18 de Agôsto

Como referimos, às 7 horas do dia 18, o general Pereira d'Eça determinou ao comandante do Dest. Cto a evacuação das

(1) Os carros alentejanos, puxados a uma parelha, foram carregados com 750 quilos.

suas fôrças para o Lubango. Isso mostra que êle mantinha ainda o seu optimismo àcêrca da atitude do cuanhama.

No seu bivaque de 17/18, conforme as instruções publicadas, as tropas não tinham construído abrigos.

Era intenção do general Pereira d'Eça deslocar-se na manhã dêsse dia para junto das cacimbas da Môngua e estacionar aí, dando descanso às tropas.

(1) Pelas 8 h. 30, saiu do quadrado um pelotão da 15ª C. I. M. com o fim de guardar as cacimbas; acompanhava o pelotão o tenente Humberto de Ataíde, comandante da companhia, encarregado de reconhecer o local, pois aí seria construído um forte, que teria a sua unidade como guarnição.

O pelotão estabeleceu em breve o contacto com o inimigo, que o atacou; o pelotão retirou sob a protecção do fogo do quadrado.

Entretanto, faziam-se no quadrado os últimos preparativos para o seu deslocamento; o inimigo não lho permitiu; um fogo violento e repentino incidiu sôbre o quadrado, principalmente nas faces Leste e Norte. O gentio, bem armado e municiado, utilizando como abrigos os morros de salalé e os troncos das árvores, manteve durante algum tempo o quadrado sob uma chuva de projécteis, causando bastantes baixas no pessoal e gado.

Recebeu o quadrado corajosamente o ataque, respondendo com o fogo das espingardas, metralhadoras e peças.

Como um afrouxamento no fogo inimigo levasse a supor que êste tinha retirado, foi ordenada a saída dos auxiliares, comandados pelo capitão Ferreira do Amaral, para o verificar. O fogo do inimigo recrudesceu, obrigando os auxiliares a retirarem.

No seu movimento para a frente, observaram os auxiliares que muitos guerreiros indígenas faziam fogo das copas das árvores. Estas foram batidas; o fogo do gentio diminuiu progressivamente, acabando por calar-se.

Foi então julgada oportuna a saída da cavalaria; aclamado pelos seus camaradas, o E. C. 11 saiu pela face da retaguarda e internou-se no mato; em seguida, e pela mesma face, saiu o

(1) Na descrição do combate tomámos como base o que consta do livro, já referido, do brigadeiro Freitas Soares, e do relatório oficial.

E. C. 4. O fogo do inimigo recomeçou após a saída do primeiro esquadrão.

Tendo bravamente acossado o gentio, o E. C. 11 regressou ao quadrado, seguido pelo E. C. 4. A entrada dos esquadrões foi saüdada com entusiásticas aclamações.

Pouco depois, calou-se o fogo do inimigo. O combate terminara com a vitória para os nossos soldados, que no seu baptismo de fogo se tinham portado valentemente.

A vitória foi festejada com grande entusiasmo, entoando os soldados do B. I. 17, em côro, a Portuguesa, o que se generalizou a todo o quadrado.

O combate durara pouco mais de duas horas.

Tivemos nesta acção:

mortos — alf. Damião Dias e 15 praças;

feridos — major de art. Afonso Pala, cap. do S. E. M. Pires Monteiro, cap. de art. Carlos Cortês, ten. de inf. H. Ataide, alf. de cav. 11 Santos Mateus, alf. de inf. Mamede Pires, e 24 praças.

O alf. Álvaro Damião Dias, que com louco entusiasmo se lançara na carga, caiu varado por várias balas, uma das quais lhe atravessou o peito; morreu como um bravo cavaleiro.

O local onde o Dest. Cma combateu dispunha de insuficiente campo de tiro; era demasiada a densidade de ocupação das faces do quadrado.

Durante o combate, o Comando Superior e o do Dest. Cma conservaram-se a cavalo.

Obedecendo aos seus oficiais, os soldados de infantaria iniciaram o fogo, deitando-se; por ordem do general Pereira d'Eça passaram a fazer fogo de joelhos; depois, ainda por sua ordem, passaram a fazer fogo de pé.

No propósito de verdade e justiça que pusemos neste trabalho, somos levado a notar dois factos:

— a falta de abrigos para o pessoal e o gado, que poderiam e deveriam ter sido construídos e não foram, com esquecimento dos preceitos regulamentares e dos ensinamentos das campanhas coloniais;

— a determinação para os soldados fazerem fogo de pé, o que os expunha inutilmente e prejudicava a precisão do tiro.

A conveniência do aproveitamento das chanas (clareiras)

para estacionamento das tropas deixa que o gentio se sirva do mato para se aproximar e abrigar durante o fogo; daí, a necessidade para as tropas europeias de afastarem quanto possível os bivaques da orla do mato para criarem suficiente campo de tiro, e de construírem abrigos para simultâneamente se protegerem e aumentarem a precisão do tiro.

Os factos acima notados resultaram do propósito de manter elevado o moral das tropas; mas constituíram um êrro do comando que teve conseqüências lamentáveis e que poderiam ter sido desastrosas. Assim teria fatalmente sucedido se o inimigo tivesse atacado nêsse dia como o fez dois dias depois.

No seu relatório, diz o general Pereira d'Eça: «Confesso que não esperava uma tão dura investida do gentio, nem que êste estivesse tão bem armado, municiado e instruído».

A surpreza, francamente confessada, foi o resultado do injustificado optimismo de que o C. S. estava possuído.

Demonstração sôbre Ngiva

As conseqüências imediatas do primeiro ataque do gentio são traduzidas pela seguinte nota, recebida pelo C. E. M. E., no Humbe, às 17. h.30 do mesmo dia (18), por intermédio do alf. do B. I. 17, Costa Andrade, comandante de um comboio de reabastecimento:

«Estacionamento na Môngua, 18 de Agôsto de 1915, às 15 horas. — Ao Sr. Chefe do Estado Maior do Serviço de Etapes. — Comunico a V. Ex.ª que acabamos de sofrer um ataque violentíssimo do gentio, que durante duas horas nos obrigou a um grande consumo de munições, tanto de artilharia como de infantaria, mas principalmente de artilharia.

Em vista da situação, o Sr. General resolve não prosseguir sem ser reabastecido em munições e víveres e espera da muita inteligência e grande actividade de V. Ex.ª tôdas as medidas de que puder lançar mão para nos mandar munições, preferindo de artilharia, algum líquido para as peças (garrafões para o freio e para o recuperador), e os víveres que puder mandar. Também tem de continuar a mandar alguma água, pois é provável que não possamos utilizar as cacimbas, e estas têm pouca água.

Pelo que deixo exposto, vê V. Ex.ª quanto é delicada a situação, devendo V. Ex.ª puxar todos os camiões ou quási todos para serviço da coluna do Cuanhama.

V. Ex.ª mandará imediatamente uma cópia desta informação ao Sr. comandante da coluna do Cuamato, com ordem do Sr. General para não retirar para o Humbe senão o efectivo que julgue não fazer falta no Cuamato, e para não retirarem tropas para o Lubango sem nova ordem.

V. Ex.ª mandará aproximar do Humbe todo o gado muar que puder alimentar. — O Chefe do Estado Maior, João Ortigão Peres, major.

Aditamento:

Seria muito bom que a coluna do Cuamato pudesse fazer uma demonstração em direcção à Ngiva.

Mande também empanques. — Ortigão Peres, major.» (1)

Nesta nota são tratadas duas questões principais: reabastecimento de munições e demonstração sôbre Ngiva. A solução da primeira competia ao C. E. M. E.; quanto à segunda, cabia apenas ao C. E. M. E. fazer a sua transmissão.

Adiante será indicada a solução dada à questão do reabastecimento de munições; trataremos em primeiro lugar da mais importante, a da demonstração sôbre Ngiva.

A demonstração sôbre Ngiva aparecia, no final da nota, como uma sugestão, um recurso para levar o Cuanhama a dividir as suas fôrças.

Esta operação apresentou-se ao C. E. M. E. como um êrro grave, cujas conseqüências poderiam ser fatais para o conjunto das operações, ou, pelo menos, constituir um grande inconveniente para a sua seqüência, pelo aumento de dificuldades que acarretaria para o serviço de reabastecimentos.

O C. E. M. E., convencido de que o Cuanhama ofereceria uma forte resistência à ocupação, viu no combate dêste dia apenas o início dessa resistência. E pensou, por isso, que lançar

(1) Três horas depois da expedição desta nota, foi pelo C. S. enviada outra comunicação, com indêntico fim, directamente ao Dest. Cto. Esta comunicação não influiu na marcha das operações porque só no dia 21, às 15 horas, no F. Roçadas, foi recebida pelo comando do Dest. Cto.

um destacamento fraco, quási sem cavalaria, através de uma região mal conhecida (1), para atrair a si o Cuanhama, era caminhar para um desastre certo. O Cuanhama, que vigiava os movimentos do Dest. Cto, sabendo-o fraco, cairia sôbre êle, massacrá-lo-ia, e, com o moral daí resultante e armamento conquistado, voltaria a atacar com reforçada e irresistível violência o Dest. Cma. A operação aparecia-lhe como uma imprudência, como o caminhar para a repetição do desastre de 1904.

Parecia ao C. E. M. E. naturalmente indicado que, estando verificado que todo o gentio (Cuanhama e aliados) se encontrava reünido para atacar o Dest. Cma, ao Dest. Cto cabia colocar-se imediatamente em condições de o poder socorrer.

Por isso, ao transmitir ao Dest. Cto o assunto da nota do C. S., fê-lo de modo a evitar a execução da operação sugerida.

Esperava o C. E. M. E. que o comando do Dest. Cto encararia a questão do mesmo modo.

Sabia também o C. E. M. E. que, indo além das suas atribuïções, assumia grande responsabilidade; mas sentia que a situação lho aconselhava e estava convencido de que o general Pereira d'Eça aceitaria bem a sua intervenção.

E, assim, dentro do *modus faciendi* que lhe pareceu melhor, na comunicação imediatamente enviada ao Dest. Cto, de que foi portador o alf. de inf., Olímpio Chaves, em camião, e por êste destacamento recebida às 21 h.30 do mesmo dia (18), em seguida à indicação da demonstração sôbre Ngiva, acrescentou: «A indicação do objectivo desta demonstração é do Sr. C. E. M. do C. S., mas eu suponho que não tolhe a V. Ex.ª a liberdadede proceder como julgar mais conveniente, em harmonia com a situação».

Ao Dest. Evale enviou o C. E. M. E., no mesmo dia, cópia da nota recebida do C. S., que foi por aquele recebida na tarde de 19.

---

(1) O ten.-cor. Alves Roçadas tinha calculado em 30 qm. a distância entre o F. Cuamato e Ngiva; o comando do Dest. Cto deve ter contado com um valor pouco superior pois esperava percorrê-la em três etapas; uma carta para o estudo do conjunto das operações, junta ao relatório P. E., assinada J. Mascarenhas, mostra que essa distância era calculada nuns 35 qm.

O C. E. M. E., baseado na carta então em uso, atribuia-lhe uns 52 qm. segundo a carta editada em 1934 (esbôço n.º 3), a verdadeira distância é superior a 62 qm.

O Dest. Evale ficava, assim, informado da situação em que se encontrava o Dest. Cma, o que devia levá-lo, pelo menos, a manter-se em freqüente ligação com a B. O.

Na manhã de 19, enviou o C. E. M. E.:

— ao Dest. Cto, cópia integral da nota do C. S., completando, assim, a comunicação do dia anterior, a qual foi recebida às 15 horas;

— ao C. S., pelo alferes Costa Andrade, uma nota na qual transcrevia integralmente a enviada ao Dest. Cto, informava ter mandado cópia da nota do C. S. ao Dest. Ev., e fazia referência a algumas medidas tomadas para satisfação do pedido de reabastecimentos.

O C. E. M. E. punha, assim, o C. S. a par da atitude tomada relativamente à demonstração sôbre Ngiva, a qual, como adiante veremos, viria a merecer a aprovação do general Pereira d'Eça e o levaria, considerando prejudicada aquela operação, a contar com a cooperação dos Destacamentos do Cuamato e Evale durante a situação difícil em que se encontraria desde o dia 20.

Na tarde de 19, recebeu o C. E. M. E., do Dest. Cto, a seguinte comunicação, expedida do F. Cuamato hora e meia depois da recepção da cópia da nota do C. S.:

«Dest. do Cuamato, 19-VIII-915, às 16 h. 30 — Telegrama urgente — Ao C. E. M. Etapes, Humbe — Agradeço comunicações Vexa. Nosso destacamento avança àmanhã 20 às 4 horas para a Ombumba (1) dentro fronteira Cuanhama e no caminho Ngiva ficando neste forte de guarnição a 16.ª indígena. *Conforme situação aconselhar assim avançaremos ou não dia imediato sôbre Ngiva.*

Rogo Vexa dar disto imediato conhecimento ao destacamento Cuanhama *a fim cooperar connosco tomando ofensiva manhã 21.*

Necessito munições artilharia montanha que devem estar Gambos ou aí se secção munições as trouxe. O distico delas é 7c M. T. R.

(1) Supunha-se ficar na direcção F. Cuamato-Ngiva, a uns 13 qm. do F. Cuamato.

Desculpe não ceder ainda camiões pois é única forma ter água por aqui não haver e de reabastecer víveres e forragens visto estar quási sem gado tracção carros. — O Chefe do Estado Maior Cuamato, J. Mascarenhas, cap.».

O Dest. Cto resolvera dar cumprimento à sugestão para a demonstração sôbre Ngiva.

A operação ia ser realizada em más condições. Ao que já foi exposto, há que juntar:

— as deficientes condições materiais (meios de reabastecimento) confessadas na comunicação transcrita;

— a falta de meios para proteger a nova linha de comunicações;

— a circunstância de o prosseguimento da marcha, em 21, ficar dependente da evolução da situação, o que, se por um lado traduzia prudência, por outro prejudicava a rapidez da sua execução, condição indicada em operações desta natureza;

— o pedido de cooperação do Dest. Cma, que nem a situação dêste nem a distância permitiam esperar, de maneira eficiente;

— a relutância com que a maioria dos oficiais do destacamento acolheu a ordem para a marcha sôbre Ngiva (1).

A resolução do comando do Dest. Cto deixou o C. E. M. E. apreensivo não só sôbre a sorte dêste destacamento, como sôbre as conseqüências de um provável insucesso.

Reabastecimento de munições

O consumo de munições de artilharia no dia 18 deve ter mostrado ao general Pereira d'Eça que tinha sido pródigo nos dias anteriores.

A falta de um depósito de munições na B. O. fez-se então

(1) Sabemos que assim aconteceu.

O relatório do Dest. Cto o revela quando diz:

«Na ocasião em que verificamos que, embora com dificuldades, tudo estava em condições e que a operação era possível, alguns oficiais manifestaram as suas apreensões de que o gado não pudesse marchar mais de cinco quilómetros, salientando-se então pela sua boa vontade e animador optimismo o comandante da cavalaria que, após termos feito sentir àqueles oficiais que a marcha tinha de ser efectuada, declarou que o esquadrão

sentir, tornando-se impossivel satisfazer o pedido de munições com a urgência que a situação requeria.

Tendo sido encontradas 34 granadas de 75 e dois garrafões com líquido no depósito de material de guerra da B. O., foram entregues ao alf. Costa Andrade, que na manhã do dia 19 os transportou para o Dest. Cma num comboio de três camiões, cujo carregamento foi completado com viveres e forragens, dando entrada no quadrado quando êste se encontrava empenhado em novo combate.

Ainda na tarde de 18, o C. E. M. E., em comunicação telefónica com o Lubango, apelava para a dedicação dos seus camaradas cap. Carminé Nobre, com. da artilharia de etapas, e cap. José Marques, chefe do serviço de transportes, pedindo-lhes a remessa urgente de munições de artilharia.

Trabalhou-se activamente no Lubango durante o dia 19; o ten. de eng. Pinto Teixeira conseguiu pôr ao serviço alguns camiões.

Às 0 h. de 20, partiu do Lubango um comboio de 5 camiões, comandado pelo alf. de art. E. Duarte Cadima, transportando 509 granadas, o qual chegou ao Humbe na tarde do mesmo dia, tendo percorrido 295 qm. sem interrupção.

Ainda no mesmo dia, partiu do Lubango outro comboio, com 3 camiões, transportando 390 granadas.

Foi louvável a dedicação por todos os oficiais posta neste serviço.

Conquista das cacimbas da Môngua — 19 de Agôsto

Os ensinamentos do dia 18 levaram o general Pereira d'Eça a ordenar a construção de abrigos.

Às 8 h. 45 do dia 19, saiu do quadrado um comboio coman-

do seu comando estava naquela mesma ocasião pronto a marchar para onde fôsse preciso».

É nosso dever notar que a relutância manifestada deve ter resultado apenas de ao espírito dos oficiais a operação se ter apresentado como não aconselhável, pois, poucas horas depois, tendo-lhes sido determinada nova missão, que poderia ser de sacrifício, mas que era lógica, com a mais louvável decisão a acolheram e cumpriram.

dado pelo alf. de inf. Miguel Ponces, no qual foram evacuados os oficiais e praças gravemente feridos no combate do dia anterior.

Na ocasião em que abandonava o quadrado, foi o comboio visado pelo fogo do gentio; aumentando a velocidade, conseguiu, porém, subtrair-se à sua acção; alcançou sem outro inconveniente a B. O., donde, depois de conveniente e dedicadamente tratados, foram os feridos evacuados para o Lubango.

= Aproveitamos esta oportunidade para a justa referência que é devida ao trabalho extenuante a que em 18/19 se entregou o pessoal do serviço de saúde do Dest. Cma no tratamento dos feridos, e à competência com que o fêz, factos que se repetiram sempre que as circunstâncias o exigiram. =

Com a partida do comboio coïncidiu o início de um novo ataque do gentio. Ao seu fogo respondeu o quadrado com calma, só visando as direcções donde êle mais incomodava.

Ao meio dia, o fogo do gentio, por vezes interrompido, cessou.

A impossibilidade, que se evidenciava, de assegurar o abastecimento de água por meio de camiões, em virtude da distância do Cunene e da acção do inimigo, levou o general Pereira d'Eça a ordenar o deslocamento do quadrado até às cacimbas.

Às 13 h. 30 foi iniciado o deslocamento.

Como as cacimbas se encontravam em frente da face esquerda do quadrado, marchou esta na frente; foi precedida por uma linha de atiradores, constituida por dois pelotões do B. I. 17 e um pelotão da 15.ª C. I. M., protegida nos flancos pelo E. C. 4 e auxiliares do cap. Ferreira do Amaral.

O deslocamento foi executado com grande dificuldade, tendo sido necessárias duas horas para o destacamento vencer os 1.500 metros que o separavam das cacimbas; o gentio, aproveitando o mato, aproximava-se do quadrado obrigando os exploradores a recolherem, e à adopção freqüente do dispositivo de combate; as muares dos tiros das peças caíam de cansaço, sendo necessário, com freqüência, substituí-las.

Terminou a acção por uma carga à baioneta, efectuada pelo B. I. 17, um pelotão de marinha e a 15.ª C. I. M., que, pondo o gentio em fuga, assegurou a posse das cacimbas (1).

(1) Em 21 de Setembro de 1907, na campanha do Cuamato, o capitão Alves Roçadas conquistou à baioneta as cacimbas da Inhoca.

Conquistadas as cacimbas, estava assegurado o abastecimento da água indispensável, factor de grande importância material e moral.

O destacamento estacionou junto das cacimbas.

As perdas neste dia foram:

— mortos: cap. de inf. J. Francisco de Sousa e 1 soldado do B. I. 17.

— feridos: ten. de inf. A. V. de Passos e Sousa, que morreu dias depois em conseqüência do ferimento, e 7 praças.

Durante o deslocamento do quadrado, foram encontrados os cadáveres do alf. Damião Dias e de algumas praças, aquêle bàrbaramente mutilado.

Corte das comunicações do Dest. Cma

No Humbe houve conhecimento do combate do dia 19 apenas pela informação dos oficiais evacuados, de que na ocasião em que saíam do quadrado novo combate se iniciava.

Essa informação não vinha modificar a situação resultante do combate do dia 18.

No dia 20, às 2 horas, o C. E. M. E., chamado ao telefone para atender a Chimbua, era daí informado pelo alf. Miguel Ponces de que o comboio de reabastecimento do Dest. Cma, do seu comando, tendo partido da Chimbua às 15 horas do dia anterior, encontrara, 45 minutos depois (1), o caminho cortado com abatizes e fôra atacado e obrigado a retroceder; o gentio matara 1 ajudante de *chauffeur* e 3 soldados do B. I. 17 que faziam parte da escolta; o comboio perdera 5 dos 13 camiões que o constituíam.

A situação, já delicada, tornou-se grave — o gentio cuanhama, bem industriado, cortara a linha de comunicações do Dest. Cma com a B. O.

O C. E. M. E., em face da situação criada, entendeu que

(1) De outras informações depois prestadas pelo mesmo oficial, segundo as quais o comboio foi atacado a uns 9 qm. da Môngua, deve deduzir-se que o ataque terá sido efectuado a hora mais adiantada.

era a si que cabia providenciar, embora isso não estivesse taxativamente nas suas atribuïções.

A situação, no seu conjunto, era a seguinte:

— O Dest. Cma dispunha de meios materiais suficientes para se manter durante alguns dias;

— dispondo o C. E. M. E. apenas de duas dúzias de camiões, incluindo os do Dest. Cma então na B. O., para todos os serviços, era condição indispensável à seqüência das operações que êsses camiões não fôssem empregados sem a protecção de uma escolta suficiente, pois a perda de um comboio importaria, senão um desastre total, pelo menos, a impossibilidade de levar as operações até ao fim;

— as duas companhias de infantaria da B. O., com o efectivo reduzido e tendo dois pelotões nas testas de ponte, não podiam fornecer a escolta indispensável, mesmo com prejuízo da segurança da própria B. O.;

— o Dest. Cto devia iniciar, dentro de poucas horas, a demonstração sôbre Ngiva;

— O Dest. Ev. estava em marcha sôbre o pôsto do Evale;

— o Dest. Naulila estava para os lados de Ruacaná.

Era esta a situação às 2 horas do dia 20. Ao C. E. M. E. apresentou-se a seguinte solução:

— marcha do Dest. Cto sôbre a Môngua, para o restabelecimento das comunicações;

— marcha do Dest Ev. sôbre a Chímbua para guarda desta testa de ponte e estabelecimento dos postos de ligação;

— reforço da guarnição do Cuamato com o Dest. de Naulila.

Como realizá-la?

Era necessário pensar e resolver depressa para que a respectiva comunicação chegasse o mais cêdo possível ao Dest Cto.

Comunicação ao Destacamento do Cuamato

Às 2 h.30 (1), isto é, *trinta minutos depois da recepção da informação telefónica,* era enviada ao Dest. Cto a comunicação adiante transcrita; o alferes O. Ferreira Chaves (2), seu porta-

---

(1) *Rel. P. E.* (A), pág. 222.

(2) O facto de o alferes Chaves ser o chefe da oficina de reparação

dor, em camião, entregava-a três horas depois (1) no Dest. Cto *quando «as fôrças iam entrar na forma» para marcharem sôbre Ngiva.*

S. Etapes — 451 — Humbe, 20-8-915, às 2 h.20 — Ao Sr. Chefe do Estado Maior do Dest. do Cuamato — Comunico a V. Ex.ª que o Dest. do Cuanhama se encontra desde as 15 horas de ontem com as comunicações cortadas. Ontem, à hora referida, saiu da testa de ponte do vau da Chimbua uma secção de camiões sob o comando do alferes Ponces, que, passados 45 minutos, diz ter encontrado o caminho cortado por abatizes e ter sido atacado pelo gentio que o obrigou a retroceder, abandonando cinco camiões.

Outra secção de camiões que ontem, às 9 horas, partiu do estacionamento para o vau da Chimbua, informa que na ocasião da partida se iniciava um novo combate.

Como a situação se me afigura difícil e *êstes factos podem vir a influir na missão dessa coluna, por isso os exponho a V. Ex.ª* (2).

Da comunicação recebida de V. Ex.ª não foi até esta data dado conhecimento ao Comando Superior pelos motivos indicados — O Chefe do E. M. de etapes, Joaquim dos Santos Correia, tenente.

Esta comunicação fazia sáber ao Dest. Cto:

— que o Dest. Cma voltara a ser atacado pelo gentio na manhã do dia 19;

— que as comunicações dêste destacamento com a B. O. estavam cortadas desde a tarde dêsse dia, o que mostrava que o gentio não estava vencido;

— que o C. S. não conhecia a sua deliberação de marchar sôbre Ngiva.

Que valor devia ser atribuído às informações do C. E. M. E? Pensou êste que dentro da boa doutrina, elas tinham o carácter

---

de camiões e poder, por isso, reparar prontamente qualquer avaria que surgisse, foi o motivo da sua escolha.

Percorrendo em três horas, de noite, os 58 qm. que separam o Humbe do F. Cuamato, o alferes Chaves pôs no desempenho da arriscada missão que lhe foi confiada pelo C. E. M. E. uma dedicação digna de louvor.

(1) *Rel. P. E.* (A), pág. 564.

(2) Convém deixar notado que, em virtude da situação criada, cabia ao coronel Veríssimo de Sousa, comandante do Dest. Cto, a direcção superior das operações para o restabelecimento das comunicações.

imperativo de uma ordem para que o Dest. Cto tomasse imediatamente a seu cargo o restabelecimento das comunicações.

Não lhe parecia, com efeito, de admitir que, estando cortadas as comunicações entre a Môngua e a Chimbua, o Dest. Cto persistisse no seu propósito de marchar sôbre Ngiva, tanto mais que o prosseguimento da marcha para além de Ombumba estava, em parte, subordinado à cooperação pedida ao Dest. Cma.

O C. E. M. E. estava seguro de que o Dest. Cto, recebida a sua nota, não hesitaria em se encarregar de restabelecer as comunicações; os seus esforços foram orientados no sentido de a fazer chegar ao seu destino o mais cêdo possível, o que plenamente conseguiu.

A informação verbal que o alferes Chaves trouxe, no seu regresso, de que o Dest. Cto iria restabelecer as comunicações, correspondia ao que o C. E. M. E. esperava do comando dêsse destacamento, cuja competência e espírito de decisão conhecia.

Assim, ao mesmo tempo que obtinha a maneira mais segura para o restabelecimento das comunicações, conseguia que fôsse posta de parte a demonstração sôbre Ngiva, destinada a um desastre.

Comunicação ao Destacamento do Evale

Em harmonia com a solução que ao C. E. M. E. parecia indicada, foi por êle enviada ao Dest. Ev., poucos minutos depois de expedida a comunicação ao Dest. Cto, a nota a seguir transcrita, por aquêle recebida na tarde do mesmo dia, de que foi portador um sargento, em camião:

Serviço de etapes — 452 — Humbe, 20-8-915, às 2 h.45 — Ao Sr. Chefe do E. M. do Destacamento do Evale — Para conhecimento do Ex.mo Comandante, informo V. Ex.ª de que o Destacamento do Cuanhama se encontra desde as 15 horas de ontem com as comunicações cortadas com a base de operações (Humbe). Ontem, à hora acima referida, saiu da testa de ponte do vau da Chimbua uma secção de camiões sob o comando do alferes Ponces, que, passados 45 minutos, diz ter encontrado o caminho cortado por abatizes e ter sido atacado pelo gentio, que o obrigou a retroceder, abandonando cinco camiões.

Outra secção de camiões que ontem às 9 horas partiu do estacionamento para o vau da Chimbua informa que na ocasião da partida se iniciava um novo combate.

Como se depreende dos factos expostos, a situação do referido destacamento é difícil e esta base não dispõe dos recursos necessários para restabelecer as comunicações, sem prejuízo da da própria segurança. Com êste fim, poderia talvez êsse destacamento vir guardar o vau da Chimbua; mas em face da situação V. Ex.ª resolverá o que entender mais conveniente.

Rogo a V. Ex.ª se digne enviar-me, para minha orientação, o que por êsse comando fôr resolvido a êste respeito. — O Chefe do E. M. de Etapes, Joaquim dos Santos Correia, tenente.

Conferência na B. O.

Expedidas prontamente, como foram, as comunicações aos Destacamentos do Cuamato e Evale, tinha o C. E. M. E. feito o que na ocasião lhe parecia indicado. Para providências de execução imediata e com possibilidades de êxito não dispunha dos elementos necessários; a situação do Dest. Cma não exigia ainda o recurso a meios extremos.

O C. S. deveria ter admitido a possibilidade de o Cuanhama tentar impedir as comunicações entre o destacamento e a retaguarda, e ter dotado, em consequência, a B. O. com os elementos necessários para fazer face a essa eventualidade.

É certo que em 1907 o Cuamato não hostilizara os comboios de reabastecimento; mas êstes foram escalonados no tempo e sempre fortemente escoltados, enquanto que em 1915 foi montado um serviço diário de camiões, e não se cuidou, de maneira suficiente, da sua segurança.

Atribui-se o facto no relatório oficial, principalmente, à timidez dos *chauffeurs* que, assustados com os combates dos dias 18 e 19, logo que se viam atacados, só pensavam em fugir, desmoralizados. Houve, sem dúvida, *chauffeurs* nestas condições, como houve outros que procuraram iludir o cumprimento dos seus deveres; mas devemos dizer, como é de justiça, que, apesar de serem civis, em grande número cumpriram bem o seu dever, mesmo em situações arriscadas, tendo suportado um esfôrço violentíssimo. E convém também não esquecer que no ataque ao comboio, na tarde do dia 19, perderam a vida 3 soldados e 1 ajudante de *chauffeur*.

O facto resultou do êrro de se ter considerado possível o

movimento diário de camiões entre o destacamento e a B. O., esquecendo-se o modo de ser do povo cuanhama e que êle devia estar bem industriado.

Em quanto ao facto de não terem sido criados postos entre a Chimbua e a Môngua, pensamos que o C. S. procedeu acertadamente; o pôsto que projectava construir, e construiu, na Môngua, era suficiente. Desde que o reabastecimento assentava na utilização do camião, tornava-se desnecessária a criação de postos correspondendo às etapes dos antigos comboios. O que faltou na Chimbua foi uma unidade ligeira (um esquadrão de cavalaria) que pudesse servir de protecção aos camiões na parte mais arriscada do seu trajecto.

Dos factos referidos e das providências tomadas deu o C. E. M. E. conhecimento ao Com. da B. O.

Durante a manhã do dia 20 foi êste oficial à Chimbua com o fim de obter mais detalhadas informações, voltando acompanhado do alferes Miguel Ponces. Manifestou então ao C. E. M. E. a opinião de que se deveria tentar imediatamente o restabelecimento das comunicações, organizando-se um comboio que seria escoltado por 100 praças e utilizaria a metralhadora de que o alf. Ponces dispunha, o qual o Com. da B. O. se oferecia para comandar.

Embora prestando justiça ao louvável espírito de dedicação dêste oficial, o C. E. M. E. não perfilhou o seu modo de ver, pois pensava não haver motivo para actos precipitados, que poderiam aumentar, em vez de diminuir, as dificuldades existentes.

Prestando, porém, a atenção devida à proposta do Com. da B. O., a quem oficialmente competia «conservar e procurar restabelecer as comunicações com as fôrças em operações», o C. E. M. E. propôs que se reünissem em conselho com os capitães presentes na B. O. para estudarem a situação, com o que o o mesmo oficial concordou.

Realizou-se o Conselho, às 13 horas, na tenda do C. E. M. E., assistindo o comandante da B. O., os três capitães presentes no Humbe (A. J. Fontoura, A. R. C. Azevedo e C. R. Borges), o C. E. M. E. e o alferes M. Ponces, êste oficial para prestar informações sôbre o ocorrido.

Transcrevemos o que consta do relatório do C. E. M. E (1):

«Reünidos às 13 horas de 20, expos o Sr. Comandante Militar a sua opinião de que se devia tentar o restabelecimento das comunicações organizando-se um comboio de camiões devidamente escoltados por praças da guarnição do Humbe, que o referido oficial se oferecia para comandar. Expus eu, depois, que o prosseguimento das operações exigia que o reduzido número de camiões em serviço não fôsse exposto sem uma protecção que desse garantias de ser bem sucedida qualquer tentativa, pois uma nova perda de camiões não só impossibilitaria o avanço posterior sôbre a Ngiva, mas ainda ficaria prejudicado o abastecimento das tropas até à Môngua, o que poderia acarretar um desastre; que o comboio proposto, sendo regularmente escoltado, poucos géneros transportaria, e, embora alguns camiões conseguissem chegar até à Môngua, teríamos, quando muito, conseguido forçar o cêrco estabelecido e não restabelecer as comunicações, como era necessário para assegurar a continuïdade dos transportes; que o Destacamento do Cuanhama, sendo bastante forte, poderia, se o julgasse absolutamente necessário, tentar qualquer meio de vir à retaguarda, no todo ou em parte, e se o não fazia era porque não desistia do seu objectivo; que deveríamos pedir ao Destacamento do Cuamato para apressar o mais possível a sua marcha, pois quer partisse de Damequero sôbre a Môngua, quer o fizesse pela Chímbua, alcançaria aquêle estacionamento em 23 ou 24, até quando o Destacamento do Cuanhama, embora com sacrifício, poderia agüentar-se; que, além disto, se aguardava resposta do Destacamento do Evale, e que com qualquer dos dois destacamentos o comboio seguiria com a necessária segurança. Concordaram os Srs. capitães Borges, Fontoura e Azevedo com a minha opinião, e, de comum acôrdo, foi resolvido que o Sr. capitão Borges partisse em camião ao encontro do Destacamento do Cuamato a expor a situação».

Como se deduz do que fica exposto, o C. E. M. E. previa duas soluções para a marcha do Dest. Cto. sôbre a Môngua: Damequero — Môngua e Chímbua — Môngua. A primeira solução seria audaciosa, embora não tanto como a demonstração

(1) *Rel. P. E.* (A), pág. 223.

sôbre Ngiva, mas seria também a mais rápida; a segunda, embora mais demorada, seria a mais segura.

Partiu o capitão Borges às 14 horas, em direcção ao F. Cuamato, indo encontrar o Dest. Cuamato já no Damequero; voltou daí com a informação de que êste destacamento iria, o mais ràpidamente possível, pela Chimbua, restabelecer as comunicações.

O Dest. Cto adoptara a segunda das soluções previstas pelo C. E. M. E. Ela permitia esperar que as comunicações estariam restabelecidas em 23 ou 24.

Teria o Dest. Cma, de facto, os meios materiais necessários para se agüentar durante êsses três ou quatro dias? E teria também bastante fôrça moral e confiança nas providências tomadas, tão importantes como aquelas? Os elementos de que o C. E. M. E. dispunha levavam-no a ter confiança na resistência do Dest. Cma. Mas, a conduta do Dest. Ev., a marcha do Dest. Cto e a situação do Dest. Cma passavam a constituir, para si, motivos de constante preocupação, a sobreporem-se ao violento trabalho a que o obrigavam a multiplicidade de serviços da extensa linha de etapas e a solução das muitas questões que constantemente surgiam reclamando a sua intervenção.

Ainda na tarde do dia 20, recebeu o C. E. M. E.:

— uma nota do C. S. indicando como necessário o apoio do Dest. Cto; êsse apoio já estava em marcha.

Foi portador desta nota o *chauffeur* Albano, condutor de um camião com que o 2.º sargento de marinha, Francisco de Araújo, conseguiu forçar o cêrco.

Por êste sargento se soube do violento combate dêsse dia e da vitória alcançada sôbre o gentio.

— pelas 23 horas, o seguinte telegrama do Dest. Cto:

«Destacamento vai marchar tôda a noite e procurar chegar Forte Roçadas de madrugada. Rogo Vexa ordenar coluna do Evale para aguardar nossa chegada na Chimbua na tarde de àmanhã segundo determina comandante. Comandante diz mais Vexa mandar comunicação urgente a coluna de Ruacaná para se dirigir urgência para o Forte do Cuamato reforçar guarnição. — Chefe estado maior.»

Aguardando a resposta à comunicação enviada ao Dest. Ev.

para dar satisfação ao primeiro pedido, o C. E. M. E. expediu a ordem relativa ao Dest. de Naulila, a qual foi prontamente cumprida.

Apesar de o C. E. M. E. ter feito seguir na madrugada de 20 a comunicação destinada ao Dest. Ev., não era de esperar que êste pudesse alcançar a Chimbua antes da data indicada pelo Dest. Cto para a sua chegada a esta testa de ponte, salvo o caso de a comunicação ter encontrado o Dest. Evale no Cáfu.

A natureza dos caminhos tornava muito mais fáceis as ligações entre a B. O. e o Cuamato, do que entre ela e o Evale, circunstância a que era necessário atender.

Quadrado da Môngua

Como expusemos, o Dest. Cma deslocou-se na tarde do dia 19 para junto das cacimbas da Môngua, onde estacionou.

O estacionamento estava situado numa muito ligeira elevação, cercada por arvoredo mais ou menos denso, que limitava o campo de tiro, de 150 a 250 metros.

A posição não oferecia, assim, boas condições; era, porém, imposta pela necessidade imperiosa de assegurar a posse das cacimbas.

Definido o dispositivo (esbôço n.º 4), trabalhou o Dest. Cma, durante a noite, na organização defensiva. Conseguiu construir abrigos suficientes para o pessoal, mas não houve possibilidade de os construir para o gado, nem mesmo para os cavalos. (1)

Ao escurecer, entre os vários indígenas que fizeram a sua apresentação, encontrava-se um cuamato que tinha combatido nos dias anteriores e se dizia arrependido. Informou êsse cuamato que no dia seguinte, pelas 7 horas, o quadrado seria atacado pelo próprio Mandume, que já se encontrava próximo do estacionamento com uns 50.000 a 60.000 guerreiros (cuanhamas, cuamatos, evales, cuambis e muhumbes), dispondo de muito armamento e de cinco carros boeres carregados com munições.

Embora não desse muito valor a esta informação, o gene-

(1) *Rel. P. E.*, pag. 33.

ral Pereira d'Eça ordenou que êle fôsse bem tratado e ficasse bem guardado.

Transcrevemos do relatório oficial (pag. 34):

«Rompeu o dia 20 em completa quietação e passaram-se as sete horas sem que ela fôsse alterada, o que parecia indicar que as informações fornecidas na véspera pelo cuamato, que atrás citei, eram infundadas, e em todo o bivaque se ia estabelecendo uma natural satisfação pelas tréguas tàcitamente concedidas, que muito precisas eram para tratamento do pessoal e gado, e até do material.

Porém, ainda não eram sete horas e trinta minutos quando, de repente, se ouviu, de todos os lados, dizer «aí vêm êles» e, mal estas palavras eram ditas, todo o quadrado se viu alvejado por intenso fogo, certeiramente dirigido, e que, como nos dois dias anteriores, visava especialmente os solípedes.

Esta intensidade do ataque manteve-se pelo dia fora, afrouxando apenas um pouco quando as nossas metralhadoras das faces norte e leste (1) (onde êsse ataque foi sempre mais enérgico) encontravam bom alvo.

Os abrigos para o pessoal evitaram que neste houvesse grandes baixas; porém, o gado, que não tinha sido possível proteger, caía varado pelas balas em grande quantidade.

Às quinze horas julguei necessário dar um pouco de ar ao quadrado, fazendo carregar a cavalaria, devidamente apoiada por alguma infantaria.

Com êste fim, mandei preguntar ao comandante do grupo de esquadrões quantos cavalos tinha em condições de fazer serviço; respondeu que tinha vinte e quatro, mas pouco depois participou que tinha havido engano, pois em vez de vinte e quatro só tinha quatro.

Nestas condições, só me restava lançar a infantaria sôbre os principais núcleos inimigos; porém, hesitei um pouco em fazê-lo porque para isso era preciso desguarnecer as faces e eu receava que o gentio, que tão destemido se mostrava, se precipitasse sôbre alguns dos pontos fracos que nos descobrisse e viesse esta-

(1) Respectivamente, face esquerda e frente (esbôço n.º 4).

belecer a confusão no quadrado, com tôdas as funestas conseqüências.

Mas chegaram as dezasseis horas, a intensidade do fogo não abrandava e não convinha, por forma alguma, deixar chegar a noite sem termos obtido esmagadoras vantagens sôbre o gentio e por isso mandei ordem às duas faces mais atacadas, norte e leste, para destacarem pelotões alternados que procedessem ao assalto das posições inimigas.

Esta ordem foi cumprida com um entusiasmo enorme por fôrças de infantaria 17 e da 15.ª companhia indígena (landins), que guarneciam a face norte, e por fôrças do batalhão de marinha que guarnecia a face leste.

Ao primeiro impeto, as nossas fôrças depararam com resistência do gentio, mas, à segunda investida, levaram tudo de vencida, fugindo o gentio desordenadamente, com o soba à frente, e deixando muitos mortos, alguns horrivelmente mutilados pelo nosso fogo de artilharia.

Devo destacar neste brilhante feito de armas o capitão-tenente Cerqueira, que carregou à frente dos seus pelotões, sem que tivesse obrigação de o fazer, dando, mais uma vez, prova da sua têmpera inexcedivelmente militar que o fêz mostrar sempre aos seus subordinados ser o primeiro em todos os momentos críticos da guerra, quer derivados dos combates, quer das privações que à guerra são inerentes, como o primeiro era como seu comandante; e iguamente salientarei o procedimento do capitão de fragata Vasconcelos e Sá, chefe do serviço de saúde que, tendo estado, de carabina em punho, nas trincheiras da marinha, depois com ela se lançou na carga, com a maior valentia, e o tenente Ataíde de Oliveira, comandante da 15.ª companhia indígena de Moçambique, que, à frente dos seus landins, mais uma vez se portou heroicamente, batendo o *record* dos ferimentos, pois recebeu cinco durante a campanha, sendo o último, recebido neste ataque, gravíssimo.

As baixas foram as seguintes:

Mortos: 15 praças — 235 solípedes.

Feridos: 3 oficiais e 15 praças — solípedes, quási todos.

Terminada a carga, percorri as faces do quadrado, acompanhado pelo chefe do estado maior, a felicitar as tropas pela sua bravura, e o estusiasmo com que fui recebido e com que foi

saüdada a Pátria e a República mostraram-me bem nitidamente aquilo que para mim sempre foi indiscutível, que nada tinha amortecido o valor do soldado português e que só tinha de orgulhar-me pela sua atitude em tôdas as situações da dura campanha em que estávamos empenhados.»

O quadrado da Môngua alcançou, no dia 20 de Agôsto, uma brilhante vitória, mercê da bravura dos seus soldados e oficiais, e da competência do comando.

Os bravos de Môngua ganharam direito à gratidão e também à admiração de todos os portugueses.

Pode suscitar reparo a quem tiver estudado ou tomado parte em campanhas coloniais, a ordem do general Pereira d'Eça para as cargas à baioneta, pois elas deixavam brechas por onde o gentio poderia ter irrompido. Para nós, o general Pereira d'Eça procedeu com clara apreciação da situação: deixar que a noite caísse numa situação que podia dar ao gentio a impressão de estar vencedor, sem que fundas trincheiras e fortes redes de arame protegessem o quadrado contra as dezenas de milhar de indígenas que o envolviam, poderia ter acarretado consequências desastrosas.

A operação foi audaciosa por falta de uma reserva, mas determinada com propriedade e oportunidade, e — condição indispensável ao seu sucesso — executada com bravura que honra o Exército a que pertenciam os bravos que nela tomaram parte.

Segundo informações obtidas de prisioneiros, os ataques dos dias 18 e 19 foram dirigidos pelo lenga Calola, auxiliado por outros lengas; o ataque do dia 20 foi dirigido pelo próprio Mandume, soba do Cuanhama.

Adiante fazemos a êste soba a referência que lhe é devida, e nos parece conveniente à finalidade dêste livro.

A vitória alcançada aliviara o quadrado da pressão do inimigo.

O Dest. Cma estava, porém, sem notícias da retaguarda desde a manhã de 19, em que o alf. Costa Andrade corajosamente lhe levara a nota do C. E. M. E., indicada a pag. 154.

Esta situação levou o C. S., terminado o combate, a ordenar que se tentasse comunicar com a B. O. para informar da situação do Dest. Cma.

Foi, em conseqüência, nomeado o 2.º sargento de marinha, Francisco de Araújo, que, num camião, com algumas praças e uma metralhadora, após uma primeira tentativa em que o gentio o forçou a retroceder, conseguiu forçar o cêrco, alcançando o Humbe, como foi referido.

O sargento Araújo e os seus companheiros deram provas de um admirável espírito de sacrifício.

Ficaram referidos os principais factos do histórico dia 20 de Agôsto, que decidiu do resultado da campanha, já pela vitória alcançada pelo Dest. Cma, já pelas medidas iniciadas para o restabelecimento das comunicações.

Êste dia deixou, porém, o Dest. Cma numa situação paradoxal: alcançara sôbre o inimigo uma brilhante vitória, mas ficara numa situação difícil em conseqüência de o gentio, tendo conseguido imobilizá-lo, o isolar da sua base de operações.

A esta situação fará face o quadrado da Môngua com heróico espírito de resolução até ao restabelecimento das comunicações, o qual permitirá a vitória final.

Marcha notável do Destacamento do Cuamato

Foi pronta a decisão do Comando do Dest. Cto, conforme a situação o requeria.

Guarnecido o F. Cuamato com a 16.ª C. I. M. (2 pelotões), 1 pelotão do B. I. 18 e 1 secção de metralhadoras, e aligeiradas as praças para facilidade da marcha, iniciou o Dest. Cto, às 7 horas, isto é, apenas 1 h. 30 depois da recepção da comunicação do C. E. M. E., a marcha em auxílio do Dest. Cma.

Após um grande alto no Damequero, prosseguiu a marcha e alcançou o F. Roçadas às 11 horas do dia 21.

Já fizemos referência ao telegrama enviado ao C. E. M. E. pedindo que o Dest. do Évale aguardasse na Chímbua a che-

gada do Dest. Cto, e ao reforço da guarnição do F. Cuamato com o Dest. de Naulila.

O Com. da B. O. e o C. E. M. E. seguiram na manhã de 21 ao encontro do Dest. Cto, que encontraram um pouco além do F. Roçadas. Conferenciando com o seu comando sôbre a situação do Dest. Cma, o C. E. M. E. expos a orientação que vinha seguindo, com a qual o mesmo comando concordou; o com. da B. O. ofereceu-se «para com uma companhia avançar de camião em reconhecimento sôbre o Cuanhama, o que não foi aceite, pois, como a situação se apresentava, representava um perigo mais que viria agravar a situação, quer moralmente, quer ainda originando a perda dos poucos camiões de que dispunhamos» (1).

Prevenindo o efeito que no gentio cuamato poderia produzir a rápida marcha do destacamento para a retaguarda, resolveu o seu comando guarnecer o pôsto do Damequero com o 3.º pelotão da 16.ª C. I. M. e 10 praças do B. I. 18. Uma nota do Com. do F. Cuamato, recebida no F. Roçadas às 16 horas, sugeria a necessidade de deixar guarnecida a linha de comunicações, o que mostrou a propriedade da medida adoptada.

De regresso ao Humbe, recebeu o C. E. M. E., no mesmo dia (21), a seguinte nota do Dest. do Evale: «Expedição ao Sul de Angola — Comando Militar da Região de Cassinga — 1.ª Repartição — N.º 1 A. — Bivaque a O. do Evale, 20-8-915, às 5 h. 20 (2) — Ao chefe estado maior etapes — Sua Ex.ª o Sr. Major comandante encarrega-me de comunicar que a coluna está a um dia de marcha do Evale e que reputa inconveniente retroceder sem fazer a sua ocupação, que se deve realizar àmanhã.

Feita a ocupação, àmanhã mesmo retiraremos para o vau da Chimbua — O chefe do estado maior, João Carlos Pires Ferreira Chaves, cap.» (3)

Esta nota mostrava ao C. E. M. E. que não podia contar

(1) *Rel. P. E.* (A), pag. 566 *(Rel. do Dest. Cto)*.
(2) 17 h. 20.
(3) *Rel. P. E.* (A), pag. 224.

com a cooperação do Dest. Evale dentro da urgência que a situação requeria. Era seu dever dar dela imediato conhecimento ao Dest. Cto para sua orientação. Voltou, por isso, ao F. Roçadas. O comandante do Dest. Cto resolveu enviar ordem ao Dest. Ev. para marchar imediatamente sôbre a Chimbua. (1)

Da respectiva nota foi portador o ten. de cavalaria Moura Borges, em camião. Êste, porém, sofreu uma avaria próximo do Cáfu, o que levou o ten. Moura Borges a entregar a nota a um indígena, pôsto à sua disposição pelo comandante do Cáfu para a levar ao Dest. Evale.

Prosseguindo na marcha, o Dest. Cto passou o Cunene pelas 20 horas e seguiu em direcção à Chimbua; porém, em conseqüência do desconhecimento da região e de engano dos auxiliares, o destacamento não seguiu o itinerário previsto; à 1 hora de 22 fez um grande alto, a uns 18 qm. da Chimbua.

Continuou a marcha às 6 horas; às 11 horas alcançou o vau da Chimbua e às 12 estacionou além do rio.

Não tendo encontrado na Chimbua o Dest. Evale (como era de prever), julgando as suas fôrças insuficientes em vista do seu propósito de estabelecer postos, e tendo grande número de soldados cansados e quási descalços, resolveu o comando do destacamento solicitar ao comandante da B. O. o reforço de uma companhia do B. I. 19

Com esta proposta concordaram êste oficial e o C. E. M. E. A companhia (150 praças), comandada pelo capitão Cunha Azevedo, foi imediatamente transportada em camiões até à Chimbua, onde se encorporou no Dest. Cto.

Durante a tarde dêste dia (22) foi o C. E. M. E. à Chimbua, a pedido do C. E. M. do Dest. Cto, a fim de conferenciarem. Enquanto ali estava, chegou, pelas 16 horas, o tenente de inf. Bento Roma, que, comandando um comboio de três camiões, escoltado por algumas praças do Batalhão de Marinha e do B. I. 17, com duas matralhadoras, conseguira forçar o cêrco. Êste oficial revelava, assim, as suas brilhantes qualidades. Segundo infor-

(1) *Rel. P. E.* (A) pág. 224.

mação que prestou, o Dest. Cma possuia viveres até 24 e dispunha ainda de munições suficientes para resistir a um ataque. (1)

Às 19 horas, prosseguiu o destacamento a marcha, que interrompeu às 23, para se não internar de noite numa região de mato denso, próximo da zona dos ataques.

Em 23, às 6 horas, o Dest. Cto continuou a marcha, que interrompeu às 14 horas, para estacionar na Chana do Enforcado, aquém da Chana da Cachaqueira, a uns 15 qm. da Môngua.

Adiante voltaremos a esta questão.

Situação do Dest. Cma nos dias 21 a 23

O tuca-tuca (camião) começou por assustar o gentio, que viu nêle um feitiço do branco; depois, o gentio, animado pela curiosidade, aproximou-se dêle; por fim, vendo alguns inertes e mutilados à beira dos caminhos, acabou por perder o supersticioso receio de que se possuira.

Era natural que o mesmo acontecesse com o cuanhama, em escala mais reduzida, visto ser um pouco mais civilizado do que os outros povos e dever estar industriado.

Esta circunstância, além do que já foi exposto, levou o C. E. M. E., quando soube que o Comando Superior assentara o processo do reabastecimento do Dest. Cma na utilização diária de camiões, a admitir a possibilidade de passageira interrupção das comunicações. E, por êsse motivo, pedira ao C. M. E. do C. S. que deixasse na B. O. dois auxiliares de confiança, conhecedores da região, o que lhe foi prometido.

Por esquecimento ou por não ter sido julgado necessário, êsses auxiliares não ficaram.

Convencido de que o Dest. Cma dispunha de víveres necessários para se manter até à chegada do Dest. Cto à Môngua, preocupava-se o C. E. M. E. com a situação moral daquêle destacamento, visto que êle não conhecia as providências tomadas para o socorrer.

Por êsse motivo, servindo-se de dois indígenas que lhe

(1) *Rel. P. E.* (A) pág. 567 (Rel. do Dest. Cto).

foram indicados como sendo capazes de levarem uma comunicação ao Dest. Cma, lhe enviou, na madrugada do dia 21, uma nota cifrada, em duplicado, cada indígena levando um exemplar. (1)

Era de prever que, no caso de serem bem sucedidos, essa comunicação chegasse ao seu destino na tarde de 22; mas, só depois da recepção da correspondência ulterior a esta data, o poderia verificar. (2)

Às primeiras horas da tarde de 22, recebeu o C. E. M. E. a nota a seguir transcrita, por intermédio de um serviçal do auxiliar José Guerreiro:

«Estacionamento na Môngua, 21 de Agôsto de 1915, às 18 horas. — Ao Sr. Chefe do estado maior do serviço de étapes. — Sua Ex.ª o General encarrega-me de comunicar a V. Ex.ª o seguinte:

a) — Ontem a coluna do Cuanhama sustentou o fogo do gentio durante nove horas, terminando por repelir êste às 17 horas, por meio de uma carga à baioneta;

b) — V. Ex.ª empregará todos os meios para que os camiões não deixem de reabastecer a coluna, pois disso depende a sua existência, avançando os camiões devidamente escoltados e mesmo através de quaisquer riscos, pois no serviço de guerra êles são inevitáveis;

c) — V. Ex.ª nesses reabastecimentos não esquecerá mandar sempre víveres, munições e forragens, sendo a água mais dispensável, pois as cacimbas estão fornecendo mais alguma;

c) — Pensa o Sr. General em fazer dêste pôsto base de operações para, quando tiver recebido muares e reabastecimentos, prosseguir até à conquista da Ngiva, *e pensa também em estabelecer um pôsto de ligação entre êste pôsto e o Cunene sendo a guarnição dêste pôsto* (uma companhia, duas peças e duas metralhadoras) *fornecida pelas colunas do Cuamato e do major Reis e Silva,* devendo V. Ex.ª proceder neste sentido e dar as devidas ordens em nome do Sr. General;

e) — Temos o gado muar reduzido a menos de metade pelo cansaço, sêde e combates, sendo pois necessário que V. Ex.ª

(1) *R. P. E.* (A) pág. 225.

(2) O C. S. não acusou a sua recepção.

faça avançar todo o gado que possa alimentar, incluindo o que deve estar desembarcado ou a desembarcar em Mossâmedes, convindo que mesmo o que não possa vir até à frente, dela se aproxime o mais possível;

f) — De tôdas estas comunicações V. Ex.ª dará conhecimento aos comandantes da base de operações do Humbe e das colunas do Cuamato e Evale;

g) — *Muito convém que as duas colunas laterais procurem com a maior brevidade estabelècer a ligação com êste pôsto (Môngua);*

h) — Terminadas as operações dessas colunas, os efectivos que restarem da ocupação serão evacuados para o Lubango, visto a dificuldade em os alimentar na zona das operações;

i) — Com as muares que vierem para a frente, devem vir também os cavalos que estiverem em estado de fazer serviço, pois o grupo de esquadrões da coluna do Cuanhama está reduzido a um quinto de cavalos;

j) — *Pela última nota de V. Ex.ª verificou o Sr. General quanto era fundamentada a confiança na muita inteligência e actividade de V. Ex.ª, qualidades de que espera tirar valiosíssimo auxílio para conjurar as dificuldades e perigos com que está a braços. V. Ex.ª continuará a usar da máxima iniciativa, tanto nas medidas a tomar em Angola, como nas providências a pedir para o Ministro ou para os nossos cônsules;*

k) — Conseguindo V. Ex.ª continuar a abastecer a coluna do Cuanhama, a situação não é crítica, e representa apenas uma paragem; mas, no caso contrário, que o Sr. General de modo algum deseja que se dê, esta coluna terá de retirar em circunstâncias muito graves e então V. Ex.ª tera imediatamente de providenciar para que as fôrças do Cuamato e do major Reis e Silva viessem proteger essa retirada, que, repito, as diligências de V. Ex.ª, no sentido de nos reabastecer, mais do que quaisquer outras, hão de evitar;

l) — Resumindo: o podermo-nos sustentar aqui representa apenas um compasso de espera, que pode ser pequeno ou grande conforme as circunstâncias; qualquer outro procedimento tem os inconvenientes que ao alto espírito de V. Ex.ª se apresentariam, mesmo sem os considerandos que deixo expostos;

m) — V. Ex.ª mandará em cada camião algum arame far-

pado. — O Chefe do Estado Maior, João Ortigão Peres, major» (1).

Esta nota refere-se, na sua alínea j), à enviada pelo C. E. M. E. na manhã de 19, na qual transcrevia a que mandara ao Dest. Cto relativamente à demonstração sôbre Ngiva.

Mostra a nota transcrita:

— que o general Pereira d'Eça aprovara absolutamente a conduta do C. E. M. E. em relação à demonstração sôbre Ngiva, que considerara prejudicada, passando a esperar a cooperação directa dos dois destacamentos (Cto e Ev.);

— a confianca, embora não isenta de apreensões, com que o general Pereira d'Eça encarava o prosseguimento das operações.

É a conduta de um chefe a braços com dificuldades, mas que não quere perder as vantagens conquistadas, e para isso conta com a dedicação e actividade dos subordinados que honrava com a sua confiança.

Na ocasião em que o C. E. M. E. recebeu esta nota, estava já o Dest. Cto na linha de comunicações do Dest. Cma, a caminho da Môngua. Tendo, na madrugada de 21, enviado ao C. S. a informação relativa às providências tomadas e já em execução, parecia arredada a necessidade do recurso a medidas extremas, como seria qualquer tentativa para levar alguns camiões ao quadrado da Môngua.

Desta nota tomou o Dest. Cto prontamente conhecimento.

Ainda na tarde de 22, poucas horas depois de ser recebida a nota a que acabamos de fazer referência, entregava o tenente Bento Roma, na Chímbua, ao C. E. M. E., a nota a seguir transcrita, de que o C. E. M. do Dest. Cto tomou prontamente conhecimento (1):

«Comando Superior — Estacionamento na Môngua — 22 de Agôsto de 1915, às 13 horas — Ao Sr. Chefe do estado maior do serviço de etapes. — Como V. Ex.ª sabe, há três dias que o destacamento do Cuanhama não recebe coisa alguma da retaguarda. Só temos víveres até àmanhã e não temos forragens.

(1) *Rel. P. E.* (A), pag. 657.

Munições ainda temos e a água vai dando para o consumo. Em vista da situação aguardamos a chegada dos camiões como quem aguarda a salvação.

Esperamos que todos os esforços tenham sido feitos e continuem a fazer-se para que êles nos cheguem sem demora. Além das fôrças do Cuamato e do major Reis e Silva, pode V. Ex.ª lançar mão das de Naulila (empregando especialmente o alferes Sarmento e os seus boeres) na segurança da linha de comunicações. Temos feito todos os esforços para comunicar com V. Ex.ª. Antes de ontem partiu um camião com uma metralhadora e uma fôrça comandada por um valente sargento da armada e ontem à noite partiu um serviçal de José Guerreiro com uma nota minha para V. Ex.ª. Hoje, esta nota é escoltada por uma fôrça constituída por três camiões com duas metralhadoras e trinta praças comandadas pelo tenente Roma. *O Conselho de oficiais, ontem reünido, resolveu quási por unanimidade que fiquemos aqui até à última extremidade,* e, como disse na minha anterior nota a V. Ex.ª, mesmo uma retirada só a poderíamos fazer protegidos por tropas vindas da retaguarda e representaria um grandíssimo desastre sob todos os pontos de vista.

Sua Ex.ª o General e todos os oficiais da coluna do Cuanhama confiam em absoluto nas providências adoptadas por V. Ex.ª para os socorrer. — O Chefe do Estado Maior, João Ortigão Peres, major».

Esta nota traduz uma situação já delicada e que poderia ter levado a encarar a necessidade do recurso a medidas de carácter mais urgente do que as que estavam em curso, se não fôra a informação recebida de que o Dest. Cma poderia manter-se até 24 e a possibilidade de a informação enviada pelo C. E. M. E. chegar ao seu destino durante o dia 22.

Parecia indicado que se mantivesse a orientação que estava sendo seguida e que levaria a uma solução segura, tendo em vista, simultâneamente, a situação da ocasião e o prosseguimento das operações.

Transcrevemos do relatório do general Pereira d'Eça a referência feita à situação em 21 e 22, a qual mostra a maneira como o ilustre chefe e os seus companheiros encaravam a situação, revelando uma elevação de sentimentos que se impõe à nossa admiração:

«A situação era, sem dúvida, delicada mas não desesperada, porque nós distávamos apenas uns 35 a 40 quilómetros do Cunene, onde estava o chefe do estado maior do serviço de etapes, conhecedor da interrupção das comunicações, e tínhamos na esquerda o destacamento do Evale, na direita os destacamentos do Cuamato e Naulila, e na retaguarda a guarnição da base de operações do Humbe, e tudo levava a crer que o referido oficial, sabedor pela comunicação enviada no dia 18 de que o destacamento do Cuanhama estava a lutar com grandes dificuldades derivadas das baixas em gado e da grande energia com que o gentio estava atacando, e depois, vendo-lhe cortadas as comunicações, haveria de ter informado êsses destacamentos àcêrca da situação e providenciado para o pronto restabelecimento dessas comunicações. (1)

Era portanto uma questão de horas más a passar, porque, fôsse de onde fôsse, da esquerda, da direita ou da retaguarda, a intervenção havia de dar-se de modo a poder-se prosseguir nas operações.

Dir-se-á que eu podia ter destacado fôrças para a retaguarda a restabelecer a ligação com o Cunene. Tê-lo-ia feito se tivesse a cavalaria capaz de se mexer, mas, com quatro cavalos aptos a marchar, não podia pensar nela, e mandar infantaria com êsse fim seria grave êrro, porque, sendo em pequena fôrça, arriscava-se a ser batida, e, sendo de um efectivo conveniente, ficava então o grosso do destacamento muito desfalcado, e, portanto, em perigo perante qualquer outro ataque como o do dia 20.

Mas é preciso dizer tudo: a infantaria dificilmente percorreria a distância ao Cunene, apesar de pequena, atendendo ao seu cansaço, à falta de água e de víveres, e à natureza arenosa do terreno; além disso, eu receava que a marcha de uma fôrça de infantaria em direcção ao Cunene fôsse interpretada pelo gentio como sendo o início da retirada de todo o destacamento do Cuanhama.

O restabelecimento das comunicações tinha, portanto, de

(1) Tinha recebido no dia 19, pelo alferes Costa Andrade, a nota do C. E. M. E. em que êste o informava das medidas tomadas em seguida à recepção da nota do C. S. com a sugestão para a demonstração sôbre Ngiva, como já referimos.

ser feito da retaguarda para a frente, e a minha atitude tinha de ser uma única: «saber esperar».

Adoptei-a com a maior firmeza, resolvido a não a modificar por motivo algum, mas, como a situação era, sem dúvida, angustiosa, decidi, por simples consideração pelos meus camaradas, convocar um conselho de oficiais, constituído pelos comandantes das unidades e chefes de serviços.

Êsse conselho efectuou-se às vinte e duas horas do dia 21 (1) num recanto do quadrado, sem que as praças dessem por tal, e nêle, depois de uma exposição da situação, a meu convite feita pelo chefe do estado maior, pedi a opinião dos oficiais presentes, tendo a grande satisfação de ver que quási por unanimidade, êsses meus camaradas pensavam como eu».

Na tarde de 23, por intermédio do auxiliar Fraga, enviou o C. S. ainda uma nota ao C. E. M. E., solicitando, «mais uma vez, providências no sentido do restabelecimento das comunicações». Foi por êste recebida na tarde de 24, quando a situação já estava completamente modificada.

Nesta nota não era feita referência à enviada pelo C. E. M. E. na madrugada de 21.

No Humbe, os diversos serviços funcionaram sempre com regularidade.

O C. E. M. E. encontrou em todos os seus camaradas uma dedicação pelo serviço que bem traduzia a sua louvável compreensão da delicada situação dêsses dias.

No dia 22 foi notada diferença de atitude no gentio, que fez prever a possibilidade de um ataque; a guarda ao depósito de subsistências, exterior ao Forte, onde o comando da B. O. e a sua guarnição tinham a séde, foi, em conseqüência, reforçada.

Nada se passou de anormal.

Reflectira-se no gentio: primeiro, a situação delicada do Dest. Cma, isolado e imobilizado; depois, a mudança da situação com a presença do Dest. Cto na linha de comunicações.

---

(1) No relatório, vem indicado por lapso, o dia 22.

Restabelecimento das comunicações

A chegada do Dest. Cto à linha de comunicações do Dest. Cma facultava ao C. E. M. E. a desejada protecção para o comboio de reabastecimento. Foi, por isso, em 22/23, organizado um comboio com 15 camiões, carregado com munições, víveres, arame farpado, etc. O seu comando foi confiado ao tenente Bento Roma, que tinha como auxiliares o alferes Miguel Ponces e o 2.º sargento da armada Araújo, e levava como escolta as praças que tinham escoltado os camiões saídos da Môngua, com quatro metralhadoras.

Às 6 horas de 23 partiu o comboio do Humbe; depois de passar algumas horas na Chímbua, continuando no seu itinerário, foi alcançar o Dest. Cto quando êste se encontrava ainda em marcha.

O comando do Dest. Cto, tendo confiado ao comandante do comboio «uma comunicação para o Comando Superior relatando a marcha do destacamento» (1), deixou que o comboio prosseguisse sôbre a Môngua.

Ao alcançar a saída da chana da Cuancula, o comboio encontrou o caminho obstruído e foi atacado por um grupo de uns cinqüenta cuanhamas. Apressadamente, sem darem tempo à intervenção do comandante do comboio, os *chauffeurs* voltaram os camiões e correram em direcção ao Dest. Cto, que encontraram já estacionado; só algum tempo depois, o comandante do comboio, acompanhado pelo alf. Ponces e sargento Araújo, cada um no seu camião, chegava ao estacionamento.

Pretendeu ainda o tenente Bento Roma, um bravo oficial, avançar de novo com o comboio sôbre a Môngua, o que o comando do Dest. Cto não consentiu.

E fez bem. O avanço do comboio fôra uma temeridade que poderia ter tido as mais graves conseqüências; assim o deveria ter pensado o comando do destacamento. Todos os esforços empregados pelo C. E. M. E. para evitar o emprêgo temerário dos camiões, que o comando do Dest. Cto conhecia e com que concordara, teriam resultado inúteis. É certo que a situação em 23 era bem melhor do que nos dias anteriores, que a existência, a pequena distância, do Dest. Cto devia influir no gentio, que o

(1) *Rel. P. E.* (A), pag. 567 (Rel. do Dest. Cto).

comando do comboio estava confiado a um oficial bravo e inteligente; mas não estava indicado, por uma questão de horas, expor o comboio aos riscos que a resistência encontrada pelo Dest. Cto na marcha do dia imediato mostra suficientes para ocasionarem a sua perda; estava indicado manter a orientação que vinha sendo seguida pelo C. E. M. E.

Êsses quinze camiões não representavam apenas o reabastecimento de um dia; a sua conservação era condição indispensável para o prosseguimento das operações.

O comboio estacionou em 23/24 dentro do quadrado do Dest. Cto.

Ainda na tarde de 23, servindo-se de um audacioso auxiliar cuanhama, o comando do Dest. Cto enviou ao C. S. uma comunicação informando-o de que se encontrava a 15 qm. da Môngua e de que no dia seguinte, até às 15 horas, alcançaria o seu estacionamento, escoltando um comboio de reabastecimento. Esta comunicação foi recebida pelo C. S. próximo da meia-noite.

O entusiasmo que ela provocou traduz-se nas seguintes palavras do general Pereira d'Eça, no seu relatório: «Como por encanto, esta boa nova espalhou-se imediatamente e creio bem que nessa noite ninguém dormiu mais no acampamento da Môngua».

Na manhã de 24 prosseguiu o Dest. Cto a marcha, alcançando a Môngua.

Transcrevemos do relatório do Dest. Cto o que se lhe refere:

«Na manhã de 24 iniciámos a marcha às 7 horas, em formação de combate, com o comboio de camiões dentro do quadrado, e assim seguimos até à Cachaqueira, onde montámos o primeiro pôsto com fôrças de infantaria 18 e duas metralhadoras da 3.ª bateria do 2.º grupo de metralhadoras.

Continuámos o avanço, sem sermos incomodados, até à Cuancula, onde montámos novo pôsto com um pelotão de infantaria 18.

Após êste estabelecido, seguimos em direcção à Môngua, mas, quando as patrulhas de cavalaria iam a entrar na chana de Haiambo, foram repentinamente atacadas pelo fogo certeiro do gentio, que em grande número e com armas finas se ocultava

nas árvores da orla direita da chana. A coluna avançou até à devida altura, onde fez alto, indo a artilharia entrar em bateria no flanco direito da face da frente e iniciando logo o fogo sôbre a referida orla, que se via guarnecida em quási tôda a extensão por atiradores inimigos.

O fogo foi mantendo-se com a mesma intensidade, até que, sendo descoberto um grupo em que quàsi todos trajavam à europeia, e se supos por isso ser constituído pelos chefes, para aí se fêz convergir o fogo da infantaria e artilharia, tendo uma granada rebentado junto do mesmo, produzindo-lhe algumas baixas, pelo que o inimigo começou retirando. A cavalaria carregou então sôbre a direcção de retirada daquêle, e, logo que esta voltou ao seu lugar, o destacamento continuou a marcha. Já quási ao chegarmos à Môngua, foi a face direita atacada por tiros isolados, a que não respondemos, e pelas 15 horas dávamos entrada no estacionamento do Destacamento do Cuanhama, após a necessária autorização de V. Ex.ª, e connosco os camiões de reabastecimento.»

Estavam enfim, graças à pronta e dedicada intervenção do Dest. Cto, restabelecidas as comunicações com o Dest. Cma e assegurado o prosseguimento das operações, finalidade que havia orientado a conduta do C. E. M. E. (1)

A chegada à Môngua do Dest. Cto e do comboio foram motivo de intensa comoção em todos aquêles cujos peitos formavam o heroico quadrado. Entre êstes estava o chefe que via assim, acima da modificação da situação material, a possibilidade de cumprir a missão que lhe fôra confiada.

Foi admirável a conduta dos bravos do quadrado, como foi admirável a conduta do chefe, a todos dando o exemplo da resignação nas privações (2), da confiança inabalável na vitória!

(1) O Dest. Cto percorreu uns 125 qm., das 7 horas de 20 às 15 horas de 24.

(2) Desde o corte das comunicações, o C. S., prudentemente, fizera distribuir às tropas uma ração reduzida; ainda nos dias 24 e 25, apesar da chegada do comboio, não pôde ser distribuída ração completa, porque êste fôra em parte carregado com munições, arame, etc., por que o C. S. havia instado.

O Dest. Cma devia dispor, na data do corte das comunicações, tomando

Pronta e justamente, o general Pereira d'Eça recompensou o Dest. Cto, o seu comandante e o seu chefe do estado maior, louvando-os na ordem de serviço dêste Destacamento, do dia 25.

Em quanto ao C. E. M. E., de quem o general Pereira d'Eça fizera dizer no conselho de oficiais que confiava nas providências por êle tomadas e para quem constantemente apelara; que evitara com a sua imediata intervenção junto do Dest. Cto a marcha dêste sôbre Ngiva, condição essencial do sucesso obtido; que, assumindo grande responsabilidade, se opusera a tentativas temerárias que teriam tudo prejudicado, que procedimento houve? O que consta da seguinte nota, onde, além dêste, outros assuntos são tratados interessando ao prosseguimento das operações (1):

«Comando Superior — Estacionamento da Môngua — 24 de Agôsto de 1915, às 17 horas — Ao Sr. chefe do estado maior do serviço de etapes. — Humbe. — Sua Ex.ª o General encarrega-me de comunicar a V. Ex.ª:

a) — Que louva V. Ex.ª pela muita inteligência, actividade e zêlo com que fêz face às dificuldades em que acabava de se encontrar durante a crítica situação resultante do ataque às comunicações da coluna do Cuanhama;

b) — Que hoje, pelas 15 horas, deu entrada neste estacionamento a coluna do Cuamato com o comboio de camiões;

c) — Que, com os elementos de que fica dispondo, pensa Sua Ex.ª em, o mais brevemente possível, prosseguir nas operações sôbre Ngiva.....

.....

n) — Que, quando avançarmos para a Ngiva, deixaremos na Môngua, actual estacionamento, um sólido pôsto e estabeleceremos outros, cuja situação e efectivos oportunamente comunicarei a V. Ex.ª, e que principiaremos desde já a evacuar as bôcas inúteis, condutores, etc., que V. Ex.ª fará seguir para o Lubango nos camiões de retôrno;

o) — Que V. Ex.ª continua a ter a mais completa e merecida

---

como base a sua dotação inicial e os reabastecimentos ulteriores, dos víveres suficientes para largamente se manter até ao dia 24, sem necessidade de recorrer à redução da ração, o que, aliás, estaria indicado. Não aconteceu, porém, assim, em conseqüência da grande quantidade de víveres que tinha abandonado até à sua chegada às cacimbas, onde se estabilizara.

(1) *Rel. P. E.* (A), pag. 658.

confiança do Sr. General para tomar em seu nome tôdas as medidas que julgue facilitarem a execução do plano por S. Ex.ª traçado e que V. Ex.ª muito bem conhece. — O Chefe do Estado Maior, João Ortigão Peres, tenente-coronel.»

Não tendo pôsto intenção especulativa na sua acção, o C. E. M. E. não informou o C. S. sôbre a maneira como ela se exercera, depois do que comunicara relativamente à demonstração sôbre Ngiva; mas o coronel Veríssimo de Sousa, comandante do Dest. Cto, entendeu dever fazê-lo. A nota era, assim, o resultado dessa informação.

Viu o C. E. M. E. farta compensação aos seus esforços nessa nota; mas, quando alguns dias depois da sua recepção chegou particularmente ao seu conhecimento a publicação dos louvores ao Dest. Cto, louvores justos, sentiu que o C. S. não tivesse associado a sua acção com a do dito destacamento, dizendo aos bravos da Môngua que o C. E. M. E, em quem tinham depositado a sua confiança, a tinha merecido.

Isso não o impediu de continuar a partilhar o seu tempo entre a tenda, para dar solução ao volumoso expediente que o sobrecarregava, a estação telefónica, onde constantemente o chamavam de todos os pontos da extensa linha de etapas, e o acompanhamento dos serviços da B. O., sem outra imediata cooperação além da que lhe era prestada pelo tenente Olival, seu adjunto, mas essa, em verdade, dedicada e valiosa.

E o general Pereira d'Eça continuou a ser para o C. E. M E. o chefe ilustre que, por direito, era.

Destacamento do Evale

A nota recebida do Dest. Ev. em 21 (pág. 171) mostrara ao C. E. M. E. que não podia contar com a cooperação pedida a êste destacamento dentro da urgência que a situação requeria.

A nota expedida, nesse mesmo dia, em que o coronel Veríssimo de Sousa lhe determinava a marcha imediata sôbre a Chimbua, em virtude das condições em que foi levada (pág. 172), não alterara a situação.

O C. E. M. E. continuara, porém, contando com chegada do Dest. Ev. à Chimbua, como êste lhe assegurara, e esperando

poder ver modificada a situação, pois êste destacamento dispunha de um elemento de real valor, o 1.º E. D.

Não voltou, porém, o C. E. M. E. a saber do Dest. Ev. a não ser no dia 28, quatro dias depois de vencida a crise em que o Dest. Cma se encontrara.

Em quanto ao C. S., contava êste, ainda às 15 horas de 27, em virtude das informações recebidas do Dest. Cto, que o Dest. Ev. estivesse na Chímbua. (1)

No seu relatório expõe o Com Dest. Ev. o critério a que obedeceu. Dêle transcrevemos o que interessa a esta questão:

(2) «15.º—Ligação com a coluna do Cuanhama.—Ao atingir a Camba e o Cáfu, enviei comunicações para o Humbe sôbre a nossa situação e pedi informes da marcha da outra coluna.

As notícias recebidas no Cáfu, até 19, davam como assegurada a execução de tôdas as operações; na tarde dêste dia recebeu-se do chefe do estado maior de étapes a cópia da nota do Comando Superior para o referido chefe, de 18-8-915, que embora apresentasse como delicada a situação da coluna do Cuanhama, não nos trazia preocupações sôbre o êxito da missão que lhe fôra atribuida.

Em 20 recebemos do chefe do estado maior de étapes a a seguinte nota (3).....

Esta nota foi recebida na tarde do penúltimo dia de marcha do Cáfu ao Evale e a 19 quilómetros dêste pôsto.

16.º—Deliberações e seus fundamentos.—Analisando a situação, resolvi:

---

(1) *R. P. E.* (A), pág. 660.

A nota expedida em 21 foi recebida pelo Com. Dest. Ev., que ao Com. Dest. Cto respondeu, em 22, informando-o de que se encontrava em marcha sôbre a Chímbua.

Em 24, às 3 h 30, enviou o Com. Dest. Ev. nova comunicação ao Com. Dest. Cto, ainda em referência à nota dêste, do dia 21, informando-o de que, tendo recebido uma nota do general expondo a precária situação do Dest. Cma relativamente a víveres e munições, resolvera marchar em 25 sôbre a Môngua.

Estas duas comunicações do Dest. Ev. chegaram tardiamente ao seu destino, assim se explicando porque, às 15 horas do dia 27, o C. S. supunha o Dest. Ev. na Chímbua.

(2) *R. P. E.* (A), pag. 519 (Rel. Dest. Ev.).

(3) Transcrita na pag. 161.

1.º — Ocupar o Evale;

2.º — Marchar sôbre a Môngua com a maior rapidez possível. (1)

Esta deliberação baseou-se nos seguintes fundamentos:

1.º — Embora fôsse difícil a situação da coluna do Cuanhama, não a julguei, todavia, desesperada, porque possuia a fôrça suficiente para, por si só, se desembaraçar do inimigo;

2.º — Estando eu a um dia de marcha (19 quilómetros do Evale) e retirar sem cumprir a missão que me fôra atribuída equivalia a denunciar fraqueza e perigo nosso, que podia aumentar a fôrça do adversário;

3.º — Êste procedimento nem mesmo adiantaria a minha marcha para a Môngua porque, retirando sem ocupar o Evale, certamente seria hostilizado por êste povo durante a retirada, que, nestas condições, seria muito mais morosa.

17.º — Ocupação do Evale. — Fez-se em 21, e tendo deixado ali de guarnição a 11.ª companhia de infantaria n.º 16 e ordenado à 9.ª que avançasse da missão de Mupa para o Evale a fim de substituir a 11.ª, tencionava retroceder com o restante da coluna na tarde dêste dia, mas uma indisposição que acometeu a maioria das praças e oficiais, atribuída pelos médicos a alteração no rancho de reserva consumido neste dia, só me permitiu marchar na madrugada de 22.

18.º — Marcha do Evale à Môngua. — Marchando de dia e de noite conseguimos chegar ao Cáfu em 24, de manhã, apesar da fadiga dos homens e especialmente do gado; o comboio, porém, só nos alcançou na madrugada de 25.

No Cáfu recebemos do auxiliar Fraga a nota do Comando Superior, de 23 de Agôsto de 1915, e, tendo, em vista das informações do mesmo auxiliar e do reconhecimento por nós feito em 25, resolvido marchar do Cáfu directamente à Môngua, e não pela Chimbua, com o que poupávamos um dia de itinerário, organizámos neste dia o comboio com os víveres que nos restavam (20 toneladas) e marchámos sôbre a Môngua em 26.

Contávamos fazer a marcha do Cáfu à Môngua em um dia, mas, tendo-se embrenhado a testa do comboio, à saída do Cáfu,

(1) Ver a comunicação enviada ao C. E. M. E., pag. 171.

devido a um engano, num mato cerrado de espinheiros, não foi possível fazê-la retroceder e houve que abrir-lhe o caminho a machado, o que nos atrazou duas horas na marcha.

À 1 hora da madrugada de 26 para 27 chegou ao estacionamento da coluna o tenente Pires, comandante da coluna do Colui (auxiliares bailundos); ordenei-lhe que fôsse buscá-los ao Cáfu onde os deixara.

Em 27, às 10 horas e 30 minutos, alcançou-me o tenente Pires com os bailundos e, tendo passado para êstes a carga dos carros boeres, com êles e com o esquadrão de dragões marchámos para a Môngua, onde chegámos à meia noite de 27, tendo apenas havido alguns tiros de patrulhas próximo das cacimbas de Cancula (14 quilómetros ao Sul de Cáfu) contra um grupo de indígenas cuanhamas armados.

Em 28 de Agôsto foi dissolvida a coluna do Evale por ordem do Comando Superier e em 12 de Setembro, por ordem do mesmo Comando, foi extinto o comando militar da região de Cassinga».

Do exposto deduz-se:

— que a ocupação imediata do Evale obedeceu a bom critério;

— que a marcha do Cáfu directamente sôbre a Môngua deveria ter sido feita com conhecimento da B. O., em virtude da comunicação enviada ao C. E. M. E ; como foi feita, resultou uma operação isolada que poderia ter sido arriscada e que não contribuiria, pela maneira que parecia indicada, para resolver a situação difícil em que se encontrava o Dest. Cma;

— que parecia naturalmente indicado que, desde que o C. E. M. E. informou o Dest. Ev. àcêrca da situação difícil do Dest. Cma, aquêle procurasse manter-se a par da evolução da situação por uma constante ligação com a B. O.

Conquista de Ngiva

Preparação da marcha sôbre Ngiva

Em 25 de Agôsto, isto é, no dia imediato ao do restabelecimento das comunicações, resolveu o general Pereira d'Eça constituir com os elementos dos Dest. Cma e Cto um novo des-

tacamento, Dest. Ng., para o prosseguimento das operações até à conquista da embala do soba cuanhama.

No dia 27 foram dissolvidos os Dest. Cma e Cto; no dia 28 o Dest. Ev.

Foi criado o comando militar da Môngua, que teve como comandante o major Alberto Salgado, e como chefe do estado maior o capitão Ferreira Chaves.

Serviços — A crise das câmaras de ar

Os serviços foram desde logo orientados em vista das novas operações.

Por proposta do C. E. M. E., os camiões dos destacamentos foram reünidos aos do serviço de etapas e utilizados nos transportes de reabastecimento. O seu número era, porém, insuficiente e os transportes efectuavam-se com grande dificuldade.

Os carros boeres, apesar das medidas de fiscalização e do auxílio prestado para reconstituïção das espanas, com dificuldade iam além dos Gambos; poucos chegavam a Tchicusse.

O depósito de víveres dos Gambos, durante todo o período de operações, foi a fonte directa de alimentação do Humbe — Chímbua. Depois de efectuadas as marchas de concentração, foi aí colocado o tenente Manuel Mendes, que no depósito da Chibia revelara as suas qualidades de oficial inteligente, activo e criterioso. Fôi um valioso cooperador.

Valioso auxílio foi encontrado nos víveres do Dest. Ev., transportados até à Môngua pelos auxiliares bailundos.

Em 18 de Agôsto e princípio de Setembro foram organizados no Lubango dois comboios de carros alentejanos, o primeiro com 26 carros e o segundo com 24. Ambos transportaram gasolina até aos Gambos, e víveres dêste pôsto ao Humbe.

O primeiro dêstes comboios cedeu as suas muares ao Dest. Ng.; o segundo foi, no regresso ao Lubango, utilizado para a a evacuação de pessoal e material.

Em 26 de Agôsto foi constituído um depósito de víveres na testa de ponte da Chímbua, cuja gerência foi confiada ao tenente do S. Ad. Militar, J. G. F. Soares de Mesquita, oficial inteligente e desembaraçado, que aí vinha prestando serviço como delegado do depósito do Humbe.

Em 28, foi o C. E. M. E. chamado à Môngua para conferenciar com o general Pereira d'Eça e o seu C. E. M. sôbre o prosseguimento das operações. Ficou resolvido que a marcha sôbre Ngiva fôsse iniciada no dia 1, e que à disposição do Dest. Ng. fôssem postos vinte camiões.

Em 29, o C. E. M. E. deslocou a sua tenda para a Chimbua, donde passou a acompanhar as operações.

Atravessava-se, em fim de Agôsto, uma séria crise de câmaras de ar; a sua falta impedia o emprêgo de alguns camiões.

Tendo chegado em 23 a Mossâmedes o vapor *Peninsular*, e sabendo que êle transportava câmaras de ar, tomara o C. E M. E. as medidas necessárias para o seu imediato e rápido transporte até ao Humbe. As câmaras, porém, só foram encontradas em 31, apesar das diligências do D. E. e da insistência do C. E. M. E., que aquela autoridade chegou a achar excessiva, embora com fundamento e justificada pela situação.

Entretanto, em 25, o D. E. informara o C. E. M. E. de que tinha feito seguir para o Lubango alguns protectores e câmaras, desembarcados de outro vapor. Apesar dos esforços empregados, só em 30 chegaram aos Gambos. Aqui foram entregues ao comandante de um comboio de 16 camiões (víveres), com ordem de seguir com a maior urgência para a Chimbua.

Posta tôda a diligência no serviço, o oficial chegou à Chimbua na manhã de 31, e fez imediatamente a sua apresentação ao C. E. M. E.

Êste perguntou-lhe, como é de supor:

— E as câmaras de ar?

— Rebentei-as quási tôdas, mas aqui estou!...

Nos Gambos tinham-se esquecido de lhe dizer qual era o motivo da urgência pedida.

Dêste episódio resultou o forçado adiamento do início das operações para o dia 2, e não poderem ser postos à disposição do Dest. Ng. senão 17 camiões.

Destacamento da Ngiva

Ao Dest. Ng. foi dada a seguinte constituïção:

Q. G.:

Comando e E. M. (1):
Comandante. . . — Coronel A. Veríssimo de Sousa
Ajudante . . . . — Alf. mil. cav., A. Almeida Pinheiro
C. E. M. . . . . — Cap. S. E. M., J. E. C. Mascarenhas
S. C. E. M. . . . — Ten. A. S. G. Cardoso Machado
Adjuntos do E. M. — Tenentes J. Abreu Campos, J. J. Ramos e J. Dias da Costa
Com. da artilharia . . — Cap. A. J. Travassos Valdez
» » Eng. . . . . — » Rúi Ribeiro
Chefe do S. de Saúde — » de fragata, A. B. Vasconcelos e Sá
» do S. Vet.º . . — » A. A. Chaves de Lemos
» dos S. Adm. . — » A. Vieira de Castro
Oficiais às ordens . . — Alf. de art. Raúl Ferrão e de cav. J. Pedro de Faria
Com. do Q. G. . . . . — Ten. Vítor Coelho
Provisor. . . . . — Alf. Josino da Costa

Armas:

Bat. de Marinha . . . — Com., cap.-ten. A. Júlio de Cerqueira
B. I. 17 . . . . . — » , major J. Pires Viegas
1/II Met. . . . . — » , cap. J. M. Cameira
2/III » . . . . . — » , » A. Teles de Azevedo
B. A. 8 . . . . . — » , » J. C. Pereira Lourenço
2.ª B. A. Montanha. . — » , » A. J. Travassos Valdez
E. Cav. (130 cav.) . . — » , » C. L. Godinho
1.º E. D. (131 ») . . — » , » A. R. A. Piçarra
Secção de projectores
Auxiliares. . . . . — » , » J. M. Ferreira do Amaral

Serviços:

T. C. . . . . — » , ten.-art. Sérgio R. de Sousa (2)
Ambulância . . . . . — » , ten.-médico J. Sena Cabral
Brig. de trabalhadores — » , cap. ref. Palermo de Oliveira
Comboio. . . . . — » , ten. Bento Roma
Reserva de água

(1) A nomeação do coronel Veríssimo de Sousa para comandante do novo destacamento e do capitão J. E. Conceição Mascarenhas para seu chefe de estado maior constituíu motivo de justo aprêço das qualidades reveladas no desempenho das missões anteriormente confiadas aos mesmos oficiais.

(2) Teve como adjunto o ten. de art. J. G. de Oliveira Duarte, que já fôra adjunto do Com. do T. C. do Dest. Cma, cap. Cortês.

Depois do combate do dia 18, em que êste oficial foi gravemente ferido, o comando do T. C. do Dest. Cma foi confiado ao ten. Oliveira

Efectivo: 90 of., 1856 p., 60 aux. brancos, 41 aux. indigenas, 370 solip. de sela, 447 solíp. de tiro, 21 camelos.

Víveres: 4 dias de víveres (V. R.) e forragens.

Acompanharam o destacamento, destinadas aos postos a estabelecer: 2 companhias de infantaria e 1 bateria de metralhadoras.

O C. S. acompanhou o Destacamento (1). O general Pereira d'Eça interveio na conduta das operações.

A situação

A situação foi evolucionando, em prejuizo do gentio, com a marcha dos acontecimentos.

Bem industriado, o Cuanhama juntara à sua volta, para um esfôrço comum (dir-se-ia que êle conhecia o grande princípio de Napoleão — concentrar para combater), os seus aliados: os valentes cuamatos, os evales, os cuâmbis, os muhumbes, etc.

Deixara o Mandume que as nossas fôrças se internassem no seu território, só as atacando para lhes disputar a água das cacimbas da Môngua.

No combate do dia 20 dispusera o soba cuanhama de umas 12.000 armas finas, com farta dotação de munições, e de uns 35.000 guerreiros armados de armas gentílicas, destinados ao assalto, ao massacre (2).

Neste combate, aproveitando bem os abrigos, executando um tiro sistemático sôbre o gado, especialmente sôbre os cavalos, que tanto receava, conseguiu o Mandume imobilizar o Dest. Cma. Em seguida, cercando-o, cortou a sua linha de comunicações.

Duarte, que no desempenho dessa função, durante os combates dos dias 18, 19 e 20, pôs louvável dedicação, e muito contribuíu depois para a recuperação de grande parte do material abandonado.

(1) Com excepção do S. C. E. M., cap. do S. E. M., A. M. Freitas Soares, que, tendo adoecido com uma pneumonia, fôra evacuado para o Lubango em 28.

Durante todo o período da preparação das operações, encontrou o general Pereira d'Eça no seu S. C. E. M. uma cooperação dedicada, inteligente, valiosa; com êste ilustre oficial tratou e estudou o C. E. M. E. muitas questões relativas aos serviços a seu cargo.

(2) As operações militares no sul de Angola em 1914-1915, do brig. A. M. Freitas Soares, pág. 154.

Tendo perdido muitos guerreiros e consumido muitas munições no combate do dia 20, não convinha ao Mandume renovar o ataque. Limitava-se, por isso, a manter o cêrco com o seus lengas, aguardando a ocasião em que o destacamento desse sinais de desespêro ou tentasse retirar, para cair sôbre êle. O Mandume retirara, parece, com a sua escolta para a embala.

A chegada do Dest. Cto, levando novas fôrças ao Dest. Cma, e restabelecendo as suas ligações com a retaguarda, modificara completamente a situação.

Na ocasião em que foi constituído o Dest. Ng. contava-se com resistência do gentio na região do Dombe (lenga Sadiúca), a uns 8 quilómetros da Môngua, e com a oposição do Calola; em quanto ao Mandume, dizia-se que se encontrava para os lados de Ngiva.

Em 31, foi recebido pelo general Pereira d'Eça um ofício do major Pritchard, encarregado dos Negócios Indígenas no Protectorado do Sudoeste-Africano, oferecendo-se para servir de medianeiro entre o Mandume, chefe dos cuanhamas, e o comandante das fôrças portuguesas. A êste ofício respondeu o general Pereira d'Eça com outro ofício, redigido de maneira feliz, afirmando o direito que lhe assistia de subjugar uma rebelião ocorrida em território português. (1)

As informações levavam então a supor o Mandume em fuga para os lados da Donga e não faziam prever mais do que ligeiras escaramuças.

O general Pereira d'Eça sentia a conveniência de alcançar ràpidamente a embala do soba cuanhama.

Conquista de Ngiva

Às 7 h.30 do dia 2 de Setembro, iniciou o Dest. Ng. a marcha em direcção à embala do soba Cuanhama. Pelas 14 horas, tendo percorrido uns 20 qm., alcançou Baluganga, onde estacionou.

Durante a marcha, grupos de cuanhamas atacaram patrulhas do 1.º E. D., que sem dificuldade os repeliram.

Em Baluganga foi montado um pôsto.

---

(1) Adiante, quando nos referirmos ao Mandume, trataremos esta questão com o desenvolvimento que merece.

No dia 3, às 7 horas, prosseguiu o Dest. Ng. a marcha. Pelas 17 horas, tendo percorrido uns 16 qm. sem que o gentio o hostilizasse, alcançou Onxinde, onde estacionou.

Fez-se sentir a escassez de água.

Em Onxinde foi montado outro pôsto.

Às 6 h. 30 do dia 4, iniciou o Dest. Ng. a etapa que finalmente o levaria até à embala do soba Mandume.

Segundo informações dos auxiliares, haveria que percorrer apenas 9 qm.; segundo informações obtidas pela 1.ª Rep. do Q. G. do tenente-coronel Roçadas, seriam necessárias 5 h. 30; segundo a indicação da carta (do Sul de Angola e da Damaralândia), a distância Chimbua-Môngua era menor do que metade da Môngua-Ngiva.

Parecia indicado, em virtude da divergência referida, encontrada nos elementos que deveriam ter servido de base para o estudo da operação, contar com a distância maior e pedir à cavalaria as informações complementares necessárias.

Não se fêz assim. Tomou-se como boa a informação mais favorável aos justificados desejos do C. S.; as tropas iniciaram a marcha persuadidas de que, percorridos os 9 qm., estariam terminadas as fadigas.

A uns 10 qm. de Onxinde foram encontradas cacimbas com bastante água; mas, como os auxiliares diziam que a Ngiva era «já ali», o comando não entendeu necessário dar aí um descanso as tropas.

Êste descanso estava naturalmente indidado, tanto mais que no dia anterior a água distribuida às fôrças fôra insuficiente.

Porque não fêz o C. S. abeberar aí o gado e não pediu à cavalaria que verificasse a exactidão das informações dos auxiliares, enquanto as outras tropas descansavam? Por aquela abstracção das realidades que já noutras circunstâncias se manifestara.

A urgência de chegar não justifica o procedimento havido.

A distância que o comando supuzera em 9 qm., transformou-se em 24 qm. As conseqüências são fáceis de calcular: vencidas pelo cansaço e pela sêde, sob a acção de um sol ardente, algumas praças acabaram por abandonar os seus lugares na coluna, ficando pelo caminho.

Pelas 14 h., o 1.º E. D. e os auxiliares alcançaram a embala

do Mandume, que encontraram incendiada, assim como a missão alemã que lhe ficava próxima

Estava caído o prestígio do Mandume, destruída a lenda da invencibilidade do povo cuanhama.

Mas a marcha não estava terminada. Houve que realizar um trabalho insano para dessedentar e recolher as praças que tinham ficado pelo caminho. Nesta emergência prestaram valioso serviço o 1.º E. D., vários oficiais e alguns *chauffeurs*. A unidade que mais sofreu, foi o B. I. 17, em conseqüência do pêso transportado pelas praças; distinguiram-se, pela sua boa conduta, o Batalhão de Marinha e a Bateria de Montanha.

O Cuanhama não hostilizou a marcha.

A ocupação de Ngiva foi seguida da apresentação do gentio em grande quantidade.

O Mandume, como adiante veremos, refugiara-se ao Sul da zona neutra.

No dia 5 de Setembro, pelas 15 horas, foi solenemente hasteada em Ngiva, junto da extinta embala, a bandeira portuguesa.

Estava terminada a Campanha do Cuanhama, depois de alguns transes em que tinham sido postas à prova as admiráveis qualidades do soldado português.

O general Pereira d'Eça cumprira gloriosamente a missão de que fôra encarregado; prestara à sua Pátria, tanto no campo da política nacional como no da internacional, um alto e relevante serviço.

Termina o general Pereira d'Eça o seu relatório com a seguinte referência às tropas que comandou:

«Tôdas as unidades cumpriram o seu dever por forma a justificar o grande orgulho que sinto em tê-las comandado; porém, julgo merecedor de especial menção o Batalhão de Marinha.

Esta unidade mostrou sempre a maior correcção, a nítida compreensão dos seus deveres cívicos e militares, tanto no período que antecedeu as operações como durante as operações.

Foi, sem o menor exagêro, uma unidade da *élite*, cuja têmpera fica definida dizendo que foi a mais resistente nas marchas,

a mais esforçada nos combates e que durante os quatro dias em que na Môngua estivemos reduzidos a um quarto de ração, as suas sentinelas chegaram a cair de fraqueza nos respectivos postos, sendo imediatamente rendidas, sem que disso o comando superior tivesse conhecimento, pois essa unidade sabia bem que êsse comando nada podia fazer que modificasse de pronto a situação» (1).

Absolutamente justas são as palavras dedicadas ao Batalhão de Marinha. Tendo estacionado desde Dezembro nos locais mais insalubres, suportou grandes inclemências durunte o longo período da preparação. As baixas por doença reduziram consideràvelmente o seu efectivo. Apesar disso, manteve sempre um moral elevado. Desde a acção de Tchipelongo até à marcha sôbre Ngiva, a sua conduta foi sempre notável.

Como o general Pereira d'Eça começa por dizer, tôdas as unidades cumpriram o seu dever, tôdas seguiram o exemplo do chefe:

— o E. C. 11, na brilhante carga do dia 18, espalha o terror entre o gentio e regressa galhardamente, apesar de ter sofrido perdas, entre mortos e feridos, no valor de dez por cento do seu efectivo; teve também mais de dez por cento de praças condecoradas ou louvadas;

— o B. I. 17, mercê da acção do seu comandante e oficiais, mostra-se sempre uma unidade combativa, às suas baionetas se devendo grande parte da glória conquistada;

— as baterias de metralhadoras cujo fogo preciso ceifa os guerreiros inimigos que audaciosamente se aproximam do quadrado;

— as baterias de artilharia cujos oficiais e praças ora combatem com serenidade e precisão, ora dedicadamente, debaixo de fogo, ajudam a deslocar peças e carros de munições;

— o E. C. 4, a 15.ª C. I. M. e os auxiliares, que cumprem corajosamente tôdas as missões que lhes são pedidas;

— os órgãos dos serviços:

— o T. C. cujos oficiais e praças são infatigáveis na

(1) Pendurou no general Pereira d'Eça o sentimento de aprêço pelo Batalhão de Marinha. Dois anos depois legaria à ilustre Corporação da Armada a sua gloriosa espada.

luta contra as dificuldades que a queda do gado constantemente lhes levanta, e, por vezes, debaixo de fogo, ajudam a deslocar as viaturas;

— o serviço de saúde, que ganha a confiança e a simpatia de todos pela competência e dedicação infatigável com que se desempenha da sua tarefa;

— os órgãos de reabastecimento que cumprem a sua missão através de constantes riscos;

— o serviço veterinário exercendo a sua acção com dedicação e competência...

Tôdas as unidades, todos os órgãos dos serviços foram dignos do digno Chefe que os comandava.

Perdas em combate

Durante as operações ao Sul do Cunene, as perdas em combate foram as seguintes:

Combate do dia 18:	mortos	—	1 of. e	15 p.;	feridos	—	6 of. e 24 p.
» » » 19:	»	—	1 » »	1 p.;	»	—	1 » » 7 p.
» » » 20:	»	—		16 p.;	»	—	4 » » 15 p.
Ataque ao comboio, no dia 19:.....	»	—		4 p.			
Soma:	»		2 of. »	36 p.;	»		11 » » 46 p.

A màior percentagem de perdas coube ao E. C. 11: sete mortos, entre os quais o heróico alferes Alvaro Damião Dias, e cinco feridos, entre os quais o heróico alferes Américo dos Santos Mateus, gravemente ferido.

Ocupação e evacuação

A previsão de uma campanha fácil no Cuanhama levara o C. S. a contar para a sua ocupação com um efectivo limitado — 1.000 homens e 120 solípedes. Ao mesmo tempo que se procurava reduzir as despesas ao indispensável, facilitava-se a constituïção, antes da época das chuvas, dos depósitos de abastecimento para as tropas de ocupação.

Os acontecimentos seguiram, porém, uma marcha diferente da prevista.

O facto de o soba cuanhama se ter refugiado, com alguns dos seus lengas, entre os quais o célebre Calola, no território do Sudoeste-Africano, fazendo admitir a possibilidade de futuras incursões em território português, levou o general Pereira d'Eça a deixar no Cuanhama uma forte guarnição, medida a que os acontecimentos ulteriores deram tôda a propriedade.

No dia 5 de Setembro, em nota ao comandante do Dest. Ng., de que foi dado conhecimento ao C. E. M. E., determinou o general Pereira d'Eça:

A) — A dissolução do Dest. Ng., com louvor para o seu comandante, chefe do estado maior, oficiais e praças da coluna, chefe do serviço de saúde e seus oficiais e praças;

B) — Que o comando do Dest. Ng. ficasse encarregado de dirigir a evacuação das tropas, pela seguinte ordem:

a) Q. G. do C. S.;
b) Batalhão de Marinha;
c) Auxiliares;
d) Tropas de art.ª, cav., condutores, etc.;
e) Q. G. do Dest. Ng.

C) — A criação do Comando Militar do Baixo-Cunene, constituído pelas regiões do Humbe, Evale, Cuanhama e Cuamato, com sede em Ngiva, confiado ao major J. S. Pires Viegas, comandante do B. I. 17.

À disposição dêste comando ficariam, até chegarem da Metrópole as tropas requisitadas para a ocupação: B. I. 17, guarnições dos postos do Evale, Cuanhama e Cuamato; peças e metralhadoras do Dest. Ng. e suas guarnições; um forte pelotão do E. C. 4; condenados que constituiam a brigada de trabalhadores do Dest. Ng.

Em portaria foram publicadas as disposições a observar na acção política, militar, administrativa e de justiça, e na administração financeira.

À ocupação ficava, assim, atribuído um efectivo muito elevado.

Os assuntos tratados na portaria mostram que ao C. S. tinha merecido a devida atenção a importante questão da ocupação.

Com o fim de facilitar a constituïção, antes da época das chuvas, dos depósitos de aprovisionamento destinados às tropas de ocupação, solicitara o C. E. M. E., na sua conferência com o C. S. em 28 de Agôsto, na Môngua, que logo após a conquista de Ngiva se iniciasse a retirada das tropas dispensadas da ocupação, e que se observasse a seguinte orientação, imposta pela eterna questão da deficiência de meios de transportes autos;

— as unidades iniciariam a retirada pela via ordinária, com o fim de ir reduzindo o consumo na frente;

— os camiões, nos seus movimentos de retôrno, iriam tomando o pessoal e transportando-o:

— numa primeira etapa, até aos Gambos, onde a situação dos víveres era desafogada;

— numa segunda etapa, até ao Lubango, onde as unidades seriam reconstituídas.

Resultara esta solução do estudo feito pelo C. E. M. E. tendo em atenção as necessidades da ocupação, as que, em seu entender, deviam então comandar.

Dentro dêste critério, desde fins de Agôsto, promovera a retirada de algumas fracções pondo à sua disposição carros alentejanos, na proporção de 1 para 45 a 50 homens, para lhes facilitar a marcha até que os camiões as pudessem tomar.

Grato ao Batalhão de Marinha pela sua conduta, e atendendo à sua longa permanência em regiões insalubres, o general Pereira d'Eça determinou a sua evacuação em camiões, desde Ngiva ao Lubango. Esta começou imediatamente após a partida do general Pereira d'Eça, e efectuou-se de 6 a 12 de Setembro.

O plano de evacuação estudado pelo C. E. M. E. estava prejudicado.

Depois, veio a incompreensão de uns e o egoismo de outros.

Alguns dos oficiais evacuados, ao chegarem aos Gambos, empregavam todos os esforços, por vezes excessivos, para a sua imediata marcha até ao Lubango.

Dêste conjunto de factos resultou que o delegado do serviço de transportes nos Gambos, cap. F. Marcelino Afonso, oficial competente e dedicado ao serviço, se viu na impossibilidade de fazer seguir para o Sul os reabastecimentos destinados à ocupação, e solicitou a ida ali do C. E. M. E., o que êste fêz em 9.

A situação modificou-se então nos Gambos. Mas não só a constituïção dos depósitos de ocupação tinha sido prejudicada, como o reabastecimento imediato das tropas tinha atravessado uma crise grave, que se podia e devia ter evitado.

O regular funcionamento dos serviços exige método, espírito de seqüência.

Os serviços em vista da ocupação

Camiões

Em 19 de Setembro foi, pelo C. S., criada a Companhia de Camiões, cujo comando foi confiado ao cap. de inf. C. Ribeiro Borges. O C. E. M. E. viu assim, tardiamente, adoptada uma medida por que muito instara.

Pouco depois, recorreu o C. E. M. E., mais uma vez, ao tenente de eng. F. Pinto Teixeira, que foi encarregado de promover a remoção dos camiões avariados, serviço que a fôrça das circunstâncias obrigara a adiar para depois de terminarem as operações.

Reabastecimento de víveres

Valioso auxílio encontrou o C. E. M. E. nos abastecimentos do Dest. Evale. Muitos dos seus carros boeres seguiram até à Môngua.

Na Chimbua demorou o C. E. M. E. alguns dêstes carros, prevenindo a eventualidade de ter de recorrer ao respectivo gado para consumo; desde que essa necessidade foi afastada, seguiram ao seu destino, uns para o Lubango, outros para Benguela.

No Lubango foram, em 8 e 23 de Setembro, organizados dois comboios de carros boeres, um com 22 e outro com 42 carros, que seguiram pelo Cunene para a Môngua.

Com o fim de regular com os comandos do Baixo-Cunene e das diversas regiões a questão dos reabastecimentos em vista da ocupação, visitou o C. E. M. E.:

— em 21, Ngiva, onde acordou com o respectivo comandante militar ficar o tenente J. R. Costa J.^{or} encarregado do reabastecimento dos diversos postos, tendo auxiliares em Ngiva, Humbe e Cáfu.

Êste oficial vinha revelando, como chefe dos serviços administrativos da B. O., muita iniciativa, actividade e louvável interêsse pelo serviço a seu cargo.

— em 22, Cáfu;
— em 23, F. Cuamato;
— em 24, Naulila e Dongoena.

Orientadas no Humbe as questões relativas à ocupação, seguiu o C. E. M. E. para os Gambos, onde tratou da mesma questão, partindo em 28 para o Lubango.

Serviço de saúde

A importante questão do serviço de saúde das tropas de ocupação prendeu, como era natural, a atenção do C. E. M. E. Assim, em 20 de Setembro, promoveu que pelo C. S., então no Lubango, fôsse ordenada a remessa, para o Sul, de material sanitário, medicamentos e dietas.

Regresso do general Pereira d'Eça à Metrópole

Em 6 de Setembro, partiu o general Pereira d'Eça, com o seu C. E. M. e alguns outros oficiais, de Ngiva para o Lubango. Nesta vila funcionou, desde então, o seu Q. G.

Em 24, recebeu o C. E. M. E., no Humbe, o seguinte telegrama: «Maior etapes — Humbe — Motivo saúde general entregou govêrno e comando ao senhor coronel Verissimo tendo como chefe estado maior capitão Mascarenhas. Nêste momento general encarrega-me agradecer Vexa relevantes serviços lhe prestou e espera Vexa colabore com igual dedicação com o novo comandante e governador até seu muito próximo repatriamento. — Maior comando».

O general Pereira d'Eça embarcou em Mossâmedes no dia 29 do mesmo mês.

No mesmo dia em que o general Pereira d'Eça embarcava para regressar à Metrópole, recebia o C. E. M. E., no Lubango, uma nota do Q. G. do novo C. S. considerando terminada a sua misssão, e determinando a sua apresentação no Q. G.

Esta nota dava solução satisfatória à situação imprecisa em que o deixara a partida do general Pereira d'Eça, em virtude das atribuïções que lhe tinham sido conferidas.

Transmitidas aos chefes dos serviços no planalto as instru-

ções necessárias à seqüência dos serviços e informado o D. E. da situação em que várias questões se encontravam, o C. E. M E. fêz, em 30, a sua apresentação no Q. G.

Estava terminada a delicada missão de que fôra encarregado, no desempenho da qual pusera tôda a sua capacidade de trabalho.

Da maneira como desempenhou essa missão deu conta em dois relatórios, prontamente elaborados: um dirigido ao D. E., relativo à marcha dos serviços; outro dirigido ao C. E. M. do C. S., relativo às operações. Num e noutro pôs a sinceridade e correcção que entendia serem obrigatórias em documentos dessa natureza; tratou do serviço desempenhado, esquecendo os motivos de contrariedade que encontrou, as incompreensões que dificultaram a sua acção. Não pôs sentido especulativo na exposição dos seus serviços; mas cometeu, por inexperiência, a falta de não pôr em suficiente destaque as muitas e valiosas cooperações que encontrou, falta que êste livro procura reparar.

=Os relatórios do C. E. M. E. são transcritos no relatório oficial, págs 171 a 226.=

O Mandume (1)

Mandume, o último soba do Cuanhama, pelos acontecimentos de que foi protagonista, merece uma referência especial.

Aparentando 21 anos, Mandume era de estatura média (2), de aspecto desagradável, antipático.

Exercia a sua autoridade de maneira cruel, ordenando execuções ao menor pretexto. Os corpos das vítimas ficavam expostos, para atestarem o seu poder.

Era temido pelos seus vassalos.

Apesar de haver próximo da sua residência uma missão alemã, era fetichista.

Trajava à europeia, armado de espingarda Mauser e pistola Browning.

Um numeroso grupo de cavaleiros, armados de espingarda e punhal ovampo, constituía a sua escolta.

Não era amigo dos portugueses. Cioso da tradicional inde-

---

(1) O estudo desta questão baseia-se em elementos colhidos num interessante trabalho do capitão-mor do Cuamato em 1914, capitão A. Fernandes Varão (por sua vez baseado em relatórios das autoridades da União Sul-Africana, adiante indicados) e em informações que nos foram prestadas pelo nosso ilustre camarada, capitão Roque A. M. F. de Aguiar. A interpretação dos factos é da nossa responsabilidade.

Para melhor compreensão do que vamos referir, convém notar que a terra considerada cuanhama se estendia até ao Sul da zona neutra.

(2) Conforme várias fotografias, uma das quais se reveste de especial interêsse. Esta mostra-nos:

— no primeiro plano, sentados: ao centro o intendente dos Negócios Indígenas do Sudoeste-Africano, tendo:

— à sua direita; o Mandume (com uma espingarda sob o braço direito) e, a seguir, um oficial inglês;

— à sua esquerda, dois oficiais ingleses;

— no segundo plano, de pé, cinco guerreiros cuanhamas, armados de espingarda.

pendência do seu povo, tinha em pouco aprêço a autoridade portuguesa; confiava na sua invencibilidade.

A sua embala era constituída por um vasto cercado, no qual se encontravam vários recintos limitados por palissadas, uns destinados a culturas, outros a guarda de gado, etc. Num dêstes recintos ficava a sua residência, casa com paredes de adôbes, onde foram encontrados um leito de ferro com colchão de arame e vários objectos de uso doméstico. Possuia alguns cavalos e muito gado bovino, lanígero e caprino.

Na ocasião em que as tropas do general Pereira d'Eça corajosamente se batiam na Môngua com a gente do Mandume e seus aliados, encontrava-se na Donga, região ao Sul do Cuanhama, o major inglês Pritchard, funcionário ilustre, encarregado dos Negócios Indígenas do Protectorado do Sudoeste-Africano, que aí tinha ido com o fim de notificar aos chefes indígenas o estabelecimento do Protectorado e de os convidar a cooperarem nos trabalhos dos caminhos de ferro empreendidos pela União Sul-Africana.

Próximo da povoação de Donga, sede do soba da região do mesmo nome, Martin, foi o major Pritchard informado da luta com os cuanhamas. A êste funcionário chegaram sucessivos pedidos de auxílio do Mandume por intermédio do soba Martin, o qual receava que os cuanhamas, acossados pelos portugueses, invadissem o seu território.

Ao chefe indígena, Martin, expos o major Pritchard que, sendo a luta em território português, não podia intervir; que os portugueses também não passariam a fronteira.

Apesar disso, Martin, obsecado pela possibilidade de os cuanhamas invadirem as suas terras, e a pedido do Mandume, instou junto do major Pritchard pedindo a sua intervenção; êste resolveu deslocar-se para Namacunde, onde chegou na manhã de 29 de Agôsto, com o propósito de se pôr em contacto com as autoridades portuguesas.

Encontrou-se nesta localidade com dois missionários alemães, das missões de Ompanda e Omatemba que, sabendo da derrota dos cuanhamas e receando represálias dos portugueses por motivo de Naulila, aí se tinham refugiado, tencionando seguir para a Donga com as suas famílias. Mostrou-lhes o major Pri-

tchard que as suas apreensões não tinham fundamento, e aconselhou-os a ficarem nos seus postos para exercerem acção pacificadora.

Na manhã de 30, apresentou-se o Mandume ao major Pritchard, acompanhado da sua escolta armada e montada; dava a impressão de fadiga e desânimo. Pediu o seu auxílio, expondo vários factos como motivos de queixa contra os portugueses. A essa exposição respondeu o major Pritchard que os seus actos eram a causa do que estava acontecendo, mas que tinha resolvido comunicar com o comandante das fôrças portuguesas.

Um emissário do Mandume foi portador do ofício a seguir transcrito, a que já fizemos referência.

O Mandume seguiu para Ngiva.

«União Sul-Africana — Namacunde — Ovamboland — 30 de Agôsto de 1915 — Ao oficial comandante das fôrças do Govêrno Português em Angola — Môngua — Senhor — Foi com pesar que soube, encontrando-me numa visita oficial a Ovamboland, ter rebentado a guerra entre as tropas portuguesas em Angola e a tribu cuanhama da nação ovampo.

A êste respeito tenho a honra de vos informar de que o Mandume, chefe dos cuanhamas, tendo tido conhecimento da minha presença neste país, se me dirigiu a pedir conselho e auxílio de maneira a conseguir que cessem as hostilidades entre êle e as fôrças sob o vosso comando.

Sabeis sem dúvida que a linha de fronteira entre Angola e o protectorado inglês do Sudoeste-Africano atravessa o território ocupado pelos cuanhamas, de maneira que uma grande porção — pelo menos metade — daquela tribu vive do lado Sul da fronteira em território inglês.

Consta-me que muitos dêstes últimos indígenas foram chamados por Mandume em seu auxílio, atravessando a fronteira e estão presentemente tomando parte nas hostilidades.

É esta última consideração, conjuntamente com o desejo muito sincero de prestar todo o auxílio possível para se conseguir, o mais ràpidamente possível, a terminação das hostilidades, evitando-se assim o derramamento de mais sangue, que me leva a pôr, para êste fim, os meus serviços à vossa disposição e do Mandume.

No caso de estardes disposto, nestas circunstâncias, a acei-

tar esta proposta, terei muito prazer em me encontrar convosco onde vos fôr mais conveniente, á fim de que o assunto possa ser por nós discutido.

Encontro-me acampado em Namacunde e aqui aguardarei a vossa resposta, a qual tenho a honra de pedir seja o mais breve possível.

Tenho a honra de ser, senhor, vosso obediente servidor.— S. Pritchard, major, oficial encarregado dos Negócios Indígenas no Protectorado Sul-Africano».

A êste ofício respondeu o general Pereira d'Eça com o seguinte:

«Comando Superior das Fôrças em Operações em Angola— Quartel General.—Il.mo e Ex.mo Sr. major encarregado dos Negócios Indígenas no Protectorado do Sudoeste-Africano — Namacunde.

Tenho a honra de acusar o ofício de V. Ex.ª de 30 do corrente.

Devo em primeiro lugar manifestar a V. Ex.ª os meus profundos agradecimentos pelos amáveis sentimentos expressos por V. Ex., sentimentos êstes que não me surpreenderam vindo de um distinto oficial do exército inglês, o antigo aliado daquêle a que tenho a honra de pertencer; mas permita-me V. Ex.ª que chame a sua esclarecida atenção para um ligeiro equívoco em que julgo assentar a amável proposta de V. Ex.ª.

Não se trata de hostilidades entre as fôrças do meu comando e as do chefe da nação ovampo, e sim do facto das fôrças do meu comando, atravessando território incontestàvelmente português, serem atacadas por gentio que tem como soba o Mandume.

É, pois, de um acto de pura rebelião que se trata, e que tem de ser encarado como todos os estados soberanos encaram actos análogos, podendo assegurar a V. Ex.ª que as tropas do meu comando terão o maior escrúpulo em não realizar qualquer operação de guerra em território que não seja incontestàvelmente português, e que em todos os actos procederão tendo na máxima atenção que os nossos actuais vizinhos na Damaralândia pertencem a uma nacionalidade pela qual Portugal professa a mais alta admiração e amizade desde os mais remotos tempos.

Acampamento da Môngua. 31 de Agosto de 1915. — Pereira d'Eça, general comandante e governador geral».

O próprio Mandume, tendo-o recebido do seu emissário, entregou êste ofício ao major Pritchard, na manhã do dia 2 de Setembro.

Explicou êste ao Mandume o sentido da resposta, fazendo-lhe ver que os portugueses dispunham de fôrças poderosas contra as quais êle nada poderia; que a sua acção seria limitada ao território português; que êle (major Pritchard) não podia intervir.

Ficou o Mandume desiludido com a resposta, abatido. Pediu então que lhe fôsse permitido a êle e ao seu povo acolherem-se sob a sua protecção e estabelecerem-se no seu território.

Sem tomar qualquer compromisso a êsse respeito, indicou-lhe o major Pritchard que fizesse uma declaração de obediência. Esta foi feita nesse mesmo dia. Nesta declaração (1), o Mandume pedia que lhe fôsse permitido estabelecer-se ao Sul de Angola, comprometendo-se a viver em paz e trabalho, e a obedecer às leis do govêrno inglês, a que aderia.

Recebida a promessa de que o seu pedido seria transmitido, seguiu o Mandume em direcção a Ngiva, donde pouco depois voltou informando que tinha incendiado a povoação e transportado o que possuia para junto da fronteira; obsecado pelo receio de ser aprisionado pelos portugueses, pedia instantemente que lhe fôsse indicado o limite exacto da fronteira.

Em 9 e 11 de Setembro, o major Pritchard, acompanhado de alguns oficiais, visitou Ngiva.

Durante esta última visita, depois de demorada discussão, foram acordadas várias disposições, a título provisório e dependentes de aprovação dos respectivos governos, entre as quais a de que Namacunde seria a residência oficial do representante do Protectorado, e aí teria o representante do Govêrno Português também a sua sede.

Em 13 de Setembro, o major Pritchard regressou a Windhuk, deixando o capitão Liefeldt em Namancunde. Antes, porém, de deixar esta localidade, autorizou o Mandume a estabelecer-se ao Sul da zona neutra, em região a escolher de acôrdo com o capitão Liefeldt, e aconselhou-o a viver pacificamente.

Na região de Iole (esbôço n.º 1) foi construída a nova

(1) Feita em alemão com um sinal a representar a assinatura do Mandume.

embala do Mandume. Encontrou, assim, um pouco ao Sul da zona neutra, a poucos quilómetros do território incontestavelmente português, refúgio seguro para a sua actividade. Pacífica, como prometera, ou belicosa, como o seu temperamento comandava? Em breve o veremos.

Sem a intervenção de Pritchard, teria o Mandume desistido de continuar a luta? É possivel que não; e, a não ser que caisse morto ou prisioneiro, ter-se-ia refugiado na zona neutra...

O justificado receio do soba da Donga, Martin, de que os cuanhamas penetrassem nas suas terras, e o facto de o major Pritchard não dispor de meios que lhe permitissem opor-se, pela fôrça, a uma incursão, explicam, talvez, a sua intervenção.

O general Pereira d'Eça pôs muito bem a questão.

Para nosso representante em Namacunde foi nomeado o tenente de cavalaria Roque A. M. F. de Aguiar, que no 1.º E. D. tinha revelado as suas qualidades de oficial inteligente, criterioso e muito desembaraçado. Foi uma escolha feliz. Exonerado, a seu pedido, em Junho de 1916, foi louvado pelo G. G.

O temperamento irrequieto e autoritário do Mandume não lhe permitiu que respeitasse por muito tempo os compromissos tomados.

(1) Em 7 de Outubro de 1915, isto é, pouco mais de um mês depois que o Mandume se acolhera à protecção das autoridades inglesas, o capitão Liefeldt informava serem necessárias medidas rigorosas para o forçar a respeitar os compromissos que tomara.

Foram muitos os actos de desobediência, crueldade e pirataria praticados por Mandume e pela sua gente.

Sem respeito pela fronteira convencional estabelecida, Mandume continuava a impor a sua autoridade aos chefes residindo

---

(1) Parte das indicações relativas à acção do major S. M. Pritchard foram colhidas num relatório dêste ilustre oficial.

As indicações que seguem, foram colhidas em relatório do ilustre administrador de Windhuk, E. H. L. Gorges, trabalho interessante e revelando espírito de justiça, e do ilustre coronel M. J. de Jager, que dirigiu a acção contra o Mandume.

em território português, compelindo-os a passarem para o Sul com os seus gados, não se coïbindo de a atravessar para castigar os que lhe não obedeciam.

Em 14 de Janeiro de 1916, um dos seus chefes roubava uma mala do correio oficial inglês.

Em 15 de Maio, o major Fairlie, que desde Outubro exercia o cargo de residente, intimou Mandume a ir a Windhuk justificar a sua conduta, assegurando o seu regresso. Esta e outras intimações não foram atendidas.

Entretanto, as autoridades portuguesas reclamavam contra a conduta do Mandume, pedindo a sua captura. Era reconhecida a justiça que lhes assistia.

Em 9 de Agôsto, chegou à Donga o ilustre administrador de Windhuk, E. H. L. Gorges, acompanhado do coronel de Jager e outros oficiais. No dia imediato, encontrou-se em Namacunde com o tenente-coronel Amaro Dias da Silva, comandante do T. M. do Baixo-Cunene. Foi tratada a questão Mandume; o administrador de Windhuk prometeu a organização de uma forte coluna logo que começassem as chuvas (1).

A conduta de Mandume não se modificou; numa visita ao major Fairlie, em Namacunde, em 8 de Outubro, apresentou-se com os seus guerreiros e conduziu-se de maneira insolente.

Em 13 de outubro uma pequena fôrça chegou a Namacunde.

As incursões em Angola sucediam-se, com assassinios e roubos.

Em 30 de Outubro, uma fôrça comandada pelo tenente Raúl de Andrade (2) foi atraída ardilosamente a uma emboscada, onde foi atacada, morrendo êste oficial e 17 praças.

Alguns chefes do Mandume, discordando da sua conduta, refugiaram-se na Donga, o que preocupava o respectivo soba, Martin.

A uma advertência, a última, feita a Mandume, em 5 de Dezembro de 1916, êste respondeu: «Tenho gostado dos ingleses. Tenho recebido bons conselhos dêles, mas não posso ir a Windhuk, porque tenho muito que deixar para trás. Se os ingleses me querem, estou aqui e podem vir apanhar-me.

---

(1) Era necessário atravessar extensas regiões desprovidas de água.

(2) Um dos oficiais feitos prisioneiros em Naulila. Depois da rendição dos alemães, voltara a Angola.

Não dispararei o primeiro tiro, mas não sou um touro do mato; sou um homem, não uma mulher; combaterei até ao último cartucho. Estou pronto aqui».

O govêrno da União Sul-Africana decidiu organizar uma expedição.

O comando da expedição foi confiado ao coronel de Jager.

A maneira como foi preparada a expedição e dirigida a acção contra o Mandume revelou no coronel de Jager as qualidades de um distinto oficial.

Com os sobas da Donga e Cuambi foi estabelecido entendimento para que oportunamente guarnecessem as suas fronteiras a fim de evitarem a entrada do Mandume ou da sua gente nas suas terras.

A expedição compreendia dois regimentos de infantaria montada e um regimento mixto.

O representante português em Namacunde ofereceu a cooperação de uma fôrça portuguesa com duas peças, tendo sido acordado que aguardasse em Hiuma, uns 10 qm. a NE. de Namacunde, a possibilidade da sua intervenção.

Depois de 17 dias de marcha, a expedição alcançou a Donga em 30 de Janeiro de 1917, Namacunde em 4 de Fevereiro. Houve apenas, ao sair da Donga, uma ligeira escaramuça, na qual a expedição perdeu dois cavalos, e os cuanhamas tiveram umas doze baixas, entre mortos e feridos.

Às 16 horas do dia 5, as informações obtidas àcêrca do Mandume e da sua gente indicavam:

— que o Mandume estava na sua embala, em Yole, com uma guarda de uns 200 a 300 homens, bem armados;

— que o lenga Calola se encontrava, com uns 600 a 900 homens, a meio caminho entre Namacunde e Yole, no local onde fôra armada a emboscada ao tenente Raúl de Andrade.

Aproveitando a mobilidade das suas tropas, numa concepção feliz, resolveu o coronel de Jager contornar largamente pelo Norte as fôrças do Calola, e cair sôbre as do Mandume.

Na manhã de 6, deixando uma guarnição em Namacunde, partiu a coluna para a execução da operação projectada.

Compreendia 693 europeus e 144 indígenas (guias, esclarecedores, maqueiros, etc.).

Foi articulada do seguinte modo:

Guarda avançada—1.º Regimento de Infantaria Montada.

Grosso.....—Regimento Mixto, menos dois pelotões.

Guarda da retaguarda — 4.º Regimento de Infantaria Montada.

Guarda de flanco — 2 Pelotões do Regimento Mixto.

Quando a coluna chegou a uns 1.200 metros da embala, foram vistos alguns indígenas subindo às árvores, percebendo-se o ruído do gentio emboscado no mato, donde, pouco depois, partia intensa fusilaria.

Imediatamente ao início do fogo, alguns cavalos de sela e animais de carga, saindo em tropel do bosque, galoparam através do corpo principal, dezorganizando as fileiras; tentativas feitas para os agarrar não foram bem sucedidas.

Entretanto, grupos de indígenas lançavam-se contra a direita das fôrças; a intervenção pronta das metralhadoras repeliu o gentio e permitiu a reorganização das fileiras.

Tendo cessado, depois, o fogo do gentio, a fôrças avançaram sôbre a embala; o gentio retirou através dos campos arborizados, embora alguns indígenas, instalados em copas de árvores de densa folhagem, continuassem fazendo fogo.

A embala foi incendiada pelo gentio; apenas aí foram encontradas algumas garrafas de cerveja, camas e cadeiras.

Enquanto a coluna descansava junto da embala, um indígena informou que o Mandume tinha sido morto no combate, e que o seu corpo estava no mato. Foi aí identificado.

Transportado para junto da coluna, foi de novo identificado; era, de facto, o Mandume.

Quatro balas de uma rajada de metralhadora tinham atravessado o peito do aguerrido soba cuanhama.

Julgamento da campanha

Terminada a campanha, elaborou o general Pereira d'Eça o respectivo relatório (1), a que foram juntos os dos comandantes das colunas e chefes de serviços, notas do C. S. relativas a assuntos de maior interêsse, etc., documentando-o largamente.

O relatório compreende duas partes: a primeira destinada às operações, a segunda a propostas de recompensa.

A primeira parte é um documento sóbrio, bem orientado. Expõe o general Pereira d'Eça a maneira como deu cumprimento à missão recebida, desde a preparação da campanha até às medidas tomadas em vista da ocupação.

Dêsse documento fizemos as transcrições que entendemos convenientes para o exacto conhecimento dos factos; a êle nos vamos ainda referir para suprir duas omissões que nele notamos, quando trata das importantes questões — demonstração sôbre Ngiva e restabelecimento das comunicações do Dest. Cma.

A págs. 33 do relatório é feita referência a uma «comunicação directa da situação por intermédio de um preto de confiança ao comandante do destacamento do Cuamato, mostrando-lhe a conveniência de efectuar uma demonstração sôbre Ngiva».

Esta nota, a que o relatório do Dest. Cto não faz referência, não teve qualquer influência na seqüência das operações, pois só em 21, no F. Roçadas, foi recebida pelo Dest. Cto, como referimos na pág. 152.

A nota que provocou os preparativos do Dest. Cto para a demonstração sôbre Ngiva foi a enviada ao C. E. M. E., como

---

(1) Tem a data de 2 de Fevereiro de 1917. Saiu da Imprensa Nacional em 1923.

foi oportunamente referido (1), à qual o relatório oficial não faz, mas devia fazer, referência. Foi essa nota que permitiu ao C. E. M. E., vendo na sugestão para a demonstração sôbre Ngiva a causa de um desastre quási certo, tomar desde logo a iniciativa de manifestar o seu desacôrdo ao transmitir a respectiva indicação ao Dest. Cto (orientação que mereceu a aprovação do C. S.), e evitar, mais tarde, a sua execução.

Referindo-se ao restabelecimento das comunicações, diz o relatório, pág. 39:

«No dia seguinte, às quinze horas, o coronel Veríssimo de Sousa cumpria a sua promessa, e não é vergonha para um soldado o confessar que em vários apontaram lágrimas de alegria e reconhecimento.

Reconhecimento muito merecido, porque foi devido à sua iniciativa e do seu chefe do estado maior, capitão Esteves de Mascarenhas, que as fôrças do seu comando, que já estavam prontas a marchar directamente sôbre a Ngiva, ao ser conhecido o corte de comunicações do destacamento Cuanhama, mudaram de objectivo e fizeram rumo ao Cunene, a fim de as ir restabelecer...»

Mais adiante, pág. 46, depois de aprovar a atitude do C. E. M. E. relativamente ao oferecimento do comandante da B. O. para, com fôrças do Humbe, tentar o restabelecimento das comunicações, e de considerar aceitável a conduta do Dest. Ev., diz:

«Passaram-se, pois, as coisas como se deviam passar e cabendo o maior quinhão de elogios ao comando do destacamento do Cuamato pela forma como encarou a situação e pela energia com que, em harmonia com a mesma, procedeu».

E, assim, na descrição oficial do facto que as circunstâncias tornaram um dos mais importantes da campanha, não há a referência devida à intervenção do C. E. M. E. Apenas, ao tratar da acção do Dest. Ev., diz o relatório, pág. 39: «O comandante do destacamento do Evale, que, em marcha do Cáfu para essa região, recebeu a mesma comunicação que o chefe do estado maior do serviço de étapes mandara para o destacamento do Cuamato...» E é tudo o que consta do relatório oficial.

(1) E está de acôrdo com o que consta do relatório do Dest. Cto.

Qual teria sido o resultado da campanha se o C. E. M. E. tivesse deixado que o Dest. Cto prosseguisse na execução da sugestão recebida do C. S. para a demonstração sôbre Ngiva, como poderia ter feito, e tivesse procurado ou deixado que por outro modo se tentasse o restabelecimento das comunicações? Pensamos hoje, como pensávamos então, que o resultado das operações teria sido muito diferente do que foi.

Porque não foi apreciada no relatório do C. S. a conduta do C. E. M. E. em relação à sua sugestão, onde está, em parte, o motivo da sua actuação na madrugada do dia 20? Não o sabemos; essa omissão merece-nos, porém, o reparo que fazemos, tanto mais que no louvor conferido ao C. E. M. E. se diz...«e à sua presença no Cunene, à forma sensata como interpretou as informações de 18 e 19 de Agôsto, e custosas medidas que adoptou em face da situação, se deve em grande parte o rápido restabelecimento das comunicações do destacamento do Cuanhama».

Pensamos que quem tiver seguido o estudo e interpretação dos factos relativos a esta fase da campanha, reconhecerá haver motivo bastante para os reparos que deixamos feitos.

As propostas de recompensa do general Pereira d'Eça para os seus imediatos cooperadores foram a conseqüência da maneira como oficialmente julgara os factos.

O seu julgamento não foi, porém, integralmente aprovado. Os governos de 1917 a 1926 fizeram passar esta questão por várias vicissitudes.

Seria interessante fazer aqui a apreciação desta questão nas suas sucessivas modalidades; não a fazemos para não sairmos do campo estrictamente militar em que nos temos conservado; reservâmo-la para um outro trabalho, para que vimos coligindo algumas notas, com o qual nos propomos contribuir para o estudo dos costumes militares do nosso tempo.

Como aparecerá o general Pereira d'Eça a quem tiver seguido a exposição de factos feita neste livro?

Pensamos que, se o leitor tomar a balança da justiça e lançar num dos pratos os erros cometidos, e no outro os acertos verificados e as reais qualidades evidenciadas, verá êste prato

da balança descer prontamente, e reconhecerá, como nós, que o general Pereira d'Eça foi um chefe ilustre.

Faleceu o general Pereira d'Eça em 6 de Novembro de 1917, pouco mais de dois anos depois de ter prestado à sua Pátria o revelante serviço de tornar efectivo o domínio português na terra cuanhama.

A dura campanha de 1915 deve ter contribuído para lhe encurtar a vida.

Só em Agôsto de 1922 lhe foi feita a justiça devida.

Tem aqui propriedade uma referência à acção do C. E. M. do C. S., tenente-coronel Ortigão Peres.

Limitada foi a sua cooperação nos trabalhos de preparação das operações; em compensação, durante a marcha do Humbe a Ngiva, e mormente durante o período delicado do corte das comunicações; valiosa cooperação prestou o ilustre oficial ao general Pereira d'Eça. Pelas diligências feitas para estabelecer a ligação com o C. E. M. E. e Dest. Cto e Ev., e pela fôrça moral e confiança com que enfrentou aquela situação, muito contribuiu para a vitória alcançada.

É-lhe, por isso, devida esta referência.

Homenagem do ex-C. E. M. E. ao general Pereira d'Eça

Em 1923 tínhamos a nosso cargo, em Angola, uma das Secretarias Provinciais, para que fôramos nomeado, em 1922, por convite do ilustre Alto Comissário da República nessa Província, general Norton de Matos.

Como é próprio da condição humana, várias vezes recordámos a nossa primeira passagem pela Província, quando, em conseqüência do nosso oferecimento, tomáramos parte na Campanha de 1915: a partida de Lisboa, o ambiente de desorganização e desleixo qne encontrámos à nossa chegada a Mossâmedes, os meses de trabalho ingrato no Q. G. dos Gambos, a notícia da nomeação do general Pereira d'Eça, o despertar de energias, a nossa nomeação para o cargo de C. E. M. E., a nossa ida para o planalto, o trabalho intenso a que nos dedicámos, a confiança ilimitada com que o general Pereira d'Eça nos honrara confe-

rindo-nos as mais amplas atribuïções, os episódios da campanha, a nossa intervenção na fase crítica das operações, a nossa desilusão em face da justiça dos homens,...

Através de tôda uma sucessão de evocações, um sentimento ressaltava sempre — a nossa convicção de que, sem a energia, a fé, o sentimento patriótico do general Pereira d'Eça, conjugados com as atribuïções que lhe tinham sido conferidas, a ocupação do Cuanhama, em 1915, não teria sido possível, e grandes teriam sido, sob todos os pontos de vista, os prejuízos para o País.

Foi obedecendo a êste sentimento, à noção que temos de que o homem de bem deve subordinar os seus actos a uma noção elevada de Justiça, dominando preconceitos ou motivos de carácter pessoal, que, num dos nossos despachos com o general Norton de Matos, abordámos a questão «Pereira d'Eça e a Campanha de 1915», e expusemos a justiça que haveria dando o nome do vencedor do Cuanhama à povoação de Ngiva, sede do seu último soba.

O general Norton de Matos, que à preparação da campanha dedicara uma valiosa cooperação, como mostrámos no decurso dêste trabalho, que, como distinto colonialista, conhecia bem o valor do serviço prestado pelo general Pereira d'Eça, e em grande aprêço tinha as qualidades dêste ilustre militar, dispensou à à nossa sugestão o melhor acolhimento.

Prontamente levada a respectiva proposta a Conselho Executivo, e aprovada, em Portaria de 29 de Agôsto de 1923 foi oficialmente dado à povoação de Ngiva o nome de «Vila Pereira d'Eça».

O ex-C. E. M. E. na campanha de 1915 procedeu para com o seu Chefe nessa campanha em harmonia com a noção que tinha — e tem — do que é Justiça.

Conclusão

Ao iniciarmos êste livro tomámos como divisa que a verdade e a justiça são condições essenciais de um trabalho honesto.

Dentro desta divisa expusemos todos os factos que chegaram ao nosso conhecimento e nos pareceram merecerem ser citados; como dentro dela fizemos a sua apreciação.

Num trabalho de investigação que procurámos fôsse o mais completo possível, consultámos o que sôbre o assunto soubemos estar publicado, e ouvimos muitos dos camaradas que tomaram parte nos acontecimentos, a quem ficámos devendo valiosa colaboração.

Tendo em vista os superiores interêssses nacionais, procurámos também que êste livro permitisse o conhecimento dos bons ensinamentos a colhêr, cujo emprêgo poderá ser útil em futuras operações, como o dos erros verificados, cuja repetição deverá ser evitada.

Esperamos ter alcançado o nosso propósito de apresentarmos um relato justo dos acontecimentos.

Esperamos também ter contribuído para melhor ficar conhecida a árdua «Campanha do Sul de Angola em 1915», que levou à ocupação do território cuanhama, facto que, pelo valor do adversário e pela situação internacional da época em que se realizou, e da que imediatamente se lhe seguiu, se reveste de excepcional importância, como o devem saber e sentir todos os portugueses que, pelo estudo e coração, acompanham a vida do nosso Império Colonial.

Lisboa, Janeiro de 1943

ÍNDICE

Págs.

Prefácio 3
Abreviaturas 5

I PARTE

As Operações no Sul de Angola em 1914 — Naulila

A primeira expedição. Seus objectivos 9
O incidente de Naulila 12
Conseqüências do incidente de Naulila 13
Mobilização das unidades coloniais. Serviço de etapas 18
Marcha para o Cunene 20
No Cunene 23
A atracção de Naulila 24
Situação das fôrças em 17 de Dezembro 30
Posição de Naulila. Sua organização e ocupação 32
Combate de Naulila 35
A retirada 43
Dos alemães 50

II PARTE

As Operações no Sul de Angola em 1915 — Ngiva

Advertência 57
Considerações gerais 59

Preparação das Operações

Reforço da expedição 60
Substituïção do comando 61
O general Pereira d'Eça 63
Comando e govêrno 65
O projecto de operações do general Pereira d'Eça 67
Reorganização dos serviços 71
Organização das linhas de comunicações 72

Págs.
Caminho de ferro de Mossâmedes 73
Mossâmedes 76
Reconhecimento do planalto 80
A situação em fins de Maio 81
Destacamento de Cassinga. 83
Acção de Tchipelongo 84
Os serviços no planalto. 86
Deslocamento do Comando Superior para o planalto 86
Linhas de etapas. 87
Organização da linha principal de etapas 90
Tropas de etapas. 94
O serviço de reabastecimento de víveres 94
O serviço de transportes 101
Reocupação do Humbe e Dongoena. 111
Ligação Gambos-Mulondo 115
Deslocamento, para o planalto, das unidades estacionadas em Mossâmedes 116
Os serviços de subsistências e transportes no princípio de Julho . 117
Novo aspecto da situação. Nova missão 119
Novas disposições no serviço de etapas 122
Marchas de concentração 124
Os serviços na véspera das operações 124

Execução das Operações

Constituição dos destacamentos 129
Base de operações 133
Directiva para a ocupação do Baixo-Cunene 135
Instruções aos destacamentos. 136
Início das operações. 137
Destacamento de Naulila 138
Destacamento do Cuamato. 139
Destacamento do Evale. 143
Destacamento do Cuanhama 145
Combate de 18 de Agôsto 148
Demonstração sôbre Ngiva 151
Reabastecimento de munições 155
Conquista das cacimbas da Môngua — 19 de Agôsto. 156
Corte das comunicações do Destacamento do Cuanhama 158
Quadrado da Môngua 166
Marcha notável do Destacamento do Cuamato 170
Situação do Destacamento do Cuanhama nos dias 21 a 23. . . . 173
Restabelecimento das comunicações 180
Destacamento do Evale. 184
Conquista de Ngiva 187

Págs.
Perdas em combate 196
Ocupação e evacuação 196
Regresso do general Pereira d'Eça à Metrópole 200
O Mandume 202
Julgamento da campanha 211
Homenagem do ex-C. E. M. E. ao general Pereira d'Eça 214
Conclusão 216

Esboços

Carta do teatro das operações . . . . . N.º 1
Região Naulila-Calueque . . . . . » 2
Situação exacta da região Cuamato-Cuanhama. . . . . » 3
Quadrado da Môngua. . . . . » 4
= Na mesma fôlha, os esboços n.ºs 1, 3 e 4 =

CORRECÇÕES

Pág. 25, linha 36 — Substituir E. G. por Q. G.
» 29, » 15 — » tinham » tinha
» 30, » 1 — » estas » estar
» 33, » 23 — Acrescentar, em nota: Conforme transcrição no *Rel. A. R.*, pág. 176.
» 80, » 34 — Substituir 1925 por 1915
Esbôço n.º 1 — Escrever «Rio Caculovar» ao longo do rio que corre de Lubango para o Sul

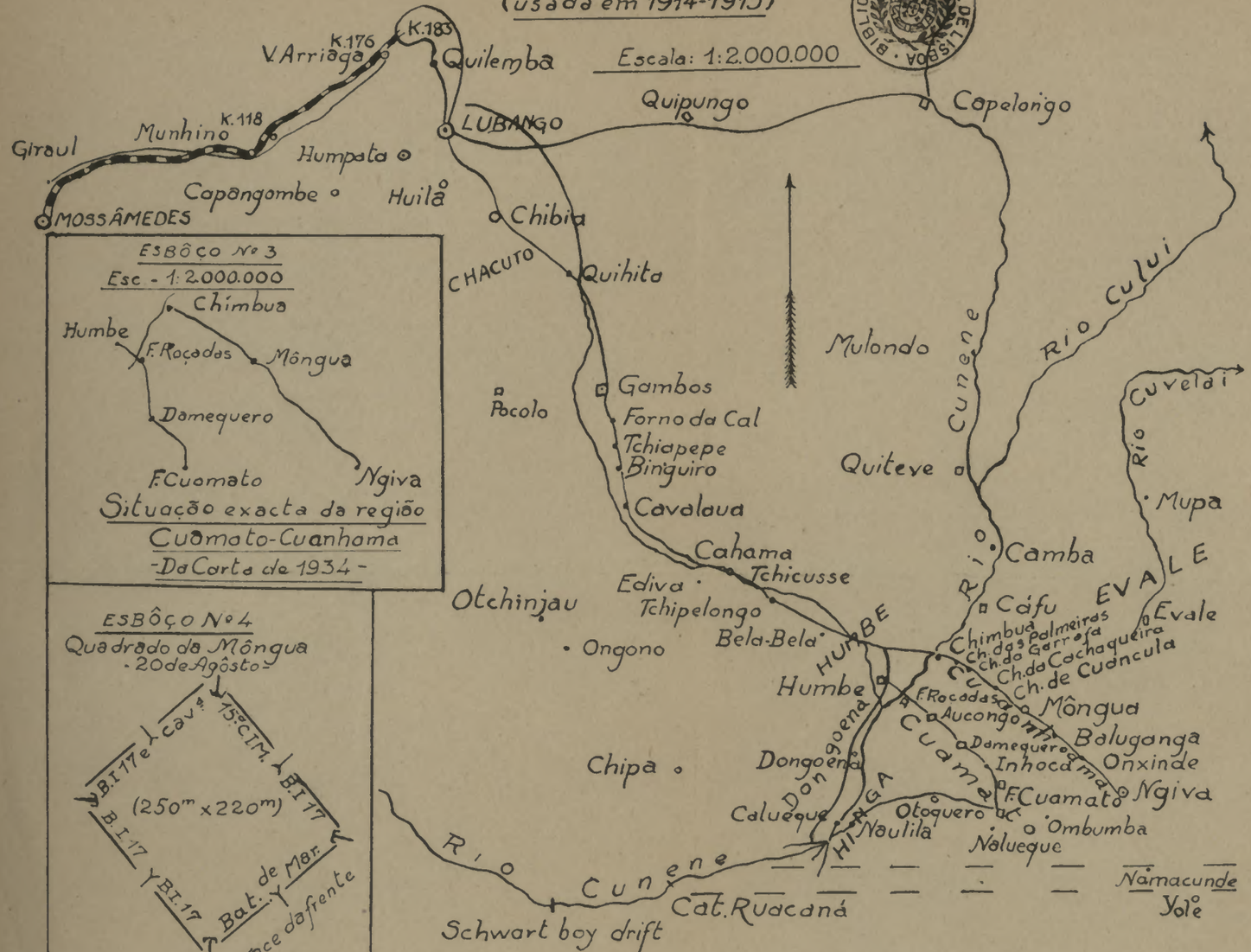
ESBÔÇO Nº 1

CARTA DO TEATRO DAS OPERAÇÕES

(usada em 1914-1915)

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Escala: 1:2.000.000



ESBÔÇO Nº 3

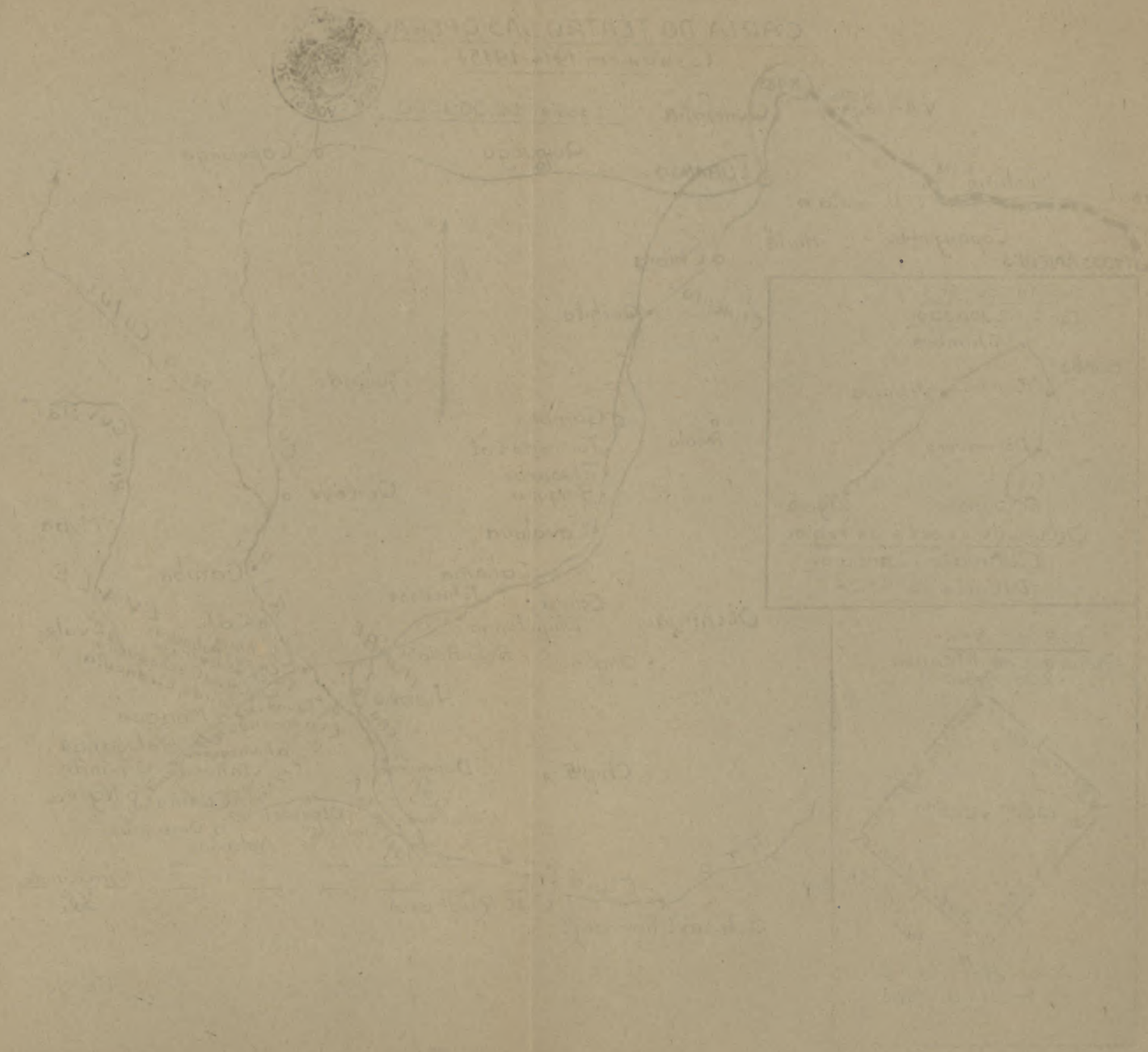
Esc - 1:2.000.000

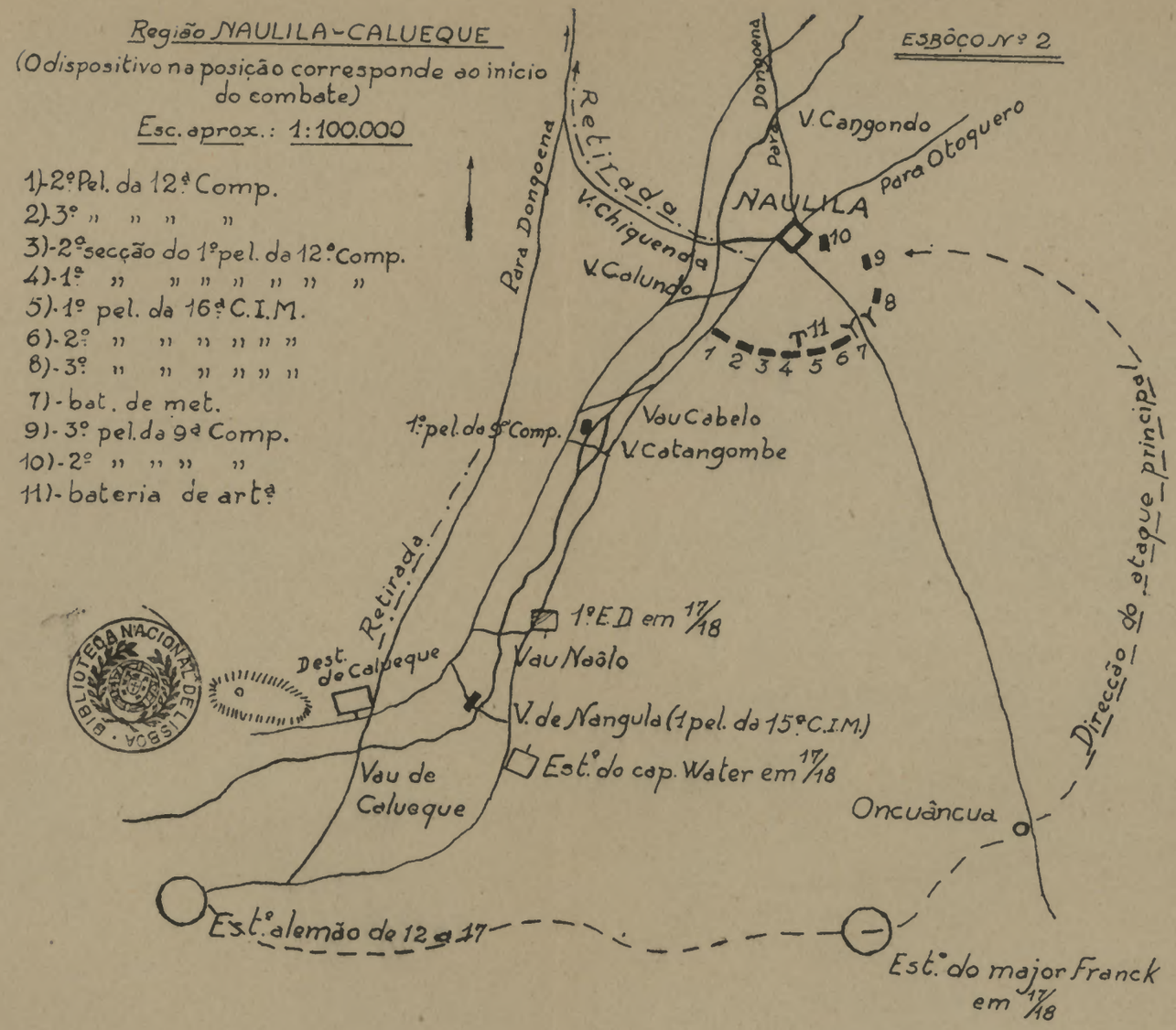
Situação exacta da região Cuamato-Cuanhama -Da Carta de 1934-

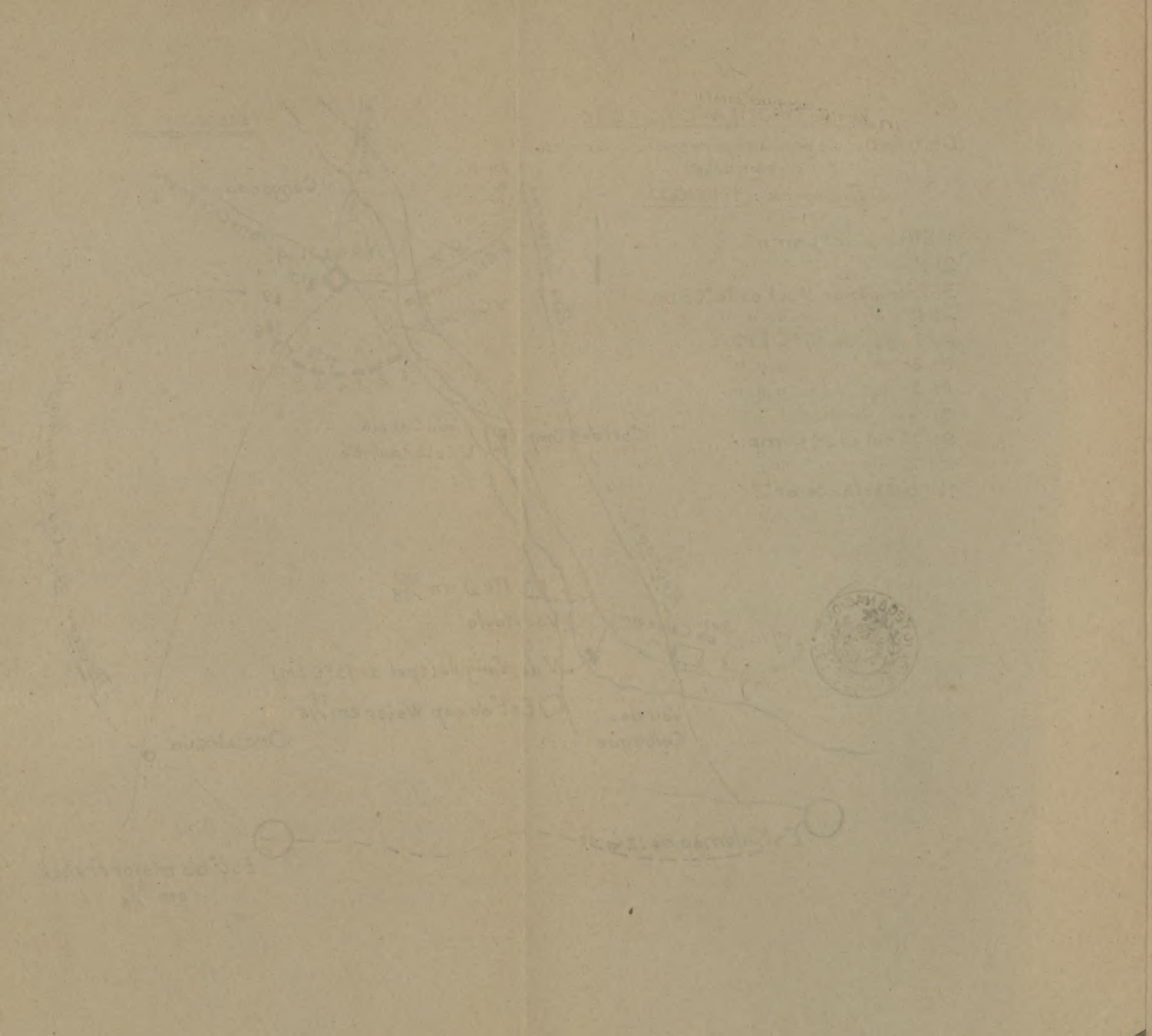
ESBÔÇO Nº 4

Quadrado da Môngua - 20 de Agôsto -

Bat. de Met.
Div. de Art.




Região NAULILA-CALUEQUE
(O dispositivo na posição corresponde ao inicio do combate)
Esc. aprox.: 1:100.000
ESBÔÇO Nº 2
1)-2º Pel. da 12ª Comp.
2)-3º " " " "
3)-2ª secção do 1º pel. da 12ª Comp.
4)-1ª " " " " " " "
5)-1º pel. da 16ª C.I.M.
6)-2º " " " " " "
8)-3º " " " " " "
7)-bat. de met.
9)-3º pel. da 9ª Comp.
10)-2º " " " "
11)-bateria de artª
Para Dongoena
Retirada
V. Chiquenda
V. Calundo
Para Dongoena
Para V. Cangondo
Para Otoquero
NAULILA
10
9
8
T 11
1 2 3 4 5 6 7
1º pel. da 9ª Comp.
Vau Cabelo
V. Catangombe
1º E.D em 17/18
Vau Naalo
V. de Nangula (1 pel. da 15ª C.I.M.)
Estº do cap. Water em 17/18
Dest. de Calueque
Retirada
Vau de Calueque
Oncuâncua
Direcção do ataque principal
Estº alemão de 12 a 17
Estº do major Franck em 17/18
BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA



BN
EFG0000109941